



EVERARD F. IM THURN

ENTRE OS INDÍGENAS DA GUIANA

ASPECTOS GEOGRÁFICOS,
FAUNA E FLORA

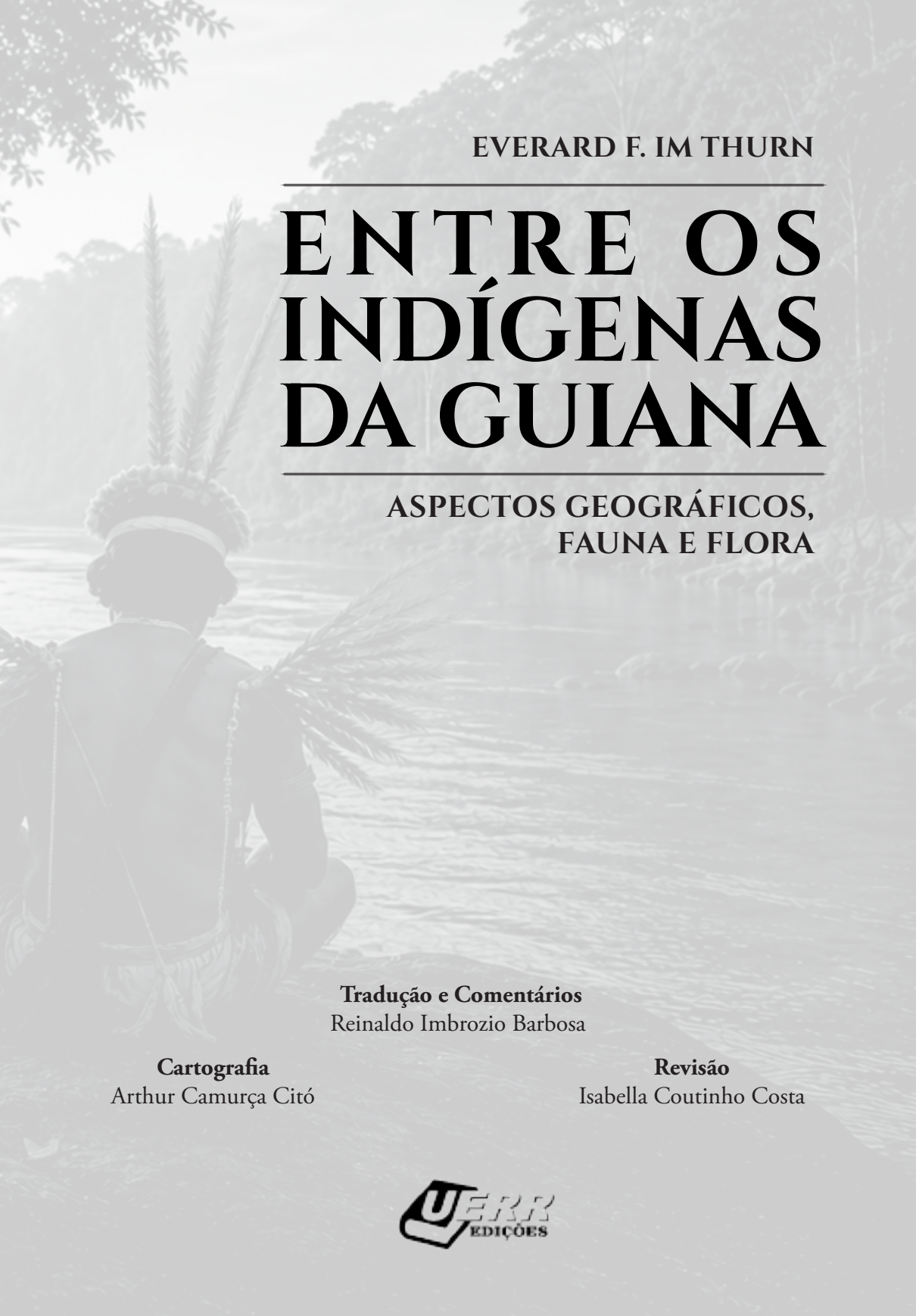
Tradução e Comentários
Reinaldo Imbrozio Barbosa

Cartografia
Arthur Camurça Citó

Revisão
Isabella Coutinho Costa

UERR
EDIÇÕES



The background of the cover features a grayscale illustration of a person, likely of indigenous descent, sitting on a riverbank. The person is seen from the back, wearing a headband with two long, thin feathers and a necklace. They are holding a large, flat, woven object, possibly a basket or a piece of traditional craft, across their lap. The river flows in front of them, and the background is filled with dense tropical foliage and trees.

EVERARD F. IM THURN

ENTRE OS INDÍGENAS DA GUIANA

ASPECTOS GEOGRÁFICOS,
FAUNA E FLORA

Tradução e Comentários
Reinaldo Imbrozio Barbosa

Cartografia
Arthur Camurça Citó

Revisão
Isabella Coutinho Costa



Entre os Indígenas da Guiana: Aspectos Geográficos, Fauna e Flora. Copyright® 2026 by Everard F. im Thurn [Tradução: Reinaldo Imbrozio Barbosa]. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, copiada e compartilhada, desde que mencionada a fonte e a autoria. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei Nº 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

UERR Edições

Universidade Estadual de Roraima
Rua 7 de Setembro, Nº 231.
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.
CNPJ: 08.240.695/0001-90
contato@edicoes.uerr.edu.br

Presidência

Dr. Elemar Kleber Favreto

Vice-Presidência

Dr. Josias Ferreira da Silva e
Dr. Huarley Mateus do Vale Monteiro

Conselho Editorial

Dra. Márcia Teixeira Falcão, Dr. Mário
Maciel de Lima Júnior, Dr. Serguei
Aily Franco de Camargo, Dr. Rodrigo
Leonardo Costa de Oliveira.

Equipe Editorial

Magdiel dos Santos da Silva, Patrick
Florêncio Rodrigues de Alencar, Vinícius
Bueno de Melo.

Conselho Científico

Dr. André Augusto da Fonseca, Dra.
Cleiry Simone Moreira da Silva, Dr.
Fernando César Costa Xavier, Dra. Iara
Leão Luna de Souza, Dra. Josimara
Cristina de Carvalho Oliveira, Dra.
Marta Cacilda de Carvalho Rufino, Dra.
Sandra Kariny Saldanha de Oliveira,
Dra. Tatiane Marie Martins Gomes de
Castro, Dr. Vinícius Denardin Cardoso,
Dr. Waldemar Moura Vilhena Junior.

Universidade Estadual de Roraima

Cláudio Travassos Delicato, Reitor;
Edson Damas da Silveira, Vice-Reitor;
Everaldo Barreto da Silva, Pró-Reitor
de Ensino e Graduação; Leila Chagas
de Souza Costa, Pró-Reitora de
Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação;
Robson Oliveira de Souza, Pró-Reitor
de Extensão e Cultura; Gabriela
Layse de Souza Lemos, Pró-Reitora
de Planejamento e Administração;
Mariano Terço de Melo, Pró-Reitor de
Orçamento e Finanças; Rosa Maria da
Silva Malta, Pró-Reitora de Gestão de
Pessoas.

Diagramação: Marcos Borges

Capa: Marcos Borges – uso de Inteligência Artificial

Revisão: Isabella Coutinho Costa

Cartografia: Arthur Camurça Citó



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thurn, Everard F. Im, 1852-1932

Entre os indígenas da Guiana [livro eletrônico] :
aspectos geográficos, fauna e flora / Everard F. Im
Thurn ; [tradução Reinaldo Imbrozio Barbosa]. --
Boa Vista, RR : UERR Edições, 2026.

PDF

Título original: Among the indians of Guiana

Bibliografia

ISBN 978-65-89203-98-8

1. Antropologia 2. Biodiversidade 3. Fauna e flora
4. Guiana - História 5. Povos indígenas I. Título.

26-404694.0

CDD-988.82

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Guiana 988.82

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

APRESENTAÇÃO

O processo que envolveu o trabalho da tradução de um dos textos discricionais mais importantes do norte da América do Sul, publicado em 1883 (*Among the Indians of Guiana* ou *Entre os Indígenas da Guiana*), não foi alvo de um projeto acadêmico recente, mas sim de um olhar para o distante ano de 1994. Em dezembro daquele ano, tive a honra de realizar a subida ao Monte Roraima com mais três colegas para ‘comemorar’ os 110 anos (1884-1994) da primeira vez que um europeu havia alcançado o topo daquela formação geológica do extremo norte amazônico.

Àquela época, meu empobrecido letramento sobre a história regional da Amazônia apenas apontava que esse europeu havia sido Everard Ferdinand im Thurn, o autor do referido livro acima descrito. Mas quem havia sido im Thurn? Qual sua trajetória de vida acadêmica? Qual seu legado em prol do conhecimento científico e descritivo da então Guiana Britânica (hoje República Cooperativa da Guiana)? Essas e outras perguntas possuíam respostas limitadas, pouco esclarecedoras e cheias de lacunas devido às minhas próprias deficiências sobre a história dos conflitos e a geografia da ocupação europeia na fronteira entre Brasil e Guiana. Além de minhas próprias deficiências, pode-se colocar nessa conta o fato dos relatos impressos das expedições exploratórias e naturalistas, hoje encontrados livremente em formato digital na internet, não serem obtidos facilmente entre os anos 1980-1990, em particular para quem vivia no extremo norte do Brasil. Alguns textos, após solicitados às bibliotecas especializadas, podiam não chegar ou mesmo levar meses até alcançar nossas mãos em Roraima e, quase sempre, nos chegavam com baixa qualidade reprográfica ou faltando páginas.

De qualquer forma, as respostas às perguntas que haviam surgido a partir de 1994 foram paulatinamente sendo respondidas, indicando que o papel de im Thurn na então Guiana Britânica havia sido muito maior do que o da primeira ascensão documentada ao Monte Roraima. Em seus textos, que incluem relatórios administrativos e artigos científicos, além de várias correspondências e notas escritas, im Thurn oferece relatos detalhados e vívidos de suas experiências observacionais ocorridas nas terras interiores da Guiana Britânica. Mesmo com esse conjunto de documentos, e ao contrário do que se possa imaginar, ainda hoje seus textos são pouco conhecidos do público brasileiro do extremo norte, excetuando-se, obviamente, a parte da academia voltada aos estudos e análises sobre a história do norte da América do Sul. Boa parte dessa falta de conhecimento se dá por causa da distância entre as línguas inglesa e portuguesa que, quase sempre, afasta o leitor sem habilidades para ler de forma fluida um texto em inglês do século XIX, mesmo imaginando a boa ajuda dos atuais aplicativos de tradução.

Aproveitando esse limbo de informação, que afasta o leitor regional dos autores de clássicos em língua inglesa que relataram os aspectos exploratórios e naturalistas no extremo norte amazônico, resolvi compartilhar o que aprendi

com Everard im Thurn na forma de uma publicação em língua portuguesa. A melhor forma para realizar essa tarefa, sem dúvidas, foi o de ofertar a tradução da primeira parte de sua obra histórica que, diga-se de passagem, deveria ser leitura obrigatória a qualquer público consumidor de informação sobre a fronteira norte brasileira.

A primeira parte do livro, alvo da tradução, refere-se aos aspectos geográficos, fauna e flora, descritos habilmente entre os capítulos I e V da obra original. Há uma razão profissional para esse marco temático do livro: não sou tradutor por profissão e não possuo formação voltada às questões antropológicas dispostas a partir do capítulo VI. Desta forma, optei por aproveitar de minhas habilidades acadêmicas na área de ecologia e manejo dos recursos naturais para, além da tradução, ofertar ao leitor informações suplementares que o ajudasse a entender de melhor forma o contexto científico vivido por im Thurn ao final do século XIX. Entendi que minha base profissional, adquirida ao longo de meus 42 anos vividos no extremo norte amazônico, seria melhor aproveitada dentro desse marco temático ao invés de investir na tradução de capítulos que não tenho domínio acadêmico e não seria capaz de evoluir qualquer tipo de comentário balizado profissionalmente. Esse caminho me proporcionou a oportunidade de ofertar, para curiosos e profissionais como eu, a chance de ler fantásticas descrições sobre os aspectos geográficos, a fauna e a flora de uma região sul-americana que ainda estava sendo ‘descoberta’ pelos olhares europeus.

De forma geral, o documento de im Thurn oferece um voo pretérito muito prazeroso e detalhado de suas experiências ocorridas com os diferentes atores sociais que habitavam as terras interiores da então Guiana Britânica. Uma parte da tradução é composta por artigos que já haviam sido publicados em periódicos da época e, o restante, de anotações pessoais colhidas em diferentes momentos de suas trajetórias exploratórias. Suas descrições sobre essa parte do território sul-americano ao final do século XIX, por vezes muito apaixonadas, explicitam fortemente seu domínio sobre as leis da natureza, mas também seu papel como funcionário britânico colonial. As descrições bem-feitas e pontualmente organizadas em capítulos, devem-se não apenas à sua habilidade descritiva, mas também à sua formação acadêmica: ‘Master of Arts’, obtida pela Universidade de Oxford. Esse título indicava menos sobre sua especialização, pois não é um mestrado, e mais sobre sua formação clássica, prestígio acadêmico e autoridade intelectual.

Nesse caldeirão que mistura desafios pessoais e intelectualidade, não há dúvidas que ‘Entre os Indígenas da Guiana’ foi forjado como um testemunho de alta qualidade descritiva dos aspectos físicos, biológicos e humanos das diferentes regiões percorridas entre o litoral caribenho e as terras interioranas da então Guiana Britânica. Indubitavelmente, a primeira parte da obra de im Thurn, alvo dessa tradução, deve ser destacada por sua habilidade em documentar a rica biodiversidade da região, bem como a relação íntima dos povos originários com seu ambiente natural. As descrições e análises são

acompanhadas por ilustrações de alta qualidade que ajudam a contextualizar as informações fornecidas. Por outro lado, em dados momentos do texto, a empatia e a paixão das descrições de im Thurn eram substituídas pelo viés racista e colonialista sobre populações afrodescendentes e povos originários, típicos da visão eurocêntrica que permeava o mundo britânico ao final do século XIX. De qualquer forma, sua obra continua sendo uma fonte valiosa para estudiosos de história colonial, antropologia e ciências naturais, bem como para qualquer leitor interessado em compreender as riquezas culturais e naturais da atual Guiana, descritas com maestria, através das lentes de um de seus cronistas mais proeminentes.

Por fim, é importante reforçar que o espírito de naturalista e explorador de im Thurn na então Guiana Britânica foi forjado sob a ótica do domínio colonial do Império Britânico ao final do século XIX. Esse firme entendimento é necessário por parte do leitor para balizar sua leitura sempre em confrontação com o atual momento da organização sociocultural, econômica e política em que vivemos. Espero que essa primeira parte de ‘Entre os Indígenas da Guiana’ (aspectos geográficos, fauna e flora), propicie ao leitor um melhor entendimento histórico sobre nosso vizinho caribenhos de língua inglesa. A Guiana, sem dúvidas, ainda se ressentir de olhares mais empáticos por parte do Brasil, pois é vista, quase sempre, como um país muito próximo geograficamente, mas ao mesmo tempo muito distante na língua e na cultura. Essa visão não faz jus à realidade, pois exclui do debate as relações culturais de vizinhança e de uso dos recursos naturais que permeiam os diferentes grupos sociais que habitam o extremo norte da Amazônia. Boa leitura!

Reinaldo Imbrozio Barbosa

Doutor em Biologia Tropical (Ecologia) – INPA

Doutor *honoris causa* – UERR

MÉTODO DE TRABALHO

A versão utilizada na tradução da obra *‘Among the Indians of Guiana’* (Kegan Paul, Trench, & Co., London, 1883. 445p), de Everard Ferdinand im Thurn, é uma reprodução digitalizada pelo Google Books (<https://books.google.com>) derivada de um volume da obra original que foi depositado na Biblioteca do ‘Peabody Museum of American Archeology and Ethnology’, da Universidade de Harvard (Massachusetts, EUA). O volume depositado na biblioteca foi recebido como doação por parte de Lombard Cartes Jones, em 7 de dezembro de 1919, como expresse textualmente nas primeiras páginas do livro.

Alguns comentários sobre o processo metodológico que envolveu a tradução do texto de Everard im Thurn são necessários com o intuito de facilitar o caminhar do leitor ao longo da obra traduzida. Sem dúvidas, a maior dificuldade foi tentar manter o estilo clássico de escrita de im Thurn, um britânico com linguajar acadêmico do final do século XIX. Não faria o menor sentido transferir para a tradução a responsabilidade de ‘refrescar seu estilo’ ou mesmo ‘atualizar moralmente’ sua obra, pois isso alteraria por completo o compromisso em deixar o autor falar por si mesmo. Assim sendo, embora tenha sido tentador eliminar alguns termos presentes no texto que pareceram pejorativos, em especial aqueles voltados para designar povos originários e populações afrodescendentes, não o fizemos. Decidimos mantê-los na forma original para reproduzir fielmente a visão e o linguajar da época, ao invés de vestir a obra com ‘melhorias’, tentando atualizar ou retirar trechos com o viés racista. Da mesma forma, os sinais de pontuação (ponto-parágrafo, vírgulas, ponto e vírgula etc.) foram praticamente mantidos da forma como o autor os introduziu, com o intuito de tentar estabelecer as mesmas pausas (breves e longas), tamanho de frases, separação de termos, exclamações e explicações, que o autor havia definido no texto original.

Vários quadros informativos foram adicionados ao texto traduzido com o intuito de (i) fornecer informação extra sobre personagens citados ao longo do texto, (ii) situar o leitor sobre localidades, aspectos geográficos ou paisagísticos ao longo dos percursos realizados por im Thurn e (iii) indicar alguma curiosidade sobre temas abordados pelo autor. As notas de rodapé inseridas originalmente por im Thurn foram mantidas na íntegra ao longo do texto. As notas de fim de texto tiveram por objetivo fornecer (i) informações sobre as atualizações taxonômicas das espécies citadas (fauna e flora) e (ii) detalhes sobre locais, toponímias ou aspectos da época em que o texto foi escrito.

A necessidade das notas de fim de texto se deu porque vários termos adotados por im Thurn para localidades geográficas (rios, vilas etc.), aspectos biológicos (fauna e flora), características geológicas (estruturas de relevo) e contextos antropológicos (grupos étnicos) precisaram ser atualizados pelos termos adotados no Brasil ou na Guiana de hoje. Essa tarefa também foi importante porque acabou gerando um mapa de referência com as principais localidades alcançadas por im Thurn e sua equipe, e que está disponibilizado ao final dessa seção como forma de facilitar o entendimento do leitor sobre a(s) rota(s) seguida(s) pelo autor da obra. As atualizações

geográficas seguiram a lógica das línguas portuguesa e inglesa pertinentes ao Brasil e a Guiana. Por exemplo, o nome das etnias e grupos indígenas foram atualizados pela nomenclatura corrente do Brasil (e.g. de Macusi para Macuxi) porque todas as etnias citadas por im Thurn ocorrem nos dois países. Citações das unidades de peso e medidas expressas pelo autor na forma do Sistema Imperial Britânico (e.g. jardas, milhas, milhas quadradas etc.) foram convertidas para unidades centesimais do sistema internacional (e.g. metros, quilômetros, quilômetros quadrados etc.). Todas as espécies da fauna e da flora citadas por im Thurn tiveram seus nomes comuns e científicos atualizados a partir de várias bases internacionais (e.g. Wikiaves, World Flora Online, SpeciesLink, Programa REFLORA e GBIF), resultando em várias notas de fim de texto com as correspondências ou atualizações entre os termos adotados no texto original e a respectiva tradução.

A tarefa de atualizar ou fornecer as respectivas correspondências geográficas para o leitor se deu porque, embora os diferentes aspectos ambientais, biológicos, geográficos e culturais tenham sido exemplarmente caracterizados por im Thurn, a transcrição *ipsis litteris* do texto sem a atualização do conhecimento científico traria pouco benefício ao leitor. Talvez o melhor exemplo dessa tarefa tenha sido a do subtítulo ‘INSECTS’ (insetos) descrito no livro original. Para alguns autores do século XIX, o termo ‘insect’ – que deriva do latim ‘insectum’ (cortado em segmentos) – podia ser usado de forma genérica para qualquer pequeno animal articulado, incluindo aranhas, escorpiões, carrapatos e até mesmo vermes. Contudo, levando em consideração a taxonomia atual, esse subtítulo não faria o menor sentido para o leitor ao longo do texto traduzido pois, em seu relato, im Thurn não descrevia apenas a Classe Insecta da forma como a conhecemos hoje (três pares de patas). Desta forma, para evitar confusões desnecessárias, o subtítulo ‘INSECTS’ foi substituído por ‘ARTRÓPODES’ e, ao longo do texto, sempre que necessário, essa substituição também foi feita.

Por fim, como forma de checar termos, frases e expressões idiomáticas arcaicas da língua inglesa adotados no século XIX, fez-se uso de duas inteligências artificiais: (i) MICROSOFT. Copilot. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com> e (ii) OPENAI. ChatGPT. Disponível em: <https://chat.openai.com>. O intuito não foi o de checar o significado textual, mas absorver e expor acuradamente o sentido de frases e contextos de época especificados pelo autor.

Reinaldo Imbrozio Barbosa

Doutor em Biologia Tropical (Ecologia) – INPA

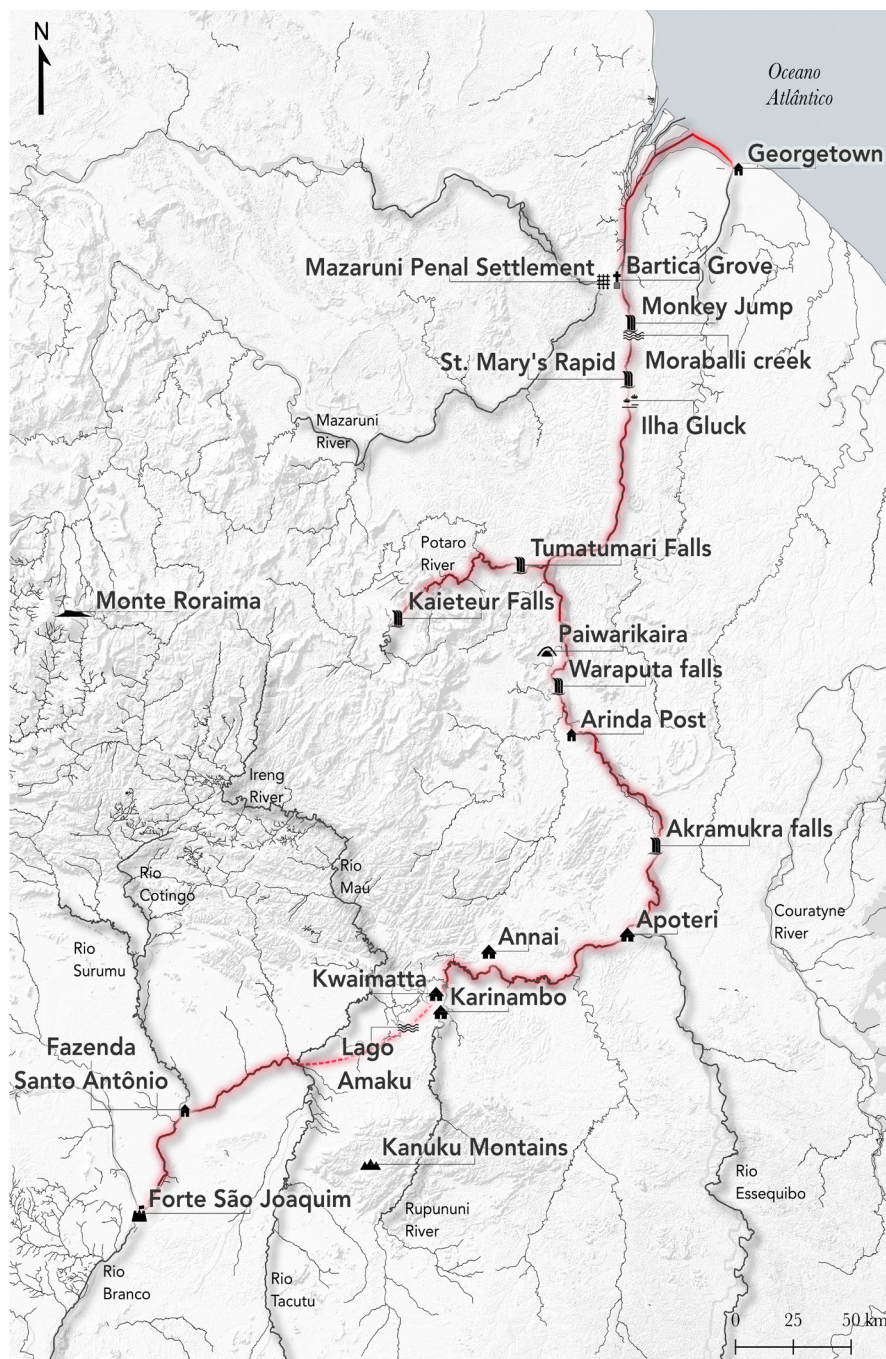
Doutor *honoris causa* – UERR

Isabella Coutinho Costa

Doutora em Linguística - UERR

Arthur Camurça Citó

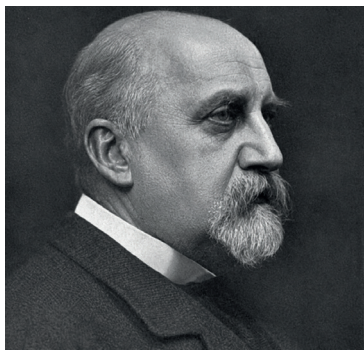
Mestre em Recursos Naturais - INPA



Mapa das rotas e principais localidades alcançadas por Everard im Thurn que estão descritas ao longo do texto “Among the Indians of Guiana” (1883). Elaborado por Arthur Camurça Citó.

EVERARD IM THURN

Resumo Biográfico



Everard Ferdinand im Thurn (1852–1932) foi uma figura marcante da era vitoriana, destacando-se como explorador, naturalista e administrador colonial em diferentes partes do Império Britânico. Sua vida e obra refletem o espírito expansionista do século XIX, período em que o império inglês buscava ampliar seus conhecimentos sobre seus territórios e consolidar sua presença política e física em diversas regiões do mundo.

Nascido em Londres, em 9 de maio de 1852, im Thurn recebeu uma formação sólida em instituições de prestígio, como Marlborough College, Universidade de Oxford e a Universidade de Edimburgo. Essa base acadêmica lhe proporcionou contato com os principais debates científicos da época, especialmente nas áreas de botânica e antropologia. Em 1877 foi nomeado curador do Museu da Guiana Britânica, cargo para o qual foi recomendado por Sir Joseph Hooker, então diretor do Kew Gardens. Essa nomeação marcou o início de sua ligação profunda com a América do Sul.

Durante sua presença na Guiana Britânica, im Thurn realizou extensas viagens pelo interior do território guianense, dedicando-se a estudos discriçãoais, naturalistas e sobre as populações indígenas locais. Seu livro *‘Among the Indians of Guiana’* (1883), alvo da tradução que se segue, tornou-se uma obra de referência, reunindo observações etnográficas, descrições da vida cotidiana dos povos originários e relatos de expedições pela Guiana Britânica. A obra é considerada um dos importantes registros sistemáticos sobre os povos indígenas da região e sua relação com o meio ambiente, combinando rigor científico e observacional com narrativas envolventes.

O feito mais célebre de im Thurn ocorreu em 1884, quando liderou a primeira ascensão documentada de um europeu ao Monte Roraima, uma imponente formação geológica localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. A expedição foi realizada sob condições desafiadoras, abrindo caminho para o estudo científico da região e inspirando posteriormente obras literárias, como *‘The Lost World’* de Arthur Conan Doyle. A conquista do Monte Roraima consolidou sua reputação como explorador e ampliou, mais ainda, o interesse europeu pela Amazônia.

Além de sua atuação como naturalista e explorador na Guiana Britânica, im Thurn desempenhou importantes funções administrativas no império inglês. Foi governador interino do Ceilão (atual Sri Lanka) em 1903 e, posteriormente,

nomeado governador de Fiji e Alto Comissário para o Pacífico Ocidental entre 1904 e 1910. Nessas funções, exerceu papel estratégico na gestão colonial britânica, equilibrando interesses políticos, econômicos e culturais em territórios distantes. Por seus serviços, recebeu diversas honrarias, incluindo títulos como os de KCMG - Knight Commander of the Order of St. Michael and St. George (Cavaleiro Comandante da Ordem de São Miguel e São Jorge) e KBE - Knight Commander of the Order of the British Empire (Cavaleiro Comandante da Ordem do Império Britânico).

Everard im Thurn faleceu em 9 de outubro de 1932, deixando um legado que combina aspectos exploratórios, naturalísticos e de administração pública. Sua vida exemplifica o perfil multifacetado dos homens de ciência e de governo da era vitoriana que transitavam entre o campo acadêmico e o serviço colonial. Hoje, seu nome permanece associado ao desbravamento da Guiana Britânica e ao Monte Roraima, ambos símbolos da história das explorações científicas na América do Sul.

Fontes Bibliográficas

Aspinall, A., 1933. Sir Everard im Thurn: born 1852: died 7 October, 1932. *Man* 33, 36-37.

Marett, R.R., 1932. OBITUARY NOTICE.: Sir Everard im Thurn. *Folklore* 43, 455-456.

T.G.R., 1933. Obituary: Sir Everard im Thurn. *The Geographical Review* 23, 150.

T.N.Y.T. 1932. Everard im Thurn, Explorer, Dies, 80. *The New York Times*. Oct. 11, 1932, p. 30.

Fonte da Imagem

Wikipedia. 2025. Everard im Thurn. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Everard_im_Thurn>.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 22 Prancha I - Um Indígena Macuxi em traje de dança completo
- 69 Prancha II – Acampamento noturno
- 75 Prancha III – Transpondo o barco
- 77 Prancha IV - A cachoeira Kaieteur (na estação seca) – vista de baixo
- 87 Prancha V - *Macroagelaius imthurni* (Sclater, 1881)
- 91 Prancha VI - A cachoeira Kaieteur (na estação úmida)

SUMÁRIO

7	Apresentação
11	Método de Trabalho
13	Mapa
14	Everard im Thurn (Resumo Biográfico)
19	Prefácio (versão original)
23	CAPÍTULO I - UMA VIAGEM NO INTERIOR
	Esboço do Interior - Métodos de Viagem - Bartica Grove - Moraballi - Um Riacho - Puxando as Canoas Corredeiras Acima - Moë - Noite na Floresta: Cenário - Brasileiros Mestiços - Paiwarikaira - A Vingança do Pajé - Salubridade no Interior - Aretaka - Uma Árvore-Mora em Chamas - Varas Mágicas - Apoteri - Subindo o Rupununi: Cenário - Moscas Kaburi - Parados por Bancos de Areia - Uma Nova Tripulação - Quartama - Um Lindo Lago – Desembarque no Pirara
47	CAPÍTULO II - UMA VIAGEM NO INTERIOR (continuação)
	A Savana - Assentamento Indígena em Kwaimatta - Visitantes Indígenas – Arma de Fogo - A Cidade de El Dorado - Chuva Após a Seca - Partida para o Brasil - Descendo o Tacutu - Forte São Joaquim - Fazendas de Gado - Volta para Casa - Atravessando o Lago Amaku - Os Rios na Estação Chuvosa - Um Assassino Notório – Enfrentando as Cachoeiras
67	CAPÍTULO III - A CACHOEIRA KAIETEUR E O RORAIMA
	A Cachoeira Kaieteur – Primeira Visita – O Rio Potaro – Catarata Amatuk – O Desfiladeiro Kaieteur - Ao Pé da Cachoeira - A Cachoeira Kaieteur, no Tempo Seco, vista de cima - A Savana de Kaieteur - Uma Nova Planta (Brocchinia micrantha) - Um Novo Pássaro (Macroagelaius imthurni, Sclater) - Uma Segunda Visita à Cachoeira Kaieteur - Belas Flores – Transpondo o Barco - A Cachoeira Kaieteur, vista de cima, na Estação Chuvosa - A Melhor Maneira de Visitar a Cachoeira - Roraima

99 CAPÍTULO IV - ASPECTOS DA FLORA

Equívoco Comum sobre Paisagens Tropicais - O Caso Especial da Guiana - Tipo Geral de Folhagem Semelhante ao de Climas Temperados - Coloração da Folhagem - Cor das Flores em Agrupamentos - Beleza de Flores Individuais - Perfume - Principais Tipos de Vegetação da Guiana - Uma Cena na Floresta - Florestas de Palmeiras - Vegetação Ribeirinha - A Palmeira Inajá - Cenário da Savana - Plantas Aquáticas

113 CAPÍTULO V - VIDA ANIMAL

Considerações Gerais - Mamíferos – Onças Warracaba - As Cores dos Pássaros - Notas sobre pássaros - Principais Formas de Pássaros - Cenas da Vida das Aves - Répteis - Jacarés - Iguanas - Cobras - Tartarugas - Peixes - Os perigos do Banho - Pragas de Insetos - Borboletas - Besouros - Formigas - Vespas - Mosquitos - Piuns – A Larva do Mosquito – Bichos-de-Pé - Carrapatos - Aranhas - Centopeias - Escorpiões

149 Notas de Fim

PREFÁCIO (Versão Original)

Em julho de 1877, desembarquei pela primeira vez na Guiana Britânica e, no dia de Natal de 1879, tendo passado os dois anos e meio intermediários, em proporções quase iguais, vagando entre os Indígenas e na principal cidade da colônia, deixei o país, como então pensei, para sempre.

Durante os dois anos seguintes, passados na Inglaterra, sempre que havia um dia perfeitamente bonito, fosse na primavera, no verão, no outono ou no inverno, e sempre que eu conseguia desfrutar aquelas oportunidades muito raras de plena vida vagando pelos campos, ou pelas vielas e bosques ingleses, ou pelo rio sempre agradável que atravessa a cidade de Oxford, então eu sentia que o prazer indizível de tal dia superava, em muito, tudo o que os dias, e mesmo os anos, por mais agradáveis que um homem possa despende nos trópicos, pode proporcionar. Mas quando, dias sombrios tinham que ser suportados de forma mais frequente, então meus pensamentos invariavelmente se voltavam para o ocidente, e eu ansiava por estar uma vez mais entre as sombras profundas e as luzes quebradas das gigantescas florestas tropicais, nas águas ensolaradas dos largos rios, ou nas savanas ondulantes e ilimitadas, entre as quais eu havia aprendido a conhecer os maiores e mais livres caminhos da Natureza. E assim aconteceu que, dois dias antes do Natal de 1881, eu mais uma vez fui para a Guiana.

Durante, e imediatamente após, minha primeira visita à colônia, publiquei em vários momentos e em vários jornais, esboços desconexos de minhas viagens e, especialmente, de experiências entre os *Homens Vermelhos*. Esses esboços logo saíram de catálogo e, havendo entre meus papéis muito material semelhante, mas não publicado, eu, quando finalmente me estabeleci, como pensei, na Inglaterra, comecei a trabalhar para tecer esse material em uma descrição geral da colônia em todos os seus aspectos. Aqueles que tentaram uma tarefa semelhante entenderão quantas vezes me vi querendo mais informações sobre quase todos os pontos sucessivos. E assim aconteceu que o trabalho não estava bem arranjado o suficiente, certamente não estava satisfatoriamente concluído, quando de forma inesperada me vi prestes a retornar à colônia sobre a qual estava escrevendo. Então guardei meus papéis e decidi esperar por mais experiências.

Mesmo que certos artigos sobre assuntos antropológicos, entre aqueles que já haviam sido publicados, tivessem atraído alguma atenção, talvez mais do que mereciam; eram exatamente estes que estavam em uma condição mais acabada. Portanto, reescrevi e os adicionei, e agora publico-os neste volume, junto com alguns poucos capítulos descritivos do país onde habitam os *Homens Vermelhos*, dos quais minha história fala mais especialmente.

Devo acrescentar que a substância do capítulo sobre religião Indígena, e da parte de um outro capítulo que trata de instrumentos de pedra, já apareceu

no *Journal of the Anthropological Institute*; que os dois primeiros capítulos do presente volume foram reescritos de um artigo lido por mim perante a *Royal Geographical Society*; e que o capítulo sobre a vida das plantas apareceu quase em sua forma atual no *Gardener's Chronicle*.

A maioria dos homens gosta de registrar em seus prefácios os nomes daqueles que os ajudaram em seu trabalho; mas se eu me permitisse esse prazer com alguma liberdade, excederia em muito todos os limites razoáveis. Devo, no entanto, mencionar, entre os amigos que me ajudaram na Inglaterra, o Sr. E. B. Tylor e o Sr. A. W. Franks, e também as autoridades em *Kew Gardens*; sequer posso deixar de mencionar, entre aqueles, alguns moradores da Guiana, a quem sou grato por serviços direcionados ao mesmo fim, como o Sr. W. H. Campbell, que, não fosse pela acurácia de seu conhecimento científico e pela pouca idade, poderia, sob vários outros aspectos, ser considerado o proverbial *'habitante mais antigo'* da colônia; ou o Sr. N. Darnell Davis, um verdadeiro bibliófilo das Índias Ocidentais; ou o Sr. James Thomson, cuja gentileza, foi sucessiva tanto como editor dos dois jornais nos quais a maioria dos meus esboços apareceu, quanto como meu informante em muitos pontos; ou o Sr. G. S. Jenman, o botânico oficial, cujo conhecimento botânico da Guiana é em proporção excessiva à brevidade comparativa de sua experiência na colônia. Por último, mas não menos importante, registro aqui minha gratidão à *amiga* que desenhou para este livro duas das pranchas coloridas, bem como duas das ilustrações menores sem cor.



Hannah e Everard im Thurn ao centro

Quadro 1 - A 'amiga' (*lady friend*) citada por im Thurn no prefácio da versão original é certamente Hannah Cassels (1854-1947), que viria a ser sua esposa (1895), sob o nome de Hannah Cassels im Thurn. No prefácio do livro, im Thurn "... reconhece a contribuição de seus colegas homens, nomeando-os individualmente, mas se refere apenas em termos gerais à 'amiga' que desenhou duas das pranchas coloridas e duas das ilustrações menores sem cor". Segundo Sara Albuquerque e Luciana Martins, dado que Hannah estava na Guiana Britânica visitando sua irmã quando Everard im Thurn preparava seu livro – muito provavelmente seguindo o conselho de seu irmão John de 'esboçar bastante' – é plausível deduzir que Hannah fosse realmente a 'amiga' a quem Everard se referiu no prefácio.

Fonte (texto e imagem): Albuquerque, S. & Martins, L. 2018. Place, gender and the making of natural history: Hannah im Thurn in British Guiana, 1895–1897. *Journal of Historical Geography*, 62: 1-14.

Quanto às outras ilustrações, a figura colorida de um novo pássaro (*Macroagelaius imthurni* Sclater) foi preparada para mim sob a gentil supervisão do Sr. P. L. Sclater; a *Royal Geographical Society* foi gentil o suficiente para fornecer o mapa; o Instituto Antropológico, com igual gentileza, emprestou uma prancha de instrumentos de pedra e um pequeno corte que foram gravados para ilustrar meus artigos publicados em seu *Journal*; as gravuras de paisagens e figuras foram preparadas a partir de fotografias tiradas para mim; e as figuras de instrumentos Indígenas etc., e de gravuras rupestres, são de meus próprios esboços.

EVERARD F. IM THURN
RIO POMEROON, GUIANA BRITÂNICA



Prancha I - Um Indígena Macuxi em traje de dança completo.

CAPÍTULO I

UMA VIAGEM NO INTERIOR

Esboço do Interior - Métodos de Viagem - Bartica Grove - Moraballi - Um Riacho - Puxando as Canoas Corredeiras Acima - Moë - Noite na Floresta: Cenário - Brasileiros Mestiços - Paiwarikaira - A Vingança do Pajé - Salubridade no Interior - Aretaka - Uma Árvore - Mora em Chamas - Varas Mágicas - Apoteri - Subindo o Rupununi: Cenário - Moscas Kaburi - Parados por Bancos de Areia - Uma Nova Tripulação - Quartama - Um Lindo Lago - Desembarque no Pirara

ESBOÇO DO INTERIOR

O homem que quiser ver a beleza e as grandes, embora pouco desenvolvidas aptidões da única parte inglesa do continente da América do Sul, deve deixar para trás a costa plana e pantanosa da Guiana e, subindo por largos rios e atravessando vastas florestas, alcançar as magníficas e amplas savanas, cortadas por cadeias de montanhas escarpadas que se encontram nos limites mais distantes da colônia e se estendem para o interior do continente. Ao fazê-lo, o viajante encontrará muitas dificuldades e algumas privações; mas, por outro lado, sua viagem será por uma terra cuja beleza maravilhosa mais do que recompensará suas dores, e onde novos objetos surgirão a cada passo para afastar seus pensamentos de todos os desconfortos. Não muitos viajantes o precederam; de modo que, embora tenha o trabalho de construir seu próprio caminho, isso será contrabalançado pelo prazer de visitar terras inexploradas.

O país pode ser dito por consistir em quatro zonas, uma postada após a outra, paralelas à linha costeira. Destas, apenas a mais externa ou a zona açucareira, que fica mais próxima da costa marítima, é atualmente cultivada e habitada em alguma considerável extensão. Próxima a esta está a zona madeireira, da qual somente madeira ainda tem sido remunerativamente levada ao comércio. Esta se estende para o interior até as cataratas mais baixas dos vários rios. Atualmente é impossível cortar madeira lucrativamente além dessas cataratas, devido à dificuldade que haveria em levar qualquer corte além disso para comercializar; de modo que uma linha imaginária, aproximadamente paralela à costa do mar, e cortando cada um dos grandes rios em suas cataratas mais baixas, marca o limite mais distante da costa até esta área. Essa parte do país é habitada muito escassamente apenas por alguns lenhadores, homens brancos e pretos, e por alguns poucos Indígenas.

As duas zonas restantes são totalmente desabitadas, exceto por Indígenas amplamente dispersos de quatro ou cinco diferentes tribos. A zona florestal sucede imediatamente à zona madeireira; e, por último, mais distante da costa, encontra-se a zona da savana. A primeira é totalmente coberta por florestas densas, ainda intocadas pelo lenhador, e consistindo em grande parte de duas das árvores mais valiosas da colônia – supiera (*Chlorocardium rodiei*)¹ e mora

(*Mora excelsa*)². O terreno em todas essas três áreas é geralmente baixo, plano e pantanoso, embora na zona florestal o nível seja ocasionalmente quebrado por colinas inclinadas, por montanhas solitárias, e mesmo por cadeias de montanhas baixas e sem importância.

A última das zonas é formada pela savana do interior. Essa deve ser distinguida das planícies pantanosas, também chamadas de savanas, das áreas costeiras e florestais. Quase todos os pequenos riachos tributários dessas regiões nascem em pântanos sem árvores, que ficam submersos durante grande parte do ano; e estes são chamados de savanas. Novamente, ao longo das margens dos rios Berbice e Courantyne, muitas vezes não muito distantes do mar, há consideráveis manchas de campos abertos; e estes, também, são chamados de savanas. Mas a savana principal, aquela que forma a zona de savana, é de todas as terras da Guiana Britânica a mais distante do mar; faz fronteira com o Brasil, do qual é separada apenas pelos rios Surumu-Cotingo³ e Tacutu; e continua sem qualquer interrupção significativa para dentro da grande planície gramínea que ocupa grande parte do interior da América do Sul. Nossa parte deste grande campo tem cerca de 36.260 km² de extensão. Nele se encontram as únicas montanhas consideráveis da Guiana Britânica.

Não há estradas na colônia exceto as que correm ao longo da costa. Mas quatro grandes rios, o Essequibo, o Demerara, o Berbice e o Courantyne, correm, quase paralelos entre si, do interior para o mar; e por estes passam muitos riachos tributários, frequentemente de tamanho considerável. Os quatro rios principais são as grandes estradas, e seus tributários, juntamente com algumas trilhas Indígenas através da floresta, talvez dificilmente discerníveis para um olho destreinado, são as estradas transversais, ao longo das quais toda viagem dentro da região florestal deve ser feita de canoa ou a pé. Quando as savanas são alcançadas, torna-se possível viajar, como antes, ao longo dos rios ou caminhando. Foi subindo o maior dos rios - o Essequibo - que fiz meu caminho em 1878 para a savana, sobre o qual passei para a borda remota da colônia e para dentro do território brasileiro.

Dar algum relato do interior da Guiana é uma preliminar necessária da minha tarefa. Em cada uma das minhas viagens eu escrevi dia a dia a história das minhas viagens. Esses diários podem, portanto, ser transcritos com quase nenhuma alteração. Mas tal diário, por mais interessante que seja para o próprio viajante e para seus amigos, e por mais fatos interessantes que possa conter, deve sempre ser tedioso para o leitor em geral. Por outro lado, é muito difícil dar uma descrição de uma terra relativamente desconhecida sem usar algum fio condutor, no qual se podem encadear os fatos, como é providenciado por um diário. E isso está em um especial grau de verdade para o interior da Guiana Britânica; pois tudo o que se sabe sobre ela equivale a um número muito considerável de fatos desconectados. Usarei, portanto, o diário de uma das minhas viagens como um fio condutor no qual serão amarrados todos os fatos pertinentes derivados de minhas próprias experiências ou daquelas de viajantes anteriores na mesma região.

Uma linha de barcos à vapor, amplamente subsidiada pelo Governo, vai de Georgetown até o Berbice, de um lado, e até o Essequibo, do outro; e vapores menores vão duas vezes por semana até o Essequibo, o Demerara e o Berbice. Esses barcos à vapor são quase o único meio já tentado para desbravar a colônia. O pequeno vapor sobe o Essequibo por uma distância de cerca de cinquenta e seis quilômetros da foz, em parte para a conveniência dos poucos que viajam naquela direção, mas principalmente para propósitos do Governo - o assentamento penal da colônia⁴ fica situado no Mazaruni, um grande tributário do Essequibo. Foi por este último vapor que cheguei aos arredores da civilização, em Bartica Grove, que fica na junção do Mazaruni com o Essequibo.

Saindo de Georgetown no início da manhã, passamos por duas horas ao longo da costa, e então alcançamos o Essequibo. A bordo estava um muito heterogêneo e pitoresco agrupamento de indianos, chineses, Indígenas, negros, juntamente com portugueses e poucos outros homens brancos. Quase todos os indivíduos dessa multidão viajavam com uma estranha variedade de bagagem, variando de um estrado de cama ou carroça, até um par de aves vivas ou um papagaio. Em ambos os lados do rio, as margens eram baixas e pantanosas, densamente cobertas de arbustos de mangue-branco (*Avicennia germinans*), mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*)⁵ e palmeiras. Ao entardecer, por volta das quatro horas, chegamos a Bartica Grove.

BARTICA GROVE

Bartica Grove, outrora uma próspera estação missionária, agora está reduzida a algumas cabanas de madeira, usadas como depósitos, uma igreja recentemente restaurada parcialmente de uma condição de completa ruína, algumas pequenas casas de moradia e alguns galpões de madeira. Estas últimas são construções pitorescas, consistindo em algumas estacas verticais sustentando telhados de folhas murchas de palmeira. Sob seus beirais, colônias de gigantescas aranhas verdes, tão grandes quanto ovos de sabiá, vigiam suas teias, sem serem perturbadas, ano após ano. Toda a sonolenta e bela vila fica sob a sombra de uma alameda de grandes mangueiras. Desta alameda, a vista para o rio é de uma enorme extensão de água; a vista para a terra é de um emaranhado de arbustos floridos, dos quais se erguem grupos de palmeiras graciosas, e é delimitada à distância pela borda da floresta. Os fossos e caminhos na vila são sufocados por grandes massas de avencas e de uma samambaia de dorso prateado⁶.

A aldeia decadente é agora habitada principalmente pelos chamados '*homens do rio*'. São negros e mestiços ociosos que ganham a vida com as concessões de madeira, ou da melhor forma que podem. Há também alguns habitantes de melhor qualidade, principalmente comerciantes. Como muitos dos homens do rio têm considerável experiência em atravessar as cachoeiras que tanto obstruem os rios da região, esses homens geralmente têm sido contratados como práticos⁷ pelos viajantes para alcançar o interior. Eles são, no entanto, como eu já havia constatado em uma ocasião anterior, um grupo incontrollável e desagradável, e é, portanto, muito mais agradável contratar somente Indígenas, que não

só são muito mais fáceis de lidar, mas também — e esta é uma consideração importantíssima para um viajante que precisa fazer companheiros em sua tripulação — são muito mais agradáveis em seu modo. Tendo já feito os arranjos necessários, fui recebido em Bartica Grove por uma tripulação de Indígenas Macuxi que me acompanhariam para o interior.

O grupo consistia em meus companheiros, os Srs. Flint e Eddington⁸, eu, e nossos Indígenas.

A uma certa distância de Bartica Grove, passamos por uma paisagem que, embora um tanto monótona, é extremamente bela, e característica desta área florestal. O rio nesta parte varia cerca de dois a três quilômetros de largura. Algumas ilhas de tamanhos variados estão dispersas ao longo do trajeto. As margens de ambos os lados do rio, assim como as ilhas, são revestidas por toda parte, até a beira da água, por massas arredondadas de folhagens, geralmente de caráter semelhante ao do louro, e que, na verdade, embora não aparentemente, se elevam a uma grande altura. Toda a paisagem é de uma escala tão gigantesca, que essas florestas parecem pouco mais do que baixos arbustos. Havia poucas flores para acrescentar cor; mas aqui e ali, no alto da folhagem inclinada, uma árvore de mora, lançando novas folhas de tons variados - branco, pálido figado-claro, vermelho mais escuro e, ocasionalmente mesmo um carmesim intenso e brilhante - destacava-se em vívido contraste com os verdes variados das árvores ao redor. Mais abaixo, sobre a margem da folhagem, as grandes flores brancas e vermelhas, e as enormes vagens escuras da munguba (*Pachira aquatica*)⁹ atraíam o olhar para onde pequenos bandos de morcegos-diurnos, assustados com a passagem do nosso barco, voavam entre as raízes que se erguiam da água à sombra das árvores pendentes.



Quadro 2 - Bartica Grove foi um dos primeiros assentamentos missionários anglicanos na Guiana Britânica. Em 1829, a Church Missionary Society estabeleceu uma área para conduzir o trabalho missionário, pois era conhecida por seu ambiente tranquilo cercado por palmeiras e mangueiras.

O ponto conhecido como Bartica Grove foi escolhido para o crescimento de uma nova cidade. O nome foi posteriormente encurtado para Bartica ('terra vermelha') à medida que a comunidade se desenvolveu. Atualmente Bartica é a capital da Região 7 (Cuyuni-Mazaruni) da República da Guiana.

Fonte (texto e imagem): Disponível em <<https://bartica.gov.gy/discover-bartica/bartica-150-years-and-onward/>>.

Cerca de vinte e cinco quilômetros acima de Bartica Grove, o rio se contrai repentinamente para uma largura de menos de quatrocentos metros, formando um estreito trecho chamado Monkey Jump¹⁰, por onde a correnteza força seu caminho com grande violência. Passando por ali, chegamos em poucos minutos a um novo trecho do rio, mais largo do que antes.

Com um piloto cuidadoso, um pequeno barco a vapor poderia penetrar um pouco além de Monkey Jump, até Aretaka¹¹, um ponto a poucos quilômetros antes das primeiras quedas d'água no rio. Há alguns anos, uma trilha foi aberta através da floresta, deste ponto mais alto, navegável por um barco a vapor, até a cachoeira de Kaieteur¹², no rio Potaro, que, em altura, volume e beleza da paisagem circundante, deve estar entre as mais belas cachoeiras do mundo. Provavelmente, porém, levará muito tempo para que essa trilha, aberta sob orientação do Governo na esperança de atrair estrangeiros, se torne fácil o suficiente para o viajante comum. Até o momento não foi usada nenhuma vez e grande parte dela já foi obliterada pelo rápido crescimento da vegetação tropical.

MORABALLI

Em frente ao ponto de onde começa esse caminho fica Moraballi, um conjunto de três casas, habitado por um lenhador e sua família, e interessante para nós por serem as últimas casas civilizadas que veríamos por seis meses.

O cenário era característico. A lâmina d'água, com cerca de seis quilômetros de comprimento e de três a cinco quilômetros de largura, era fechada em cada extremidade por uma curva no curso do rio. A água lisa e lacustre era quebrada em meia dúzia de pontos por rochas salientes nas quais talvez houvesse um arbusto ou dois, ou pelo menos alguma gramínea longa ondulante. Em certo ponto, um cardume de botos brancos do rio chapinhava na água. As margens que emolduravam a cena estavam todas cobertas por uma densa massa de árvores, cuja folhagem se estendia em curvas variadas e arredondadas caindo até a beira da água. Essas árvores, realmente de enorme altura, pareciam apenas um 'arbusto' baixo, de copa uniforme e de longo alcance. Em apenas um ponto as margens estavam livres de árvores; e ali, sob a sombra de dois enormes aglomerados de bambus graciosamente arqueados, erguiam-se as rústicas casas de madeira de Moraballi. Entre essas casas encontravam-se alguns arbustos de hibisco com flores carmesim, e atrás estava uma árvore, naquela época branca de flores, como uma cerejeira inglesa em maio. Uma luz amarelada, maravilhosamente clara, cobria todo o cenário.

Logo depois das casas, o riacho Moraballi deságua no Essequibo. Esses riachos, ou tributários, alguns dos quais são de tamanho tão considerável que poderiam muito bem ser chamados de rios, são muito numerosos ao longo do curso da maioria dos rios da Guiana.

Foi ao passar por este mesmo riacho, em uma ocasião anterior, que compreendi pela primeira vez a beleza de uma floresta tropical. Nos rios principais, a paisagem é extensa demais para ser bem compreendida; mas esses

riachos menores proporcionam impressões mais definidas. O riacho Moraballi tem aproximadamente a largura do rio Cherwell, em Oxford. A água reluzente, vermelho-escuro e cor de vinho corre, recoberta por árvores gigantescas, palmeiras e samambaias, através de uma densa sombra. As margens pantanosas são densamente cobertas por samambaias e grandes aráceas¹³ com folhas de lírio. À beira da água, um tapete de samambaias e musgos semitransparentes e finos é mantido continuamente úmido. Das árvores que se encontram por cima, raízes e caules sem folhas de plantas rasteiras e resistentes pendem até a água; e em algumas dessas beija-flores fixam seus minúsculos ninhos. Não há cor; a luz é muito tênue; o ar é muito frio e quase gelado. Mas em um ponto, onde uma árvore havia caído e deixado um espaço no dossel da floresta, o céu glorioso e intensamente azul surgiu, com sua cor imbuída de extraordinária vivacidade graças a uma guirlanda de maracujá em flor escarlate que se projetava pelo espaço aberto de árvore em árvore. Na árvore caída, agora sem folhas e sem galhos, do outro lado do riacho, quase tocando a água, empoleirava-se um grande martimpescador azul-acinzentado, o qual, assustado com a aproximação do nosso barco, voou vocalizando alto pelo riacho escuro e arqueado que se estendia além de nós.

Porém eu jamais terminaria se tentasse descrever todas as belezas deste riacho; então devo me satisfazer em acrescentar que o efeito peculiarmente impressionante de uma floresta tropical nunca aparenta ser tão evidente quanto em tais riachos.



Quadro 3 - Pequeno assentamento de lenhadores que ficava situado próximo da foz do riacho Moraballi, tributário da margem direita do rio Essequibo. Atualmente essa região faz parte de uma reserva de exploração florestal. A imagem apresenta

o acampamento da Expedição da Universidade de Oxford (1929) montado às margens do riacho Moraballi.

Fonte (texto): Davis, T. A.W. & Richards, P. W. 1933. The Vegetation of Moraballi Creek, British Guiana: An Ecological Study of a Limited Area of Tropical Rain Forest. Part I. *Journal of Ecology* 21(2): 350-384.

Fonte (Imagem): Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/ouec/2999163>>.

NAS CORREDEIRAS DE ARETAKA

Deixando Moraballi, logo alcançamos o ponto mais distante até onde a influência da maré se estende. Fica a cerca de 96 quilômetros do mar, nas primeiras corredeiras, chamadas Aretaka, que separam as zonas madeireira e florestal. Essas

corredeiras, que interrompem o curso do rio por mais de 24 quilômetros, são muito semelhantes, diferindo provavelmente apenas em seu comprimento maior ou menor, à maioria das que obstruem os rios da Guiana e dificultam a navegação; de modo que uma descrição delas servirá para dar uma ideia geral de tudo.

Nas corredeiras de Aretaka, é impossível ter uma ideia da largura real do rio. Até onde a vista alcança, há uma vasta extensão de água, de onde se erguem muitas rochas e ilhas de todos os tamanhos. As rochas às vezes se erguem isoladas, por vezes em grupos, por vezes empilhadas em grande número umas sobre as outras; algumas delas sustentam alguns arbustos de goiabeira-d'água¹⁴ ou mesmo algumas árvores raquíticas e retorcidas. As ilhas maiores são geralmente cobertas de árvores e, muitas vezes, devido à sua extensão, dificilmente se distinguem das margens do rio. A água corre, borbulhando e espumando, em todas as direções entre os rochedos. Alguns bancos de areia amarela afloram entre as rochas. Era normalmente a estação seca, e uma seca anormal havia prevalecido por um ano e meio, de modo que o leito do rio estava ainda mais exposto do que o habitual.

Nas ilhas maiores e nas margens dessas corredeiras vivem muitos Indígenas, principalmente Caribes, e alguns mestiços entre negros e Indígenas, chamados '*Cobungrus*'¹⁵. Estes últimos conservam as muitas qualidades do Indígena, e a estas acrescentam as poucas qualidades, como físico e força, do negro das Índias Ocidentais. Alojamo-nos por alguns dias na casa de um desses *Cobungrus*, um homem finamente construído chamado Cephas, mais da metade caribenho, que ocupava, por comissão do governador da colônia, os cargos estranhamente combinados de guarda rural e chefe dos Indígenas do rio Essequibo. Seus cabelos cacheados revelavam seu sangue negro, mas em todos os outros aspectos ele parecia e vivia como um verdadeiro Indígena. Enquanto mancava para nos encontrar sob as árvores à beira d'água, sua pele nua e avermelhada, realçada apenas pela habitual tanga ou pano de cobertura azul-escuro de cintura, e por um esplêndido colar de dentes polidos de porco-do-mato ou queixada, fazia dele certamente uma figura pitoresca. A causa de sua claudicação era evidente em um ferimento de aparência horrível, visível em uma das canelas. Este havia sido produzido vinte e sete meses antes pela picada de uma grande cobra. O ferimento o manteve preso à rede por quinze meses, mas desde então ele conseguiu se movimentar com a mesma liberdade de sempre, exceto por ocasionais saltitares em sua caminhada.

A pouca distância do rio, no topo de uma colina, ficam as três ou quatro cabanas que formam o assentamento, cercadas por troncos carbonizados de árvores, por mandioca e outras plantas cultivadas pelos Indígenas, por capim-navalha (*Scleria gaertneri*)¹⁶ e outras ervas daninhas, em uma clareira cercada por grandes árvores da floresta.

As casas consistiam apenas em quatro estacas sustentando um telhado de folhas de palmeira. As mulheres estavam, naquele momento, ocupadas com a produção de pão de mandioca¹⁷. A rica cor vermelha de sua pele, ainda mais avermelhada pela tinta, os cintos vermelhos que formavam sua única vestimenta, as faixas de algodão tingido de vermelho que prendiam em suas pernas, abaixo

do Joelho e acima do tornozelo, a vasta quantidade de contas vermelhas em volta de seus pescoços e cinturas, e as muitas redes de algodão tingidas de vermelho penduradas nas casas compunham um quadro impressionante – uma harmonia em vermelho e marrom.

Como em todas as outras ocasiões em que me hospedei em casas de Indígenas de várias tribos, as pessoas eram gentis, hospitaleiras e agradáveis. Nesta ocasião, a hospitalidade foi amplamente demonstrada, trazendo-nos cabaças de caxiri¹⁸ — uma bebida levemente alcoólica feita de mandioca, milho e batata-doce, cujo sabor, não desagradável, se assemelha a algo entre uma cerveja *sour porter* e um vinho clarete fino¹⁹.

Como nosso objetivo na estadia em Aretaka era preencher algumas vagas em nossa tripulação, e como depois de uma estadia de dois dias nós achamos ser impossível reunir homens para tripular mais de duas canoas - tivemos que deixar a terceira para trás, e na manhã de 22 de fevereiro nossa expedição, finalmente organizada, começou realmente a subir o rio.

Um dia passa como qualquer outro para o viajante enquanto ele sobe o rio em sua canoa. Durante os dois primeiros dias, subíamos lentamente as corredeiras de Aretaka. As rochas, devido à seca incomum da estação, estavam bastante expostas, e os canais de água entre elas, embora numerosos, eram estreitos e rasos. As canoas frequentemente tinham que ser arrastadas à força sobre o fundo rochoso. Onde os canais eram mais profundos, a água descia com mais violência, e era difícil puxar as canoas contra a correnteza. Mas os Indígenas trabalhavam maravilhosamente. Alguns nadavam e tinham muito trabalho para manter o curso na água corrente. Outros, com água até a cintura ou mesmo até o pescoço, ficavam em pedras semi-submersas, puxando por meio de cordas presas às canoas. Todos riam e gritavam; e o rugido do rio quase abafava o barulho. A única mulher do grupo trabalhava pelo menos tão energicamente quanto os homens. Certa vez, repentinamente ela perdeu o equilíbrio, escorregou, e foi arrastada rio abaixo, com a correnteza a levando para debaixo da canoa. A expressão meio apavorada, meio divertida em seu rosto totalmente disforme, quando reapareceu debaixo d'água, foi muito grotesca. Ela nadava como um peixe e logo estava correndo sobre as pedras e puxando novamente com a mesma força de sempre. Todos os Indígenas, homens e mulheres, nadam esplendidamente, mas com uma ação peculiar. As pernas mal se afastam, mas se curvam um pouco para baixo, anguladas em relação ao tronco, e então, de repente, são novamente esticadas, impulsionando assim o corpo do nadador para a frente.

Aqui, pode-se notar a confusão causada pelo fato de os viajantes daquelas regiões não fazerem distinção no uso das palavras 'corredeira', 'catarata' e 'cachoeira [queda]', respectivamente. A primeira palavra, parece-me, deveria ser confinada a lugares onde a água desce por uma inclinação muito leve, embora longa, geralmente entre muitas rochas dispersas. Uma 'catarata' é um lugar onde uma grande massa de água cai repentinamente de uma saliência rochosa, abrupta, mas não perpendicular. Por fim, a palavra 'cachoeira' deveria ser usada apenas para os lugares onde a água sofre uma queda abrupta de uma face rochosa perpendicular, semelhante a um penhasco, ininterrupta, geralmente de uma altura maior do que nos casos anteriores. Se esses

termos fossem usados apenas dessa maneira, nossos mapas teriam um aumento considerável de clareza, e os viajantes saberiam melhor o que os aguarda.

MOË

Entre nossa tripulação estava um menino Macuxi chamado Moë, filho da mulher mencionada. Ele estava retornando para sua casa na savana, depois de ter passado dois anos a serviço de um homem de cor em Georgetown, onde aprendera a falar inglês e a usar roupas. Era estranho a rapidez com que ele havia retornado aos seus antigos hábitos Indígenas. Já no primeiro dia, ele tirou as roupas e reatou a habitual cobertura Indígena, uma estreita tira de pano passada entre as pernas e suspensa na frente e atrás por um cordão amarrado na cintura. Enquanto se movia entre os outros Indígenas, era evidente que as roupas que usara por dois anos haviam tornado sua pele muito mais clara. Estranhamente, ele era o único dentre todos os Indígenas que parecia nu, e levou alguns meses para que o tom mais claro de sua pele, com o consequente efeito da nudez, desaparecesse. Em outros aspectos, ele também diferia dos outros Indígenas. Desde o início, era animado e falante, enquanto os demais se mantiveram reservados e tímidos por algum tempo. Ele tinha aprendido alguns desagradáveis artifícios na cidade, como xingar, embora não soubesse o significado dos palavrões que usava. Certa vez, quando eu o provocava, ele calmamente e com um sorriso encantador me recomendou “*vá para o inferno, Baas*”²⁰.

As margens do Essequibo acima de Aretaka são quase desabitadas, mesmo por Indígenas; ao longo das centenas de quilômetros de terra por onde passamos entre Aretaka e a foz do Rupununi, cruzamos apenas três ou quatro assentamentos. Nossos acampamentos, portanto, eram geralmente montados na floresta. Como, no entanto, Indígenas passam continuamente rio acima e rio abaixo, existem certos locais de acampamento reconhecidos, dos quais a vegetação foi removida. Algumas vezes, entretanto, quando a noite se aproximava e nós não estávamos perto de um desses lugares, nós mesmos tínhamos que limpar o mato do terreno. As noites passadas ao ar livre nos trópicos são uma lembrança agradável. Quando o acampamento ficava pronto, e a luz do dia já havia desaparecido, apenas nossas fogueiras, sozinhas, lançavam ao redor um círculo de luz trêmula, contrastando estranhamente com a escuridão da floresta ao redor. Onde a luz do fogo era mais forte, os Indígenas repousavam, fumando e conversando em suas redes, junto a cada uma das quais havia uma fogueira, que ocasionalmente irrompia em chamas e parecia lamber a pele nua dos Indígenas através das malhas da rede. Não satisfeitos com isso, os Indígenas às vezes obrigavam os meninos a pegarem folhas de palmeira acesas para chamuscá-las próximas da rede enquanto estavam deitados, esse estranho procedimento sendo intencionado a neutralizar insetos selvagens.

NOITE NA FLORESTA

Um a um, os Indígenas caíram adormecidos. Vários tipos de sapos mantinham um concerto quase ensurdecedor de coxos maravilhosamente variados, alguns

musicais, outros muito pouco musicais. Um imitava a batida de remos batendo em compasso regular contra as laterais de uma canoa, segundo o costume Indígena; e a semelhança era ainda mais enganosa porque o som alternadamente subia e descia gradualmente, como se uma canoa subisse o rio, passasse pelo acampamento, e fosse então remada rio acima, fora do alcance dos ouvidos. Muitas e muitas vezes fiquei em dúvida se o som ouvido era causado por remos ou por sapos. E enquanto os sapos coaxavam, de vez em quando um bacurau²¹ passava veloz e muito silenciosamente, e então de repente emitia seu ruidoso grito de ‘uorc-uorc-uorc-to-rell’²². Ou então, outra espécie maior começava a gemer as quatro notas do seu grito mais hediondo e deprimente de ‘ruu-ruu-ruu-ruu’²³, cada nota soava em rápida sucessão, a primeira estridente e aguda, cada uma das seguintes mais grave, e a última um gemido quase inaudível. É comparável apenas ao grito de um ser humano desesperado e moribundo. Às vezes, ouvia-se o ruído — algo entre um bufo e um bramido — de um jacaré; e outras vezes, sons misteriosos, semelhantes ao estrondo de tiros de pistola, que mais tarde descobri serem causados por jacarés levantando suas caudas no ar e batendo-as bruscamente na superfície da água.

Ao amanhecer, o barulho mais alto e assustador de todos irrompeu. Começando repentinamente com um rugido profundo, tornou-se cada vez mais alto, até que toda a floresta ecoou com o estrondo. É quase impossível ao ouvir isso pela primeira vez, acreditar que o rugido terrível seja produzido apenas pelo relativamente pequeno macaco guariba (*Alouatta seniculus*)²⁴, chamado de babuíno na colônia.

Antes do amanhecer, os Indígenas já estavam fora de suas redes, preparando-se para a jornada do dia seguinte. Um mergulho no rio era a primeira coisa a fazer. De manhã cedo, a temperatura perto do rio é comparativamente baixa; embora o termômetro marque talvez 21°C, o ar parece tão frio quanto em um dia de outono na Inglaterra, e a água, tendo retido muito do calor transmitido pelo sol do dia anterior, parece, em contraste, a de um banho morno.

E então começaram os sons e as visões do dia. Alguns tucanos, empoleirados nos galhos mais altos de uma grande árvore, deleitavam-se com o sol da manhã e o saudavam com seus habituais gritos. A ênfase é dada a cada vocalização de filhote por uma travessura estranha e cômica; a cabeça é sacudida para baixo, a cauda erguida quase em ângulo reto com o corpo. Ao longe, uma canoa Indígena surgiu por trás de uma curva do rio. Nela, as peles nuas dos Indígenas literalmente brilhavam vermelhas sob a luz intensa. Uma garça-vermelha (*Eudocimus ruber*)²⁵ — a única, aliás, que já vi tão distante rio acima — voou e pousou em uma árvore entre nós e a canoa que se aproximava; mas dificilmente parecia mais vermelha do que os Indígenas. Grupos de papagaios, gritando estridentemente, começaram a sobrevoar o rio em direção aos seus locais de alimentação, voando tão alto que suas cores não podiam ser discernidas. Da floresta, o ‘pĩ-pĩ-yõ’, ou capitão-do-mato (*Lipangus vociferans*)²⁶, começou a gritar incessantemente seu próprio nome Indígena; este é, se não o mais comum, certamente o pássaro mais notado nas

florestas da Guiana, pois seu grito estridente, ouvido quase o dia todo, é o som mais característico dessas florestas.

COMIDAS INDÍGENAS

Sem alimento animal, paramos cedo para caçar. Metade da presa, uma anta jovem, foi dada aos Indígenas, que, como de costume, imediatamente a ferveram e começaram a comê-la; pois um Indígena, quando obtém carne, nunca se satisfaz até comê-la por completo, e depois disso ele se contenta em ficar sem alimento animal até ter energia suficiente para ir buscar um novo suprimento. A outra metade da anta foi colocada em um ‘*babracot*’²⁷ para secar. Um *babracot* é uma pequena grelha de gravetos verdes, construído a cerca de 60 centímetros acima do fogo, onde a carne é colocada e defumada. A carne tratada dessa maneira, embora perca seu sabor característico, conserva-se boa por muitos dias, mesmo no clima da colônia.



Quadro 4 - ‘Akawaio’ (Ackawoi no texto original), é um grupo do povo ‘Kapohn’ (Kapon), que significa ‘povo do/no céu’ ou ‘povo das/nas alturas’, sendo utilizado como autodesignação pelos povos atualmente identificados como Ingarikó, Akawaio e Patamona. Os Patamona habitam as savanas dos vales dos rios Potaro, Siparuni e Maú (chamado Ireng na Guiana). Os Akawaio se concentram no alto Mazaruni, na cordilheira Pacaraima, habitando também os baixos cursos do Mazaruni e do Potaro, e em aldeias mistas do médio Kamarang (onde

coabitam com famílias pemon), das cabeceiras do Cuyuni e de seu tributário, o rio Wenamu. Já os Ingarikó habitam o vale do alto rio Cotingo, região serrana a Noroeste dos Patamona e ao Sul dos Akawaio do alto Mazaruni.

Fonte (texto): ISA (2025). Povos Indígenas no Brasil, Instituto Socioambiental. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ingarikó>>.

Fonte (imagem): im Thurn, E. (1883). Among the Indians of Guiana. Plate VII, Chapter VIII - Appearance and Dress. (Ackawoi man and woman). p. 188-189.

Bem em frente a nós ficava a Ilha Gluck, que visitei em outra ocasião para examinar um lago há muito conhecido como um dos habitats nativos da *Victoria amazonica*²⁸. O lago era tão cercado por uma vegetação alta e exuberante que era impossível ver a água das margens úmidas e pantanosas. Mas, subindo em uma árvore que crescia sobre a água, e assim ficando acima da densa vegetação

de juncos altos e palmeiras espinhosas, conseguimos uma visão de todo o lago. Exceto por uma pequena planta na extremidade mais distante, a vitória-régia havia desaparecido completamente; isso provavelmente se deveu aos últimos períodos de tempo seco, os quais causaram a seca do lago e permitiram que o calor do sol matasse as plantas. O mesmo destino havia ocorrido com a vitória-régia durante a última estação seca em vários lagos dentro e nos arredores de Georgetown, nos quais ela havia sido introduzida.

Ao descer do meu posto de observação na árvore, ouvi os Indígenas gritando que haviam encontrado um ninho de jacaré. Entre a profunda massa de folhas apodrecidas na margem do lago, em um local sombrio, escuro e úmido, sob árvores e juncos, havia um local apropriado para tal ninho. Sobre um grande amontoado de matéria vegetal em decomposição, evidentemente coletada pelos pais do jacaré, jaziam trinta e sete ovos grandes, longos e com cascas grossas, semelhantes a porcelana. Os verdadeiros Caribes os agarraram avidamente como uma iguaria. Mais tarde, no jantar, comi parte de um dos ovos, cozidos até endurecer, e achei-o muito parecido com um ovo de pata em textura e sabor, mas com um sabor levemente perceptível de almíscar.

Quando estávamos prestes a dormir naquela noite, os Indígenas insistiram em carregar as armas e colocá-las perto de nossas redes, dizendo que havia canaimés²⁹ Akawaio, ou assassinos, por perto. Tínhamos visto homens daquela tribo passando e repassando durante a tarde; mas preciso fortemente frisar que a afirmação de que eles tinham intenções assassinas contra nós era infundada. É, entretanto, muito comum que uma tribo faça essa acusação contra membros de outra tribo. Há, como será explicado em breve, certo fundamento ocasional para isso. Os Akawaio têm um caráter particularmente ruim nesse aspecto.

Noite adentro, os Indígenas, sentados em círculo ao redor das fogueiras, continuaram a devorar sua comida; e, finalmente, cansados de ficar sentados para comer, jogaram-se em suas redes, sobre as quais haviam pendurado alguns apetitosos pedaços de carne, de modo a ficarem perto de suas bocas, para que não perdessem tempo quando acordassem. Seu poder de se empanturrar é realmente maravilhoso; certa vez, consegui calcular a quantidade consumida em 36 horas por dez homens e descobri que eram 113 kg de peixe defumado, 29 kg de peixe fresco, um porco-do-mato inteiro e uma quantidade indefinida de pão de mandioca.

Antes do pleno amanhecer da manhã seguinte, fui despertado pelo som de um canto monótono, ocasionalmente variado por alguns grunhidos dos mais angustiantes:

La, la, caviana, ana, ani,

La, la, caviana, ana, ani,

La, la, caviana, ana, ani,

Ugh, ugh.

O cantor era Moë, e ele explicou, apontando para uma garça voando alto sobre o rio, que o ‘*honuré*’, ou seja, a garça, é um pajé³⁰ (um curandeiro), que cantava essa canção enquanto voava. A garça, de qualquer forma, possui uma vantagem por ser um pajé; logo nenhum Macuxi comerá sua carne.

Os Indígenas, tendo terminado toda a carne, anunciaram sua intenção de esperar enquanto o melhor caçador entre eles tentava capturar a anta-mãe. Para minha grande satisfação, esse caçador voltou de mãos vazias; pois, se tivesse tido sucesso, provavelmente teríamos que esperar até que esse novo suprimento de carne fosse consumido.

CENÁRIO DO RIO

O dia foi passado viajando por trechos suaves do rio, que são mais monótonos, embora mesmo ali o cenário seja belo. As margens do rio são cobertas em todas as partes por densas florestas, que às vezes crescem em terras baixas e planas, outras vezes em encostas rochosas e onduladas, e por vezes cobrem uma montanha solitária ou uma pequena cadeia de montanhas até o rochedo mais alto. Mas o mais maravilhoso de tudo são as vistas que podem ser obtidas subindo ao topo de algumas colinas e olhando para baixo, para o grande e amplo mar de copas de árvores que termina apenas no círculo do horizonte, exceto onde aqui e ali um longo e estreito fio de névoa branca ininterrupta, estendendo-se ao longo das copas das árvores, marca o curso sinuoso de algum pequeno riacho.

Quadro 5 - Os indígenas denominados por Nikari-karus (Nikarikarus ou Nikarikaru) viviam ao longo do rio Tacutu, no norte do Brasil. O termo era aplicado aos descendentes do entrelaçamento entre brasileiros e indígenas de qualquer etnia, embora algumas referências indicassem especificamente os Macuxis, como no caso do próprio im Thurn (p. 158-159 do texto original), definindo esse grupo como “... *hybrids between Macusis and Indians of some Brazilian tribe, or perhaps between Macusis and Brazilians of Portuguese extraction* ...”. O antropólogo norte americano William Curtis Farabee indica que esse termo era de uso específico da fronteira do Brasil com a então Guiana Britânica, aditando ainda que os Wapichana chamavam os brasileiros de *Karivjais* (pessoas escuras) e os ingleses de *Paranakaris* (pessoas claras).

Fontes (texto): (i) Farabee, W.C. 1918. The Central Arawaks. Anthropological Publications (vol. IX), University of Pennsylvania. 288p. e (ii) T.A.N. 1884. Anthropology. The American Naturalist 18(8): 839-842. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/2450335>>.

Assim, entre as cachoeiras, inúmeras ilhas, algumas de extensão considerável, salpicam o rio e escondem sua largura real dos olhos. A beleza do cenário é em grande parte devido ao efeito das vistas distantes, tal como se revelam entre os promontórios que se aproximam em cada par dessas ilhas. O viajante de sua canoa no centro de uma extensão de água parada semelhante a um lago, no meio de um grupo dessas ilhas, vê a água fluindo em sua direção e para longe

dele, através de muitos canais, cada um dos quais emoldurado pelas árvores que se projetam de duas ilhas vizinhas. Nos trechos mais abertos do rio, na estação seca, quando a água está baixa, bancos de areia amarela reluzente se erguem da água e formam ilhas, muitas vezes de extensão considerável, ou preenchem as baías nas curvas das margens. Duas vezes por ano, quando no final de cada estação chuvosa esses bancos de areia aparecem acima da água, as tartarugas-do-rio, que são muito numerosas, depositam seus ovos na areia; e as gaivotas-bico-de-tesoura (*Rynchops niger*)³¹ constroem seus ninhos descobertos na areia e giram em torno deles incessantemente, emitindo seu grito rouco.

Certa noite, chegamos a uma cabana no riacho Paripe³² pertencente a alguns Indígenas mestiços brasileiros. Essas pessoas, chamadas Nikari-karus, são híbridos entre brasileiros e Indígenas de várias tribos. Seu lar próprio fica na fronteira dos territórios britânico e brasileiro; os poucos assentados no Essequibo são desertores dos fortes e fazendas de gado da fronteira, onde, pelo menos até recentemente, o trabalho era forçado. Exceto em dois aspectos, os hábitos dessas pessoas dificilmente diferem daqueles dos Indígenas nativos do território inglês. Eles transformam sua mandioca em farinha, em vez de pão; e, para fazer suas redes, usam algodão colorido, geralmente azul ou amarelo, em vez de branco, e a trança é mais fechada e um tanto diferente daquela do Indígena comum. Em Yucarisi, mil e seiscentos a três mil e duzentos metros além de Paripe, há outro desses assentamentos brasileiros; mais acima no rio, em Arinda, há um terceiro; e há outro no rio Rupununi, perto de Annai³³. Acredito que esses sejam todos.

Enquanto dormiam em uma casa em Paripe, vários de nosso grupo foram sugados por morcegos. Nunca consegui ter êxito em induzir um morcego a provar meu sangue, embora homens que dormiam perto de mim tenham sido repetidamente atacados. Esses animais são um sério problema para alguns viajantes; pois parecem ter uma afeição especial por algumas pessoas e aversão por outras. Um menino Indígena que me serviu por um curto período quase sangrou até a morte por seus ataques noturnos. Nenhum cuidado parecia prevalecer contra eles. Manter um fogo aceso, que costuma ser dito como prevenção aos seus ataques, provou ser inútil no caso do menino. Seus pais costumavam ficar acordados noite após noite para vigiar, e enquanto vigiavam, os morcegos não atacavam; mas assim que adormeciam, os morcegos mordiam e o sangue começava a escorrer. A mordida parece não causar a menor dor; e o perigo reside não tanto na quantidade de sangue sugado pelos animais, mas no que depois escorre do ferimento despercebido.

Certa manhã nesse mesmo período os Indígenas notaram minha esponja, e expressaram grande admiração por ela. Moë, como de costume, apresentou-se como porta-voz. Primeiro, imaginou que fosse um chapéu; depois, um ninho de pássaro; depois, um sapato. Quando seu uso foi ilustrado na prática, todos caíram na gargalhada.

Depois de passar a foz do rio Potaro, onde fica a cachoeira Kaieteur, os homens começaram a procurar ovos de tartaruga nos bancos de areia; e pouco

antes de chegarem a Waraputa³⁴, encontraram um número considerável deles. Os brasileiros em Yucarisi nos deram alguns desses ovos defumados e secos. Mas nesse estado, embora se conservem por um tempo considerável, não podem ser recomendados pela delicadeza do sabor. Agora, porém, que os tínhamos retirado frescos do ninho, a questão era muito diferente. Os que encontramos primeiro tinham aproximadamente o formato e o tamanho de ovos de pombo, com cascas ásperas e muito elásticas, ou melhor, peles. Outra espécie de tartaruga, igualmente comum nesses rios, põe ovos muito maiores e mais redondos. Ambos os tipos são cozidos; a clara é espremida, e a gema, que então adquire uma consistência amanteigada, é comida. Esses ovos são certamente um alimento muito delicioso. Os Indígenas os apreciam muito e, embora não toquem em ovos de galinha, consomem esses ovos de tartaruga com avidez. Ocasionalmente, vi grandes canoas literalmente cheias de ovos que haviam sido coletados pelos Indígenas. O ovo do iguana (*Iguana iguana*)³⁵ é muito semelhante e igualmente procurado.

Nas cataratas de Waraputa, vi pela primeira vez as pinturas rupestres que constituem uma adição tão estranha a algumas das paisagens desta parte da América do Sul. Um grande número de figuras bem visíveis está gravado nas superfícies de um grupo de rochas graníticas bem no centro da catarata.

Acampando naquela noite, logo acima de Waraputa, fui mais uma vez perturbado por uma excentricidade dos Indígenas no meio da noite. Despertado por uma luz que se movia, vi uma procissão de nossos Indígenas se movendo ao redor do acampamento; à frente, um deles aparentemente mirando com sua arma; atrás, outros, cada um segurando um ramo de palmeira em chamas acima da cabeça. Às minhas reclamações sonolentas, eles responderam que tinham ouvido um ‘*omar*’ (um ser maligno) e que o estavam procurando; mas, como os rastros mostraram pela manhã, o barulho tinha sido feito por uma pobre pequena paca (*Coelogenys paca*)³⁶.

PAIWARIKAIRA

O dia seguinte foi memorável. Passamos por Paiwarikaira, uma grande rocha de granito que repousa sobre uma base colunar esbelta. É comumente relatado que um certo holandês, quando seus compatriotas tomaram posse da terra, trouxe cem escravos para derrubar a rocha; mas ele não conseguiu, e a rocha permanece até hoje em posição, para despertar o interesse do viajante e impressionar o Indígena que passa. Nenhum Indígena, a menos que seja um pajé, olha de bom grado para Paiwarikaira; pois a visão dela é seguida de infortúnio. Sem me importar com isso, e a despeito das súplicas dos Indígenas, aproximei-me e até toquei a rocha. Quando, pouco depois, começou a chover, os Indígenas atribuíram isso exclusivamente ao meu tratamento desrespeitoso a Paiwarikaira; nem, como será demonstrado em breve, foi este o único infortúnio que nos sobreveio, como meus homens disseram, em consequência.

Apenas uns duzentos metros rio acima há outra rocha na qual, segundo os Indígenas meio civilizados, Deus aprisionou um negro, que não será solto até

que pare de praguejar por um ano inteiro. Sua chance de liberdade, se ele for como a maioria de sua raça, deve ser realmente pequena. O ódio dos Indígenas pelos negros é perceptível nesta e em muitas outras circunstâncias.

Naquela noite fomos detidos pela primeira vez por uma cachoeira, por onde era impossível subir as canoas carregadas; mas pela manhã elas foram descarregadas, içadas vazias e depois recarregadas.

Entre nossos homens estava um pajé, ou curandeiro, que nessa época me causou alguns problemas. Ele costumava amarrar sua rede na mesma árvore em que a minha estava amarrada; e sendo, como todos os Indígenas, muito inquieto à noite, frequentemente me sacudia e me perturbava. Ao pedir que trocasse sua rede de lugar, ele o fez de má vontade, e quando ri dele, ele, com raiva e um tanto inconsequentemente, disse a Moë que *'ele não tinha medo de nós'*. Nova ofensa sendo mais uma vez dada para este homem; ele, novamente usando Moë como intérprete, comentou que nos mataria a todos e até mencionou a ordem em que faria isso. Logo tivemos bons motivos para nos lembrar dessa observação.

SALUBRIDADE NO INTERIOR

Os infortúnios começaram a nos atingir com força. Primeiro, nosso pão acabou e foi com grande dificuldade que obtivemos um pequeno suprimento fresco de um dos poucos assentamentos Indígenas no rio. Então, a doença apareceu entre nós. Moë, devido, o que não é improvável, à sua súbita rejeição de roupas, estava doente há alguns dias. Ele e outro garoto, chamado Woijeau, eram nossos cozinheiros. O pajé, que normalmente não estava disposto a fazer qualquer tipo de trabalho, por conta própria agora se encarregou de preparar nossas refeições. Logo depois, um por um, todos nós adoecemos, exatamente na ordem em que o pajé havia ameaçado nos matar. Não posso provar o caso contra o homem, mas tenho poucas dúvidas de que ele causou intencionalmente nossa doença; os Indígenas, por outro lado, estavam convencidos de que o infortúnio se devia ao nosso tratamento desrespeitoso com Paiwarikaira.

Esta doença impediu enormemente o nosso progresso. A febre era especialmente prevalente. Como um infortúnio semelhante é muito provável que ataque todos os viajantes naquela terra, onde os dias são sempre extremamente quentes, as noites, por comparação, extremamente frias, e a atmosfera está sempre saturada com umidade, talvez não seja descabido dizer que esses ataques, embora frequentes e muito incômodos, sejam raramente perigosos. O viajante de constituição normalmente boa, que leva uma vida temperada, não precisa temer nada além de grande desconforto. Se, por outro lado, seu organismo estiver saturado de álcool ou debilitado por outros excessos, há um perigo considerável. A esta causa devem ser atribuídas as consequências fatais que tem atingido mais do que um daqueles que tem viajado no interior da Guiana, e que tem dado a reputação de insalubridade àquele país. Tendo examinado cuidadosamente a história de várias expedições infelizes ao interior, eu poderia, se não fosse algo ingrato para muitos ainda vivos, mostrar que a maioria dos infortúnios tem sido devido a alguma forma de intemperança.

Uma ou duas vezes também, homens já não tão jovens se embrenharam na mata e, não acostumados às dificuldades muitas vezes inevitáveis em tal vida, ficaram arruinados para o resto da vida.

Além da febre, duas outras formas de doença – disenteria e oftalmia – que mais tarde atacaram membros do nosso grupo, devem ser cuidadosamente evitadas. A oftalmia é de fato muito comum entre os Indígenas, dos quais quase todo indivíduo possui fraca visão como consequência. A doença parece afetar facilmente os viajantes, sendo seus germes provavelmente transmitidos dos olhos de alguns Indígenas para os do recém-chegado pelas inúmeras moscas minúsculas que se instalam constantemente no globo ocular, constituindo assim uma das pragas mais graves daquele país³⁷. A forma em que a oftalmia ocorre é extremamente grave e, como vi em dois casos distintos e totalmente desconexos, afeta o cérebro, pelo menos no caso dos homens brancos, e produz delírio. Mas, no geral, essas terras do interior não são insalubres.



Quadro 6 - ‘Hartsinck’, citado como ‘Hartzinc’ no texto original, refere-se a Jan Jacob Hartsinck (1716-1779), um oficial e historiador holandês que produziu a ‘Caart van Guiana’ (Mapa da Guiana) apresentado em sua obra de dois volumes ‘*Beschryving van Guiana, of de Wildekust in Zuid-America*’ (Descrição da Guiana, ou Costa Selvagem na América do Sul), que foi publicado no ano de 1770.

Fonte (texto): Disponível em <https://www.forumrarebooks.com/item/hartsinck_jan_jacob_beschryving_van_guiana_of_de_wilde_kust_in_zuid_america_amsterdam_.html>.

Fonte (imagem): Disponível em <<https://www.wikidata.org/wiki/Q52500090>>.

Devido à doença de muitos de nosso grupo e à completa escassez de nosso suprimento de provisões, foi com grande prazer que, no décimo quarto dia após nossa partida de Aretaka, alcançamos o local de um antigo assentamento holandês em Arinda, onde uma família de mestiços brasileiros se estabeleceu.

Alguns grupos de belos cafeeiros, há muito abandonados, marcam solitários o local do antigo assentamento holandês registrado no mapa publicado por Hartsinck em 1770 como ‘*Posto Arinda*’. Era o mais alto deste rio, com exceção de uma pequena plantação, provavelmente uma ramificação do estabelecimento, da qual ainda existem vestígios em Ouropocari³⁸, poucos quilômetros rio acima.

Os holandeses haviam avançado muito na maioria dos rios, parecendo provável que, se o país tivesse sido deixado em suas mãos, já teria sido plenamente utilizado. Mas quando seu domínio ficou confinado ao distrito

relativamente pequeno do Suriname, seu interesse por toda a Guiana esfriou, e o desenvolvimento da colônia sofreu um golpe do qual ainda não começou a se recuperar. Arinda agora fica a doze dias de viagem além da civilização, e um grupo de quatro cabanas Indígenas, ocupadas por Nikari-karus e por alguns portugueses, agora ocupam o local sozinhos.

Após uma estadia de três dias em Arinda, tendo conseguido descanso e provisões, uma vez mais iniciamos nossa jornada. Depois de algumas horas, passamos pela foz de um riacho, chamado pelos Indígenas de Haimarakuru³⁹, de onde sai uma trilha que leva ao rio Demerara. Nem a trilha nem o riacho estão marcados em nenhum mapa da Guiana. Os cursos dos dois rios são quase paralelos e não muito distantes, e há várias dessas trilhas conectando-os. Elas são construídas e utilizadas pelos Indígenas da savana, que passam por ali para trabalhar por curtos períodos nas concessões de corte de madeira do rio Demerara.

Ao meio-dia do segundo dia após deixar Arinda alcançamos as cachoeiras de Ouropocari. Nas rochas ao lado de um dos canais desta cachoeira, há mais alguns desenhos rupestres, muito semelhantes em características àqueles de Waraputa. Os canais de Ouropocari são frequentemente impraticáveis para canoas carregadas, há um carreador, ou caminho, ao longo da qual os Indígenas transpõem suas canoas e seus pertences separadamente, da base para o topo da cachoeira, onde recarregam suas canoas. Esses carreadores existem ao lado de quase todas as cachoeiras maiores deste rio e são frequentemente usados; mas nos rios menos frequentados da Guiana, muitas vezes é necessário que cada viajante faça essa transposição por si mesmo. Não é um trabalho fácil. As árvores precisam ser derrubadas e o terreno limpo; e deslizadores precisam ser colocados a distâncias muito curtas uns dos outros ao longo de todo o caminho. Quando isso é feito, os viajantes se atrelam a uma corda presa à proa do barco, como uma parelha de cavalos, e o barco é rapidamente puxado para o alto.

No ponto mais alto deste carreador há um enorme rochedo, um dos lados do qual é muito curiosamente marcado por sulcos naturais profundos e regulares.

UMA ONÇA

Certa manhã, logo após passar por Ouropocari, eu estava deitado com febre alta sob a cobertura da canoa, que navegava com firmeza por um amplo trecho de água rasa, no meio do qual havia uma pequena ilha arborizada. De repente, os Indígenas começaram a gritar alto. Um que estava mais perto de mim me agarrou pelos pés e me puxou para fora da cobertura. Estávamos perto da ilha. De suas margens, uma grande onça-pintada⁴⁰ nos examinava silenciosamente. Quase imediatamente, ela deixou a ilha e, atravessando o rio raso, cruzou nossa proa em direção à terra firme. Infelizmente, as outras duas canoas estavam fora de vista, e eu estava muito misero e fraco para usar minha arma. De forma inesperada, um dos Indígenas criou coragem para enfrentar a fera e, correndo para perto, atirou uma flecha nela. Uma vibração fez a flecha cair e, com um rugido, o animal saltou para a floresta na terra firme e desapareceu.

Naquela noite a febre atingiu ainda mais fortemente alguns de nosso grupo, e foi necessário descansar no dia seguinte da enfadonha viagem de canoa.

UMA ÁRVORE QUEIMANDO

De manhã, para se divertirem, os Indígenas atearam fogo ao tronco de uma árvore morta que havia caído e se inclinava do alto da ribanceira, ali um tanto elevada, até a beira da água. As chamas avançaram lentamente ao longo do tronco e, com o tempo, atingiram o mato no alto da ribanceira. Assim, o fogo continuou a avançar até se aproximar de nosso acampamento. Duas ou três vezes durante o dia os Indígenas eram enviados para contê-lo; o que fizeram com muita má vontade, parecendo esperar que parássemos o estrago que eles próprios haviam causado. À tarde o fogo atingiu o mato ao redor do tronco de uma enorme mora, quase morta, e ao anoitecer ele já havia aberto um espaço considerável ao redor dela, deixando a mora no centro de um círculo de outras árvores, cujas copas se encontravam acima. Logo após o anoitecer, um ruidoso troado anunciou que a árvore central finalmente também havia rompido em chamas, e em pouco tempo seu tronco formou um pilar de fogo. Isso não foi agradável, pois a árvore tinha cerca de trinta metros de altura e não estava a dezoito metros do nosso acampamento. Mas estávamos muito relutantes em nos mover; e assim, sabendo que uma árvore geralmente cai em direção ao espaço mais próximo — neste caso, o rio —, aproveitamos a oportunidade. A escuridão ao redor do círculo do fogo, intensa como costuma ser sob aquelas árvores gigantescas, parecia, por contraste, extraordinariamente grande. O fogo queimava dentro de uma enorme cúpula verde, formada pela folhagem acima e ao redor do tronco em chamas. Cada folha se destacava distintamente no brilho intenso do fogo. Faíscas logo começaram a cair do centro flamejante e, em seguida, caíram em uma chuva contínua. Pássaros e borboletas, assustados em seu descanso, juntamente com mariposas e morcegos, disparavam aqui e ali entre as massas em chamas e, às vezes, caíam no fogo. À medida que a chama subia cada vez mais alto na árvore, o troado se tornava cada vez mais alto, até que de repente o fogo saltou, com um ruído ensurdecedor, para as massas de folhas secas acima. Logo um som de rangido foi ouvido, avisando que o tronco não suportaria muito mais. Mas finalmente o fim veio de forma terrivelmente repentina, e o som de rangido se perdeu em um estrondo alto.

O barulho produzido por uma grande árvore, ao cair no silêncio daquelas florestas, é sempre maravilhoso. É como o estrondo de um trovão seguido pelo prolongado e impetuoso barulho de um deslizamento de terra; mas nele há outro elemento terrível e indescritível. E quando o som finalmente cessa repentinamente, é seguido por um silêncio estranhamente contrastante. Mas, neste caso, o fogo acrescentou ainda mais à grandiosidade do efeito. Nenhum silêncio se seguiu após a queda da árvore; pois o fogo ardia com ferocidade renovada e quase bramia, como em triunfo, entre as copas das árvores ao redor.

A súbita queda me assustou, doente e fraco, como eu estava, me fazendo sair da rede mais rapidamente do que jamais saí dela em qualquer outra ocasião. Mas

a árvore havia caído em direção ao rio, e todo o perigo havia passado. Ainda durante toda a noite, fragmentos em chamas continuaram a cair em intervalos.

No dia seguinte alcançamos as cataratas de Akramukra⁴¹ e, no dia seguinte, as de Rappu⁴². Estas últimas recebem o nome de um tipo de bambu que cresce nas ilhas e entre elas, e que é muito usado pelos Indígenas da savana para fazer pontas de flechas, que são, segundo nos disseram, tão venenosas quanto aquelas com ponta de curare⁴³. Eu, mais tarde, experimentei uma dessas flechas de ‘*rappu*’⁴⁴; mas a ave que foi abatida não apresentou sintomas de veneno; e um Indígena que estava por perto, ingenuamente, observou que uma flecha de ‘*rappu*’ só é venenosa quando penetra fundo o suficiente no corpo. Isso me lembra outra história Indígena. Uma planta é dita a crescer em algum lugar, e um galho dela se mostra fatal para qualquer ser vivo para o qual seja apontado. Supõe-se que as virtudes desta planta tenham sido descobertas por uma Indígena que, ao ser subitamente atacada por uma onça, agarrou o galho mais próximo para se defender e o apontou para o animal, que imediatamente caiu morto.

As corredeiras do Rappu foram as últimas que tivemos que atravessar durante esta particular viagem de canoa. O curso do Essequibo é suave daqui até alguma distância além da junção do rio Rupununi, por onde subíamos. As quedas d’água acima desta junção, perto da nascente do Essequibo, são de grande altura e dificuldade, e representam uma barreira ainda intransponível para viajantes que tentam atravessar o alto Essequibo. O Rupununi também está livre de quedas d’água desde sua foz até além do ponto onde deveríamos deixar o rio e começar nossa estadia na savana, no desembarque do Pirara.

De Rappu, impelidos como sempre pela falta de pão, seguimos adiante e chegamos a Apoteri⁴⁵, um assentamento Caribe na junção do Rupununi com o Essequibo, na mesma noite. O chefe do lugar nos recebeu hospitaleiramente em sua casa. Mas, uma hora após nossa chegada, sua esposa deu à luz gêmeos; de modo que, para grande surpresa dos Indígenas, preferimos levar nossas redes para uma casa inacabada que ficava na mesma clareira. Era usada como depósito para uma grande quantidade de peixe mal seco; e o cheiro ruim que emanava se misturava estranhamente com o doce aroma que vinha da floração de alguns cafeeiros do lado de fora.

Durante os nossos dois dias de estadia aqui, a principal diversão foi proporcionada pelos animais domesticados que, como de costume em um assentamento Indígena, lotavam o local. Entre eles, havia mais de uma dúzia de papagaios de diferentes espécies, duas araras, dois pássaros-trombeta, dois corrupeções⁴⁶, três macacos, alguns mutuns e um beija-flor.

SUBINDO O RUPUNUNI

Após dois dias de estadia em Apoteri, partimos novamente e, deixando o Essequibo, passamos a subir o rio Rupununi. A água deste último, ao contrário das águas límpidas e vermelho-escuras do Essequibo, é opaca e de cor branco-amarelada. O rio tem cerca de quinhentos metros de largura. Suas margens

são arborizadas, embora muito menos exuberantes do que as do rio principal. A água, estando excessivamente baixa naquela época, em alguns lugares deixava as altas margens de argila branca bastante expostas, semelhantes a barrancos, coroados por árvores, arbustos e palmeiras castigadas pelo tempo; em outros lugares, longos trechos regulares de arbustos de goiabeira-d'água (*Campomanesia aromatica* e *Psidium striatulum* var. *striatulum*)⁴⁷, parecendo leitos de salgueiros inglês, margeavam o rio. As palmeiras, aqui muito mais numerosas do que no Essequibo, davam personalidade à paisagem.

A semelhante aparência da vegetação a um matagal murcho era, sem dúvida, particularmente devido à vizinhança com a savana, da qual estávamos nos aproximando; mas também, sem dúvida, em parte devido à seca anormal das estações anteriores, pois quando depois passei por este rio na alta estação chuvosa, o crescimento das plantas, pelo menos perto da foz, era muito mais exuberante, embora mesmo assim enormemente inferior ao do Essequibo.

Durante a estação chuvosa o Rupununi apresenta um cenário muito diferente. As margens, em vez de se apresentarem como barrancos de argila, ficam quase totalmente submersas; de modo que muitas vezes é difícil encontrar terreno seco suficiente para acampar. Em vez de um leito de rio quase seco, obstruído por muitas cristas de areia, com margens altas e cobertas de árvores, as cristas de areia então ficam nove metros submersas, e as árvores, que emergem diretamente da água da enchente, marcam sozinhas onde antes ficavam as margens do rio.

No primeiro dia de nossa jornada rio acima, viajamos muito e em um ritmo bastante rápido. Mas no segundo dia, os bancos de areia começaram a causar atrasos; e deste ponto eles aumentaram tão enormemente em tamanho e número, frequentemente cobertos por apenas três a cinco centímetros de água, e às vezes se estendendo para o outro lado do rio, que se tornaram um obstáculo muito sério ao nosso progresso. Era impossível flutuar as canoas grandes e pesadamente carregadas sobre eles. Às vezes, era possível arrastá-las à força, como em terra firme; mas, com mais frequência era necessário cavar um canal com os remos. Uma vez tivemos que esperar seis horas para cavar um canal através de um banco de areia de não mais de trezentos metros de largura; e assim, em algumas ocasiões, não avançávamos mil metros por dia. Esses tempos de espera tornaram-se quase insuportáveis devido à grande abundância da pequena mosca preta *kaburi*⁴⁸, chamada no Brasil de pium (*Simulium*). Do Atlântico até a foz do Rupununi, o país está completamente livre desses terríveis pequenos sugadores de sangue; mas neste rio eles abundam, como geralmente o fazem a oeste, especialmente nos rios do sistema amazônico. Onde quer que se fixem no corpo, forma-se uma pequena área arredondada de pele elevada, distendida pelo sangue, que é muito dolorida e incômoda. Os corpos nus dos Indígenas, cujas mãos estavam ocupadas com os remos, e que, portanto, não podiam se proteger, eram tão feridos por esses insetos que às vezes era difícil detectar qualquer pele sã. Onde esses insetos ocorrem, eles são muito mais incômodos do que os mosquitos, os quais, abundantes e quase universalmente distribuídos como são no litoral, têm distribuição muito local no interior.

Lentamente avançávamos por algum tempo, mas gradualmente menos progresso era feito a cada dia. O trabalho de cavar através dos bancos de areia e arrastar as canoas à força começou a pesar sobre os Indígenas, que ficavam cansados e desanimados. O pão de mandioca, quase essencial para a saúde e o bem-estar deles, havia novamente nos faltado; e alguns que, como a maioria dos Indígenas, eram robustos e nutridos, de repente e no decorrer de apenas um ou dois dias, tornaram-se tão magros que pareciam pouco mais do que pele e osso.

Um após o outro — doentes, cansados ou indolentes — nossos homens desistiram de trabalhar. Certa tarde, quando com infinitos esforços as canoas já haviam atravessado metade de um banco de areia em um amplo trecho do rio, os Indígenas declararam que não poderiam e não iriam avançar mais naquele dia; então, tivemos que andar rio acima por cerca de um quilômetro e meio até encontrarmos um local para acampar. Então, os homens falaram de um pequeno povoado chamado Morai⁴⁹, não muito longe de onde estávamos. Nós os enviamos lá para conseguir pão de mandioca, mas os mensageiros retornaram de mãos vazias. Eles haviam encontrado as cabanas, mas as pessoas estavam quase morrendo de fome, e deram mais relatos ameaçadores da fome que a longa e persistente seca havia causado na savana.

No dia seguinte, a crise chegou. Estávamos avançando lentamente, ainda mais devagar do que o normal, por cerca de duas horas, quando novamente ficamos emperrados em um banco de areia, de onde foi declarado ser totalmente impossível mover as canoas para frente ou para trás sem ajuda. Não havia nada a fazer a não ser formar um acampamento no mato e deliberar quanto ao próximo movimento.

Estávamos então a cerca de um dia de caminhada — a distância por terra sendo consideravelmente menor do que por água — de um considerável assentamento Macuxi chamado Quartama⁵⁰. Eddington, que na época era o mais forte do grupo, comprometeu-se a ir até esse assentamento, e lá, se possível, conseguir novos tripulantes, bem como um suprimento de provisões.

Esperamos quatro tediosos dias. Certa noite, quando o escurecer chegou, uma tremenda tempestade se abateu sobre nós e durou algumas horas. O lençol impermeável que eu usava como proteção contra as intempéries não era longo o suficiente para cobrir as linhas dos punhos de encordoamento da minha rede de algodão; e essas linhas, ficando encharcadas, funcionavam como condutoras de água até que toda a rede estivesse saturada. Ensinado pela experiência, depois achei melhor remover as linhas de encordoamento da rede, para reduzir seu comprimento o máximo possível e facilitar o trabalho de protegê-la. Não pode haver dúvidas de que a rede é o maior luxo possível para um viajante acampando; de modo que qualquer expediente que possa aumentar sua importância é digno de nota. Em outra noite, uma paca veio e lambeu a sopa de uma panela que estava embaixo da minha rede, a menos de 30 centímetros do meu corpo. Esses animais são frequentemente muito atrevidos à noite, quando ocasionalmente se aventuram até mesmo em casas Indígenas habitadas na busca de qualquer resto de comida que esteja

ao seu alcance. Esses foram literalmente os únicos eventos que quebraram a monotonia daquele período sombrio. No meio da quinta noite Eddington retornou com um grupo de Macuxis alegres e barulhentos, muito diferente do grupo desanimado que havia nos trazido tão distante. Ele também trouxe um abundante suprimento de mandioca, e a boa notícia de que um novo suprimento nos aguardaria em Quartama.

PRIMEIRO VISLUMBRE DA SAVANA

Nós começamos muito esperançosos o dia seguinte. Os novos homens trabalharam esplendidamente. O caráter da região também começou a mudar. Por algum tempo, uma faixa relativamente estreita de floresta em cada lado do rio nos separava solitária da savana; mas agora até mesmo essa faixa falhava em alguns lugares, e a savana aberta descia até o rio. Depois de ter estado confinado por quase dois meses em uma floresta densa e úmida, alcançar o campo aberto, avistar uma planície realmente ampla, e sentir uma brisa de verdade, pareceu nos dar uma nova vida. Assim, logo alcançamos a ‘beira d’água’ de Quartama.

O próprio assentamento, como de costume na região da savana, fica a vários quilômetros do rio. Mas multidões de Macuxis logo começaram a vir até nós. Felizmente, a clareira onde nosso acampamento estava era grande, pois todos os nossos visitantes trouxeram suas redes e evidentemente pretendiam passar a noite lá.

O local era bastante bonito. Um trecho de terreno elevado, no ângulo formado pela junção de um pequeno riacho com o Rupununi, havia sido parcialmente limpo, com somente esparsas árvores sendo deixadas, às quais redes poderiam ser amarradas. Acima dessas árvores solitárias, grandes grupos de palmeiras escandentes (*Desmoncus*)⁵¹ haviam se esgueirado e, alcançando o topo, entrelaçaram suas gavinhas em um denso emaranhado, de modo que o local estava completamente coberto por desgastadas folhas verdes de palmeira e frutos escarlates semelhantes a cachos de uvas.

O lugar logo se tornou densamente povoado por homens, mulheres, crianças, cães e aves domésticas; pois muitos dos Indígenas haviam trazido consigo todos os seus animais de criação. Debaixo de cada rede havia uma fogueira. Os homens — alguns poucos de boa aparência — carregavam colares com dentes de vários animais, contas e borlas de pele de pássaros, e usavam brilhantes coroas de penas. Eles geralmente eram finamente constituídos, e eram, em suma, um conjunto de fina aparência. Das mulheres, duas ou três das mais jovens eram realmente bonitas; outras haviam estragado sua aparência pintando largas mechas pretas, semelhantes a bigodes, sobre a boca e de orelha a orelha. Mas as velhas, como sempre entre os Indígenas, eram realmente horríveis. Quase todas as mulheres haviam trazido um bebê, bem como uma ou mais crianças mais velhas. Algumas mães carregavam seus bebês colocando um braço em volta do pescoço da criança, de modo que o pobrezinho ficava pendurado suspenso contra o corpo da mãe; outras, mais cuidadosas, carregavam seus bebês em pequenas redes suspensas em seus ombros. Bebês e crianças estavam todos completamente nus, exceto por um

colar, que cada um usava, e um pedaço de barbante amarrado ao redor do corpo acima dos quadris. Gostando de um ou dois desses colares, comecei a barganhar com as mães por eles. Um, feito de dentes de veado, era realmente muito bonito, e outro consistia em três magníficos dentes de onça-pintada. As mães, despojando seus filhos desses, suas únicas vestimentas, os deram em troca de feijões vermelhos; as pobres crianças gritaram e berraram até que, envergonhado da minha barbaridade, fiz as pazes dando-lhes algumas contas para si mesmas. Enquanto isso, mais Indígenas continuaram a chegar, até que todo o espaço disponível foi ocupado. Cada recém-chegado insistia em apertar as mãos, uma prática que, segundo nossos próprios homens, era costume entre os homens brancos.

Depois disso, o resto da nossa viagem de canoa transcorreu rápida e agradavelmente. O único inconveniente foi o crescente relato de fome nos povoados que nos alcançava, os quais agora se tornavam mais numerosos. Em Quartama, certamente encontramos abundância, mas em todos os outros lugares parecia haver grande escassez. Povoados inteiros estavam desertos e, em outros, onde alguns poucos idosos ou pessoas enfermas permaneceram, nada além de sementes de palmeiras e outras plantas eram comidos.

A mudança na paisagem continuou e se intensificou. Os locais onde a savana descia até o rio tornaram-se mais numerosos; e em nenhum lugar os dois eram separados por mais do que uma estreita linha de árvores. Em certo ponto, uma montanha, desprovida de árvores até o topo e com rochas brotando aqui e ali da escassa vegetação em suas encostas, proporcionava uma característica inteiramente nova à paisagem. Uma montanha, ou mesmo uma colina, é muito interessante na Guiana.

Certa noite, desembarcando em um riacho chamado Mopai, acampamos perto de um lago repleto de flores esplêndidas e folhas gigantescas do lírio-d'água real (*Victoria amazonica*). Tal cena, sob a suave, porém intensa luz noturna dos trópicos, é primorosa além de qualquer descrição. Ao redor do lago, havia uma muralha de floresta escura. Aves aquáticas abundavam, elegantes jaçanãs (*Jacana jacana*) corriam sobre as folhas do lírio, e uma dessas aves tinha um ninho em uma folha; bem acima, um voo de grandes cabeças-secas (*Mycteria americana*) passava em fila indiana para seu descanso noturno. Bandos de marrecas-caboclas (*Dendrocygna autumnalis*) alçaram voo, assobiando seu nome, 'vicissi-vicissi-vicissi'; e, uma questão mais prática, vários belos patos-do-mato (*Cairina moschata*) caíram sob as armas⁵².

DESEMBARQUE NO PIRARA

Por fim, no dia 22 de março, por volta do meio-dia, chegamos ao nosso destino desembarcando no Pirara, e assim alcançamos o limite da nossa jornada de canoa, tendo levado quarenta e nove dias para percorrer uma distância que, em circunstâncias normalmente favoráveis, deveria ser percorrida em cerca de vinte.

CAPÍTULO II

UMA VIAGEM NO INTERIOR (continuação)

A Savana - Assentamento Indígena em Kwaimatta - Visitantes Indígenas - Arma de Fogo - A Cidade de El Dorado - Chuva Após a Seca - Partida para o Brasil - Descendo o Tacutu - Forte São Joaquim - Fazendas de Gado - Volta para Casa - Atravessando o Lago Amaku - Os Rios na Estação Chuvosa - Um Assassino Notório - Enfrentando as Cachoeiras

ATRAVÉS DA SAVANA

Naquela noite, os Indígenas continuaram a disparar tiros para atrair as pessoas de Kwaimatta⁵³ e Karinambo⁵⁴, dois assentamentos, a quinze e vinte e quatro quilômetros de distância, respectivamente, através da savana. Eles eram necessários para transportar nossas mercadorias; pois nossos próprios homens, ao chegarem ao local de desembarque, consideraram suas obrigações encerradas. Ao amanhecer, os sons estridentes da música Indígena foram ouvidos à distância e ficaram cada vez mais altos. Então, os Macuxis começaram a chegar em grupos familiares, caminhando em fila indiana, muitos deles tocando flautas feitas de ossos de onça ou veado. Em cada grupo, os homens e meninos vinham primeiro, carregando apenas seus arcos e flechas; depois, vinham as mulheres, carregadas com as redes e outros pertences de todo o grupo. Ao se aproximarem de nossa cabana, que ficava a alguma distância da beira da água, os homens entraram e conversaram conosco, enquanto as mulheres ficaram do lado de fora, em um grupo tímido e risonho. Passado pouco tempo todo o grupo desceu até o rio, onde estava nossa bagagem; e quando voltavam, as mulheres estavam sempre mais pesadamente carregadas do que os homens. Isso continuou em intervalos ao longo do dia, e novamente cedo na manhã seguinte; de modo que, eventualmente haveria provavelmente cerca de sessenta Macuxis no total.

Quando a última carga foi levada, nós mesmos começamos a caminhar para Kwaimatta, que seria nosso quartel-general por alguns meses. A savana ondulante é organizada principalmente em cumes, colinas e vales paralelos, às vezes grandes e às vezes pequenos, que se sucedem rapidamente. O solo muda frequente e abruptamente; às vezes é turfoso (*pegasse*)⁵⁵, às vezes duro e impregnado de ferro, às vezes cascalhoso, às vezes arenoso. Mas, qualquer que seja sua natureza, o solo, nas colinas, é um tanto escassamente coberto por uma relva áspera, da qual se erguem alguns arbustos crestados pelo sol e vergados pelo vento. Mas nos vales úmidos, dos quais alguns são meras faixas, repousando entre as cristas de terrenos mais altos, enquanto outros são vastas planícies perfeitamente niveladas, com muitos quilômetros de extensão, a relva é alta e luxuriante; e essas planícies são embelezadas por grupos e florestas de palmeiras buriti⁵⁶ (*Mauritia flexuosa*), cada uma com sua requintada coroa de folhas verdes em leque, eretas acima da franja pendente das folhas mais velhas e murchas. O terreno elevado é pontilhado

por todos os lados por enormes ninhos de formigas ou cupins, de 30 cm a 3 metros de altura, construídos de argila amarela e parecendo pilhas de feno muito pontiagudos. Às vezes, novamente, mas em longos intervalos, erguem-se casas Indígenas abobadadas, cobertas de palha de palmeira, parecendo palheiros. Como pano de fundo para tudo isso, ao longe, à direita, está a serra de Pacaraima, e à esquerda, as montanhas de Kanuku⁵⁷.



Quadro 7 - ‘Karanakru’ no texto original de im Thurn, corresponde atualmente a ‘Karinambo’ (ou Karanambo), um povoamento que fica situado muito próximo de Kwaimatta, seguindo rio acima no Rupununi.

Fonte (imagem): Ilustração de Karinambo obtida do livro ‘Canoe and Camp Life in British Guiana’ de Charles Barrington Brown (1876), p. 333.

Ao final de nossa caminhada para Kwaimatta, não foi nada agradável constatar que não só a comida, mas também a água, estavam terrivelmente escassas. Em épocas normais, haveria um suprimento suficiente desta última em um pequeno rio que corre ao pé da colina onde Kwaimatta se ergue. Mas nesta estação extraordinária, em apenas um poço havia um pouco de água, espessa e branca como leite de argila, e desagradavelmente contaminada com ferro.

Kwaimatta fica em terreno elevado, a menos de oitocentos metros do extinto assentamento do Pirara, que há quarenta anos foi palco de uma disputa entre os governos inglês e brasileiro. Um ou dois anos antes desse evento, um Sr. Youd⁵⁸, clérigo da Igreja Episcopal, havia se estabelecido como missionário em Pirara. Mas os brasileiros, que às vezes faziam vagas reivindicações sobre aquele distrito, foram instigados por um padre brasileiro, Frei José dos Santos Inocentes⁵⁹, a fazer valer sua reivindicação e, ao mesmo tempo, destruir a missão protestante. Uma força brasileira foi enviada do forte fronteiriço de São Joaquim, e o padre acompanhou os soldados. O missionário inglês retirou-se por um tempo para outra estação, mas uma companhia de tropas inglesas foi enviada de Georgetown para reintegrá-lo, e ele retornou para o Pirara. Os ingleses, ao chegarem, ergueram uma fortificação que ainda hoje marca o sítio do Pirara e, entrincheirando-se nela, aguardaram alguns dias. Os brasileiros, enquanto isso, observavam. Por fim, sem se confrontarem, ambas as partes concordaram em se retirar, deixando a questão da posse da savana para ser resolvida pela diplomacia. A disputa ainda permanece nesse ponto.

Enquanto isso, o Sr. Youd retornou ao Pirara, mas foi novamente forçado a se retirar, devido a problemas de saúde, causados, segundo os Indígenas, por

veneno; e em pouco tempo morreu. Os Indígenas do Pirara, desgostosos da perturbação a que haviam sido submetidos tanto por brasileiros quanto por ingleses, mudaram-se, e não resta mais nenhum vestígio do local, exceto as partes da igreja da missão e uma fortificação já mencionadas. Em seu lugar, depois de algum tempo, surgiu Kwaimatta.

Este, que é um dos maiores assentamentos da savana, consiste em dez casas, todas ovais ou redondas. Estas, como sempre na savana, não são meros galpões abertos, como na floresta, mas têm paredes muito grossas de pau-a-pique e barro, encimadas por altos telhados cônicos de palha de palmeira. Os ventos muito frios que sopram pela savana à noite provavelmente induziram a construção dessas paredes. Outra característica distintiva das casas Indígenas na savana é que não há sinais de cultivo ao redor delas.

No início, os constantes ataques de febre e a dificuldade de nos locomovermos em uma região assolada pela fome impediram-nos de empreender quaisquer expedições distantes; mas havia muito interesse mesmo nas imediações.

As casas dos Indígenas eram sempre interessantes, e os próprios Indígenas, depois de um tempo, quando sua reserva diminuía um pouco, mostravam-se suficientemente comunicativos e, às vezes, até hospitaleiros demais. Quando entrávamos em uma casa, uma das mulheres geralmente enchia uma cabaça com pajuarú⁶⁰, uma bebida alcoólica cuja preparação horrível será descrita em breve, de um jarro pousado em algum lugar sombrio no fundo da casa, e nos oferecia. A etiqueta exige a oferta, e a etiqueta demanda que o visitante deveria finalizar a horrível bebida até a última gota. Intencionado a estabelecer relações amigáveis com as pessoas, frequentemente me vi obrigado a passar por essa provação desagradável; pois, depois dela, me permitiam andar pela casa, manusear todas as coisas e fazer inúmeras perguntas.

VISITANTES INDÍGENAS

Em outras ocasiões, os Indígenas costumavam retribuir nossas visitas, vindos com esse propósito não apenas de Kwaimatta, mas também de lugares muito distantes. Alguns vinham meramente por curiosidade; outros vinham para negociar. Essas visitas eram frequentemente muito curiosas. Nossos bens estavam espalhados no chão; os Indígenas, por sua vez, traziam provisões, redes, pássaros e animais domesticados, ou espécimes de suas manufaturas, vestimentas e ornamentos. Muitas vezes, porém, eles simplesmente ficavam sentados por horas, sem falar, mas observando nossos menores movimentos. Um dos visitantes mais notáveis veio de uma parte das montanhas Kanuku, a cerca de 24 quilômetros de distância. Nossa casa era construída sobre pilares, e uma escada rústica dava acesso a ela. Certa manhã, esse homem, subindo de repente pela escada, ficou ereto, com sua arma na mão, muito parecido com a postura de um soldado em posição de descanso. Ele era baixo, robusto e bem constituído; seu cabelo, ao contrário dos de seus companheiros de tribo, era desgrenhado e estava preso por uma fita de algodão. Era também o único Macuxi que eu já havia visto com

um bigode bem definido. Durante quase uma hora, permaneceu parado, sem alterar sua posição, sem mover um músculo ou dizer uma palavra. Simplesmente ficou ali, imóvel, olhando fixamente. Então, virou-se, desceu os degraus em disparada e foi imediatamente para casa.

Alguns dos nossos visitantes mais frequentes acabavam se acostumando conosco e, não raramente, se aventuravam a fazer piadas. Certa vez, em especial, um grupo deles ficou bastante impressionado com a quantidade de pelos nas panturrilhas de minhas pernas — as deles eram completamente desprovidas de pelos — e um deles foi embora e voltou com um bebê de poucas semanas de vida, e a cabeça da criança foi então segurada próxima da minha perna, e houve muitas zombarias sobre a semelhança entre o couro cabeludo dela e a minha pele.

Frequentemente, os Indígenas traziam suas armas para conserto. Estas eram em sua maioria armas de fogo baratas, de qualidade muito inferior, fabricadas na Inglaterra para o comércio com os selvagens. Não fosse o Indígena tão cauteloso com mercadorias tão escassas, usando apenas três ou quatro tiros e uma quantidade muito pequena de pólvora na carga, explosões e consequentes ferimentos nos Indígenas seriam o resultado frequente do uso dessas armas. Quão cuidadosamente um Indígena usa sua arma é bem ilustrado pelo fato de eu ter conhecido uma dessas armas que continuava em uso mesmo depois que seu pino de espoleta ter sido perdido e substituído por um pedaço de lata de sardinha dobrada.

EL DORADO

Às vezes, logo após o nascer do sol e antes que ele esquentasse, eu caminhava até o topo da colina onde Kwaimatta se ergue, e lá me sentava. Abaixo, aos meus pés, estendia-se uma vasta e plana planície coberta por grama luxuriante e outras plantas de baixo crescimento, como as que revestem as pequenas áreas úmidas das terras mais altas. Na longa distância a planície era delimitada pelas cristas das montanhas de Pacaraima, que naquele momento estavam bem escondidas por densas nuvens brancas. Gradualmente, as massas dessas nuvens se ergueram, e apenas uma linha longa, irregular e interrompida de névoa branca opaca permaneceu, marcando onde as montanhas se erguiam da planície. Logo o sol começou a brilhar com força e iluminou cada ponto fantástico e saliente dessa névoa baixa, até que tudo parecesse uma cidade de templos e torres, coroada com pináculos e minaretes dourados.

A planície plana aos meus pés era o chamado Lago Amaku⁶¹ ou Parima, e a cidade de nuvens cintilantes ficava no suposto local da lendária cidade dourada de El Dorado ou 'Manoa'. Manoa, como Raleigh⁶² escreveu sobre ela, *'a cidade imperial da Guiana, que os espanhóis chamam de El Dorado, que pela grandeza de suas riquezas e pela excelente localização, excede em muito qualquer outra do mundo; pelo menos, grande parte do mundo como é conhecido pela nação espanhola; está fundada sobre um lago de água salgada de 200 léguas de comprimento, semelhante ao Mar Cáspio'*.

O chamado lago é durante quase todo o ano uma planície seca, onde fileiras de palmeiras de buriti marcam o curso de riachos, cujo transbordamento em estações muito chuvosas forma o ‘lago’. Enquanto eu o observava naquela manhã, o último resquício da névoa se dissipou, e a cidade uma vez mais desapareceu da minha vista, assim como desapareceu da crença do mundo.

Muitas outras coisas vistas durante esse tempo me ocorreram; especialmente a beleza gloriosa das montanhas de ambos os lados, conforme pareciam realçadas e coloridas à noite sob a luz intensamente clara do entardecer. Mas não há espaço suficiente para falar mais sobre esses assuntos.

Foi também nessa época que me coloquei nas mãos de um pajé Indígena, ou curandeiro, e tive uma experiência com o método de cura empregado por esse povo; mas sobre isso terei que dar um relato em outra ocasião.

Por algum tempo após nossa chegada a fome aumentou. Onde quer que fôssemos, ou as casas estavam desertas, ou as pessoas viviam de sementes de palmeira, lagartas e formigas, e nós mesmos, frequentemente, ficávamos sem um pedaço de pão de mandioca ou qualquer outro alimento vegetal. Mas justamente quando as coisas estavam no pior, e era quase impossível obter comida para sustentar a vida, a chuva finalmente chegou. O efeito sobre a savana foi maravilhoso; pois no dia seguinte ela começou a parecer verde, brilhante e alegre. A relva cresceu como por mágica, e flores cresceram entre ela; especialmente uma bela e grande flor-de-ervilha (*Clitoria guianensis*)⁶³ - de cor lilás, com um forte perfume de cravo-da-índia; um pequeno lírio amarelo semelhante a um tipo de açafraão (cf. *Utricularia stellaris*)⁶⁴ florescendo perto do chão; e onde a relva crescia mais, grandes lírios gêmeos brancos (*Hippeastrum elegans*)⁶⁵ erguiam suas cabeças. Até mesmo os lugares pedregosos e mais áridos eram iluminados por um grande número de flores amarelas, semelhantes ao verbasco (*Byrsonima verbascifolia*). A maior abundância e as condições mais agradáveis nos revitalizaram e possibilitaram estender nossas excursões.

No início de maio, Eddington e eu iniciamos a visita ao forte fronteiro de São Joaquim, em território brasileiro. Naqueles arredores existem grandes fazendas de gado pertencentes ao governo brasileiro, e eu estava muito ansioso para vê-las. Tivemos alguma dificuldade em conseguir homens para nos acompanhar como guias e carregadores; pois os Indígenas da savana inglesa, lembrando-se de que, não há muitos anos, os brasileiros tinham o hábito de capturá-los e escravizá-los, não tinham muito interesse em se aventurar através da fronteira. A dificuldade foi, entretanto, finalmente superada e partimos.

INDÍGENAS NIKARI-KARU

Três dias caminhando através de uma savana quase desabitada – ora ondulada, ora uma planície imensa e perfeitamente plana – nos levaram, depois de atravessar vários rios pequenos, entre eles o Nappi⁶⁶, próximo à sua nascente, a Euwari-manakuroo, um assentamento de Indígenas Nikari-karu, não muito longe do rio Tacutu, que por alguma distância separa os territórios britânico e brasileiro. Ali,

esperávamos que o chefe do lugar, um Nikari-karu apelidado de ‘*Chirura*’, ou ‘calças velhas’ – por causa de suas roupas –, fosse conosco como guia e intérprete. Também queríamos pegar emprestado uma de suas canoas para descer o Tacutu. Em ambos os intentos, tivemos sucesso; mas tínhamos, como de costume, que esperar alguns dias antes de conseguirmos que Chirura se movesse.

Nossa estadia, no entanto, não foi desagradável. O assentamento era de três casas muito grandes, cada uma abrigando várias famílias, erguidas na savana aberta, em terreno elevado, a menos de um quilômetro e meio da extremidade oeste das montanhas Kanuku, cujas encostas acidentadas são densamente cobertas com floresta. Descendo as montanhas, há uma cachoeira de tamanho considerável, cujo som nos alcançou até as casas. As pessoas do lugar são bem heterogêneas; pois entre os Nikari-karus havia vários Macuxis, bem como uma Piriana⁶⁷, uma mulher indescritivelmente gorda e, conseqüentemente, especialmente em seu estado despido, inexprimivelmente feia.

Muito pouco se sabe sobre os Nikari-karus, que são um grupo mal definido de híbridos entre o português brasileiro, por um lado, e os Indígenas, possivelmente Wapichana⁶⁸, por outro. Sua língua é uma forma muito corrompida do português, que, como descobrimos quando levamos Chirura conosco como intérprete para o Brasil, era quase ininteligível para falantes de português puro. Talvez o mais impressionante sobre eles seja o hábito, que alguns deles adotaram de várias tribos Indígenas brasileiras, de limar cada dente até uma ponta afiada, dando assim aos seus rostos uma expressão mais selvagem e hedionda. Já mencionei várias outras peculiaridades desse povo; mas posso acrescentar aqui que eles também diferem da maioria dos outros Indígenas da Guiana pelo hábito de viver em casas grandes, com várias famílias juntas.

As crianças de Euwari-manakuroo, talvez por causa do sangue europeu em suas veias, brincavam e cantavam de um jeito infantil, muito incomum entre Indígenas de sangue puro; e as mulheres até participavam das brincadeiras, o que é um costume ainda mais incomum. Ao anoitecer as mulheres e as crianças às vezes se agarravam uns aos outros e, agarrados um atrás do outro, marchavam ao redor da casa cantando e dançando. Fiquei especialmente atraído por um divertido garotinho de cerca de cinco anos, que vi pela primeira vez acorado, como se estivesse no topo de uma colina, sobre uma carapaça de tartaruga duas vezes maior que ele, com os joelhos dobrados até o queixo, fumando solenemente um longo cigarro de casca de árvore.

Um ponto de interesse nesta vizinhança era a ocorrência relativamente frequente de machados de pedra e outros instrumentos semelhantes. Instrumentos de pedra, embora não mais usados na Guiana, podem ser encontrados em maior ou menor abundância por todo o distrito.

Finalmente, após quatro dias de estadia, desembarcamos. As duas ou três pessoas de Euwari-manakuroo que vieram conosco deram às suas esposas cordões com ‘nós’, ou *quipus*⁶⁹, cada nó representando um dos dias que

esperavam passar fora, e o cordão inteiro formando assim um calendário a ser usado pelas esposas até o retorno de seus maridos.

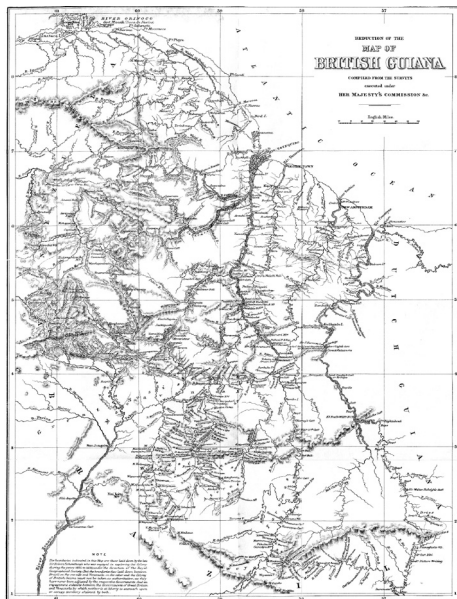
Descendo para Yarewah⁷⁰ no Tacutu, encontramos as duas canoas que havíamos contratado e, de lá, iniciamos uma vez mais uma jornada fluvial. Mas agora, em vez de estarmos em um rio do sistema Essequibo, estávamos descendo a bacia hidrográfica do Amazonas. O Tacutu corre para o rio Branco, este para o rio Negro, e este para o Amazonas, em Manaus. De Yarewah, a fronteira entre os territórios brasileiro e britânico passa ao longo do Tacutu, até que este rio se junta ao Surumu-Cotingo, que flui do Norte, e acima do qual passa a linha de fronteira. Esta é a linha traçada pela comissão de fronteiras sob Sir Richard Schomburgk por volta de 1840, e é realmente aceita por ambas as nações, apesar das vagas reivindicações que, como eu disse, foram feitas pelos brasileiros sobre as terras entre o Tacutu e o Rupununi. O comandante de São Joaquim, um cavalheiro brasileiro educado, e dirigente oficial residente naquela fronteira, em sua conversa reconheceu plenamente a linha divisória assim descrita. Fui levado a falar tanto sobre este assunto porque esta parte da fronteira é geralmente mal estabelecida até mesmo nos atlas ingleses padrão; e é muito desejável que esta, bem como a linha divisória entre a Guiana Britânica e a Venezuela, deva ser representada mais corretamente.

Remamos suavemente descendo o Tacutu, que é um rio de tamanho considerável, avistando ocasionalmente uma das muitas tartarugas que se deitavam, se aquecendo ao sol, nos troncos à beira do rio, ou um íbis⁷¹ que se alimentava em uma das inúmeras cristas de areia. A jornada nos levou, por dois dias, passando pela foz dos rios Ireng⁷² e Surumu-Cotingo; por muitos bandos de belos colhereiros rosados; por botos, que nossos homens diziam serem ‘omars’, ou mulheres da água, que ‘usavam vestimentas’; por peixes-boi, que se aventuravam rio acima, até os do Amazonas, mesmo tão distantes quanto este; por feios iguanas-verde subindo nas árvores da margem; passando por altas margens semelhantes a penhascos, coroadas por longas fileiras de lírios brancos (*Hippeastrum*)⁷³, bem definidas contra o céu; e por longos trechos de barrancos cobertos de arbustos, densamente emaranhados com coroas de flores-da-paixão⁷⁴, naquela época pesadamente carregadas de grandes flores roxas. No terceiro dia o rio havia se tornado consideravelmente mais largo, e o rio Branco surgiu diante de nós, com o Tacutu desaguardo nele quase em ângulo reto. À esquerda, no ângulo formado pela junção dos dois rios, a margem alta era coroada por um pequeno forte de pedra. Era o Forte São Joaquim, o nosso destino.

FORTE SÃO JOAQUIM

Este forte foi construído há mais de um século pelos portugueses. Consiste meramente de uma construção com dois cômodos, sob a qual há uma cela, enquanto uma muralha circunda todo conjunto. Quando Schomburgk visitou o local por volta de 1840, encontrou uma missão Jesuíta⁷⁵ com uma capela e algumas casas. Mas estas já desapareceram, restando apenas o forte e um

conjunto de cabanas baixas que servem como alojamentos para os soldados permanentes. Por muitos anos o forte tem sido mantido mal conservado e, como agora ele está completamente inútil como posto militar, as autoridades brasileiras estão dizendo que pretendem abandoná-lo. Certamente já passou da hora; os portões nunca são fechados – na verdade, apenas um deles resta; nenhuma sentinela anda pelas muralhas, nenhuma corneta jamais soa.



Quadro 8 - Neste trecho do texto, Everard im Thurn está se referindo à chamada 'Linha Schomburgk', uma linha de fronteira proposta por Robert Schomburgk, naturalista alemão a serviço do Império Britânico, em meados dos anos 1840. Essa 'linha' passou por vários embates ao longo de quase todo o século XIX pelos representantes das relações exteriores de Venezuela, Brasil e Guiana Britânica (hoje Guiana).

Fonte (texto): Nabuco, J. 1903. Fronteiras do Brasil e da Guyana Inglesa: o direito do Brasil (Primeira Memória). Typographia Lahure, Paris.

Fonte (imagem): Linhas fronteiriças da Guiana Britânica no mapa do 'Scottish Geographical Magazine' (1896). Disponível sob Domínio público em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=604986>>.

O comandante nos recebeu com a maior hospitalidade. Ele se voluntariara para servir naquele lugar solitário na esperança de conhecer alguma coisa dos Indígenas, pelos quais nutria grande interesse; mas seu vizinho branco mais próximo – pois os homens que formavam a guarnição eram todos negros – ficava a muitos dias de viagem, e sua única comunicação com o mundo exterior era por meio de um vapor que sobe o rio Negro em intervalos muito raros, ou por canoas Indígenas. Ele estava no forte havia apenas seis meses, mas estava, não de forma anormal, já um tanto cansado do lugar.

FAZENDAS BRASILEIRAS DE GADO

Após passar um dia e uma noite muito agradáveis com o comandante, que forneceu um relato muito interessante sobre as fazendas, abrigando muitas milhares de cabeças de gado que ficam ao redor do forte, regressamos para casa, intencionando visitar algumas delas em nosso caminho.

O gado nessas fazendas é deixado quase inteiramente à natureza. As fazendas foram estabelecidas por volta do final do século passado, mas foram abandonadas, com o gado sendo dispersado pela savana durante os tempos revolucionários. Quando a ordem foi restaurada, o gado, que enquanto isso havia se multiplicado enormemente, não foi reunido novamente; a maior parte foi permitida a vagar e procriar onde quisesse. Uma vez por ano, um certo número dos mais jovens desse gado selvagem é conduzido ao curral fortemente cercado que forma o ponto central de cada uma das gigantescas fazendas em que essas savanas são divididas. Esse gado apreendido, depois de ser marcado, é solto todos os dias, mas é conduzido de volta ao curral à noite. De vez em quando, um grande número deles é levado pelo rio Branco até Manaus, a cidade brasileira mais próxima, e de lá é distribuído ao longo do Amazonas. Grande parte do gado também é abatido nas fazendas; a carne, depois de cortada em fatias finas, é levemente salgada e seca ao sol, sendo então transportada para o Amazonas e lá vendida.

Na fazenda central do distrito reside um funcionário do governo, que é responsável por todo o gado de seu distrito. Seus únicos assistentes são alguns poucos vaqueiros, alguns dos quais são brasileiros de uma classe baixa, alguns são mestiços de brasileiros e Indígenas, mas o maior número é de Indígenas do distrito. A maior parte do trabalho desses vaqueiros é feita no lombo de pequenos, mas fortes cavalos, que, quando não em uso, vagam livremente pela savana. Toda a comida necessária é produzida no local. Para carne, os homens podem abater um certo número de cabeças de gado para seu próprio uso, e o leite, que, no entanto, como sempre no caso de qualquer gado não completamente domesticado, é muito pouco em quantidade, está à sua disposição. A caça, especialmente o veado, é abundante. A mandioca é cultivada nas fazendas principais, onde é transformada em farinha, uma farinha grosseira, mas excelente e muito nutritiva, que é distribuída duas vezes por mês aos homens de todas as fazendas. Vegetais, como inhames, batatas e bananas, e frutas são pouco cultivados, exceto nas roças dos Indígenas, onde, no entanto, eles florescem tão bem que poderiam ser cultivados com vantagem em outros lugares.

Algumas estatísticas publicadas pelo Governo Brasileiro em um relatório do país, impresso em conexão com a Exposição da Filadélfia de 1876, dão uma ideia do lucro obtido com essa indústria.

De todos os ramos da indústria, o mais lucrativo, e o que adquiriu mais importância, é a criação de gado com chifres ... A criação de gado é confiada inteiramente à natureza; o criador não faz nada, mas recebe os lucros; todo o trabalho consiste em reunir o gado de vez em quando e colocá-los em lugares apropriados, chamados 'rodeios'⁷⁶, para marcar os bezeros; neste trabalho os Indígenas mestiços são geralmente empregados por baixos salários de 10\$000 por mês⁷⁷.

Pode-se ter uma ideia da importância desta indústria a partir de estatísticas oficiais que mostram que no ano de 1873-74, a província de S. Pedro do Rio Grande do Sul exportou 23.860.636 quilos de carne seca, no valor aproximado de 6.000:000\$000'.

'A criação natural de gado bovino no Brasil gera lucros consideráveis, não apenas porque o investimento é limitado, mas porque as despesas correntes são pequenas, como se verá na demonstração a seguir'.

'Um pasto de 9.000.000 de metros quadrados pode facilmente abrigar 1.000 cabeças de gado, para as quais dois homens são suficientes; estes são geralmente conhecidos pelo nome de campeiros ou vaqueiros. Esse número de cabeças de gado produz geralmente cinquenta bois e o mesmo número de vacas por ano'.

'O valor médio de um boi é 20\$000, e o de uma vaca é 10\$000; o resultado, portanto, do trabalho de dois vaqueiros será de 1.500\$000 por ano, o que igual, se não mais do que, o mesmo número de trabalhadores pode ganhar nas melhores plantações. Se, no entanto, considerarmos que as pradarias [savanas] mais adequadas a esta indústria, situadas no interior das províncias, são geralmente muito menos valiosas do que as terras nos distritos cafeeiros, ou aquelas aptas para a cana-de-açúcar; que o preço do gado nos distritos de criação é muito baixo; que a criação de gado não requer muitos trabalhadores; e que o custo de transportar o produto para o mercado é pequeno, visto que são guiados até lá e não transportados — veremos que no Brasil nenhuma indústria pode ser comparada a esta'¹.

Ora, como tem sido dito, cerca de 36.500 quilômetros quadrados dessas savanas deste lado do alto dos rios Tacutu e Surumu-Cotingo estão dentro do nosso território. Provavelmente, a única diferença entre as planícies inglesas e brasileiras é que nas primeiras, terrenos elevados e colinas isoladas são mais comuns do que nas últimas.

A vida de um criador de gado nessas savanas certamente não seria desagradável para muitos que não encontram trabalho mais perto de casa. Alimento para o gado há em abundância; e alimento para o homem pode, com pouco esforço, ser igualmente abundante. Mandioca, inhame, bananas e frutas florescem. Caça, como veado, porco-do-mato, pássaros e peixes, é abundante. Um certo número de cabeças de gado criadas também forneceria mais alimento. Mão de obra suficiente também poderia ser obtida. Existe abundância de Indígenas vivendo no distrito, atualmente ociosamente, mas que, como eles são da mesma tribo, ou pelo menos aparentados, daqueles Indígenas que fazem o trabalho nas fazendas brasileiras, poderiam com cuidado e gentileza ser transformados em vaqueiros úteis; e cavalos, que seriam necessários para conduzir o gado semi-selvagem, poderiam prontamente ser adquiridos do lado brasileiro da fronteira.

CONDUZINDO O GADO

A única dificuldade real no caminho para o estabelecimento de tais fazendas de gado é a de levar os produtos para a cidade. A distância entre Georgetown e as savanas inglesas é provavelmente igual à entre Manaus e a mais remota fazenda brasileira nos rios Branco e Tacutu; mas os rios do nosso lado da bacia hidrográfica, que aqui praticamente divide os territórios inglês e brasileiro, são

¹ *The Empire of Brazil at the Universal Exhibition of 1876 in Philadelphia*, pp. 264 et seq.

mais rochosos e difíceis de navegar do que aqueles do outro lado parecem ser. Isso, é claro, ofereceria pouco obstáculo ao transporte de carne seca ou de outra forma de carne desidratada ou salgada; mas haveria considerável dificuldade em levar gado vivo para a cidade, exceto durante o auge da estação chuvosa, até que uma estrada fluvial para grandes barcos de fundo chato, tais como aqueles usados para transporte de gado nos rios brasileiros, tenha sido limpa com a explosão das rochas nas piores cachoeiras, ou até que uma estrada tenha sido aberta na mata. Construir tal estrada provavelmente estaria além da iniciativa privada, a menos que fosse em grande escala; mas se alguma vez o trabalho de *'abrir o país'* for seriamente empreendido pelo Governo, um dos seus primeiros atos deve ser construir uma ou outra dessas rodovias.

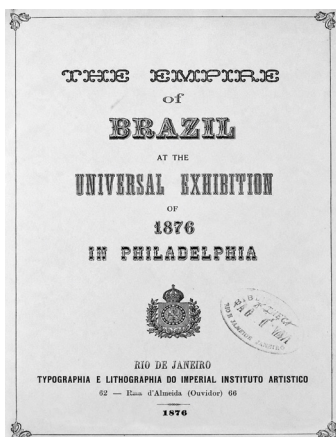
Nossa primeira parada depois de deixar São Joaquim foi na fazenda anexa ao forte. Estava sob a responsabilidade conjunta de um venezuelano de aparência rude e do Macuxi mais altamente civilizado que já vi; e esses dois eram auxiliados pelo filho deste último, que, por falar macuxi e português fluentemente, parecia compartilhar a inteligência do pai, mas, por ter os dentes limados e pintados à maneira Indígena, parecia não ter rejeitado inteiramente a barbárie.

Estávamos com grande necessidade de carne e farinha, que tínhamos esperanças de encontrar naquele lugar, de modo que não foi agradável saber que nenhuma delas estava disponível naquele momento. No entanto, nossa oferta de pólvora, chumbo e cartuchos induziu os Macuxis a trazerem uma pequena quantidade de farinha, e logo depois o venezuelano se ofereceu para nos vender uma ou mais cabeças de gado. Esta oferta foi imediatamente aceita, e o preço de um novilho foi fixado em cerca de 350 gramas de pólvora.

Ambos os caseiros da fazenda imediatamente se prepararam para conduzir o gado a um dos dois enormes cercados ou currais de madeira que estavam à nossa frente. Cada um suspendeu seu chicote, todo ele, cabo e chibata, feito de uma longa peça de couro cru trançado, em volta de sua mão direita e, montando em seu cavalo, que estava ao lado, prontamente equipado com uma alta sela espanhola de madeira, partiu; e fomos deixados para fumar e contemplar a cena. Não fosse a cabana contra a qual nos encostamos, e os dois currais, em cujas grades estavam empoleirados muitos abutres expectantes, a cena poderia ter transcorrido em qualquer parte desabitada da savana. Havia a mesma relva rala crescendo em um solo pedregoso, entre os quais muitas pequenas pedras estavam espalhadas aqui e ali; havia os mesmos arbustos dispersos e de aparência rija; e ao longe, o cenário de fundo nada incomum de montanhas. A propósito, foi de um lugar chamado pelos Indígenas de Toucana⁷⁸, em algum ponto entre essas montanhas, que obtive muitos exemplares de cabeças de machado de pedra, e os Indígenas me garantiram que elas são abundantes ali.

Quando nos cansamos daquela cena entramos na cabana, que encontramos ocupada por duas mulheres macuxi. Uma delas era uma garota do tipo habitual, mas a outra era uma Indígena de aparência mais velha que eu já vi. Seu cabelo

muito ralo tinha a cor cinza opaca da qual, ao invés de branco, o cabelo de um Indígena se transforma na velhice. Sua única roupa era o habitual ‘*queyu*’⁷⁹, uma pequena tanga de contas. Quando a garota me ofereceu um pouco de farinha fervido em leite, a velha senhora se irritou e, conseguindo sair de sua rede, cambaleou em nossa direção com a ajuda de uma grande vara. Mas o leite e o farinha estavam muito bons para quem havia se alimentado pobremente por algum tempo, e eu os comi a despeito dos protestos.



Quadro 9 - O relatório ao qual im Thurn se refere é o 'The Empire of Brazil at the Universal Exhibition of 1876 in Philadelphia', publicado em 1876, pela Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico (Rio de Janeiro). Everard im Thurn aproveita vários trechos desse documento para exemplificar a importância da indústria da criação de gado bovino no Brasil e, como poderia se desenvolver e ter altos rendimentos nas áreas de savana da fronteira da então Guiana Britânica.

Fonte (texto e imagem): Disponível em <https://dn790001.ca.archive.org/0/items/empireofbrazilat00braz_2/empireofbrazilat00braz_2.pdf>.

O som do batimento de muitos pés agora indicava que o gado estava próximo, e isso ficou cada vez mais alto até que, finalmente, rebanhos de bovinos, variando apenas na cor, do pardo ao preto, surgiram galopando desajeitadamente de vários pontos, tropeçando e mugindo por entre os arbustos. Os animais foram habilmente mantidos juntos pelos condutores montados, e em poucos minutos, quatrocentas cabeças de gado foram confinadas em um curral, grande o suficiente apenas para comportar aquele número. Os movimentos desajeitados de uma multidão de nosso próprio gado doméstico, mesmo quando conduzidos ou assustados, pode não dar ideia das convulsões frenéticas movendo essa massa de animais semi-selvagens. O barulho, também, era ensurdecedor.

Os condutores desmontaram, e o venezuelano, aparentemente sem o menor problema, lançou seu laço trançado de couro cru sobre os chifres de um belo touro preto jovem, que havia sido selecionado, e que foi então retirado da massa agitada de seus companheiros. O pobre animal foi muito rapidamente derrubado com uma machadada e, em seguida, esfaqueado no coração. Essa maneira rápida de infligir a morte, receio, nem sempre é praticada nessas fazendas, onde dizem que a carne não pode ser macia a menos que o animal tenha sido sangrado até a morte.

Quando isso terminou já era tarde demais para prosseguir naquele dia, então penduramos nossas redes em uma casa vazia à beira do rio. Durante toda a noite, fogueiras, sobre as quais havia grelhas carregadas de carne, queimaram, mas, como nunca acontecera em nenhuma outra ocasião quando havia carne à vista, tive duro trabalho para fazer os Indígenas manterem as fogueiras acesas; pois essas pessoas não comem carne bovina.

No dia seguinte partimos tardiamente e, com a correnteza correndo muito forte contra nós, só ao meio-dia do dia seguinte alcançamos Anaikim⁸⁰, ou, como os portugueses a chamam, Santo Antônio, a fazenda mais alta do Tacutu, ocupando o ângulo formado pela junção desse rio com o Surumu-Cotingo. A fazenda é muito semelhante à já descrita, mas a casa, de taipa e com uma varanda, é de um tipo muito melhor e está situada a uma longa distância do rio. Há, no entanto, um abundante suprimento de água disponível em uma curiosa série de longos lagos, que parecem vestígios de um antigo curso do rio Surumu-Cotingo. A fazenda é mantida por três jovens brasileiros, de classe muito superior à dos homens da Fazenda do Forte; mesmo um deles, no entanto, tinha seus dentes afiados em pontas.

GADO SELVAGEM

Estou inclinado a pensar que foi nesta fazenda que um viajante anterior^{II} viu, como ele pensava, rebanhos de gado selvagem. Foi certamente nesta vizinhança que esse gado foi avistado; e como esse escritor não menciona a fazenda de Anaikim é provável que ele não soubesse de sua existência. O gado vagueia por longe e, como tem sido dito, quase livre, e mesmo, quando a água está baixa, eles atravessam o Surumu-Cotingo e precisam ser resgatados por seus donos brasileiros do território inglês. Aquele viajante, que por acaso visse tal gado em uma vizinhança onde ele sabia não existir qualquer fazenda, deveria pensar que os animais eram selvagens e não era um erro anormal.

Por muitos dias havia chovido incessantemente e, como nós estávamos geralmente sem abrigo, dia e noite, ficamos muito ansiosos para voltar a Kwaimatta o mais rápido possível. Subindo novamente o Tacutu, chegamos à foz do rio Ireng ou Mau, e subimos por ele, com o propósito de forçar nosso caminho de volta para casa subindo o Pirara, um pequeno rio, então bastante avolumado pelas chuvas, que nasce não muito longe de Kwaimatta e deságua no Ireng a cerca de um dia de viagem acima do ponto onde este rio se junta ao Tacutu. O Pirara, portanto, se suas águas estivessem altas o bastante para permitir a passagem de nossa canoa, proporcionaria uma estrada muito mais próxima para Kwaimatta do que aquela pela qual nós tínhamos vindo.

A chuva deu ocasião a algumas condutas divertidas por parte dos Indígenas. Alguns deles se tornaram orgulhosos possuidores de algumas roupas velhas, tais como camisas e calças. Sempre que começava a chover, eles as tiravam

^{II} C. B. Brown, *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London, 1870.

cuidadosamente para guardá-las sob abrigo. Mas, com nossa canoa lotada, era um tanto difícil encontrar um lugar seco para elas. O problema foi finalmente resolvido por um dos Indígenas, que manteve a camisa no corpo e deixou a barra dela pender solta sobre o banco em que estava sentado remando, enquanto as demais peças eram colocadas sob a proteção dessa barra.

Quando nós retornamos pelo Ireng ele estava em cheia, e a correnteza que nos encontrou era tão forte que fizemos lento progresso. De vez em quando, um galho de árvore ou um tronco passava por nós, impelido pelo fluxo rápido e constante da água. Certa vez, o tronco inteiro de uma árvore morta, arrancado da margem, nos encontrou; dois ou três dos galhos principais permaneceram eretos, erguidos acima da água; uma tartaruga estava deitada no tronco. Como navegava rapidamente passou por nós e parecia um navio naufragado; os galhos pareciam mastros zigzagueando loucamente em todas as direções, e a tartaruga representava o último sobrevivente da tripulação.

LAGO AMAKU

Naquela noite acampamos em um terreno infestado de mosquitos, logo abaixo da foz do Pirara; e cedo da manhã seguinte entramos naquele rio. A água no Pirara havia ascendido acima das margens baixas, e a estreita faixa de árvores, que geralmente separa o rio da savana, agora se erguia da enchente. Como havia, entretanto, pouca correnteza, avançamos rapidamente. Ao meio-dia nós alcançamos um ponto do rio que, segundo os Indígenas, era o mais distante que uma canoa poderia chegar na época. Depois pareceu que poderíamos ter permanecido no rio por muito mais tempo; mas, acreditando nos Indígenas, desembarcamos e caminhamos o resto da jornada. Nosso caminho nos levou através do leito do Lago Amaku. Este, como eu havia dito, costuma estar seco; mas agora descobrimos que a água transbordava e que, desta vez, o lago era de fato um lago. Por longas distâncias tivemos que caminhar com água até a cintura e, frequentemente até o pescoço. Tivesse alguém estado lá para ver, certamente teríamos causado uma impressão estranha; o que concerne a mim, tudo o que era visível acima da água era meu rosto e dois braços, segurando um artesanato de penas Indígena que eu havia comprado, tabaco e um cachimbo, e alguns papéis os quais era importante manter secos. Fiquei muito impressionado com a maneira pela qual os Indígenas conseguiram seguir a trilha, que, mesmo quando não há água, é dificilmente discernível a um olho destreinado, e que agora estava completamente escondida sob uma lâmina d'água; ainda assim, emergimos da enchente exatamente onde a trilha desembocava. Mas antes disso, quando chegamos à parte mais funda da enchente, os Indígenas ficaram assustados, como geralmente ficam na água, embora possam nadar como peixes, e foi um duro trabalho convencê-los a avançar. Finalmente nós alcançamos um terreno mais alto e, portanto, seco, e depois de uma caminhada de vinte quilômetros chegamos a Kwaimatta.

Somente aqueles que tenham tido uma experiência semelhante podem imaginar o conforto daquela primeira noite passada sob um teto seco, com

comida relativamente suficiente, após uma quinzena de exposição quase constante à chuva forte, com o estômago vazio. Choveu a noite toda, e houve muitos trovões; os sons desses contribuíram muito, ainda que por terrenos um tanto imaginativos, para o nosso conforto.

Junho chegou, e já era hora de estar pensando em retornar a Georgetown; mas a princípio parecia quase impossível conseguir Indígenas ou tomar posse de nossas canoas. Os Indígenas não estavam muito dispostos a ir conosco, particularmente porque a comida ainda era tão pouca que só podíamos esperar rações escassas na viagem, e em parte, como disseram, porque um grupo de soldados ingleses estava subindo de Georgetown para capturar Indígenas e obrigá-los a servir como soldados. O mesmo boato foi ouvido por quase todos os viajantes no interior; ele se deve provavelmente a uma tradição quase esquecida das expedições de caça aos escravos que os brasileiros, a cerca de quarenta anos atrás, costumavam fazer com frequência entre essas pessoas, misturada a outras tradições da visita de soldados ingleses ao Pirara em 1840. Seja qual for a origem do boato, é uma desculpa constante usada pelos Indígenas quando não estão dispostos a enfrentar a fadiga de uma jornada. A outra dificuldade que atrasou nosso retorno imediato à costa foi que alguns Indígenas desconhecidos haviam levado minha canoa da beira da água. Indígenas possuem um amplo, porém ocasionalmente inconveniente, código de hospitalidade. Um Indígena não hesita em entrar na casa de qualquer outro Indígena da mesma tribo e se apropriar da comida que possa estar nela; nenhum dos donos se ressentia disso. Da mesma forma, quando um Indígena, em suas frequentes andanças, encontra uma canoa em um local conveniente, ele a pega e a deixa onde quer que sua jornada aconteça de findar; um boato, passado de Indígena para Indígena, finalmente informa ao dono da embarcação o paradeiro de sua propriedade, e se ele a quiser, deve trazê-la de volta ele mesmo, ou esperar até que algum outro Indígena, viajando, por acaso, a traga de volta para a vizinhança de onde foi tomada. Dessa forma, minha canoa estava fora de alcance justamente quando eu mais a desejava, e os Indígenas que a haviam levado ficaram surpresos pela minha objeção a essa conduta. Entretanto, finalmente estávamos prontos para partir, e uma oftalmia muito grave se instalou entre os Indígenas e até atacou meus dois companheiros, tudo exigia uma partida rápida.

Os Indígenas de Kwaimatta carregaram todas as nossas mercadorias até a margem do rio e, embora esse trabalho tenha ocupado dois dias, eles não quiseram pagamento. No desembarque de Pirara, todos, exceto os da nossa própria tripulação, se despediram de nós.

Estávamos bem no meio da longa estação chuvosa, de modo que as correntes do rio nos arrastavam para baixo com muita rapidez. À noite era frequentemente muito difícil encontrar terreno seco para acampar, e mesmo quando, ao anoitecer, pendurávamos nossas redes em terra seca, às vezes nos víamos sobre a água quando acordávamos de manhã, tão rapidamente ainda era a subida da água. As escandentes, ou cipós, que enfeitavam as árvores nas margens estavam na mais brilhante e plena floração. Foi uma das raras ocasiões

em que vi algo daquele esplendor floral que os moradores de climas mais frios às vezes supõem ser característico e universal nos trópicos.

UMA TEMPESTADE TROPICAL

Em Apoteri, na junção do Rupununi com o Essequibo, fomos atrasados alguns dias enquanto o pão de mandioca estava sendo feito. Joseph, nosso velho amigo e anfitrião caribenho, havia mudado sua residência para um ponto algumas centenas de metros rio abaixo. As duas casas ficavam, como de costume, em uma pequena clareira circular na floresta. Em um anoitecer durante nossa estadia aqui, houve uma grandiosa tempestade. Pouco antes do crepúsculo, o céu sobre a clareira estava claro e sem nuvens; de repente, o som de uma tempestade varrendo a floresta ao longe foi ouvido, vindo rapidamente em nossa direção. Os papagaios começaram a gritar e os Indígenas se ocuparam em recolher seu pão, o qual havia estado o dia todo ao sol. Um longo fio de nuvem branca começou a aparecer sobre o topo das árvores ao norte, e então se espalhou com terrível velocidade por toda a extensão circular do céu, formando atrás de si uma cortina de nuvens intensamente preta como tinta; em pouco mais de um momento essa escuridão se espalhou por todo o céu, e a noite estava sobre nós. Essas tempestades repentinas eram sempre acompanhadas por uma rajada de vento ininterrupta e poderosa, seguida por muitos trovões e relâmpagos. O efeito era maravilhoso.

Ouvindo que havia uma chance de conseguir mandioca de um Indígena que vivia na floresta a cerca de três quilômetros de Apoteri, eu, com um Indígena, parti em uma canoa feita de casca de árvore para encontrar esse homem. Ele era um notório Wapichana que, tendo assassinado seu pai, sua mãe e algumas outras pessoas, achou conveniente se estabelecer em um lugar remoto e de difícil acesso. Certamente ele havia encontrado tal lugar. Descendo o Essequibo a uma curta distância, passamos por um riacho que, em vez de desaguar no rio principal, recebe um tremendo fluxo de água daquele rio. Nosso pobre pedacinho de casca de árvore foi levado pela água para aquele lugar com uma força terrível, e em um instante estávamos a alguma distância riacho abaixo, que é muito estreito e sinuoso, e é sufocado por muitas árvores. Foi muito difícil evitar que nossa canoa se desfizesse em pedaços. Então, colocando de lado alguns arbustos à beira do riacho, passamos por um pântano coberto de água rasa e densamente arborizado; e, depois de serpentarmos entre eles da maneira mais surpreendente, de repente emergimos em um grande e tranquilo lago no centro de uma floresta de palmeiras. Seguindo por cerca de um quilômetro e meio neste, alcançamos um local de atracagem, onde nós desembarcamos. O lago é muito longo e, como acredito, recebe em sua extremidade superior o riacho por onde passamos desde o Essequibo, e descarrega água em sua extremidade inferior por outro riacho que desagua no rio principal. Esses riachos laterais, ou *itaboos*⁸¹, como são chamados pelos Indígenas, não são incomuns na Guiana. Depois de caminhararmos a partir do lago por alguma distância através da floresta, nós finalmente chegamos a um

campo onde encontramos o assassino morando sozinho em uma minúscula cabana com uma jovem e bonita esposa, e um bebê. O assassino tinha uma aparência bastante gentil, e a única coisa notável nele era o enorme tamanho de um disco nasal de prata que ele usava, como outros Indígenas usam discos semelhantes, porém menores, pendurada em seu nariz. Este ornamento era tão grande que chegava a cobrir sua boca, de modo que, quando bebia, tinha que levantá-lo com uma mão enquanto inclinava o recipiente com a outra. Ele me forneceu tanta mandioca que, retornando para Apoteri naquele dia, nós estávamos aptos para continuar nossa jornada no dia seguinte.

Na enchente alta passamos por algum tempo entre margens densamente ornadas por cipós, que estavam então em uma ampla e brilhante floração; pois no início da estação das chuvas todas estas plantas florescem.

ENFRENTANDO AS CACHOEIRAS

Logo alcançamos Rappu, e abaixo dela tivemos que manter uma quase constante luta com as quedas d'água. Todas as manhãs os Indígenas esfregavam pimentas vermelhas ou suco de limão em seus olhos, depois do qual eles estavam prontos para enfrentar as quedas d'água.

Durante as fortes chuvas as quedas d'água são muito difíceis de ultrapassar, e longos trechos do rio são transformadas em vastas corredeiras, através das quais os Indígenas conduzem suas canoas com uma habilidade perfeitamente maravilhosa. Ultrapassar uma grande cachoeira, ou descer uma corredeira de qualquer tamanho, é certamente um trabalho emocionante. A canoa flutua em águas calmas na parte de cima, e dali o proeiro e o timoneiro examinam a queda d'água e concordam quanto ao curso específico a ser tomado; uma vez decidido, a investida começa. De repente, a canoa, guiada para dentro da água turbulenta e corrente, salta para a frente; talvez corra direto para alguma ameaçadora rocha afundada, mas um giro forte e rápido do remo do proeiro a salva desse perigo; ela avança novamente, virada aqui e ali por ondas e correntes contrárias, o remador da proa e o timoneiro planejando guiá-la, até que em sua corrida impetuosa ela de alguma forma alcança águas calmas na parte de baixo.

É difícil encontrar palavras para transmitir a imagem de uma corredeira ou uma enchente para quem nunca viu qualquer dos grandes rios da América do Sul. Não é um rio comum descendo um degrau de rochas, mas um grande e vasto mar contendo ondas e correntes em conflito, surgindo e quebrando na mais caótica confusão dentro, sobre e ao redor de incontáveis rochas e obstáculos.

Às vezes, porém, como aconteceu conosco nesta ocasião, em Etannime, a queda principal é muito alta e agitada para que fosse seguro atravessá-la. Geralmente, há canais laterais (*itaboos*) em todas essas quedas d'água, e Etannime não era exceção, então decidimos descer as canoas por um deles. Uma corda foi amarrada à proa da canoa, e alguns dos homens, de pé na

margem, seguraram firmemente a outra extremidade. Então a canoa foi deixada deslizar com a popa para dentro do canal estreito e caudaloso. Esta é uma corredeira com cerca de três quilômetros de comprimento, mas com apenas nove metros de largura, por onde a água corre rápida e espumante, entrando e saindo entre árvores densas e salientes, curvas e quedas d'água baixas, porém abruptas. Logo que, ao soltar lentamente a corda da proa, a canoa foi baixada em segurança pelo primeiro trecho curto, aqueles que estavam a bordo a mantiveram em posição, segurando-se firmemente aos troncos e galhos das árvores salientes, enquanto os que estavam em terra largavam a corda e, em seguida, corriam pela mata até um ponto de comando do trecho seguinte, onde, assim que eles agarrassem novamente a corda, a canoa era deixada à deriva. Assim sendo, a maioria dos trechos foi sendo ultrapassado; mas às vezes o curso do canal era tão tortuoso e rochoso que era impossível soltar a corda da margem. Nesses últimos casos todos entravam na canoa, a qual era então permitida descer rapidamente pela corredeira em curva, e era protegida das margens rochosas o melhor possível, com varas e muito apoio nas árvores salientes. Assim, chegamos na parte baixa das cachoeiras de Etannime. Foi um trabalho muito tedioso, mas muito mais seguro do que ultrapassar pela queda principal.

CAÇA AO PORCO-DO-MATO

Ultrapassar as quedas d'água era um evento frequente e muito emocionante durante nossa jornada de volta, mas uma vez tivemos uma excitação diferente. Certa manhã, tendo partido antes do amanhecer, nós alcançamos o local onde o rio Potaro se junta ao Essequibo, formando uma grande extensão semelhante a um lago, que parecia ainda mais belo do que o normal sob a maravilhosa clara luz da manhã. De repente, meu remador da proa se animou e, levantando-se, sombreando seus olhos com sua mão, olhou fixamente para uma linha de espuma branca ao longe. De repente, ele pronunciou a palavra '*whinga*' e, no momento seguinte, ele e os outros Indígenas, curvando-se sobre seus remos como eu nunca os vi fazer antes, rapidamente dispararam a canoa sobre a água perfeitamente lisa em direção à linha de espuma. '*Whinga*' é o nome Macuxi para aquela espécie de porco-do-mato, ou queixada, que vive em grandes rebanhos (*Tayassu pecari*)⁸²; e um desses rebanhos estava agora nadando no rio. Enquanto os homens trabalhavam com afinco nos remos, olhei para todas as armas e, em seguida, levantei-me e observei o rebanho se aproximando da margem. A corrida durou mais de três quilômetros, e os porcos venceram. Assim que, porém, a proa da nossa canoa tocou a margem no ponto onde os animais haviam desaparecido, todos saíram atrás deles, com armas de fogo ou arco e flecha. A floresta vibrava com o som dos homens abrindo caminho pela mata e com os grunhidos e guinchos dos porcos. Logo, achando a mata densa demais para um homem com roupas, voltei para a canoa e, depois de um tempo, os homens desceram um a um, trazendo suas presas. Posso seguramente afirmar que um '*whinga*', assado, é a melhor carne que se pode comer em qualquer lugar.

Rebanhos como esses não raramente cruzam os rios em suas jornadas. Se chegam à margem do rio à noite, esperam grunhindo na margem até o amanhecer. Assim que amanhece, todo o rebanho mergulha na água e segue para a margem oposta. São facilmente mortos na água, e sua travessia oferece uma esplêndida oportunidade para alguém cuja dispensa precisa ser reabastecida. Em um caso, ouvi falar de um único homem matando cinquenta porcos de um rebanho que cruzava o Mazaruni logo abaixo do Assentamento Penal. Em outra ocasião, alguns negros estavam levando uma barça de madeira rio acima em direção a Monkey Jump no Essequibo, quando, pouco antes de alcançarem esse ponto, uma manada de porcos-do-mato cruzou na frente deles. Não havia arma no barco, tampouco havia um barco pequeno a partir do qual se pudesse atacar os animais; mas um dos homens, um esplêndido nadador chamado Sassington, mergulhou na água, carregando consigo a ponta de uma corda cuja outra extremidade estava presa à barça de madeira. Ele conseguiu amarrar a corda às pernas de seis dos porcos e, em seguida, voltando para a barça, arrastou suas presas.

Finalmente, todas as aventuras da expedição terminaram, e chegamos a Georgetown após uma ausência de seis meses do mundo civilizado.

CAPÍTULO III

A CACHOEIRA KAIETEUR E O RORAIMA

A Cachoeira Kaieteur - Primeira Visita - O Rio Potaro - Catarata Amatuk - O Desfiladeiro Kaieteur - Ao Pé da Cachoeira - A Cachoeira Kaieteur, no Tempo Seco, vista de cima - A Savana de Kaieteur - Uma Nova Planta (*Brocchinia micrantha*) - Um Novo Pássaro (*Macroagelaius imthurni* Sclater) - Uma Segunda Visita à Cachoeira Kaieteur - Belas Flores - Transpondo o Barco - A Cachoeira Kaieteur, vista de cima, na Estação Chuvosa - A Melhor Maneira de Visitar a Cachoeira - Roraima

Os dois aspectos naturais mais interessantes do interior da Guiana, aqueles que mais tem atraído a atenção do mundo exterior, são a cachoeira Kaieteur e a montanha chamada Roraima. Algum relato sobre eles é, portanto, necessário. Infelizmente, só posso escrever sobre a primeira por experiência própria e, quanto ao Roraima, devo confiar nos relatos de três ou quatro viajantes que, diferentemente de mim, tiveram a boa sorte de visitá-lo.

A existência da Cachoeira Kaieteur era desconhecida até 1871, quando foi descoberta e descrita pelo Sr. Charles Barrington Brown, que na época estava engajado em um levantamento geológico da colônia. A cachoeira é formada pela queda do rio Potaro, um tributário do Essequibo, sobre um penhasco abrupto de 229 metros. A largura da cachoeira em períodos de cheia, é de 112 metros; enquanto em períodos de vazante decresce para menos da metade dessa largura.

Comparada com algumas outras cachoeiras, a Kaieteur é pequena; pois se encontra muito abaixo da Yosemite em altura e largura, e fica muito aquém da Niágara em largura, embora a exceda em altura⁸³. Mas, em relação à paisagem circundante, é impossível acreditar que mesmo a paisagem de Yosemite possa superar a da Kaieteur, e que ao redor de Niágara seja, pelo menos agora, notoriamente comum. É, de fato, os arredores maravilhosos combinados com a magnitude, que deveriam compor a magnificência da Kaieteur.

Nos dez anos desde que sua existência foi divulgada pela primeira vez, a Kaieteur raramente foi visitada. O descobridor, acompanhado por outros viajantes, fez uma segunda visita poucos meses depois. Mas, entre aquela época e 1878, ela foi avistada por homens brancos apenas em quatro ocasiões. No último ano mencionado, e novamente no ano seguinte, pude visitá-la duas vezes, avistando-a na primeira destas ocasiões durante uma estação muito seca, e na segunda durante uma estação muito chuvosa.

Comparada com algumas outras cachoeiras, a Kaieteur é pequena; pois se encontra muito abaixo da Yosemite em altura e largura, e fica muito aquém da Niágara em largura, embora a exceda em altura. Mas, em relação à paisagem circundante, é impossível acreditar que mesmo a paisagem de Yosemite possa superar a da Kaieteur, e que ao redor de Niágara seja, pelo menos agora,

notoriamente comum. É, de fato, os arredores maravilhosos combinados com a magnitude, que deveriam compor a magnificência da Kaieteur.

Nos dez anos desde que sua existência foi divulgada pela primeira vez, a Kaieteur raramente foi visitada. O descobridor, acompanhado por outros viajantes, fez uma segunda visita poucos meses depois. Mas, entre aquela época e 1878, ela foi avistada por homens brancos apenas em quatro ocasiões. No último ano mencionado, e novamente no ano seguinte, pude visitá-la duas vezes, avistando-a na primeira destas ocasiões durante uma estação muito seca, e na segunda durante uma estação muito chuvosa.



Quadro 10 - Charles Barrington Brown foi um geólogo e explorador canadense nomeado como agrimensor do governo para a colônia da Guiana Britânica (hoje Guiana). Em 1871, ele se transformou no primeiro ocidental a avistar as Cachoeiras Kaieteur. Uma curiosidade sobre a relação de Brown com o Brasil é a de que ele organizou uma expedição em 1873 para explorar a região amazônica pela 'Amazon Steam Navigation Company', uma companhia de

navegação que havia sido criada em 1853 após ter sido transferida aos ingleses. Segundo Anderson Antunes, autor do livro 'Cadernos biobibliográficos e cartográficos: viajantes britânicos na Amazônia no século XIX', '*... além do direito de navegação, a companhia, primeiro investimento estrangeiro apoiado e subsidiado pelo governo brasileiro, havia herdado quase um milhão de acres em terras. O objetivo da viagem era mapear e conhecer as riquezas naturais da região visando a sua exploração econômica, cuja possibilidade era enfatizada pelo comércio da borracha e a viabilidade da sua povoação com imigrantes britânicos*'.

Fontes (texto): (i) Brown, C. B. 1871. Report on the Kaieteur Waterfall in British Guiana. The Journal of the Royal Geographical Society of London. 41: 77–100 e (ii) Antunes, Anderson Pereira. 2021. Cadernos biobibliográficos e cartográficos: viajantes britânicos na Amazônia no século XIX. (n. 4). Manaus, UEA Edições/PNCSA.

Fonte (imagem): Disponível em <<http://geolsocarchives.org.uk/Record.aspx?src=CalmView.Catalog&id=GSL%2FPOR%2F43%2F16-3>>.

TUMATUMARI

Saindo de Georgetown em 13 de outubro de 1878, subimos pelo Essequibo — uma jornada que já descrevi, até a foz do rio Potaro. No sexto dia, nós alcançamos a catarata Tumatumari, a cerca de 13 quilômetros subindo o Potaro. Este lugar é indescritivelmente encantador. Uma grande baía cercada por terra firme é preenchida com grupos de árvores, com areia amarela reluzente em trechos suaves e em margens inclinadas, com rochas e poças de água parada; e na extremidade superior está uma baixa, mas larga e espumante



Prancha II – Acampamento noturno.

catarata. Era sábado à noite, e decidimos passar todo o dia seguinte ali, pois a canoa maior não podia seguir adiante, e tivemos que selecionar de nossos suprimentos o que parecia absolutamente necessário para nossa jornada à frente, a qual teria que ser no barco grande e em uma canoa de casca de árvore comprada de algum Akawaio que passasse.

Na manhã seguinte quando eu acordei, descobri que a árvore, de um gênero novo para mim (*Eugenia*), à qual uma das pontas da minha rede estava amarrada, havia se transformado em uma pura e maravilhosa profusão de flores brancas. Os galhos tocavam o chão. Densas massas de suas pequenas flores plumosas, aninhadas ao longo de cada galho e ramo, faziam com que tudo parecesse carregado de neve. Seu perfume enchia o ar e atraía uma multidão de beija-flores, borboletas e abelhas, preenchendo o ar com seu murmúrio. A visão, o olfato e o som ficaram igualmente agradecidos.



Quadro 11 - Tumatumari ou Toomatoomari no original, refere-se a uma catarata situada no rio Potaro (Região 8 / Potaro-Siparuni). Nesse acidente hidro-geográfico foi construída a primeira usina hidrelétrica da Guiana pela empresa *British Guiana Goldfields*, que usava a energia gerada para abastecer suas operações de mineração de ouro.

Fonte (texto): Guyana Energy Agency. Disponível em <<https://gea.gov.gy/hydro/>>.

Fonte (imagem): Catarata Tumatumari, estação seca, rio Potaro. Foto de Everard im Thurn (1878), Royal Geographical Society. Disponível em <<https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/tumatumari-cataract-in-dry-weather-on-the-river-foto-jornal%C3%ADstica/979193452?adppopup=true>>.

Cedo da manhã seguinte, tendo puxado nosso barco catarata acima na noite anterior e deixado quatro homens encarregados da canoa e dos suprimentos excedentes, caminhamos pela trilha de transposição que passava pela catarata; e treze de nós embarcamos para nossa jornada.

A catarata Tumatumari é um dos portões da Terra Encantada. Além dela, a paisagem do Potaro, pelo menos quando o rio está baixo, é uma bela imagem em constante mudança, e supera em muito a de qualquer outro rio que eu tenha visto na Guiana. É em épocas de águas baixas, quando as rochas estão descobertas, que os rios deste país são vistos com mais proveito. Este rio de águas vermelho-vinho maravilhosamente límpidas, tem cerca de trezentos metros de largura e flui entre rochas isoladas e ilhas de rochas, empilhadas de forma confusa, algumas grandes, outras pequenas, algumas desgastadas pela

água em sulcos tão regulares que é difícil lembrar que não são fragmentos de uma enorme obra de alvenaria; algumas tão regularmente quadradas que parecem ter sido cortadas por um construtor normando; algumas arredondadas como as pedras de nossas colinas inglesas; algumas de todas as formas e fraturas possíveis; todas amontoadas umas sobre as outras na mais caótica confusão. As lacunas entre os pontos salientes das ilhas rochosas são preenchidas por bancos de areia limpa e brilhante descendo suavemente para a água. Onde quer que a areia encontrasse a água nas bordas dessas margens, grandes bandos de borboletas amarelas, brancas ou azuis se aglomeravam para sugar a umidade. As margens do rio, densamente arborizadas como em todos os outros rios da Guiana, são aqui arredondadas por muitas colinas e encostas, entre cada uma das quais um dos inúmeros pequenos riachos deságua no rio principal.

O primeiro dia a partir de Tumatumari, passado em um barco sem cobertura, em águas calmas e sob um sol escaldante, foi um tanto penoso, mas foi a única dificuldade que tivemos de suportar durante toda a expedição. À tarde passamos pela foz do rio Kuribrong⁸⁴, então muito baixo. Em frente à foz deste rio, na margem esquerda do Potaro, havia um assentamento Akawaio recém-construído, então temporariamente deserto. Este foi o primeiro de muitos novos assentamentos pelos quais passamos; parecia que os Akawaio estavam começando a povoar densamente as margens do Potaro. Ficamos surpresos ao descobrir que todos os assentamentos pelos quais passamos estavam desertos.

UMA DIFÍCIL TRANSPOSIÇÃO

Já perto da noite, alcançamos as primeiras corredeiras em Chowrah; e daquele ponto até a Kaieteur, os trechos de água calma entre as corredeiras, cataratas ou cachoeiras eram curtos. À beira da corredeira de Chowrah, nos acomodamos para passar a noite, para que nossos homens pudessem ter a chance de caçar alguns dos pacupeba (*Myleus pacu*)⁸⁵ que nadavam nas águas límpidas e rasas.

No dia seguinte, depois de passar por algumas outras pequenas corredeiras, chegamos às corredeiras de Mowraseema. Aqui nós tivemos que descarregar o barco e carregar ele e as mercadorias ao longo de uma ilha rochosa que divide o rio. Essa transposição foi breve.

Um curto trecho de água calma, interrompido aqui e ali por corredeiras, agora pequenas, mas passando por uma das quais é necessário a transposição por terra em épocas de cheia, levava à base de uma série de três cataratas e uma cachoeira em Pacoutout.

Esta é a única transposição realmente difícil no rio. Geralmente, é necessário arrastar os barcos e as mercadorias para cima, por cima e por baixo de uma colina muito íngreme coberta por densa floresta, por uma distância de mais de um quilômetro. Nossos Arawak desejavam fazer o mesmo agora, embora admitissem que, como os rolamentos teriam que ser cortados e colocados ao longo de todo o caminho, o trabalho levaria um dia e meio. Além disso, a

dificuldade da transposição havia aumentado muito recentemente, própria do fato de que alguns Indígenas Akawaio, tendo recentemente feito um assentamento nestas partes, haviam escolhido fazer sua plantação de mandioca em uma parte considerável do caminho, que estava, consequentemente, quase inteiramente bloqueado pelos troncos de árvores derrubadas. Temendo a dificuldade e a demora, e considerando o estado um tanto baixo da água, nós decidimos içar o barco rio acima e transportar apenas as mercadorias. Os Caribes mais aventureiros concordaram com nosso plano, e os Arawak foram finalmente persuadidos a ajudar; e tanto o barco quanto a canoa de casca de árvore foram arrastados sem muita dificuldade pelas quedas d'água até o ponto mais alto da trilha naquela mesma noite, assim evitando um atraso de dois dias. Acima do trecho de transposição surgiu a primeira bela vista da cordilheira de arenito do Kaieteur, emoldurada em árvores e com o rio densamente bloqueado com massas emaranhadas de um peculiar junco (*Carex*, nov. sp.)⁸⁶, em primeiro plano.

Cedo na manhã seguinte nós passamos por outro assentamento Akawaio recentemente formado, cerca de quatrocentos metros acima da cachoeira Pacoutout. Também estava deserto. Umas poucas horas mais tarde chegamos a um outro novo assentamento, desta vez muito grande, na foz do riacho Ay-kuru. Ao nos aproximarmos, uma multidão incomumente grande de Indígenas desceu até a beira da água para nos encontrar. Alguns estavam quase cobertos por longas e soltas dobras de chita colorida; alguns estavam vestidos da cabeça aos pés com folhas de palmeira; alguns, nus, exceto pela cobertura de costume, haviam pintado o corpo inteiro com padrões muito elaborados; outros tinham todos os tipos de ornamentos pitorescos em uma variedade maravilhosa. Todos estavam um tanto afetados pelo pajuarú. Uma grande festa de pajuarú havia começado ali no dia anterior e continuaria por vários dias. Havia pelo menos duzentos homens, mulheres e crianças presentes, e cada um deles, até os bebês mais novos, instigados por suas mães, insistiram em nos apertar a mão. O estado de abandono dos assentamentos mais abaixo no rio era agora totalmente compreensível.

Ao chegarmos à casa do capitão nós encontramos o centro dela ocupado por três ou quatro grandes gamelas de pajuarú, ao redor das quais se movia uma longa procissão de Indígenas, homens e mulheres, cada um munido de algum tipo de tambor ou chocalho. Cada indivíduo batia seus pés em um ritmo monótono; cada um mantendo o costumeiro e assustadoramente monótono canto, Hia-Hia-Hia-Hia.

NA REGIÃO DE ARENITO

Naquela mesma tarde chegamos à cachoeira e à catarata de Amatuk⁸⁷. Parecia que a beleza da paisagem aumentava à medida que avançávamos. Enquanto remávamos por um trecho reto do rio, uma ilha arborizada em forma de domo se estendia à nossa frente no centro do primeiro plano, dividindo o rio em dois canais. De um lado dessa ilha, uma grande catarata, com cerca de 3,6 metros

de altura, caía espumando pelas rochas de arenito marrom-violeta até onde, na água abaixo, as folhas plumosas de uma erva aquática (*Mourera*)⁸⁸, pontilhadas com suas pequenas flores rosadas, formavam almofadas verdes e rosadas; do outro lado, uma magnífica parede perpendicular com cerca de 4,5 metros de altura das mesmas saliências de arenito, então secas, marcava o ponto onde, na época de chuvas fortes, a água descia para o reservatório negro do segundo canal. As margens ondulantes e arborizadas curvavam-se em nossa direção a partir da catarata à esquerda e da cachoeira à direita, formando um completo anfiteatro, atrás do qual, ao longe, erguiam-se montanhas íngremes de arenito, de contornos pitorescos e cobertas de árvores, exceto nas faces mais abruptas das rochas marrom-acinzentadas. Atrás de nós, estendia-se a formação granítica; à nossa frente, tudo era arenito.

Fomos obrigados a carregar nosso barco através do carreador, que tem cerca de quatrocentos metros de comprimento, subindo e descendo uma colina considerável. Nossos homens colocaram roletes de troncos de árvores ao longo do caminho e, em seguida, se atrelaram com uma corda presa à proa do barco, como uma parelha de cavalos, e puxaram o barco animadamente em um tempo muito curto.

Aqui, em Amatuk, passamos entre duas colinas altas para o desfiladeiro de Kaieteur. De Tumatumari até este ponto, o vale do Potaro atravessa uma região ondulada, mas relativamente plana, coberta de floresta. Em Amatuk a planície é atravessada perpendicularmente ao leito do rio por um penhasco abrupto de arenito, com 213 a 244 metros de altura, de cujo topo se estende um planalto. Através deste planalto, o Potaro cavou um desfiladeiro, que se estende do Kaieteur até Amatuk, onde irrompe através do penhasco para a planície geral da região mais baixa. Ao subir este rio, portanto, passa-se primeiro por uma região florestal, pouco acima do nível do mar, depois, em Amatuk, para o desfiladeiro de Kaieteur, tendo de cada lado os altos penhascos montanhosos do planalto superior; este desfiladeiro termina em um anfiteatro completo na própria grande queda d'água. Neste anfiteatro, a coluna de água despenca do planalto, que, mais distante do mar, é cercado por colinas longínquas

Foi em Amatuk — isto é, ao entrar pela primeira vez no desfiladeiro de Kaieteur — que alcançamos a mais linda paisagem daquele belo rio. Se todo o vale do Potaro é a Terra Encantada, então o desfiladeiro de Kaieteur é o recanto mais profundo da Terra Encantada. Aqui, devido à natureza hídrica da rocha de arenito, o verde do mundo vegetal parecia ainda mais verde e variado. Sob a sombra espessa, inúmeros riachos escorriam sobre pequenas saliências rochosas entre florestas pigmeias de samambaias translúcidas e musgos. Os pequenos tufos em forma de pluma dessas samambaias, cada um formado por muitas folhas semitransparentes de uma cor verde escura e fria, eram primorosos. Samambaias maiores, com uma profusão de aráceas, orquídeas e outras plantas, cobriam as rochas entre esses riachos com uma exuberância nova e maravilhosa. Diversas formas curiosas de gencianas parasitas (*Voyria*)⁸⁹, sem folhas e com caules brancos, uma amarela, outras brancas e uma violeta, eram especialmente notáveis.



Quadro 12 - ‘Ay-kuru’ ou Aykooroo no original, é o nome de um curso d’água do rio Potaro, que também dava nome a um assentamento do povo indígena Ackawoi (Akawaio), caracterizado por cabanas tradicionais de palha situado em um ambiente ribeirinho. A comunidade foi fotografada por im Thurn

(1878) quando de uma de suas incursões ao interior da então Guiana Britânica.

Fonte (texto e imagem): Group of Ackawoi Indians at Ay-Kuru on the Potaro River, Guyana. Disponível em <<https://www.getty.edu/art/collection/object/1048H5>>.

De cada lado erguiam-se os altos e imponentes penhascos que formam as laterais do desfiladeiro. O platô de arenito do qual eles são a borda estende-se deste até o Roraima. A aparência dos penhascos perpendiculares coroados por árvores, interrompidos aqui e ali por fendas, lembrava as imagens daquela montanha; de fato, um dos meus companheiros Indígenas, que havia estado no Roraima, proferiu, apontando para uma dessas rochas: ‘*pequeno Roraima*’. Bem no alto, nas faces do penhasco, havia saliências nas quais cresciam o que pareciam ser algumas plantas verdes; pode-se ter uma ideia do tamanho desses penhascos pelo fato de que os binóculos mostraram que essas plantas eram, na verdade, altas árvores da floresta.

Em meio a esse cenário, a vida animal não era abundante. Os galos-da-serra (*Rupicola rupicola*), de cor laranja brilhante, esvoaçando como flashes de luz de árvore em árvore, eram talvez a forma mais abundante; um gavião ocasionalmente se erguia gritando de alguma saliência alta de rocha; de vez em quando, um jacu (*Penelope*) gritava estridentemente entre as árvores; e alguns martim-pescadores voavam rapidamente sobre a água. Em uma árvore, um par de brilhantes tucaninhos-verde (*Aulacorhynchus whitelianus*), os únicos exemplares do gênero que já vi, estavam se alimentando⁹⁰.

O DESFILADEIRO DE KAIETEUR

No mesmo dia em que deixamos Amatuk, chegamos à última pequena catarata em Waratuk⁹¹. O carreador é curto, e não fomos nem mesmo obrigados a usá-lo; pois, carregando as mercadorias além da catarata, conseguimos içar o barco para dentro d’água. Meia hora depois de deixar este lugar, experimentei uma sensação muito estranha e memorável.

Uma visão parcial da distante queda d’água deveria ser obtida deste ponto. À nossa frente, ao longe, a ravina terminava na face nua de um penhasco. Sobre a qual



Prancha III – Transpondo o barco.

Kaieteur deveria cair. Mas agora não havia vestígios de água; apenas densas nuvens de névoa branca, indefinidas no céu nublado acima, erguiam-se em direção à base do penhasco e passavam lentamente ao longo de sua face. Nossos dois Indígenas, que já haviam visitado o local antes, ofegaram: '*Kaieteur, ele seco*'. Nós olhamos um para o outro com rostos solenes e depois rimos nervosamente. Parecíamos vítimas de uma grande brincadeira, da qual o Sr. Brown e a natureza eram os perpetradores; o primeiro por superestimar a queda, que, segundo ele, havia '*espumado por eras passadas*', a segunda, por secar '*uma das mais grandiosas cachoeiras do mundo*', nesta estação particularmente não tão seca. Todo o nosso longo e difícil caminho havia sido percorrido, todas as nossas dores despendidas, todas as nossas esperanças alimentadas, para ver uma cachoeira onde não havia queda d'água. Era a velha história da '*peça de Hamlet com a parte do Príncipe da Dinamarca omitida*'.

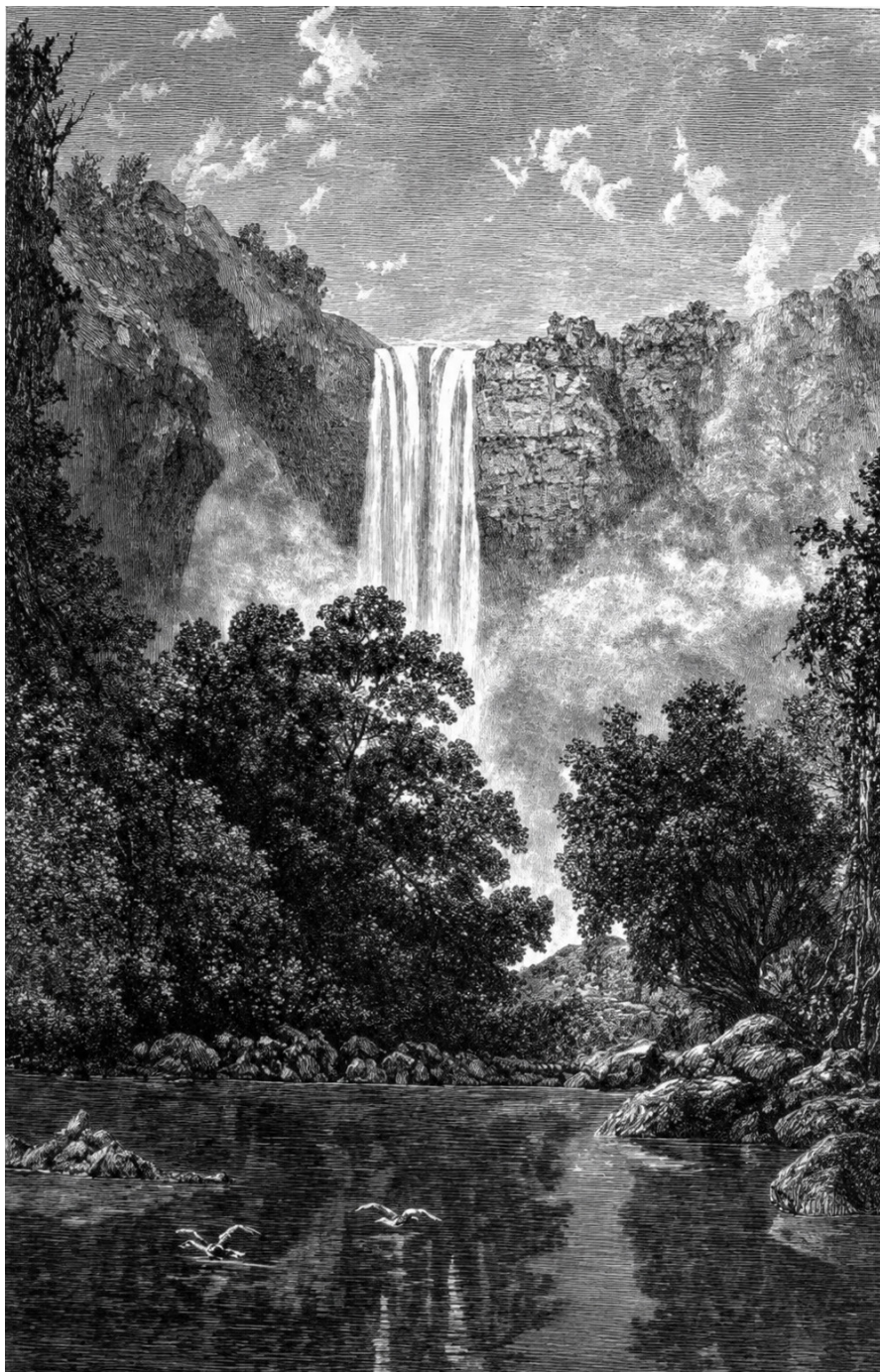
Quase no mesmo instante em que tivemos o primeiro vislumbre do penhasco de Kaieteur, uma curva no rio o escondeu, e tivemos tempo de perceber nossos sentimentos. As grandes nuvens brancas que tínhamos visto eram minha única esperança enquanto remávamos melancolicamente em direção ao local de desembarque na catarata de Tukeit⁹².

Além deste ponto é impossível pegar barcos; pois daqui até a grande cachoeira não há águas calmas, mas apenas uma longa sucessão de corredeiras, cataratas e quedas d'água. Tivemos que acampar em um local a cerca de cinquenta metros do verdadeiro local de desembarque, que estava inteiramente ocupado por um grande grupo de Akawaio que descia de suas casas, acima da cachoeira, para o Essequibo, ou '*Scapi*', como o chamam, para comer peixes e ovos de tartaruga. Existem uns poucos peixes no Potaro abaixo de Kaieteur, mas nenhum acima; tartarugas são completamente escassas no rio. Esperávamos persuadir alguns desses Indígenas a nos guiar até a base da cachoeira; mas, como todos os Indígenas do distrito, eles estavam com muito medo de seu suposto caráter sobrenatural para se aproximar tanto do fundo quanto do topo. Mesmo descendo suas canoas de casca de árvore rio abaixo, passando pela cachoeira, eles fazem um imenso desvio de oito ou nove quilômetros, ao invés de passar próximo do local.

Chegamos a este lugar apenas onze dias depois de deixar Bartica Grove. Dois desses dias passamos sem viajar. De modo que Tukeit foi realmente alcançada em nove dias.

ATÉ A BASE DA CACHOEIRA

Na manhã seguinte começamos a caminhar em direção ao pé da cachoeira, levando nossas redes e um pequeno suprimento de provisões conosco. Não há qualquer tipo de trilha. Cada viajante deve abrir e escalar seu próprio caminho: e a jornada é das mais árduas. Começando por volta das onze horas da manhã, seguimos a trilha que levava ao topo da cachoeira por algumas centenas de metros, e então nos desviamos, como mais tarde descobrimos, cedo demais, para o rio à nossa esquerda. Em pouco tempo descemos a face de uma cachoeira considerável a partir de um riacho que deságua no Potaro. Nas bordas secas deste, havia um esplêndido crescimento de grandes samambaias translúcidas



Prancha IV - A cachoeira Kaieteur (na estação seca) – vista de baixo.

(*Trichomanes elegans* Rich.)⁹³ com folhas de trinta centímetros de comprimento. Seguindo o curso deste riacho, chegamos às pedras na margem do rio principal e subimos por algum tempo ao longo delas. Logo, por um pensamento infeliz, deixamos a margem do rio e, novamente, subimos até o alto na floresta da colina. Então o caminho tornou-se absolutamente terrível. Todo o fundo da ravina, bem como a encosta da colina por alguma distância acima, é coberto, aparentemente até a profundidade de várias dezenas de metros, por uma camada de enormes pedregulhos que variam em tamanho desde alguns metros quadrados até o de uma casa grande, empilhadas na mais selvagem confusão. As que ficam à beira da água são menores e, sendo desprovidas de coberturas, são facilmente ultrapassadas. Mas dentro da floresta, árvores, arbustos, cipós, aráceas, begônias, todos crescendo nos lugares e direções mais excêntricos, formavam, de rocha em rocha, uma cobertura que traiçoeiramente ocultava as fendas e ravinas. Entre, sobre e sob essas pedras, tivemos que rastejar, escalar ou deslizar o melhor que podíamos; tivemos que caminhar sobre árvores caídas, muitas vezes podres, atravessando fendas de estranha aparência; tivemos que passar por lugares onde o solo, aparentemente firme, na verdade consistia em uma rede de pequenas raízes, sobre as quais havia uma cobertura enganosa de folhas mortas, samambaias e musgos em crescimento; repetidas vezes, quando confiamos em tais lugares, vimo-nos enterrados até a cintura; uma vez, desapareci completamente. No geral, foi uma subida muito difícil; e ainda assim foi justamente nos piores lugares que a beleza maravilhosa das plantas, especialmente as samambaias e as begônias, mais compensou o esforço. Meu único pesar foi que, dada as circunstâncias, só consegui colher uma planta aqui e ali, deixando muitos e muitos espécimes desejados sem coleta. Como local de coleta para um naturalista, não havia local melhor.

Por volta das três da tarde nós saímos da floresta para a beira do rio, num ponto cerca de quatrocentos metros da cachoeira e bem na foz do anfiteatro de Kaieteur. À frente, e perto de nós, ficava a cachoeira, com cerca de dois terços de sua parte superior visível. A Kaieteur não estava seca; mas estava com menos da metade da largura adequada para a estação chuvosa. Ainda estava muito esplêndida, e a beleza da paisagem circundante compensou grandemente a deficiência de água.

A razão pela qual nenhuma água caindo havia sido visível de Waratuk era agora óbvia. Na cachoeira, o desfiladeiro de Kaieteur termina em um anfiteatro completo com paredes semelhantes a penhascos com cerca de 244 metros de altura. É neste anfiteatro que o Potaro cai do platô acima. Supondo que o anfiteatro fosse dividido em quartos, traçando uma linha reta da entrada até o penhasco oposto, e outra linha reta cortando o primeiro no meio e terminando em ambos os lados do penhasco, então o espaço sobre o qual a água cai está incluído no quarto esquerdo mais distante da entrada. Portanto, ao olhar para o anfiteatro de um ponto diretamente oposto à sua entrada, nós poderíamos somente ver o penhasco nu ao lado da queda. Em sua plenitude, a queda d'água derrama-se pela face do penhasco situada exatamente diante da entrada do anfiteatro, tornando-se visível de muito longe ao longo da ravina.

O piso do anfiteatro é ocupado por um vasto conjunto de rochas caídas, enegrecidas pela umidade constante, mas cobertas por uma relva curta e intensamente verde, exceto ao redor do reservatório escuro e tempestuoso o qual a água cai, onde as rochas são inteiramente nuas, escorregadias e pretas. Imediatamente atrás da queda d'água, uma enorme caverna escura é visível no penhasco. A borda superior do penhasco serve como um horizonte para toda a cena quando vista de baixo.

Depois de passar vinte e quatro horas no sopé da cachoeira, voltamos para o local de desembarque. Mantendo-nos o máximo possível nas rochas à beira do rio e subindo pela mata somente quando absolutamente necessário, encontramos uma rota muito mais fácil do que aquela que seguimos no dia anterior, e o acampamento em Tukeit foi alcançado em cerca de duas horas e meia.

No dia seguinte passamos em Tukeit e, no outro partimos para o topo da cachoeira. O caminho seguia ao longo de uma trilha Indígena batida, difícil apenas por ser muito íngreme em alguns trechos. Após duas horas de subida pela floresta, chegamos à savana de onde a cachoeira Kaieteur desce. Nenhum lugar mais estranho do que este já foi imaginado. O chão é formado por uma camada inteiramente nua de rocha conglomerada dura. Não existe solo, exceto nas rachaduras e fissuras. Nesses pequenos depósitos de terra, inúmeras gigantescas bromélias^{III}, que mais se parecem com agaves, criaram raízes e formam a característica mais proeminente da paisagem. Arvoredos de orquídeas de flores esplêndidas (*Sobralia*), tão altas quanto um homem, e muitas outras plantas raras e pitorescas crescem entre os grupos de agaves, cada uma entrelaçada com uma grande samambaia (*Pteridium aquilinum*)^{IV}, quase, se não totalmente, idêntica à delicadamente bela e graciosa samambaia inglesa.

Este crescimento vegetal confere um caráter bastante peculiar à paisagem do lugar. É completamente diferente de tudo o que já vi em qualquer outro lugar na colônia e, pela primeira vez, concretiza a ideia comum de cenário tropical. A savana é, por si só, bem digna de uma visita^{IV}.

KAIETEUR DE CIMA

Cruzando a savana nós logo alcançamos o penhasco de Kaieteur. Deitado de bruços no chão, cabeça inclinada para a beira do penhasco, olhei para baixo.

^{III} Os espécimes um tanto imperfeitos da flor desta planta, que foram tudo o que consegui obter naquela época, levaram o Sr. J. G. Baker, de Kew, a supor que a planta fosse uma nova espécie de *Cordyline*, muito interessante por ser apenas a segunda espécie do gênero que havia sido descoberta no continente americano. O Sr. Baker consequentemente descreveu e figurou a planta como *Cordyline micrantha*, nov. sp., no *Gardeners' Chronicle*. Espécimes mais perfeitos, obtidos posteriormente pelo meu amigo Sr. Jenman, provaram que a planta é, na verdade, uma bromélia gigantesca, e de interesse ainda maior do que se supunha, por ser de longe a bromélia mais colossal já descoberta. O Sr. Baker agora a nomeou provisoriamente como *Brocchinia cordylinoides* [*Brocchinia micrantha* (Baker) Mez - Bromeliaceae].

^{IV} O Sr. Jenman, que desde então teve prolongada oportunidade de coletar plantas nesta savana, reuniu e enviou para Kew uma coleção de herbário, que foi declarada pelo diretor assistente dos Jardins Reais como sendo 'quase a mais importante coleção já recebida da América do Sul'.



Quadro 13 - Nas notas de rodapé 'III' e 'IV', im Thurn cita dois importantes botânicos que tiveram um papel de destaque em seus trabalhos na Guiana. O primeiro, '... *Sr. J. G. Baker* ...', é John Gilbert Baker (1834–1920), renomado botânico britânico que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da botânica sistemática no século XIX. Trabalhou por mais de três décadas no Royal Botanic Gardens (Kew), onde atuou como curador do herbário entre 1890 e 1899. O segundo, '... *Sr. Jenman* ...', é George Samuel Jenman (1845–

1902), um botânico britânico que teve grande destaque na Guiana Britânica, onde trabalhou como superintendente dos Jardins Botânicos de Georgetown por mais de duas décadas.

Fonte (texto): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Gilbert_Baker>.

Fonte (imagem): John Gilbert Baker. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Gilbert_Baker>.

Então, e somente então, a esplêndida e, no mais solene senso da palavra, terrível beleza de Kaieteur irrompeu sobre mim. Duzentos e quinze metros abaixo, cercado por rochas negras, estendia-se um grande reservatório no qual a coluna de água branca, graciosa como um voo incessante de inúmeros jatos d'água, trovejava ao meu lado. Atrás da cachoeira, através das partes mais finas do véu de espuma e névoa, a grande caverna negra fazia o branco da água parecer ainda mais branco.

Minhas primeiras sensações foram de um medo terrível e indefinido. Aqueles que visitarem a cachoeira entenderão isso. Quando alguns dos homens arremessaram para baixo uma das grandes bromélias, o ato pareceu me causar uma dor insuportável; eu preferiria ter me lançado dali a permitir que aquele ato se repetisse naquele momento. Gradualmente, porém, essas sensações dolorosas deram lugar a outras de intenso deleite e admiração; e toda a cena, a gigantesca misteriosa cachoeira, os lugares escuros e escorregadios abaixo, as rochas cobertas de relva à entrada do anfiteatro e, além disso, o vale brilhante e densamente arborizado do rio sinuoso, visível por muitos quilômetros, me foram revelados, para nunca serem esquecidos.

Tão logo conseguimos nos forçar a deixar o penhasco, montamos nosso acampamento num aglomerado de pequenas árvores que se erguia bem na beira da cachoeira. Aqui nós passamos dois dias totalmente ocupados em investigar todo esse lugar incomum.

No platô rochoso, não muito longe da borda do penhasco, existem certas fissuras profundas, longas, estreitas e imensuráveis, paralelas ao penhasco e,

portanto, perpendiculares ao leito do rio. Elas se assemelham exatamente às fendas mais estreitas de uma geleira. Isso parece lançar alguma luz sobre o processo pelo qual a ravina e o anfiteatro da Kaieteur foram formados. Deve ser lembrado que o platô consiste em uma camada de conglomerado duro sobreposta a um leito de arenito mais macio. A caverna atrás da coluna d'água foi formada, como disse o Sr. Brown, pelo respingar causado pela queda d'água, que lavou e levou embora o arenito sob o conglomerado. A teoria comum é que a passagem constante da água gradualmente desgasta essa cobertura do conglomerado, e assim a caverna e a queda d'água continuadamente, e muito gradualmente, recuam para trás. Mas me parece que o processo não é gradual, mas por catástrofes repentinas e ocasionais.

Embora eu tenha sido inapto a encontrar alguma dessas fissuras estreitas cruzando o atual leito do curso d'água, considerando sua ocorrência frequente em outras partes do platô, e considerando que a rocha próxima ao topo da cachoeira é extraordinariamente irregular, parecendo muito vincada e dobrada; e que o leito do rio, justamente ali, está bastante obstruído por uma densa concentração de juncos, é provável que tais fissuras ocorram através do leito do rio. Se assim for, enquanto o corpo principal da água, em razão de sua velocidade, passasse por cima delas, uma parte escorreria por essas fissuras e gradualmente as alargaria. O resultado disso seria que o conglomerado formaria, não uma cobertura, mas uma ponte sobre a caverna. Com o tempo essa ponte cederia, e seus fragmentos cairiam no fundo do anfiteatro. Só assim, parece-me, podem ser explicadas as enormes massas de blocos rochosos que preenchem todo o fundo da ravina.

Como a água estava muito baixa na época de nossa visita, conseguimos obter uma visão melhor da caverna e do reservatório do que a obtida por outros; e sem dúvidas parecia que havia um pequeno fluxo de água saindo da caverna e por trás da queda. Se assim o for, naturalmente corrobora a teoria acima.

PLANTAS DA SAVANA

Quanto mais eu observava as bromélias da savana mais impressionantes elas me pareciam. Ao contrário da maioria das outras plantas suculentas elas têm uma cor verde-amarelada brilhante e clara, e parecem à primeira vista muito inadequadas para encontrar sustento nesta planície árida de rocha nua. Uma segunda olhada, no entanto, revela uma adaptação especial ao local de crescimento. A base de cada folha da planta em forma de roseta é tão curvada em suas bordas contra a folha imediatamente interna que forma um grande reservatório de água. Cada um desses recipientes contém de 300 a 600 ml de água; de modo que toda a planta é abastecida com um estoque de vários litros de água. Como esses recipientes estão totalmente expostos ao sol, a água dentro deles deve evaporar rapidamente; mas o orvalho denso que cai aqui, e as espessas nuvens de névoa que sobem continuamente à noite e durante o início da manhã a partir do outono, e caem de volta nesta planície na forma de chuva devem renovar continuamente o estoque.

Outra planta talvez ainda mais curiosa, embora imperceptível, era uma pequena drosera de folhas redondas (*Drosera rotundifolia*)⁹⁵, uma planta

insetívora que cresce abundantemente entre as pedras soltas que recobrem as rochas nas partes mais secas da savana. Suas pequenas folhas vermelhas são cobertas por longos pelos, cada um dos quais contém uma gota de um líquido muito pegajoso. Pequenos insetos, pairando ao redor da planta, são capturados por essa substância pegajosa e não conseguem escapar da planta, que lentamente absorve seus sucos vitais. Como essa planta, geralmente tão amante de lugares aquosos, consegue subsistir sobre essas rochas é um mistério.

Todas as tardes, ao anoitecer, chegavam os bandos de andorinhões (*Streptoprocne zonaris*)⁹⁶ mencionados pelo Sr. Brown; mas não eram tão numerosos quanto pareciam ser na época de suas visitas. Eles voavam alto no ar acima da cachoeira, e então desciam tão repentinamente em direção ao anfiteatro, que suas asas produziam um chiado que não era o fenômeno menos curioso deste lugar maravilhoso. Depois de descerem direto, pousavam para a noite na face do penhasco, perto e atrás da cachoeira.

Aqui também tivemos a sorte de obter espécimes de uma nova espécie de ave, que o Sr. P. L. Sclater honrou-me ao batizá-lo com meu nome, *Macroagelaius imthurni*⁹⁷.

As noites eram amargamente frias. A lua estava enorme naquele momento e, à medida que brilhava sobre a cachoeira, parecia torná-la mais estranha. O rugido estrondoso de suas águas soava muito mais alto do que durante o dia. Ao amanhecer, tornou-se evidente que massas de nuvens brancas e espessas preenchiam todo o vale abaixo da cachoeira; estas só se dissiparam às nove horas da manhã.

Foi com pesar que, por fim, voltamos-nos para deixar a Kaieteur, mas após ficar seis dias nas redondezas, era hora de iniciar o regresso.

Nenhum incidente novo ou marcante ocorreu durante nosso retorno, e posso, portanto, encerrar minha narrativa.

O POTARO NA CHEIA

Em fevereiro seguinte, ao final de uma estação chuvosa intensa, com um mês de ausência, parecia que o tempo dificilmente poderia ser melhor empregado do que novamente ascender ao Potaro e observar a queda do rio na cheia. O Sr. T. C. Edwards-Moss foi comigo; e com vinte Indígenas partimos de Bartica Grove, em três barcos, na segunda-feira, 10 de fevereiro, e, apesar da grande quantidade de água nos rios Essequibo e Potaro, completamos nossa jornada confortavelmente e tão rapidamente que retornamos a Bartica Grove no dia 3 de março, após uma ausência de apenas vinte e dois dias.

A viagem subindo o Essequibo até a foz do Potaro levou cinco dias. O rio estava cheio; mas as fortes chuvas tinham acabado recentemente, um pouco mais tarde no ano do que o normal, e a água estava começando a baixar.

As cachoeiras nesta parte do rio eram facilmente transpostas, e quase sem aventuras. Ao desembarcarmos na beira das corredeiras de Kumaka, que

estavam quase completamente aplainadas pela grande quantidade de água que descia o rio, encontramos uma grande cobra, uma sucuri (*Eunectes murinus*)⁹⁸, dormindo sobre as pedras. Meu companheiro a abateu; e verificamos que ela tinha seis metros de comprimento e um metro de circunferência na parte mais espessa.



Quadro 14—O ‘...Sr. P. L. Sclater...’ é Philip Lutley Sclater (1829-1913), um importante zoólogo inglês com forte base ornitológica. Foi secretário da Sociedade Zoológica de Londres durante 42 anos (1860-1902), tendo sido também fundador e primeiro editor do ‘The Ibis’, o jornal da União Britânica de Ornitólogos. Sclater batizou uma das novas espécies de aves coletadas na Guiana em homenagem a im Thurn: *Macroagelaius imthurni* (Sclater, 1881), conhecida por iráúna-da-Guiana [ver PRANCHA V].

Fonte (texto e imagem): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Philip_Sclater#Career>.

A viagem subindo o Essequibo até a foz do Potaro levou cinco dias. O rio estava cheio; mas as fortes chuvas tinham acabado recentemente, um pouco mais tarde no ano do que o normal, e a água estava começando a baixar.

As cachoeiras nesta parte do rio eram facilmente transpostas, e quase sem aventuras. Ao desembarcarmos na beira das corredeiras de Kumaka⁹⁹, que estavam quase completamente aplainadas pela grande quantidade de água que descia o rio, encontramos uma grande cobra, uma sucuri (*Eunectes murinus*), dormindo sobre as pedras. Meu companheiro a abateu; e verificamos que ela tinha seis metros de comprimento e um metro de circunferência na parte mais espessa.

Na sexta-feira à noite, acampamos em frente à foz do rio Potaro; e cedo da manhã seguinte voltamos a subir o rio e, em um par de horas alcançamos a primeira catarata em Tumatumari. Aqui nós despendemos a tarde na mata em uma vã tentativa de caçar — infelizmente, não vimos nada para caçar. Em Tumatumari a cena era muito diferente do que havia sido na estação seca. Agora, abaixo da catarata, em vez de uma planície de bancos de areia e rochas com uns poucos canais de água, tudo era uma única lâmina d'água, coberta por massas de espuma branca da água que caía acima. A catarata, agora, em vez de ser pequena e estreita, avançava por toda a extremidade superior da planície, e era pelo menos três ou quatro vezes mais larga do que em outubro.

Como foi em Tumatumari, assim o foi ao longo de todo o rio. A água no Essequibo estava alta, mas no Potaro estava ainda mais alta. Dentro das poucas semanas anteriores e durante nossa expedição, muito mais chuva deve ter caído na região de arenito onde o Potaro nasce do que nas partes próximas às águas

superiores do Essequibo. Quando chegamos a este último rio em nosso retorno, descobrimos que ele havia abaixado consideravelmente, enquanto o Potaro estava então muito mais alto do que quando nós entramos nele. Quase não houve dias sem chuva durante nossa expedição, e enquanto estávamos perto da Kaieteur a chuva era frequentemente muito forte. Dos vinte e dois dias de nossa ausência de Bartica Grove apenas dois foram secos: durante o mesmo período muito pouca chuva caiu na região costeira; e, a julgar pelo estado do rio, muito pouco pode ter caído em direção às nascentes do Essequibo.



Quadro 15 – O ‘... Sr. T. C. Edwards-Moss ...’

é Thomas Cottingham Edwards-Moss (1855-1893), um importante personagem que participou e colaborou para que a viagem exploratória de im Thurn transcorresse com sucesso pela Guiana Britânica. Sua importância foi tamanha que Everard im Thurn dedicou os resultados alcançados na viagem à seu amigo Edwards-Moss, como descrito na Dedicatória do livro original: “FAMOSO COMO REMADOR, MAS MERECE FAMA MUITO MAIOR COMO

POSSUIDOR, EM GRAU MUITO INCOMUM, DAQUELAS RARAS E EXCELENTE QUALIDADES QUE FAZEM DE UM HOMEM UM COMPANHEIRO DE VIAGEM INTEIRAMENTE ÚTIL E AGRADÁVEL”. Edward-Moss foi também um político conservador atuante na Câmara Britânica dos Comuns entre os anos de 1885 e 1892.

Fonte (texto): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Tom_Edwards-Moss>.

Fonte (imagem): National Portrait Gallery. Disponível em <<https://www.npg.org.uk/collections/search/use-this-image/?mkey=mw156645>>.

O Potaro estava, como já foi dito, na cheia, e subiu ainda mais durante o tempo em que estivemos nele. Corredeiras, cataratas e cachoeiras haviam se alargado, desde que eu as vira três meses antes, de uma largura de alguns poucos metros para muitas centenas de metros. E nos trechos entre as quedas d’água, os inúmeros bancos de areia e rochas que eu vira estavam agora completamente cobertos por um fluxo forte e rápido de água escura, carregando longas fileiras de massas de espuma branca, as quais pareciam grandes bandos de pássaros brancos nadando com a correnteza. É difícil dizer se a paisagem no rio era mais, ou menos, bonita do que quando ele estava baixo. As cataratas agora eram indubitavelmente muito mais encantadoras e, por si só, dignas de uma visita; mas, por outro lado, os trechos suaves do rio haviam perdido muito da beleza fantástica que me encantara antes, e haviam adquirido algo do caráter monótono comum à maioria dos rios da Guiana.

A ÉPOCA DAS FLORES

Mas mesmo nesses trechos suaves havia algo mais belo do que antes. Era, como tinha dito, a principal estação de floração do ano; e as flores eram impressionantemente mais belas do que eu jamais as vi nos trópicos. Pois não é nessas regiões quentes, mas nos climas temperados do Norte, que as plantas se cobrem mais profusamente com massas de flores e produzem seus efeitos mais deslumbrantes. Mas, por uma vez, quando subíamos o Potaro, grandes massas de flores brilhantes reluziam em alguns pontos das margens. Três plantas eram especialmente impressionantes. Uma, a mais encantadora de todas, a *cakeralli* (*Lecythis ollaria*)¹⁰⁰, estava em plena floração. Na floresta, ela cresce alta; mas aqui, nas margens do rio, onde era muito abundante, era uma pequena árvore retorcida e nodosa. Algumas de suas muitas folhas pequenas eram verdes, algumas de vários tons brilhantes de vermelho-bronze. Cada uma de suas flores era como uma bela orquídea rosa; mas seus cachos tinham o hábito e a cor dos raminhos de um pessegueiro comum caseiro. De fato, nenhuma melhor ideia do efeito geral dessas árvores do que dizer que elas lembravam vividamente esses pessegueiros ingleses, ou talvez ainda mais nossos espinheiros com flores rosadas e pétalas duplas. Muitas vezes, essas árvores de *cakeralli* estavam parcialmente dentro da água e se projetavam sobre ela; e então o reflexo da massa de suas flores rosadas e quentes na água escura e parada era supremamente belo. Certa vez, passamos pela foz de um riacho, abaixo do qual, visto ao final de uma passagem sombreada formada por árvores arqueadas, uma *cakeralli*, meio caída, alcançava quase o outro lado do riacho; e ainda assim vivia, florescia e avermelhava toda a água abaixo dela. Em outro momento, o olho seria atraído por uma mancha azul-escura na superfície da água e, ao olhar para a margem para ver o que causou esse novo reflexo, pararia em um aglomerado de muitas coroas de trinta centímetros de flores-estrela intensamente azuis de *Petrea bracteata*¹⁰¹, uma das flores impressionantemente mais belas da Guiana, e que não é tão comum em jardins quanto deveria ser.

Uma terceira planta que então estava em plena floração era a de uma flor branca e cerosa (*Posoqueria longiflora*)¹⁰², com flores agrupadas como gardênia pendentes e de tubos longos, com um forte aroma adocicado e belos frutos ovais, cor de laranja, maduros até mesmo nos galhos floridos. E entre essas plantas havia muitas outras igualmente belas embora não tão proeminentes.

As águas altas do rio não causaram dificuldade adicional. Nosso barco e uma das canoas foram transportados pela catarata de Tumatumari, em vez de serem içados quando as águas estão mais baixas. Em Mowraseema, as corredeiras aumentaram muito em número, embora individualmente não em dificuldade. Mas quando chegamos para a transposição em Pacoutout, que antes havíamos evitado içando o barco, descobrimos que desta vez não poderíamos nos esquivar do trabalho de limpar o caminho, preparando-o com trilhos, para carregar o barco. Portanto, deixamos a canoa na extremidade inferior da portagem e pegamos apenas o 'Adaba', nosso barco, juntamente com três canoas de casca de madeira que os Indígenas que

viviam em Pacoutout nos ofereceram sob empréstimo. Um dia inteiro foi, entretanto, ocupado em atravessar nosso único barco. O caminho, ao longo do qual ele teve que ser arrastado, passa por uma plantação de mandioca, de modo que muito trabalho extra foi ocasionado pelo número de árvores caídas que tiveram que ser removidas do caminho. Alguns Indígenas, entretanto, haviam se estabelecido aqui desde nossa última visita, de modo que a trilha estava em melhores condições do que antes. Uma doença muito grave e infeliz do meu companheiro, um memorável evento para ambos desde então, causou um atraso de um dia aqui, e quase causou nosso retorno. Fazendo a transposição novamente em Amatuk, e puxando o barco para além de Waratuk, no quinto dia de Tumatumari, avistamos a Kaieteur. Parecia estar a cerca de seis quilômetros de distância. Este foi o ponto do qual na ocasião de minha visita anterior a Kaieteur não estava, como deveria ter estado, visível, de modo que quando chegamos aqui, pensamos por uma ou duas horas que a cachoeira estava completamente seca. Mas agora, bem ao longe no final do vale, a água branca estava muito visível enquanto caía sobre o penhasco em forma de parede fechando o fim da ravina. Kaieteur estava agora evidentemente muito cheia.

Uma hora depois, estávamos no local de desembarque em Tukeit, que fica a três horas de caminhada da cachoeira, e além do qual é impossível transitar com barcos. Levamos doze dias para chegar a esse ponto partindo de Bartica Grove; mas desses quase dois dias inteiros foram passados sem viajar.

Já descrevi a íngreme, mas não difícil, caminhada pela floresta, até o ponto mais alto da cachoeira. Ao chegarmos à savana descobrimos que ela havia sido queimada. As bromélias com as quais ela é propriamente revestida eram pouco mais do que tocos e folhas carbonizados; mas a vegetação rasteira ao redor das raízes delas havia se recuperado e estava mais vigorosa do que em outubro. A samambaia-do-campo (*Pteridium aquilinum*), erguendo suas jovens cabeças lanosas, lembrava a primavera em casa; algumas orquídeas terrestres estavam floridas, mas infelizmente não a *Sobralia*¹⁰³, que eu mais esperava ver.

KAIETEUR NA CHEIA

Atravessando a savana, e chegando à beira do penhasco sobre o qual o Potaro cai, deitamo-nos mais uma vez, corpos estendidos no topo do penhasco, cabeças sobre a borda. Era uma cena muito diferente daquela da última vez. Na vez anterior, ela estava bela e terrível; mas agora era algo inútil tentar descrever. Então um rio estreito, com menos de um terço da largura que possui hoje, despencava do penhasco em uma coluna de água branca, que ganhava uma proeminência surpreendente devido à escuridão da grande caverna atrás; e essa coluna de água, antes de atingir o pequeno reservatório negro abaixo, já se havia estreitado até quase um ponto. Agora uma indescritível, quase inconcebível, vasta cortina de água — não consigo encontrar outra frase — com cerca de cento e vinte metros de largura, rolava sobre o topo do penhasco, mantendo toda a sua largura até se chocar contra a água borbulhante do reservatório que preenchia todo o espaço



Prancha V - *Macroagelaius imthurni* (Sclater, 1881).

abaixo; e da superfície deste reservatório em si, apenas a borda externa era visível, pois a maior parte era incessantemente jogada e arremessada para cima em uma grande e alta massa de ondas, espuma e respingos.

A cachoeira, quando o rio estava quase seco, parecera algo tão grandioso e belo quanto possível de imaginar; mas agora era tão infinitamente mais grandiosa, tão infinitamente mais bela, que é dolorosamente impossível tentar expressar em palavras qualquer coisa de sua beleza e grandeza. De fato, as próprias palavras beleza e grandeza, e todas as outras palavras, parecem absurdamente fracas quando aplicadas a uma cena como aquela. É possível de fato descrever algumas impressões distintas que me ocorreram enquanto eu observava a queda d'água, mas é impossível sequer insinuar o efeito avassalador que toda a cena produziu.

Montamos nosso acampamento no antigo local, na borda da cachoeira. O rio ali havia sido sufocado por juncos (*Cyperus*)^V entre os quais a água se esgueirava discretamente até sua queda; mas essa vegetação estava agora completamente coberta pela correnteza do rio.

Cerca de uma hora antes do pôr do sol do primeiro anoitecer de nossa estadia, a chuva começou a cair em leves pancadas. Imediatamente abaixo de onde estávamos, do outro lado do rio, abaixo da cachoeira, o sol e a chuva construíram um arco colorido atravessando a ravina; e através dele, o rio, estreitado por uma série aparentemente interminável de contrafortes salientes nos penhascos, era visto serpenteando pela região coberta de floresta até ultrapassar a distante montanha do tipo pão-de-açúcar em Amatuk, e então se perdia na grande planície arborizada que se estendia além.

Uma hora depois nuvens baixas e pesadas se acumularam e quase nos trancaram em nosso acampamento à beira do penhasco. Então a névoa, as nuvens, a chuva e o vento criaram outra cena maravilhosa. A grande ravina rochosa aos nossos pés estava repleta de enormes massas de nuvens ondulantes e implacáveis que escondiam tudo, exceto quando, de vez em quando, uma rajada fria de vento, separando duas nuvens por alguns segundos, revelava em uma brecha alguma saliência de penhasco saliente, ou alguma rocha coberta de árvores, aparentemente suspensa em um mundo de nuvens. E durante todo o tempo o grande rio corria velozmente ao nosso lado até a beira do penhasco, rolava sobre ele e, ao cair, mergulhava através de estranhas e magníficas colunas de névoa branca, que continuamente se erguiam dele e subiam para o céu baixo, de cor plúmbea, acima, descendo para a massa mais densa e ininterrupta de nuvens abaixo, e ali se ocultavam. A noite chegou e, à medida que escurecia cada vez mais, os poucos andorinhões (*Streptoprocne zonaris*) que estavam por perto caíam de cabeça do céu acima; e eles também desapareciam nas nuvens. E o barulho da queda d'água — o farfalhar da água caindo e o estrondo profundo que se elevava do reservatório invisível abaixo — aumentava o efeito. Todo o mundo parecia irreal e grandiosamente fantástico. Em uma cena como aquela, a pessoa se

^V A espécie é nova para a ciência.

esquece de si mesma, esquece a vida real e parece transportada para um universo novo, e ainda malformado. Era um quadro que somente Turner poderia, e teria se deleitado, em pintar; e nem mesmo ele poderia ter mostrado mais do que uma pequena parte de sua estranheza.

Com a chuva, vindo mais e mais forte, dirigimo-nos para nossas redes, onde ficamos acordados, com frio e molhados, quase a noite toda. Nossas coberturas de rede eram quase inúteis contra aquela chuva, e com ventos intensos que conduziam a chuva. Pela manhã, eram quase nove horas quando conseguimos acender uma fogueira. Então a chuva cessou por um tempo, e conseguimos sair para tomar banho no rio. A água havia subido muito durante a noite e evidentemente ainda estava subindo; já estava a poucos metros do ponto em que a cobertura rochosa de algas aquáticas mortas e murchas (*Lacis*)¹⁰⁴ indicava a marca do maior nível da água. Como as nuvens novamente ameaçavam chuva, e como pretendíamos ficar onde estávamos por pelo menos mais um dia, nossos homens construíram um abrigo sólido e estruturado com colunas e folhas de palmeira, o qual deveria ser útil para futuros visitantes.

Aquele dia passamos caminhando bastante, e observando a queda d'água de vários pontos. Tínhamos um cronômetro conosco; e fixando repetidamente nossa atenção em filetes de água impulsionados como jatos, cronometramos a queda d'água desde o instante em que ela passava pela borda superior do penhasco até o instante em que atingia o reservatório abaixo. O tempo era de aproximadamente 6,5 segundos. Outra coisa notada durante aquele dia foi que os andorinhões não saíram do local durante o dia para retornar à noite, como de costume, mas pairaram sobre a face do penhasco o dia todo. Provavelmente era a época de reprodução deles.

À noite a cobertura de nosso abrigo era muito acolhedora; pois a chuva, que apenas havia caído em intervalos durante o dia, voltou a cair novamente com força. Mas a manhã seguinte estava esplendidamente bonita. No geral, tivemos muita sorte com o tempo. Ele tinha estado toleravelmente seco enquanto caminhávamos até savana, então vieram 36 horas de chuva quase incessante, que aumentou e encheu completamente a cachoeira; e então nosso último dia foi gloriosamente bonito, de modo que pudemos apreciar plenamente a paisagem maravilhosa.

O rio estava agora bem cheio, com a água chegando aos arbustos de cada margem, e a cachoeira estava no auge. Ao tomar banho naquela manhã, descobrimos que a correnteza havia ficado tão forte que tivemos que nos manter perto dos arbustos, e mesmo assim era muito difícil ficar em pé; um passo a mais poderia nos fazer descer Kaieteur.

Durante todo o tempo que restava nos deitávamos à beira do penhasco maravilhados com a beleza extraordinária da queda d'água, e toda a nossa conversa era sobre sua grandiosidade. Sua borda e superfície não eram uma linha reta, mas eram projetadas em muitas e variadas curvas pelas projeções e irregularidades do penhasco. E a água em cada curva parecia diferente (no modo como caía e na cor) de cada uma das outras partes. Em alguns pontos

a queda d'água era do mais puro branco; era ali que uma elevação no nível da borda do penhasco fazia a água transbordar sobre ela, e, projetando-se no ar, caía em um vasto e denso corpo de gotas brancas. Mas a maior parte da cortina da queda d'água era formada por belos pontos sobrepostos, semelhantes a jatos, os quais constantemente caíam e eram imediatamente sucedidos por outros; aqui a cor em cada ponto variava de acordo com a profundidade da água, e era de muitas tonalidades de um âmbar peculiar, clareando abaixo para a cor melhor descrita como '*écru*'¹⁰⁵. É impossível descrever mais acuradamente a interminável variedade no contorno e na cor da queda d'água.

A grande cortina de água, cobrindo totalmente a frente da caverna, parecia como uma cortina diante de uma entrada para o Inferno. Mesmo que fosse possível, seria quase assustador penetrar por trás dela.

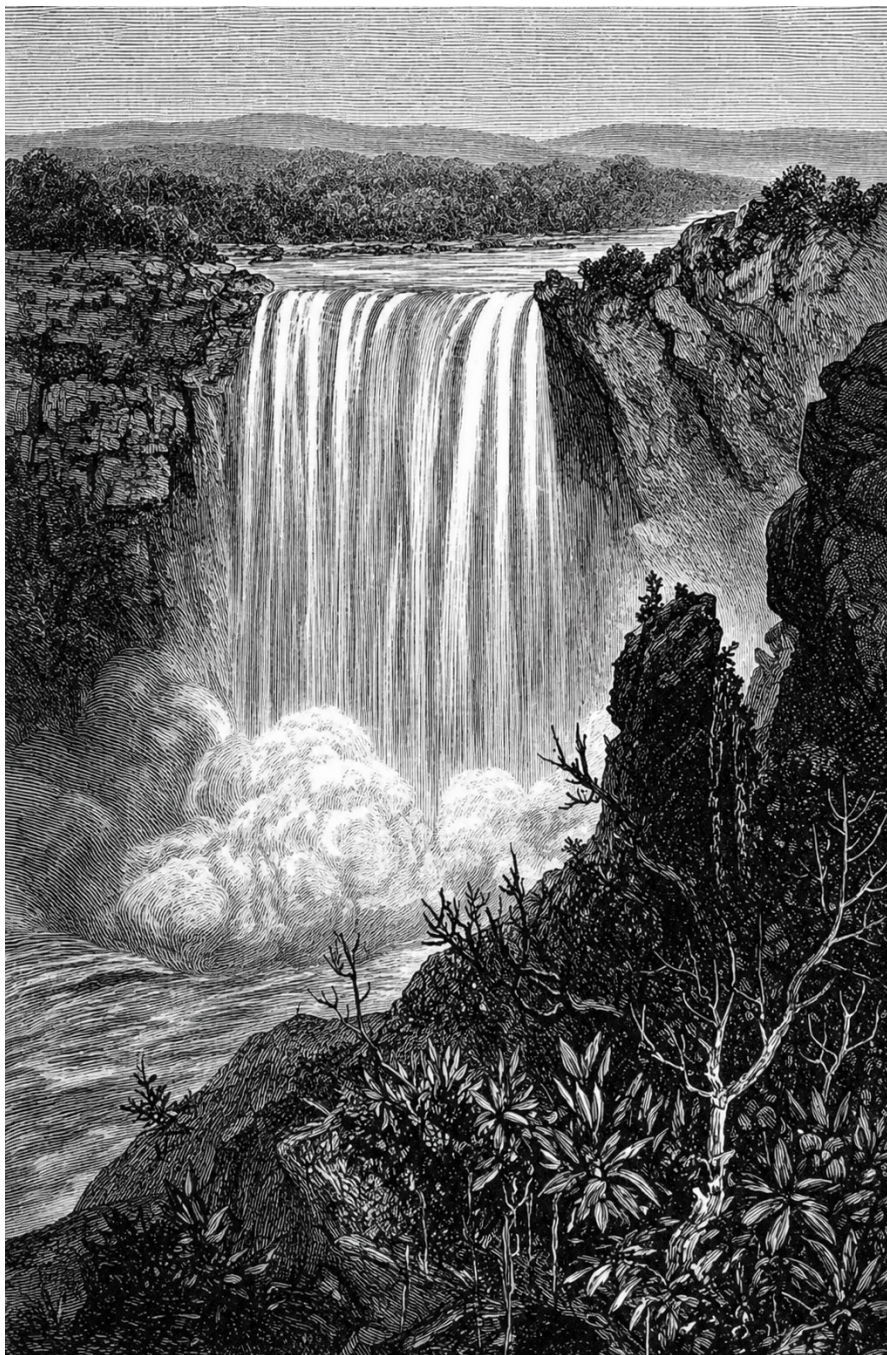
Mas talvez os efeitos mais belos daquela manhã tenham sido produzidos pelos arco-íris na ravina abaixo, causados pelo sol brilhando sobre as massas ascendentes de névoa e água pulverizada. Uma das extremidades do arco passava sobre a parte inferior da própria cachoeira e, misturando-se à água e perdendo toda a regularidade de contorno, parecia tornar-se parte de cada belo jato d'água e de cada uma das miríades de gotas brancas, até que o todo caísse como uma vasta chuva de joias. Tampouco a outra extremidade do arco, estendida ao longo das pedras pretas e planas, encimada por relva de um verde muito brilhante, ao redor do reservatório, era menos bela.

Algumas pequenas borboletas brancas pareciam de alguma forma irresistivelmente atraídas pela queda; elas ocasionalmente passavam por nós e voavam cada vez mais baixo, a luz do sol brilhando em suas asas brancas, até que elas esvoaçavam nos borrifos d'água coloridos do arco-íris; e então eram sugadas pela água.

O tempo passou, e nós tivemos que voltar para casa; e assim, na tarde do terceiro dia de nossa visita, após uma última e longa observação da cachoeira, descemos para nossos barcos e acampamos em Tukeit. Tínhamos decidido não tentar entrar na ravina ao pé da cachoeira; pois em minha visita anterior eu descobrira que a vista obtida de lá não valia o grande esforço da jornada. Mas agora, mesmo que quiséssemos entrar, dificilmente teria sido possível; pois o rio estava agora tão alto sobre as rochas as quais havíamos caminhado que nós teríamos no mínimo que fazer um caminho inteiramente novo.

A JORNADA DESDE A CACHOEIRA

Assim, depois de mais uma noite chuvosa em Tukeit, começamos a descer o Potaro na manhã seguinte. O curto período de bom tempo havia passado, e a chuva caía quase incessantemente. À medida que descíamos, a ravina se revelava imponente em sua vestimenta de nuvens e névoa; e as chuvas haviam criado inúmeras e belas cataratas descendo pelos penhascos, enchendo o vale com seu rugido.



Prancha VI - A cachoeira Kaieteur (na estação úmida).

Nossa jornada de volta para casa foi tranquila. No assentamento de Aykuru, eles haviam coletado uma grande quantidade de pão de mandioca, com alguns inhames e bananas-da-terra para nós. No assentamento seguinte, chamado Ilha, na extremidade superior da transposição de Pacoutout, eles tinham mais pão, um pouco de carne de anta (*Tapirus terrestris*)¹⁰⁶ e um delicioso mel silvestre. O líder deste assentamento disse que era dono do assentamento abandonado na foz do rio Kuribrong, que pretendia construir uma igreja lá, e que ele desejava que eu lhe enviasse um '*domini*' (pastor). Este é um capricho comum entre os Indígenas; eles constroem uma casa grande, que têm a satisfação de chamar de igreja, usam-na para realizar festas com pajuarú e, sempre que um homem branco se aproxima, chamam intensamente por um pastor.

Ao descer uma das corredeiras de Mowraseema, nosso barco bateu de repente em uma rocha afiada, e um buraco se abriu em seu fundo. Entretanto, com esgotamento da água até conseguirmos aportar e, em seguida um pouco de calafetagem, resolveram tudo. O restante das quedas d'água foi facilmente ultrapassado.

Em três dias alcançamos Tumatumari, onde, devido à elevação do nível do rio, houve considerável dificuldade para atracar os barcos. Chegando ao Essequibo nós descobrimos que, ao contrário do Potaro, ele havia abaixado consideravelmente durante nossa ausência. Quatro dias depois, em 3 de março, chegamos a Bartica Grove, e a mais agradável de todas as minhas viagens ao interior havia terminado.

COMO VISITAR KAIETEUR

Um pouco de palavras quanto a futuras expedições podem ser úteis.

Primeiramente, quanto às ações que poderiam ser tomadas pelo Governo para facilitar toda a viagem; confesso que o dinheiro gasto na abertura de caminhos de qualquer ponto do Essequibo até a Kaieteur me parece um desperdício. Uma pequena quantia em dinheiro e trabalho poderiam ser usados com muito mais vantagem na melhoria permanente das trilhas de transposição, e na construção de um caminho moderadamente melhor no desembarque em Tukeit até a base da cachoeira. Um presente anual também poderia ser oferecido aos Indígenas estabelecidos ao longo da rota, com a condição de que mantivessem as transposições abertas, mantivessem barcos para os viajantes, e prestassem toda a assistência ao seu alcance.

Em segundo lugar, quanto à participação dos viajantes na organização da expedição; o primeiro requisito é que somente Indígenas sejam levados para a tripulação. Um barco grande e confortável pode ser levado de Bartica Grove até Tumatumari; mas além disso um ou mais barcos pequenos são necessários. Adicionará muito ao conforto dos viajantes sem ocasionar muitos problemas, se forem levados alguns suportes de ferro e um toldo móvel para cobrir esses pequenos barcos.

Quanto à melhor época do ano para visitar Kaieteur, eu penso que a estação seca seja preferível. O volume de água é indubitavelmente muito reduzido, mas por outro lado a facilidade e o conforto da viagem aumentam muito, enquanto a paisagem verdadeiramente deslumbrante de todo o rio Potaro é então apreciada em sua perfeição.

Podem ser dadas as seguintes instruções quanto ao caminho a partir do ponto de desembarque de Tukeit. Devo primeiro declarar que mesmo que o caminho mais fácil até a base da cachoeira seja encontrado, a dificuldade da caminhada não é de forma alguma pequena, e não deveria ser tentada por ninguém além de um homem jovem e razoavelmente ativo. E quando se alcança o sopé da cachoeira, a vista obtida não compensa o esforço despendido. Eu recomendaria fortemente que todos, exceto os mais aventureiros, se contentassem com a vista muito mais bela que se obtém do alto.

Aqueles, no entanto, que estão determinados a ver a queda d'água de baixo devem seguir a trilha batida que leva ao topo por pouco mais de quatrocentos metros até um ponto onde é atravessado por um riacho considerável, cujo leito, com vinte a trinta metros de largura, é formado por saliências de arenito perfeitamente planas. Este é o riacho em cujas saliências, ao atravessá-lo em um ponto mais abaixo, notei a esplêndida exuberância de samambaias translúcidas (*Trichomanes elegans*)¹⁰⁷. O caminho então segue pelo leito deste riacho se a água estiver baixa, ou ao longo de seu lado sul se o riacho estiver fundo, até que o rio principal seja alcançado. Depois disso, é necessário manter-se nas pedras nuas o mais próximo possível da margem do rio. Só é necessário entrar na floresta ao passar pela nascente da última catarata, chamada Serikabaroo, antes de Kaieteur. Aqui, os rochedos são tão enormes e têm encostas tão semelhantes a penhascos que é absolutamente necessário subir certa distância pela encosta da ravina; e esta é a parte mais fatigante da jornada. É muito difícil alcançar o anfiteatro da cachoeira, e o viajante precisa formar seu acampamento na foz. Mas é possível acessá-la nadando de rocha em rocha, e dessa forma pode-se alcançar a verdadeira borda do poço onde o rio deságua.

O topo da cachoeira é facilmente alcançado a partir de Tukeit seguindo o caminho batido, embora este seja ocasionalmente muito íngreme.

O único bom lugar para acampar é caminhando em linha reta pela savana, saindo da floresta, até o lado oposto, próximo à borda da cachoeira. Mas a melhor visão é melhor obtida virando à esquerda imediatamente ao entrar na savana, em vez de atravessar para o local do acampamento, e indo pelo caminho mais direto até a borda do penhasco do anfiteatro.

RORAIMA

A montanha chamada Roraima, sobre a qual umas poucas palavras devem ser ditas, situa-se na borda extremo oeste da colônia, ou talvez do outro lado dela, na fronteira brasileira. Ela tem atraído muita atenção devido à sua forma

e circunstâncias peculiares. Os primeiros viajantes que a reconheceram foram os irmãos Schomburgk, que estavam naquela região por volta de 1840. Desde então, foi visitada três vezes: pelo Sr. C. Barrington Brown em 1869, enquanto pesquisava a geologia da colônia; pelos meus amigos, Srs. Eddington e Flint, em 1877; e por fim, pelos meus amigos, Srs. McTurk e Boddam-Wetham¹⁰⁸, em 1878. Além disso, em 1881, o Sr. David Burke¹⁰⁹, um coletor de orquídeas, e o Sr. Whitely¹¹⁰, um coletor zoológico, aproximaram-se separadamente ao alcance da visão da montanha.

Roraima é um platô tabular formado por arenito, que se eleva perpendicularmente a partir do plano geral; ou melhor, a savana inclina-se um tanto abruptamente para cima até uma altura de cerca de 1.500 metros acima do nível do mar, e essa elevação é coroada por uma massa de arenito de topo plano com cerca de 600 metros de altura, cujas paredes são perpendiculares. A circunferência dessa massa é inteiramente desconhecida, pois nenhum viajante ainda a contornou. Diz-se que a parede é igualmente perpendicular em toda a circunferência; mas isso é mera questão de conjectura e deve permanecer assim até que algum viajante a contorne. O topo plano parece estar coberto de floresta; e por suas encostas, pelo menos às vezes, consideráveis massas de água caem em vários pontos. Supondo que o cume seja realmente inacessível, não apenas aos homens, mas a todos os animais sem asas, existem aqueles que sustentem que neste platô tabular, isolado como deve estar de toda comunicação com o resto do mundo, muito possivelmente existam formas animais de um tipo primitivo que não sofreram nenhuma modificação sob a influência de novas formas desde que o plano foi inicialmente isolado. Seja o local totalmente inacessível a tais influências modificadoras ou não, é pelo menos certo que não apenas a fauna, mas também a flora, devem apresentar características de grande interesse. Atualmente, como já sugeri, não há nada que indique que a montanha seja realmente inacessível por todos os lados. A primeira coisa a ser feita é que o viajante a contorne por completo. A dificuldade de fazê-lo seria grande. A tarefa levaria um tempo considerável e indefinido, e como a distância da montanha a qualquer rio principal e facilmente navegável é grande, seria impossível para o viajante levar consigo provisões suficientes da costa para sustentar a si mesmo e aos assistentes necessários durante esse tempo. Seria, portanto, necessário viver quase inteiramente com os alimentos que pudessem ser adquiridos dos Indígenas do distrito, ou da caça; mas os Indígenas ali são poucos e têm pouca terra cultivada, e a caça é dita ser escassa. O explorador, portanto, teria que passar por dificuldades consideráveis.

Para um botânico o tempo gasto em uma caminhada preliminar ao redor do Roraima seria de grande interesse. Pois independente de as plantas no topo da montanha serem alcançadas ou não, a vegetação ao redor da base é extraordinariamente rica e interessante. A seguinte descrição da flora do distrito de Roraima, por Richard Schomburgk^{VI}, que, embora seja o único botânico que tenha estado lá, ficou somente nas proximidades por uns poucos dias, deveria ser suficiente por si só para atrair um explorador:

^{VI} Richard Schomburgk. *Reisen in British Guiana* (Leipzig, 1848) vol. ii. p. 216.

‘Das fendas nos estratos de arenito brotaram várias orquídeas; e além delas, as flores rosadas de *Marcetia taxifolia*¹¹¹ haviam se estabelecido nas fissuras — uma planta que eu nunca havia visto antes, e que à distância eu confundi com uma *Erica*. Ao chegar ao cume de um amplo e esplêndido platô, interrompido por pequenas colinas e aglomerados de ricas árvores e arbustos verdejantes, estendia-se para noroeste, norte e nordeste, sendo delimitado ao longe por altas cadeias de montanhas. Nosso caminho era através de um gramado macio e aveludado, ainda úmido com o orvalho, diretamente para o norte, até que fui atraído por um denso aglomerado de plantas semelhantes a árvores. Eram realmente notáveis. Seus caules nus, com vários metros de circunferência, finalmente se ramificavam em dois, enquanto nas extremidades desses ramos havia folhas largas e compridas, semelhantes a grama. Na ausência de flores e frutos, foi impossível determinar se essas plantas notáveis pertenciam à Pandanaceae ou à Velloziaceae. Essas plantas estranhas erguiam-se diretamente no ar, a partir dos cascalhos de arenito, cobertos por um *Eriocaulon* e uma curiosa grama cinza-escura. Meu irmão tinha visto um grupo dessas plantas em 1838, quando subiu pela primeira vez esta cordilheira de arenito; mas também naquela ocasião elas não estavam com flores ou frutos. Ao chegar à encosta, uma brisa vinda do Norte veio carregada de um aroma delicioso, e nossos olhos atônitos foram atraídos por inumeráveis caules de flores brancas, violetas e roxas que ondulavam ao redor da mata circundante. Eram grupos de soberbas Sobralias; e entre elas a rosada *Sobralia elizabethae* era a mais alta de todas. Encontrei caules floridos de 1,5 a 1,8 metros de altura. Mas não apenas essas orquídeas, mas também os arbustos e as árvores baixas, ainda pingando orvalho abundante, me eram desconhecidos. Cada arbusto, erva e árvore eram novos para mim, se não quanto à sua família, pelo menos quanto à sua espécie. Eu estava na fronteira de uma zona vegetal desconhecida repleta de formas maravilhosas, que se estendiam, como que por mágica, diante de mim. Mais uma vez, senti a mesma surpresa prazerosa que me dominara quando desembarquei pela primeira vez no continente sul-americano; mas agora parecia transportado para uma nova parte do globo, entre as Proteaceae da África e da Nova Holanda, e as Melaleuceae das Índias Orientais e Austrália. As folhas rígidas e coriáceas, os galhos curiosamente enrolados, as estranhas flores grandes de vários formatos, a cor deslumbrante de tudo isso — tudo era essencialmente diferente em caráter de toda a vegetação que eu já vira. Eu não sabia se olhava primeiro para as flores brilhantes e cerosas de certas espécies de *Thibaudia*, *Befaria* e *Archytaea*, ou para as grandes flores semelhantes a camélias de uma *Bonnetia*, ou se fixava meus olhos nas plantas floridas de vários tipos de *Melastoma*, *Abolboda*, *Vochysia*, *Ternstroemia*, *Andromeda*, *Clusia*, *Kielmeyera*, ou nas várias novas formas de *Sobralia*, *Oncidium*, *Cattleya*, *Odontoglossum* e *Epidendron*, que cobriam os blocos de arenito macio — e havia muitas plantas que não estavam floridas na época ... Cada passo revelava algo novo.’

Para o etnólogo o distrito também se mostrará interessante; pois é tão remoto e inexplorado que os Indígenas Arecuna¹¹², que principalmente o habitam, estão em uma condição primitiva muito incomum — por exemplo, para fins de cozimento, eles ainda usam utensílios de pedra, em vez de ferro; e, além disso, a singularidade do Roraima parece ter causado profundas impressões nas mentes desses Indígenas, e preenchido seus pensamentos com folclore em uma extensão incomum.

Em suma, há uma grande recompensa reservada ao viajante, seja ele botânico ou etnólogo, que, tendo meios financeiros suficientes, primeiro ganhará experiência nas formas de viajar por aquela parte do mundo, de modo que seu conhecimento sobre como organizar uma expedição seja o mais preciso possível, e então poderá ir ao Roraima preparado, a todo custo, para passar o máximo de tempo no distrito que lhe permita fazer o caminho lentamente ao redor da montanha; e seus esforços poderão resultar, como nenhum outro meio poderia, na descoberta de um caminho até mesmo para o topo do Roraima.



Quadro 16 - Os ‘... irmãos Schomburgk ...’, Robert Hermann Schomburgk e Moritz Richard Schomburgk, eram de origem alemã. Entre 1835 e 1844, Robert percorreu todos os rios da atual República Cooperativa da Guiana, além de uma parte considerável do território do atual Estado de Roraima e do extremo sudeste da Venezuela. De 1840 em diante, ele foi acompanhado pelo seu irmão, Richard, uma espécie de ‘ajudante de jardineiro’ (botânico) do Rei da Prússia.

Fonte (texto): Frank, E.H. 2006. Os trabalhos dos irmãos Schomburgk como fontes da etnohistória da área etnográfica da Guiana Ocidental. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/GT48Erwin.pdf>>.

Fonte (imagem): Robert Hermann Schomburgk. Disponível em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Hermann_Schomburgk#/media/File:Robert_Schomburgk_\(IZ_44-1865_S_228_E_G\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Hermann_Schomburgk#/media/File:Robert_Schomburgk_(IZ_44-1865_S_228_E_G).jpg)>.

COMO ALCANÇAR O RORAIMA

Algumas palavras não serão descabidas quanto à melhor maneira de se aproximar da montanha. Schomburgk, Brown e Eddington a visitaram subindo o Essequibo e o Rupununi até as proximidades do Pirara, uma rota que já descrevi, e então fazendo seu caminho pelo norte até a montanha; McTurk e Boddam-Wetham subiram o Mazaruni e então caminharam para o sul até a montanha. Mas há um caminho, ainda não experimentado, que estou convencido de que se mostrará muito mais praticável. Este é até o Potaro e de lá para o oeste através da savana. Já descrevi a jornada subindo o Potaro até a cachoeira Kaieteur; e é evidente que não há necessidade de grande dificuldade em levar barcos de tamanho considerável até aquele ponto. Lá, um posto de

abastecimento deveria ser formado. Pequenos barcos podem ser carregados além da cachoeira e lançados no Potaro acima de Kaieteur, ou podem ser obtidos dos Indígenas Akawaio que vivem acima, mas a alguma distância da cachoeira; e assim a expedição poderia prosseguir por água ainda mais em direção do Roraima. A caminhada pela savana a partir do ponto onde talvez seja necessário deixar o rio seria mais curta e quase certamente menos trabalhosa do que a caminhada correspondente por qualquer uma das outras rotas.

Mas, como minha última palavra sobre o assunto, devo alertar fortemente qualquer um contra abordar o Roraima sem primeiro amplamente ponderar a dificuldade e o custo.

CAPÍTULO IV

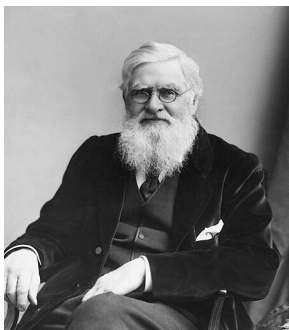
ASPECTOS DA FLORA

Equívoco Comum sobre Paisagens Tropicais - O Caso Especial da Guiana - Tipo Geral de Folhagem Semelhante ao de Climas Temperados - Coloração da Folhagem - Cor das Flores em Agrupamentos - Beleza de Flores Individuais - Perfume - Principais Tipos de Vegetação da Guiana - Uma Cena na Floresta - Florestas de Palmeiras - Vegetação Ribeirinha - A Palmeira Inajá - Cenário da Savana - Plantas Aquáticas

A aparência de um país que tem sido pouco modificado pela mão do homem depende, em grande medida, de sua vegetação. Muito tem sido escrito ultimamente sobre a real aparência da vegetação tropical, em oposição à comumente concebida. Mas homens em regiões temperadas ainda tendem a pensar que a flora tropical resplandece com cores deslumbrantes, e é composta quase exclusivamente de formas pitorescas. Duas falácias, quanto à cor e à forma, estão envolvidas nessa concepção. A disseminação da falácia da cor se deve ao fato de que são as plantas mais belas que, selecionadas entre um número infinitamente maior de tons menos brilhantes, são agrupadas em nossas estufas. A falácia da forma surgiu em parte de uma causa semelhante, mas principalmente dos esboços fantasiosos de paisagens tropicais feitos por artistas. Esta última fonte de erro pode ser bem estudada, por exemplo, em certas pinturas da paisagem da Guiana feitas por um alemão chamado Carl Appun¹¹³, botânico e ilustrador de algum mérito, que viveu alguns anos no interior e que forneceu quase as únicas pinturas disponíveis, desenhadas no local, daquela paisagem. Nessas pinturas, palmeiras e outras plantas de formas estranhas às regiões temperadas, ocupam toda a cena. Appun sabia como desenhar plantas, de modo que mesmo em suas composições mais densas é possível reconhecer as espécies de cada planta individualmente; mas suas pinturas não são registros fiéis da paisagem, pois nelas, assim como o jardineiro faz em sua estufa, ele agrupava apenas as plantas mais impressionantes e omitia completamente todas aquelas que pouco se distinguem, em caráter ou tamanho de folhagem, das plantas de regiões temperadas. Para corrigir as falsas visões assim disseminadas, a análise cuidadosa do Sr. Wallace sobre a paisagem tropical em geral, em seu admirável ensaio sobre a Natureza Tropical, é de grande valor. O objetivo do presente capítulo é para complementar, na medida do possível, esse relato geral pela representação dos aspectos mais característicos da excepcional flora da Guiana.

As florestas e bosques da Guiana, que, deve-se sempre lembrar, estão situados em um nível do mar muito baixo, são compostos principalmente por árvores e arbustos de tipo geral muito semelhante, tanto no que diz respeito à forma de crescimento quanto à folhagem, como os nossos castanheiros espanhóis, carvalhos, acácias e loureiros. Três coisas devem ser, no entanto, lembradas ao transferirmos em imaginação nossas próprias formas de vegetação para os trópicos; e estas são, em primeiro lugar, que nos trópicos, as árvores e plantas de todos os tipos são geralmente em escala muito mais gigantesca, e que esse crescimento denso e, especialmente nesse nível baixo, a ausência de pequenas plantas de crescimento

organizado, como as que em outros lugares cobrem o solo e preenchem os espaços, dão uma impressão de desordem; em segundo lugar, que a luz sendo muito mais intensa, os espaços dentro dos contornos gigantescos da paisagem são vistos como uma nudez e despojamento exagerados; e em terceiro lugar, que espalhadas entre essas formas familiares, ocorre um grande número de formas novas.



Quadro 17 – O ‘... Sr. Wallace ...’ é Alfred Russel Wallace (1823 – 1913), grande naturalista, geógrafo, biólogo, explorador e ilustrador inglês. Concebeu independentemente a teoria da evolução por seleção natural. Seu artigo de 1858 sobre o assunto foi publicado naquele ano juntamente com trechos dos escritos de Charles Darwin sobre o tema. Isso levou Darwin a deixar de lado o ‘grande livro sobre as espécies’ que estava escrevendo e a redigir rapidamente um resumo, que foi publicado em 1859 como

‘A Origem das Espécies’. No texto, im Thurn se refere a obra ‘Natureza Tropical’ na nota de rodapé VII (Wallace, Alfred Russel. 1878. Tropical nature, and other essays. London & New York: Macmillan & Co.), como um texto importante para entender a paisagem tropical de forma geral.

Fonte (texto): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Alfred_Russel_Wallace>.

Fonte (imagem): Disponível em <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d4/Alfred-Russel-Wallace-c1895.jpg/500px-Alfred-Russel-Wallace-c1895.jpg>>.

A ‘FALÁCIA TROPICAL’

Começando com essa ideia geral da vegetação, será conveniente, primeiro, considerar os três pontos especiais, quanto à ocorrência de cores, de formas novas, e de aromas marcantes, e então desenhar, tanto quanto possível em palavras, umas poucas cenas típicas da vida vegetal na floresta e na savana.

A cor geral da floresta se deve mais aos vários tons das folhas do que a qualquer ampla disseminação de flores. Ainda assim, em nenhum momento a folhagem da Guiana é tão esplêndida quanto em um bosque inglês comum, seja no início da primavera ou na época do glorioso outono dourado. Mas, por outro lado, a floresta tropical ao longo do ano é mais variadamente colorida nesse aspecto do que o bosque inglês em qualquer outra época que não a primavera ou o outono. Essa peculiaridade da floresta tropical é devido particularmente ao fato de que, sem uma estação específica para o brotamento ou a queda das folhas, ao longo do ano ela tem árvores que produzem folhas novas, brancas ou brilhantemente tingidas de verde, rosa, ou vermelha, e outras das quais caem folhas com cores vermelhas, amarelas e bronze, profundamente queimadas pelo sol escaldante; e particularmente ao fato de que nela as árvores são de inumeráveis tipos, cada uma com folhagem pelo menos ligeiramente distinta

em cor, crescem misturadas, e não, como é comum em terras de florestas de faias ou carvalhos e bosques de abetos, em grupos mais ou menos distintos. A quantidade total de cor providenciada pelas flores, provavelmente não é muito diferente em árvores tropicais e temperadas, mas é diferentemente distribuída. Com flores, exatamente e pelas mesmas razões que com as folhas notáveis, aquelas em climas temperados concentram-se todas na primavera e em locais específicos, enquanto na Guiana elas estão espalhadas ao longo do ano e em árvores isoladas pela floresta; de modo que neste último local, embora nenhuma camada de flores como a que decora um pomar de macieiras ou cerejeiras ou um bosque de espinheiros na primavera seja jamais vista, ainda assim, ao longo do ano, embora com mais frequência na estação chuvosa do que na seca, árvores tão completamente cobertas de flores quanto qualquer macieira, cerejeira ou espinheiro, podem ser notadas como se fossem enormes ramalhetes, na floresta frondosa, de outra forma sem flores. Deve ser acrescentado que esta descrição das flores da Guiana se refere apenas às das árvores ou arbustos, e que nunca há ali um tapete crescente de flores, tal como é feito na Inglaterra por prímulas e anêmonas, por jacintos selvagens e violetas-caninas nos bosques, ou por calêndulas-dos-pântanos e campainhas-vermelhas nos campos alagados, ou por urze e tojo nos brejos.

O esplendor das cores de muitas árvores tropicais isoladas, realçado pelo contraste com o verde da floresta circundante, é muito vividamente presente em minha mente. Nenhum efeito de cor poderia ser mais brilhante do que uma árvore ipê (*Handroanthus* sp.)¹¹⁴, cujos galhos sem folhas, erguendo-se bem acima da floresta circundante, estavam cobertos e carregados por densas massas de flores amarelo-douradas, com um brilho maravilhoso e quase deslumbrante contra um pálido céu azul claro; ou do que um exemplar masculino de tachi (*Triplaris weigeltiana*) carregado de flores, dispostas em grandes plumas, semelhantes, mas muito maiores do que, cachos de lilases, a princípio de cor branco-creme, mas depois, quando as flores envelhecem, assumem uma bela nuance vermelha; ou do que a mesma árvore quando cada florzinha, em forma de minúsculos paraquedas, caindo em múltiplos giros até o chão, enche até mesmo o ar com flores; ou do que a fava de bolota (*Parkia pendula*), talvez a planta mais bonita de que me lembro, seus galhos dispostos em camadas à maneira do Cedro do Líbano, sua folhagem finamente recortada em forma de acácia, de cor muito escura, enquanto da extremidade de cada ramo pende, na ponta de uma longa haste flexível, de aproximadamente um metro de comprimento, um globo de flores carmesim — essas flores, devido ao arranjo regular dos galhos, em forma de estratos, pendendo em franjas profundas e uniformes da borda externa de cada galho sombreado; ou do que outra árvore, de uma espécie desconhecida para mim, coberta por uma densa massa de flores lilás-claro, que certa vez vi em contraste estranhamente harmonioso contra um céu cinzento e chuvoso; ou do que uma curiosamente colorida flor purpura de calopogônio (*Calopogonium caeruleum*) a qual sobe e floresce tão abundantemente sobre certas árvores pequenas que, à distância, parece uma estranha luz de cor fumacenta; ou do que outro cipós escandente (*Norantea guianensis*)¹¹⁵ que corre, como fogo,

sobre as árvores mais altas, lançando muitas espigas flamejantes de densas flores escarlates, de 60 a 90 centímetros de comprimento. Ainda assim não se deve esquecer que estas são apenas manchas de cor amplamente separadas em uma enorme floresta geralmente verde.

Talvez seja notado que este relato da distribuição de flores na Guiana dificilmente concorda com certas afirmações do Sr. Wallace^{VII}, aparentemente aplicadas às florestas tropicais em geral, como aquela em que ele afirma que *'massas conspícuas de flores vistosas são tão raras que semanas e meses podem ser passados sem que se observe uma única planta florida digna de admiração especial'*. Que um homem, se ele se confinasse estritamente às partes mais sombreadas da floresta, pudesse passar semanas ou meses sem ver uma única planta de beleza impressionante pode ser bem possível; ainda assim, pelo menos na Guiana, ele nunca deveria, durante esse período, entrar nos muitos espaços abertos formados por rios e córregos, ou pela queda de grandes árvores, ou correrá o risco de ver, em média, pelo menos um belo aglomerado de flores a cada vinte e quatro horas. Em suma, a velha falácia tropical era grande; mas a reação contra ela, exemplificada no ensaio do Sr. Wallace, tem sido levemente exagerada.

IMAGENS FLORAIS

A beleza individual das flores, tão distinta dos agrupamentos, é frequentemente mais notada na Guiana; pois não apenas todas as flores descritas acima, e muitas outras que poderiam ser adicionadas à lista, são belas individualmente assim como em conjunto, mas existem outras, e muito mais, as quais, embora distribuídas com muita parcimônia em suas plantas, ou crescendo sob uma luz muito desfavorável, que não causam grande impressão, são individualmente tão delicadamente belas ou tão esplêndidas quanto quaisquer outras dispostas em um buquê de florista. As flores se perdem na floresta. Por exemplo, um homem pode, como eu sei, passar por um arbusto de *Posoqueria* sem perceber que ele está em flor, porque as flores brancas e os frutos alaranjados não são muito distinguíveis entre os muitos pequenos pontos de luz intensa que penetram na sombra profunda sob a floresta; mas se ele parar para examinar esta planta, encontrará entre suas folhas em forma de louro as mais belas flores brancas, de textura semelhante à cera, semelhantes, mas maiores que as do jasmim, cada uma na extremidade de um tubo branco muito longo. Esta é apenas uma das inúmeras circunstâncias que podem ser encontradas mesmo sob a sombra da floresta; enquanto nas margens das descidas dos rios, nas clareiras da floresta e especialmente nas savanas, o número de flores individualmente belas é muito maior.

VEGETAÇÃO TÍPICA

Passamos agora da cor para a forma. Descrevendo os tipos comuns de árvores como semelhantes às das terras temperadas, foi estabelecido que entre elas estão espalhadas muitas formas bem marcantes ou quase peculiares aos trópicos. Ao

^{VII} *Tropical Nature* (by A. R. Wallace, 1878), p. 61.

descrevê-las agora, as primeiras formas a chamar a atenção são os cipós, que se entrelaçam por toda a floresta e passam em indissociável confusão de tronco em tronco e por cima das copas das árvores. Eles não são apenas imensamente mais numerosos, mas muitos deles são muito distintos em caráter, especialmente na forma de seus caules, das escandentes de climas temperados; alguns têm caules como rédeas largas, firmemente esticadas, ou com suas bordas caneladas de uma forma extraordinária; outros são espiralados regularmente, e outros ainda são torcidos uns nos outros tão uniformemente como se fossem de arte humana. Muitos tipos de palmeiras ocorrem em diferentes lugares, algumas espécies isoladas, outras em matagais e outras reunidas em número grande o suficiente para merecer o nome de floresta; de modo que, embora em alguns lugares nenhuma dessas plantas seja visível, em outros muitos indivíduos de uma espécie preenchem o cenário. Das palmeiras eretas, cujas folhas brotam de um centro comum, geralmente do topo de um caule mais ou menos alto e robusto, aquelas com folhas em leque são, com exceção de uma espécie muito comum (*Mauritia flexuosa*), extremamente raras; aquelas com folhas em forma pinada, e uma delas (*Attalea maripa*)¹¹⁶ tem seus folíolos dispostos quase em espiral ao redor da nervura central, de modo que a folha inteira se parece mais com uma pluma do que com uma pena; outra (*Manicaria saccifera*) possui uma enorme folha oblonga inteira, não dividida em folíolos. Mas, além dessas palmeiras eretas, existem outras que são escandentes (*Desmoncus*), com suas folhas pinadas ramificando-se ao longo de todo o caule. Outra planta (*Carludovica palmata*)¹¹⁷ — não é uma palmeira, mas tem aparência muito semelhante — rasteja como hera pelos troncos das árvores. Depois das palmeiras, os gêneros que figuram mais amplamente na representação imaginária habitual do cenário tropical são as plantas com folhas grandes, muito marcantes, simplesmente oblongas, das quais as mais conhecidas são as bananas comuns e a banana-da-terra, e das quais certas formas muito pequenas, as cana-da-índia, são agora comumente vistas em jardins ingleses. Essas plantas com folhas de bananeira figuram, em alguns lugares, em grande parte na paisagem da Guiana. A mais impressionante entre elas é a chamada banana-selvagem (*Phenakospermum guyannense*)¹¹⁸, uma espécie semelhante à famosa ‘árvore-do-viajante de Madagascar’, cujas enormes folhas se erguem perto do solo a uma altura de três a quatro metros e meio. As bases de seus pecíolos se envelopam, uma sobre a outra, e nas bolsas formadas por cada uma dessas partes envelopadas, grande parte da água da chuva é retida mesmo durante a estação seca. Essa água, que frequentemente servia para saciar a sede dos viajantes, rendeu à planta de Madagascar um de seus nomes em inglês¹¹⁹. Outra característica bastante notável nessas plantas é que as sementes dentro da casca fina e resistente do fruto estão acondicionadas por uma grande quantidade de substância fibrosa curta semelhante a aparas de lã, que na espécie da Guiana apresentam a cor escarlate mais brilhante, mas na planta de Madagascar, a cor é azul. Plantas muito menores, mas semelhantes, são as *Heliconia*; e ainda menores são várias espécies de *Maranta*, ou melhor *Ischnosiphon*, cujas folhas ovais, verde-escuras e resistentes, erguem-se em um caule semelhante a uma cana. As folhas destas últimas plantas servem aos Indígenas como papel de embrulho, para muitos propósitos, e os caules são entrelaçados pelos mesmos povos em cestos.

Abacaxis silvestres (*Ananas*, *Bromelia* etc.) e outras plantas semelhantes, mas muito maiores, cada uma representando apenas uma grande roseta de folhas longas, pontiagudas e serrilhadas, crescem isoladas ou em pequenos grupos nas partes mais arenosas do solo da floresta. Plantas semelhantes à babosa são muito raras; umas poucas ocorrem amplamente espalhadas pela savana, e uma forma, a maior bromélia do mundo, cresce em aglomerados tão densos sobre um determinado platô que constitui toda a paisagem. Entre as samambaias, não há necessidade de muita menção às formas herbáceas de baixo crescimento, como as que são familiar em terras temperadas. Elas são enormemente abundantes em toda a Guiana, sendo as principais formas várias espécies de *Adiantum*, *Lindsaya*, *Polypodium*, *Acrostichum*, e, acima de tudo, as belas samambaias pequenas e transparentes, *Trichomanes* e *Hymenophyllum*. Mas três formas, que ocorrem na Guiana e pertencem mais especificamente aos trópicos, são as samambaias arbóreas, as samambaias escandentes e as samambaias rastejantes. As samambaias arbóreas ocorrem abundantemente em certos trechos de arenito mais altos no interior distante, mas com muito mais parcimônia na floresta perto da costa, onde, no entanto, às vezes são vistas em matagais (*Cyathea aspera*)¹²⁰, às vezes isoladamente (*Cyathea macrocarpa* e outras)¹²¹. As verdadeiras samambaias escandentes, com folhas delicadamente cortadas, sustentam-se à maneira do lúpulo nos arbustos baixos (*Lygodium*). Mas há outras que, crescendo em locais sem arbustos e sem encontrar apoio, permitem que seus galhos cresçam até se tornarem um arbusto denso e autossustentável, talvez com dois metros de altura (*Dryopteris*)¹²², que cresce em barrancos rochosos, expostos ao sol forte, cobrindo esses locais com uma densa massa de folhagem lindamente encrespada; e uma outra samambaia, porém muito mais rara, de hábito semelhante é a *Oleandra neriiformis*¹²³, que possui um caule longo, ereto e firme, tão rígido que nenhum suporte é necessário, coroado por folhas lanceoladas. Outras samambaias (*Polypodium* e outras) rastejam como hera pelos troncos das árvores; e até mesmo algumas samambaias transparentes têm esse hábito. Licopódios (*Selaginella* e *Lycopodium*) frequentemente cobrem o solo sob a floresta. Musgos verdadeiros são escassos. As impressionantes folhas em forma de coração das aráceas, também, são vistas com frequência. Uma das plantas mais comuns da Guiana, que de fato quase nunca está ausente de águas rasas, é a taioba-do-brejo, uma arácea (*Montrichardia arborescens*)¹²⁴ com folhas semelhantes às da conhecida *Calla*, nascidas no topo de um longo caule em forma de vara frequentemente de três a quatro metros de altura. Aqui e ali, no chão das partes mais abertas da floresta, são vistas folhas verdes, vermelhoviças ou com manchas brancas dos *Caladium*, tão bem conhecidos nas estufas inglesas; e, crescendo epifiticamente tanto em árvores em pé quanto caídas, há um grande número de outras aráceas, com as folhas de algumas delas perfuradas por aberturas regulares em forma de janela (*Monstera obliqua*). Passando destas para os grupos de outras epífitas que cobrem as árvores, os mais impressionantes destes são as *Tillandsia*, em sua maioria semelhantes a abacaxis silvestres, mas uma forma curiosamente distinta (*T. usneoides*) produz um efeito muito estranho, pois pende em grandes massas como longas serpentinas de lá cinza,

balançando ao vento nos galhos externos das árvores; as *Clusia*, com folhas coriáceas maiores ou menores, como aquelas da conhecida árvore-da-borracha (*Ficus elastica*), que primeiro crescem em alguma bifurcação dos galhos no alto das árvores e, em seguida, lançam raízes longas, não ramificadas, semelhantes a cordas, direto para o solo; e as orquídeas. O número destas últimas plantas na Guiana é enorme; algumas poucas crescem no solo, mas a maior parte é epífita. Uma delas, a planta da baunilha, é escandesciente como hera. O caráter geral peculiar, mas pouco atraente das plantas, é conhecido demais para precisar de descrição; suas flores, embora muitas delas sejam individualmente de extraordinária beleza, na natureza raramente são suficientemente numerosas para atrair a atenção.

Uma classe de plantas que é geralmente conspicua em paisagens tropicais é raramente notada na Guiana. São os bambus. Os grandes e esplendidamente graciosos aglomerados de bambus — mais graciosos, ao que me parece, do que qualquer outra forma de vegetação — aparecem na Guiana principalmente perto de lugares agora ou outrora habitados, e foram, portanto, provavelmente introduzidos. Outras espécies — com seus caules plumosos espalhados em vez de brotarem em aglomerados definidos — estão mais amplamente dispersas, mas raramente são suficientemente numerosas ou notáveis para afetar o caráter da paisagem.

AROMAS TROPICAIS

O tema dos perfumes das plantas na Guiana requer poucas palavras. O forte aroma adocicado é uma característica muito mais marcante em todo o interior do que a cor brilhante. Muitas das árvores, embora ostentando flores discretas, ainda assim impregnam todo o ar com um perfume quase demasiadamente penetrante. A *Posoqueria* com longo caule e florada branca, já mencionada, é uma das muitas plantas tão fortemente perfumadas quanto a *Stephanotis*; e quando as grandes flores amarelas estão nas vinhas da baunilha seu aroma pode ser percebido de longe. Mesmo as árvores mais altas da floresta, que erguem suas flores tão longe do solo que sua beleza é invisível, e seu aroma por um tempo imperceptível, depois, quando elas deixam suas flores cair, tornam o odor na floresta a princípio realmente doce, e então, à medida que a decomposição se instala, torna-se enjoativamente doce. Outra fonte de perfume reside nas inúmeras resinas que exsudam das árvores. Onde cresce a árvore do breu-branco (*Protium heptaphyllum*)¹²⁵, todo o ar ao redor é agradável e saudável com o odor semelhante ao incenso da resina branca que escorre de seu caule e cai em quantidade no chão; e uma resina com aroma ainda mais poderoso, que reveste o tronco de outra árvore, o umiri dos Indígenas (*Humiria balsamifera* var. *floribunda*)¹²⁶, parece imitar e sobrepujar o odor da baunilha.

Tendo nessas considerações gerais fornecido os materiais necessários, como um pintor fornece cores, pincéis e tela, tentarei agora descrever algumas pinturas especiais da vida vegetal, algumas da região florestal, outras da savana; e assim tentarei dar uma noção tão fiel quanto possível da aparência da terra.

Ao fazê-lo será duramente necessário observar a região costeira, pela razão óbvia de que a maior parte dela tem sido muito modificada pela mão do homem, enquanto agora estamos considerando somente as condições naturais; e pela mesma razão os quadros da floresta serão tirados, não da região descrita como a área de exploração florestal, a maior parte da qual foi em algum momento privada de suas melhores árvores pela mão do homem, mas da floresta virgem mais remota. Pode-se, no entanto, ser observado que a diferença mais notável entre a área de exploração florestal e a floresta virgem é que, no primeiro caso, o espaço sob o dossel da floresta está muito preenchido por arbustos e árvores menores, enquanto no segundo é bem mais aberto.

QUADROS DA VIDA DAS PLANTAS

Suponhamos primeiro que estamos longe de qualquer abertura, em algum lugar na sombra profunda sob o dossel intacto da floresta. O olhar é primeiramente atraído pela enorme circunferência e pelas variadas características dos troncos das árvores. Muitos deles a alguma distância do solo não são colunares, porém formados por muitos suportes naturais semelhantes a tábuas, irradiando de um centro comum, por entre quaisquer duas delas vários homens podem facilmente ficar de pé; essas raízes tabulares sobem tanto no tronco que, se a árvore tiver que ser derrubada, e sendo isso impossível perto do solo, uma plataforma, às vezes de seis ou nove metros de altura, deve primeiro ser construída ao redor da árvore, acima do ponto onde as raízes tabulares se unem para formar um tronco com a forma comum de pilar; e dessa plataforma os lenhadores manejam seus machados contra o tronco, que nessa altura é circular e de dimensões moderadas. As maiores dessas árvores com raízes tabulares são as moras, a árvore mais comum da colônia. Mas entre as duas ou três moras que se avistam, há outros troncos de todos os graus de circunferência — alguns com a conhecida forma de pilar, outros como os feixes agrupados de um pilar de pedra, aparentemente compostos por uma série de pequenos troncos coalescentes; a maioria é lisa, mas em algumas há espinhos curiosos, cada um sustentado por uma saliência distinta na casca, e em outras, cachos de flores e vagens em forma de estrela ou ervilha (*Swartzia*), brotam diretamente da casca do tronco ou dos galhos. Acima dos troncos há algumas gavinhas isoladas de várias plantas rastejantes, algumas com folhas curiosamente manchadas e marcadas. Não há grandes palmeiras à vista, mas à direita há um emaranhado de pequenas palmeiras eretas (*Geonoma baculifera*) de 2,4 a 2,7 metros de altura, com um caule liso, multiarticulado e de cor clara, familiar à forma de uma bengala, e com algumas folhas simples ou ligeiramente pinadas. Aqui e ali também há algumas outras palmeiras (*Bactris trichospatha*), um pouco mais altas, crescendo isoladas, cada uma com um caule espinhoso muito fino e reto sustentando uma coroa de folhas delicadamente pinadas. Existem, porém, muito poucos arbustos visíveis, ou qualquer coisa além dos troncos das árvores que impeça a visão ao nível do olho. Olhando para os troncos das árvores o olhar viaja para longe, passando por muitos aglomerados de plantas epífitas, passando pelas bifurcações dos primeiros galhos, e ainda mais alto, até o dossel escuro e

impenetrável de folhas, antes de perceber a enorme altura das árvores. Do alto pendem massas emaranhadas de inúmeros cipós, aqui sem folhas, pois suas partes folhosas se estendem acima do topo das árvores. Nessas cordas suspensas de cipós, uma ou duas enormes massas de epífitas estão empoleiradas. Então os olhos, ao olhar para o chão, são atingidos pela escassez de musgo e outras plantas pequenas que costumam cobrir como carpete os bosques temperados; aqui o solo em muitos lugares consiste apenas de lama exposta, ou é coberto apenas por algumas folhas mortas ou frutos e galhos caídos; apenas em alguns poucos e pequenos trechos o solo é carpetado por densas massas de plântulas de árvores de 30 a 60 centímetros de altura, entre as quais crescem algumas samambaias herbáceas e musgos (*Selaginella*). Sobre montes de folhas mortas crescem uma ou duas minúsculas gencianas parasitas (*Voyria*), cujas flores devem ser descritas não tanto como brancas, mas sim como incolores sustentadas por caules curtos e rijos, sem folhas, e com o mesmo aspecto incolor. Por fim, um enorme tronco de árvore prostrado está semienterrado sob plantas epífitas, orquídeas, abacaxis selvagens e aráceas.

É difícil obter uma visão da parte externa do dossel da floresta, mas às vezes, como foi dito em um capítulo anterior, essa visão pode ser obtida do topo de alguma colina de encostas íngremes que se eleva acima da floresta. Em tal lugar avista-se um mar plano de copas de árvores, uma massa de folhagem muito variada entrelaçada por inúmeros cipós. Alguns indivíduos tanto de árvores quanto de cipós, às vezes podem ser vistos enfeitados com flores, mas estes são melhor vistos do nível do solo em alguma clareira na floresta. É nessas copas de árvores, expostas ao sol forte, que crescem muitas das mais belas orquídeas; mas seu pequeno tamanho, e a única distância da qual é possível vê-las em suas posições naturais, impedem-nas de formar uma característica específica na paisagem.

PALMEIRAS

Onde muitas espécies de palmeiras se reúnem em qualquer ponto da floresta, a cena tem uma característica muito distinta. A mais comum dessas palmeiras sociais é o buriti (*Mauritia flexuosa*), que, embora ocasionalmente cresça isoladamente à beira dos rios, com suas sementes tendo sido provavelmente depositadas pela correnteza, geralmente cresce em grandes quantidades em certas partes pantanosas da floresta, ou preenchendo inteiramente algum vale úmido na savana. Um grande charco de buriti na floresta é um lugar curioso e um tanto sombrio. Difícilmente são encontradas outras árvores ou plantas. Os troncos simples e maciços, livres por certa distância do solo de qualquer detrito, mas coroados por gigantescas folhas em leque, algumas das quais pendem, murchas e marrons, ao redor da parte superior do tronco, erguem-se a alguma distância umas das outras, cada uma de um monte de folhas caídas; e entre os montes estende-se a lama negra e nua, por onde serpenteiam em alguns pontos estreitos riachos de água vermelho-escura. As folhas das palmeiras se entrelaçam e formam uma cobertura de sombra espessa, quase tão densa quanto a de outras partes da floresta. Ocasionalmente, um tronco caído jaz como uma ponte, de um montículo a outro, e em outros lugares há algumas palmeiras jovens, ainda sem caule, com suas folhas brotando diretamente

da lama. Até onde se pode ver, olhando por entre os troncos, a paisagem se repete tal como está no primeiro plano. Um pântano preenchido pela palmeira tururi (*Manicaria saccifera*)¹²⁷ é igualmente impressionante. Na parte noroeste da colônia, entre as fozes do Orinoco e do Essequibo, grandes extensões de terra são ocupadas quase exclusivamente por esta palmeira, cujas imensas folhas, não divididas em folíolos, e às vezes de seis a nove metros de comprimento por um metro e meio de largura, se encontram no alto, e assim mantêm uma penumbra constante e uma atmosfera úmida e encharcada ao redor de seus caules, o que é muito favorável ao crescimento de pequenas samambaias. É quando estamos em uma floresta de tururi, com o chão plano coberto de restos de palmeiras até os joelhos, e olhando para as folhas quase monstruosamente gigantescas, que mais percebemos o efeito da vegetação tropical.

A mais graciosa de todas as palmeiras da Guiana, o açai (*Euterpe oleraceae*)¹²⁸, cresce em conglomerados nas margens da maioria dos rios; mas em alguns lugares também ocupa charcos inteiros. Estes diferem principalmente dos charcos de buriti, pois o açai não cresce isoladamente, mas em grupos, consistindo em muitos caules delgados, graciosamente curvados, de alturas muito variadas, cada um erguido sobre uma massa densa comum de raízes expostas. Esses grupos surgem desta maneira. Uma única semente cria raízes e produz um único caule; depois de algum tempo, um novo caule brota da base dos caules originais, e isso acontece repetidamente até que todo o grupo, ou planta, talvez, consista em uma dúzia de caules de várias idades. E à medida que o número de caules aumenta, mais e mais raízes de sustentação são lançadas, e estas, com o tempo, se fundem em uma grande massa, que gradualmente empurra a coroa para cima e ergue os caules para o alto. Devido à sua folhagem extremamente plumosa e ao agrupamento dos caules delgados, cada aglomerado dessas palmeiras é algo de rara beleza; e o charco no qual muitos desses aglomerados se ergue como ilhas não tem nada da solenidade do charco de buriti ou do tururi, mas sim, é repleto de luz e vivacidade.

Uma palmeira muito mais rara, que às vezes também cresce em quantidade considerável em pântanos dentro da floresta, embora dificilmente ocupe totalmente esses lugares, é a paxiúba (*Socratea exorrhiza*)¹²⁹. Ela cresce tão frequentemente isolada e dispersa em pântanos de açai, que uma ou duas delas podem muito bem ser inseridas em qualquer imagem de tal lugar. Cada caule reto e único de paxiúba, em vez de se erguer diretamente do solo, é sustentado no ar por muitas raízes espinhosas e largamente bifurcadas, às vezes com 2,5 a 2,7 metros de altura; cada folíolo de suas folhas plumosas é triangular, como aqueles de uma avenca¹³⁰, e está configurado na nervura central em um ângulo peculiar, o qual confere a toda a coroa de folhas um efeito marcadamente plumoso.

Outra palmeira, rara na Guiana, mas que cresce na floresta em um outro local em números consideráveis, é uma *Attalea*¹³¹, de uma espécie nova para a ciência, que o Professor Trail¹³², de Aberdeen, a nomeou de *A. sagotii*¹³³. Ela cresce entre tipos comuns de árvores e arbustos, mas suas enormes folhas

plumosas, por não serem erguidas como as de outras palmeiras, em um tronco, mas brotando diretamente do solo, têm um efeito peculiar.

VEGETAÇÃO DA MARGEM DO RIO

Saindo da floresta para algum espaço aberto, seja um curso de rio ou uma clareira, a borda da floresta, vista desses ambientes, apresenta um aspecto muito diferente. Imaginemos que a olhamos de algum rio.

O caráter da vegetação ribeirinha dentro do alcance da correnteza difere um pouco daquela que prevalece nas partes mais altas. Geralmente nas primeiras partes a floresta verdadeira não se estende até o rio aberto, mas entre os dois ergue-se um cinturão de árvores de mangue-vermelho (*Rhizophora mangal*)¹³⁴, elevado acima da planície de lama com raízes aéreas, exceto onde em um ou dois pontos um espigão saliente da margem mais alta se projeta acima da lama, através dos manguezais, para o rio; essas margens são cobertas por uma palmeira-anã (*Bactris palustris*) tão densamente compactada que as folhas pinadas e ousadas escondem completamente os caules, e tudo parece altos bancos dilatados de samambaias. Nas águas rasas das baías entre essas margens e as linhas de manguezais, inúmeros lírios semelhantes a *Urceolina* erguem sobre a água suas folhas herbáceas e cachos de grandes flores delicadas e de aroma doce, às vezes de um branco puro (*Crinum erubescens*), às vezes com o branco realçado por anteras manchadas de vermelho (*Hymenocallis tubiflora*).

É um tanto difícil descrever um trecho da margem ao longo das partes mais altas do rio, pois cada trecho difere, ainda que ligeiramente, não tanto nos elementos vegetais que o compõem, mas na forma como esses elementos são combinados. Em um trecho típico da margem do rio, três fases de vegetação são principalmente discerníveis: uma onde a margem não foi, em nenhum período recente, nem aumentada ou diminuída pela ação do rio que a atravessa; outra onde foi arrastada pela água; e a terceira onde houve adição de novo solo de fora dela. Quando o viajante se deparar com a margem ele pode de algum lugar ser apto a notar todas essas três fases: parte da margem está intacta; parte foi recentemente carregada, de modo que o rio aqui entrou na floresta, e corre imediatamente próximo da borda da floresta; e um pouco mais abaixo, a terra que havia sido varrida foi novamente depositada, construída como se fosse uma língua de terra baixa, a qual corre da margem original, um pouco mais alta, para dentro do rio.

Onde a margem não foi perturbada a folhagem da floresta desce em curvas lindamente arredondadas até a beira da água, com árvores, arbustos e cipós se fundindo em um só; e a curva é continuada e repetida sem a menor interrupção no reflexo quase perfeitamente fiel na água. Nenhuma planta isolada é distintamente vista no aglomerado, e a monotonia geral é quebrada apenas por alguma mancha isolada de cor. Porém, por outro lado, muitas flores e sementes individuais atraem o olhar observador. Em um lugar, por exemplo, várias vagens grandes pendem cada uma na extremidade de um caule em

forma de chicote com cerca de 60 centímetros de comprimento, e novamente, uma flor verde muito curiosa, em forma de raios de roda, certamente atrairá a atenção; mas o aglomerado é tão confuso que demora muito para que seja possível determinar se as primeiras pertencem a uma árvore (*Eperua falcata*)¹³⁵, e as últimas a um cipó (*Marcgravia oligandra*). Em suma, o todo é um conjunto confuso e arredondado de inúmeras formas vegetais.

Onde a margem foi rompida, no lugar da massa arredondada da folhagem, os troncos das árvores mais externas da floresta erguem-se como uma muralha diretamente da superfície do rio. Os cipós, que antes da margem ceder corriam entre as folhas das árvores subindo desde a água e se espalhando através do dossel da floresta, agora já lançam gavinhas em direção à água; e estas, entrelaçando-se, pendem exatamente como uma cortina fechada, descendo diretamente da borda externa dos galhos das árvores que se projetam sobre a água. Em certas estações do ano essa cortina de cipós é tingida com as mais brilhantes cores pelas várias flores que produz. Em um lugar, a parede de árvores e cipós é quebrada por uma palmeira magnífica, um inajá (*Attalea maripa*). Esta planta é um estudo por si só. A palavra palmeira geralmente evoca à mente uma imagem pouco variada de um tronco mais ou menos alto, mais ou menos reto, de cujo topo algumas folhas se ramificam um tanto em ângulos retos; de fato, embora tal descrição se aplique aproximadamente à generalidade das palmeiras, ainda assim, pequenas diferenças em si mesmas, na natureza do tronco e no conjunto de folhas e folíolos, dão a cada gênero e, frequentemente, a cada espécie, um aspecto muito distinto. Por exemplo, o inajá jamais poderia ser confundido a certa distância com qualquer outra palmeira que ocorre na Guiana. Ele cresce isoladamente, embora ocasionalmente haja muitas próximas umas das outras. Às vezes, em plantas velhas, o caule é claro e colunar a uma pequena distância do solo, mas acima disso, ou muito mais frequentemente do próprio solo, as bases dos pecíolos das folhas anteriores permanecem, circundando o caule, e esses restos aderentes dos pecíolos são cada vez mais longos na parte superior da árvore até que as folhas verdes atuais sejam alcançadas, e estas, dispostas não em um ângulo agudo com o caule abaixo delas, mas em um ângulo muito obtuso, elevam-se no ar até que, no topo, se curvam de forma gradual e graciosa para fora. O formato geral da árvore é, de fato, o de um vaso em forma de cornucópia, que se ergue de uma base estreita e se curva para fora. As folhas são pinadas, mas os numerosos longos e afilados folíolos estão densamente dispostos na nervura central em um ângulo peculiar; e estes, retos por alguma distância, pendem então livremente suas extremidades, de modo que toda a folha tem o aspecto, como é comum entre palmeiras pinadas, não de uma pena plana, mas sim de uma pluma enrolada. A planta se torna ainda mais bela pelo fato de que, entre os restos de folhas em seu caule, algumas samambaias criaram raízes (principalmente *Nephrolepis acuta* e *Polypodium decumanum*)¹³⁶, e estas misturam suas folhas verdes com os grandes cachos pendentes de flores e frutos amarelos de palmeira.

Na ponta da terra em formação as plantas já começaram a crescer, e os restos das primeiras plantas que surgem vão gradualmente edificando o solo para formas mais duradouras. Mais perto do rio, a ponta é margeada por

uma faixa uniforme de um particulares arbustos que crescem na água, seja goiabeiras (*Psidium striatulum* var. *striatulum* e *Campomanesia aromatica*)¹³⁷, com flores brancas perfumadas e frutos verde-amarelados de sabor amargo; ou algodoeiros-da-praia (*Hibiscus tiliaceus*), com folhas semelhantes às das tílias inglesas, e grandes flores de malva de cor prímula clara com gargantas cor de chocolate; ou ingás (*Inga meissneriana*), ao longo de cada ramo, das quais flores brancas, como penas felpudas, aninham-se densamente. Sobre esses arbustos entrelaçam-se várias plantas escandentes, com raízes terrestres, algumas com flores de cores vibrantes, como as *Bignonia* de branco-púrpura, as *Allamanda* com enormes flores amarelas em forma de trombeta e um *Combretum* com flores vermelhas lembrando escovas-de-garrafa. Por trás dessa cerca viva externa, a ponta de terra está, a certa distância, coberta por uma massa emaranhada de vegetação de pequeno porte, aparentemente de arbustos, mas tão densamente coberta por convolvulus (*Ipomoea*) e outras escandentes que é impossível discernir suas espécies. Dentre esses arbustos, erguem-se algumas árvores solitárias de embaúba (*Cecropia peltata*), cujos caules retos ou ligeiramente ramificados, cada um coroado por uma roseta de folhas grandes que lembram a do bordo, atingem grande altura em poucos meses e, então, por sua decomposição igualmente rápida, contribuem amplamente para a formação de solo para árvores mais permanentes. Assim, um pouco mais para trás, mas ainda sobre o istmo, uns poucos tachis (*Triplaris weigeltiana*) erguem-se isolados; pois estes, menos resistentes que as árvores florestais verdadeiras, mas mais resistentes que as embaúbas, crescem no solo formado por estas e, por sua vez, preparam o solo para produtos mais nobres. Por fim, onde começa o barranco original, a densa parede florestal serve de pano de fundo para toda essa vegetação efêmera.

Outra imagem muito característica da margem do rio deve ser dada. Nela, até onde a vista alcança, toda a margem arenosa é ocupada por um denso matagal de palmeiras tucumã (*Astrocaryum vulgare*)¹³⁸ com seus longos caules cinzentos e ligeiramente curvados em várias direções, livres de folhas pendentes, mas horripelmente armados com longos espinhos dispostos em largas faixas ao redor da árvore, suas folhas verde-acinzentadas pinadas, também espinhosas, e o solo ao redor de suas raízes tornado intransitável a pés descalços por um tapete contínuo de espinhos amontoados e folhagem espinhosa.

CENÁRIO DA SAVANA

Passando da área florestal para a savana o cenário característico pode ser facilmente ilustrado em alguns quadros. O primeiro é tirado da grande savana do interior. O cenário é delimitado à direita por uma cadeia de montanhas distantes, em cuja face se misturam penhascos nus e encostas arborizadas; à esquerda a planície se estende até encontrar o horizonte. A terra não é diferente daquelas partes mais amplas das planícies inglesas onde a superfície ondulada é interrompida por alguns espinheiros atrofiados ou touceiras altas de tojo¹³⁹. Mas nas cavidades entre as cristas da savana, em vez dos bosques de abetos, faias

e aveléiras das planícies inglesas, há longos e regulares bosques de palmeiras de buriti ou cinturões de outras árvores tropicais. A floresta de buritis é semelhante àquela que já foi descrita. Os arbustos são varridos pelo vento, mas muitos deles suportam flores brilhantes. Os mais comuns entre os arbustos são as espécies de *Curatella*, de folhas duras e flores amarelas. Aqui e ali o terreno mais alto é tão densamente coberto por esses arbustos que parece quase bem arborizado. Em algumas partes o solo é um tanto exposto e pedregoso; mas mesmo aqui há uma grande quantidade de uma curiosa planta rasteira (*Bulbostylis paradoxa*), com um tronco grosso e inchado, como o de uma samambaia, encimado por uma densa roseta de folhas muito finas semelhantes a grama. Em outros lugares há relva alta e luxuriante, entre as quais se misturam muitas flores brilhantes, principalmente flores que lembram as de ervilhas brancas, vermelhas, azuis e amarelas, e até mesmo algumas orquídeas terrestres. Uma grande extensão de terreno é inteiramente coberta por uma planta semelhante a um repolho, com grandes cachos de flores amarelas (*Byrsonima*). Uma segunda imagem de savana mostra um terreno mais arenoso, com um mato baixo e não muito distante formando um pano de fundo. Na areia fofa há muitos tufo espalhados de grama grossa, e entre eles estão umas poucas plantas altas e dispersas (*Cnidioscolus urens*) com discretas flores e folhas semelhantes ao cânhamo, que, quando tocadas, causam uma ardência mais intensa que qualquer urtiga.

Já falei em outro lugar sobre o cenário da parte um tanto diferente e peculiar de arenito da savana, situada entre a cachoeira de Kaieteur e o Roraima.

Antes de encerrar o assunto deve ser mencionado que existem certas plantas aquáticas tão impressionantes e em alguns lugares tão abundantes que por si só já criam um cenário. Duas delas (*Mourea fluvialis* e *Marathrum*)¹⁴⁰ crescem nas rochas semi-submersas da maioria das cachoeiras. À medida que a água diminui na estação seca, as altas espigas de flores rosa-vivo da primeira planta emergem de suas grandes folhas, cujas bordas são cortadas e enroladas como musgos que se estendem sobre as rochas; e ao mesmo tempo e no mesmo lugar inúmeras pequenas estrelas rosadas se erguem de dois a cinco centímetros acima das folhas igualmente musgosas da *Marathrum*. Uma corredeira, à primeira vista cercada pela floresta, e com todas as suas rochas avermelhadas por essas flores, é muito bonita e marcante.

CAPÍTULO V

VIDA ANIMAL

Considerações Gerais - Mamíferos - Onças Warracaba - As Cores dos Pássaros - Notas sobre pássaros - Principais Formas de Pássaros - Cenas da Vida das Aves - Répteis - Jacarés - Iguanas - Cobras - Tartarugas - Peixes - Os perigos do Banho - Pragas de Insetos - Borboletas - Besouros - Formigas - Vespas - Mosquitos - Piuns - A Larva do Mosquito - Bichos-de-Pé - Carrapatos - Aranhas - Centopeias - Escorpiões

A 'FALÁCIA TROPICAL' DOS ANIMAIS

Em um país tropical tão variado em termos de características físicas como a Guiana Britânica, e tão escassamente habitado pelo homem, naturalmente é suposto que a vida animal, tanto em suas belas formas quanto em suas formas funestas, seja muito abundante. Este é de fato o caso; mas, ainda assim, a vida animal não é em nenhum grau marcadamente proeminente, nem, com exceção talvez dos estragos causados por insetos, é de alguma forma problemática. Não é surpreendente que o colono comum, que geralmente vive nas partes mais habitadas do litoral, não veja muita vida animal selvagem ao seu redor; mas o viajante do interior, mesmo que esteja em busca de animais selvagens, não pode evitar um sentimento de surpresa por tão poucos deles se apresentarem sem que ele perceba, e que ele tenha que procurar tão diligentemente antes de encontrar outros. O homem que nunca viajou, vivendo em climas temperados, enquanto exagera em sua mente a imagem de pássaros reluzentes, insetos e animais, pensa com horror, não apenas nos poderosos animais selvagens — os quais provavelmente são representados em sua mente por feras predadoras e por serpentes venenosas ou gigantescas — mas também nos milhares de irritantes insetos e outros pequenos animais, que, como ele imagina, espreitam o viajante em todos os lugares, ou até mesmo o morador local, nos trópicos. Se essas imaginações estivessem perto da verdade, seria de fato surpreendente que qualquer homem pudesse sobreviver por muito tempo nos trópicos. E se o homem que supomos enviar seus pensamentos das regiões temperadas para as tropicais for finalmente atraído por um destino que lhe parece cruel para viajar por um curto período a esses lugares detestáveis para ele, então chegará em casa com a consciência de que viu muito pouco da beleza esperada e sentiu pouco dos males previstos; e então, por uma reação de pensamento nada incomum, ele está apto a considerar tudo o que depois ouve sobre a abundância, a beleza ou os incômodos da vida animal nos trópicos como meramente um proverbial conto de viajante. E, inconscientemente, viajantes com maior experiência ajudam a confirmar essa visão errônea; pois quando contam suas experiências àqueles de casa, mencionam apenas sobre os momentos que lhes foram tornados memoráveis por experiências excitantes ou ruins, e deixam despercebidos os longos períodos intermediários entre tais momentos, nos quais nada de qualquer relevância ocorreu. Por exemplo,

não muito tempo atrás, eu descobri no final de uma noite em que contei aventuras às quais haviam me ocorrido, ao longo de vários anos, com muitos tipos de animais nocivos, de onças a mosquitos, que a impressão deixada na mente dos meus ouvintes foi que a vida na Guiana, pelo menos no interior, é um longo e interminável conflito com tais inimigos; e tive que corrigir essa impressão apontando que a história contada naquela noite era, como um dos meus ouvintes expressou, a miséria concentrada de três anos. Da mesma forma, é perigoso falar sobre as muitas belas e interessantes espécies animais, a menos que se enfatize o fato de que estas são apenas selecionadas entre um grande número de formas menos interessantes. Assim, o relato verdadeiro do viajante sobre suas experiências, a menos que seja cuidadosamente guardado, como descobri ser necessário sobre a ocasião que acabei de mencionar, tanto por ajudar a confirmar, entre aqueles que nunca viajaram, a crença na beleza onipresente e no perigo incessante da vida animal nos trópicos, quanto por levar aqueles que pouco viajaram, geralmente nas partes mais habitadas, a considerar esses novos relatos de viajantes e, em consequência, todos os demais contos de viajantes, como falsos, ou pelo menos como muito exagerados.

Portanto, ao descrever a vida animal na Guiana, como já fiz com a vegetal, não quero apenas mostrar sua real abundância e beleza, mas também, e igualmente, mostrar sua ligeira proeminência e inofensividade geral. E como nesse aspecto a Guiana pode ser considerada típica não apenas de outras partes da América do Sul, mas também (levando-se em conta o fato de que as formas animais do continente americano são, em geral, menores e menos poderosas do que as dos outros continentes) de outras regiões tropicais, eu deveria, se conseguisse dar uma impressão correta da vida animal tal qual afeta o homem na Guiana, ao mesmo tempo proporcionar alguma ideia da vida animal nos trópicos em geral.

MAMÍFEROS

O número de mamíferos é relativamente grande. É melhor listá-los em ordem de abundância.

Os animais mais proeminentes na Guiana são três roedores — paca (*Coelogenys paca*), cutia (*Dasyprocta leporina*) e capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*)¹⁴¹.

A paca, um animal semelhante a um grande porquinho-da-índia, com pele marrom com manchas brancas, distribui-se por todo o país às margens dos rios. Sua carne é mais apreciada do que a de qualquer outro animal, não apenas pelos Indígenas, mas também pelos colonos; de fato, estes últimos têm um provérbio que diz que ‘o homem que comeu paca e bebeu água do riacho jamais morrerá fora da colônia’. A paca vive durante o dia principalmente em árvores caídas e ocas, e sai para forragear à noite. A cutia, em outros lugares chamado de ‘aguti’, tem a aparência de um coelho com pernas longas e pelos grossos e castanhos. É tão abundante em todos os lugares quanto a paca, mas vive mais na floresta, somente se aventurando à água para beber. Alimenta-se durante o dia de frutas caídas. Há uma segunda espécie muito semelhante, porém menor, chamada

cutiara (*Myoprocta acouchy*)¹⁴², apenas menos comum que a cutia. A capivara, ou porco-d'água, é um animal muito maior que, como a paca, assemelha-se ao formato de um porquinho-da-índia, mas é ainda maior que a paca. Ela vive na lama à beira do rio entre as raízes das árvores. É uma boa nadadora, e não é raro vê-la na água. A pele deste animal parece ser especialmente adaptada apenas para frequente imersão em água pois, se exposta ao sol por apenas um curto período de tempo, a camada externa da pele (epiderme), com pelos grossos e escassos, se desprende em lâminas, deixando exposta a pele verdadeira (derme). Todos esses animais, por mais comuns que sejam, são de hábitos reservados; e o viajante, até aprender seus costumes e saber como encontrá-los, pode passar muitos dias sem ver um único indivíduo de qualquer espécie.

Porcos-do-mato, ou queixadas, de duas espécies vagam pelas partes pantanosas das florestas. A menor delas (*Pecari tajacu*) é chamada de *abouyah*, e a maior (*Tayassu pecari*) de *kairooni*^{VIII} pelos Arawak¹⁴³. A primeira espécie vive em grupos de cinco ou seis indivíduos; a segunda em grandes rebanhos frequentemente de uma centena de cabeças. Em um capítulo^{IX} anterior o hábito desses animais de atravessar rios a nado foi mencionado. Durante o dia eles vão para a água sem hesitar; mas se em suas andanças eles alcançam a beira de um rio à noite, a manada se acomoda, após muita agitação e grunhidos, para esperar a luz do dia antes de atravessar. Às vezes é perigoso atacar, sozinho, um rebanho de queixadas na floresta; pois eles são capazes de usar suas presas com efeitos terríveis — dizem até que matam grandes onças dessa forma — e se o agressor se refugia em uma árvore, os porcos se agacham pacientemente ao redor até que, às vezes, ele seja forçado a sair pela fome ou resgatado por outros homens.

A anta (*Tapirus terrestris*) também não é um animal raro. Suas pegadas podem ser frequentemente vistas à beira do rio; certa vez vi um charco na floresta, a lama havia sido pisada por antas da mesma forma como a borda de um lago em um curral inglês é pisada pelo gado. O animal em si raramente é visto, embora ele se aventure, frequente e estranhamente, perto de lugares habitados.

Existem cerca de uma dúzia de espécies de macacos, e alguns deles podem ser vistos com frequência. O pequeno e bonito macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*)¹⁴⁴, de cores vibrantes, vive em grandes bandos que podem ser vistos com frequência nas árvores à beira do rio, e os indivíduos geralmente seguem uns aos outros em fila indiana, e, um após o outro, lançam-se por distâncias extraordinárias de árvore em árvore. Muitas vezes, são bastante silenciosos e passariam despercebidos não fosse o farfalhar que fazem entre as folhas. Mas se um deles é alvejado, os demais, em vez de escaparem imediatamente, parecem, aos olhos do caçador atônito, preencher a árvore de rostos sorridentes, todos tagarelando com mais do que a proverbial loquacidade dos macacos. Depois destes, o macaco mais comum é aquele chamado na colônia de babuíno, e

^{VIII} Este é o 'whinga' dos Macuxis.

^{IX} Ver p. 54.

em outros lugares de guariba (*Alouatta seniculus*), mas que poderia muito mais apropriadamente ser chamado de o rugidor-vermelho; pois, embora não seja maior que um cão *setter*¹⁴⁵, ruge como qualquer onça, tigre ou leão. Muitos viajantes tentaram, mas falharam, em descrever o som produzido por este animal extraordinário; e não pretendo encontrar as palavras requeridas, embora me pareça que o som se assemelha mais àquele escutado quando os animais de rapina no Jardim Zoológico são alimentados, do que a qualquer outra coisa que eu já tenha ouvido. Porque este animal emite este ruído extraordinário, sendo especialmente provido para esse propósito de um aparato ósseo peculiar em sua garganta, nunca foi, até onde eu sei, satisfatoriamente explicado. O efeito produzido na quietude da noite, ou no início da manhã, é absolutamente espantoso; e o ruído continua em intervalos ao longo do dia.

Três espécies de tamanduás, diferindo muito na aparência geral, são todas igualmente comuns. A maior delas (*Myrmecophaga tridactyla*) é um animal de aparência estranha, aproximadamente do tamanho de um grande cão de caça, com uma cauda enormemente espessa que, quando invertida sobre o corpo, protege todo o animal. Às vezes é encontrada na floresta, mas mais comumente na savana. Diz-se que é capaz de se defender com sucesso contra um homem, abraçando-o com as patas dianteiras e pressionando suas poderosas garras em seu corpo. A segunda (*Tamandua tetradactyla*), do tamanho de um cão *spaniel*, com uma cauda lisa, raramente é vista, exceto subindo em árvores na floresta. E a terceira (*Cyclopes didactylus*)¹⁴⁶, uma criaturinha muito gentil e bonita, com um corpo não maior que o de um *terrier toy*, coberto por toda parte com pelos curtos, macios e sedosos, também é encontrada em árvores na floresta e, ocasionalmente perto de habitações humanas no litoral.

ONÇAS

Todos os felinos, dos quais existem muitas espécies não totalmente determinadas na Guiana, são localmente chamados de '*tigres*' [onças] ou, no caso das espécies menores, '*gatos-tigres*'. Sob esses nomes estão incluídos a suçuarana e várias espécies de onça e jaguatirica¹⁴⁷. Os Indígenas afirmam que cada espécie caça uma presa diferente. Assim, *Herpailurus yagouaroundi*¹⁴⁸ é chamado de jaguarundi, porque se supõe que se alimente principalmente, senão exclusivamente, do furão (*Galictis vittata*)¹⁴⁹; da mesma forma, o puma é chamado de onça-veado; a *Phantera onca* [albina preta] é chamada de onça-anta; e *Leopardus wiedii* é chamado de onça-caititu [gato-maracajá]¹⁵⁰. Todos esses são mais ou menos comuns na Guiana, embora raramente sejam vistos pelo homem. É quase impossível encontrar uma casa Indígena na qual não haja dentes ou pedaços de pele de uma dessas espécies; e nas fazendas de gado na fronteira com o Brasil, garantiram-me que dificilmente se passa uma noite sem que o gado não seja atacado por onças. Os Indígenas têm grande pavor de onças, e contam como esses animais às vezes entram em suas casas e levam um cachorro, ou mesmo uma velha ou uma criança. Repetidas vezes, enquanto dormia na floresta, fui acordado pelos Indígenas, que afirmavam haver onças por perto; e já vi esses Indígenas, em lugares onde se supunha

haver onças, pendurando suas redes no alto de alguma árvore, tendo primeiro feito uma fogueira em volta de suas raízes, e dormindo no alto, deixando-me incrédulo e entregue ao meu destino mais abaixo. Por outro lado, embora eu já tenha visto uma onça rondando minha rede à noite, nunca soube delas atacando um homem.

‘ONÇAS WARRACABA’

Uma menção especial deve ser feita a certos animais reais, ou míticos, chamados ‘onças warracaba’ — como alguns dizem, pela semelhança do barulho feito por esses felinos com o som do pássaro *warracaba* ou trompetista (*Psophia crepitans*)¹⁵¹; ou, como outros dizem, pela tonalidade arroxeada da pele desses felinos, que se assemelha às penas do peito do pássaro; ou, como ainda outros dizem, pelo fato de os felinos caçarem as aves. Nunca tendo tido qualquer experiência pessoal com ‘onças warracaba’, não posso apresentar a crença comum neles de forma mais vívida do que citando o seguinte trecho dos escritos de um viajante anterior na Guiana^x. ‘Ao anoitecer’, escreve ele, ‘fui atraído por nossos dois cães, que estavam amarrados, latindo furiosamente, seguido por uma grande agitação no acampamento. Então, algumas vozes proclamaram ruidosamente: “As onças estão chegando”; e um homem me chamou para descer o mais rápido possível até os barcos, e trazer minha arma ... Pulando pela margem baixa, para minha surpresa encontrei a praia deserta. Onde cerca de vinte Indígenas estavam acampados, não havia mais nem uma rede; todos haviam desaparecido repentina e completamente. Meus homens já estavam todos no barco, que flutuava, com a proa mal tocando o chão, em prontidão para zarpar. Eles me abordaram aos gritos de “Rápido, senhor, rápido! As onças warracaba estão chegando!” Houve uma grande onda de alívio entre eles quando o barco foi empurrado para o meio da correnteza, e todos começaram a falar animadamente sobre a nossa fuga. Os cães ainda latiam, e estavam ainda mais agitados do que os homens, com os pelos das costas eriçados enquanto farejavam o ar na direção do nosso acampamento. Perguntei ansiosamente o que eram onças warracaba e fui rapidamente informado de que eram felinos pequenos e extremamente ferozes, que caçavam em grupos, e não se assustavam com fogueiras de acampamentos, nem com nada além dos latidos dos cães. Eles têm uma aversão especial à água, e jamais cruzarão um riacho largo demais para saltarem ... Eu acredito que alguns animais terríveis quase nos atacaram, caso contrário, os Indígenas jamais teriam agido como agiram. Quando paramos, um grito estridente rasgou o ar da noite, vindo do outro lado do rio, a menos de duzentos metros acima do nosso acampamento, e, despertando ecos pela floresta, desapareceu tão repentinamente quanto surgiu. Este foi respondido por um outro grito vindo das profundezas da floresta, o intervalo entre eles preenchido por rosnados baixos e sons de trombetas. Gradualmente, os gritos foram ficando cada vez mais fracos, à medida que o bando se afastava de nossa vizinhança, até que se extinguíram completamente. Sem vê-los, e apenas ouvindo seus gritos diabólicos, eu os imaginei em minha mente como um flagelo fulminante varrendo a floresta.

^x C. B. Brown, *Canoe and Camp Life in British Guiana*, p. 71.

Dizem que pelo menos uma centena deles já foram vistos em um único grupo. Eles são ditos a frequentar as montanhas, mas quando pressionados pela fome durante as estações secas, descem para as terras baixas³.

Eu estava naturalmente ansioso para aprender algo sobre esses felinos, que caçavam em grupos; mas eu nunca os encontrei pessoalmente, e só achei três homens que professaram saber alguma coisa sobre eles. Uma dessas três testemunhas foi meu amigo McTurk, um homem profundamente familiarizado com a floresta e seus habitantes, e incapaz de dizer o que não acreditava. Ele me contou que, enquanto caminhava pela floresta do Essequibo até a cachoeira Kaieteur, seus companheiros Indígenas de repente ficaram apavorados e declararam que havia *warracabas* nas proximidades. Sons eram audíveis, os quais McTurk pensou serem os do pássaro trompetista. Pouco depois, uma única ‘onça’, um animal esguio, cor de rato, foi visto; mas nada mais aconteceu. O mesmo informante me disse que em várias ocasiões viu os rastros do grupo, que lhe pareciam ser compostos de animais de todos os tamanhos, desde o de um gato até o de uma onça adulta. Outra testemunha foi um Indígena no rio Pomeroon, que me disse que o grupo consiste em dois indivíduos grandes e vários pequenos, todos de cor cinza, exceto por uma pequena marca sobre os olhos. A terceira testemunha foi um policial português, famoso por muitas expedições ao interior, que me assegurou que havia ‘encontrado’ um ‘bando’ de *onças warracaba*, e que fora obrigado a se refugiar em uma árvore para se proteger delas; mas seu relato posterior foi evidentemente muito exagerado.

Apresentei ao leitor todas as evidências que conheço sobre a existência e a natureza das *onças warracaba*. Não posso pretender decidir o que são esses animais, ou mesmo se existem; mas posso sugerir que possivelmente todas as histórias podem ser baseadas no fato de que famílias de suçuaranas (*Puma concolor*)¹⁵², compostas por pais e filhotes, ocasionalmente se movem juntas.

Ocorrem vários tipos de pequenos veados, uma espécie ocorre principalmente nos canaviais costeiros e suas proximidades; outras estão confinadas à floresta; e outra espécie (*Mazama americana*)¹⁵³ à savana. A distribuição desta última espécie pode ser indicada pelo fato de que em grandes partes da savana ela é quase inexistente, enquanto em outras ocorre tão abundantemente que um grupo de Indígenas, às vezes, pode matar até uma dúzia de indivíduos por dia.

O mais importante dos outros animais pode ser mencionado em poucas palavras. Uma espécie de quati, chamada *quashi* pelos negros e *kibihee* pelos Indígenas — vivendo sozinha, em pares ou em pequenos bandos (*Nasua nasua*) — é frequentemente mais vista domesticada em agrupamentos Indígenas do que na forma selvagem¹⁵⁴. Tatus de muitas espécies escavam na floresta e sob os formigueiros na savana. Preguiças são ocasionalmente, e em algumas regiões frequentemente, encontradas agarradas tão tenazmente a galhos frondosos, que muitas vezes permanecem imóveis mesmo quando as árvores em que estão são derrubadas. Várias espécies de gambás (*Didelphys*), os únicos animais com bolsa da Guiana, vivem em palmeiras, como as espécies maiores, e principalmente

entre bambus, como as menores. Um esquilo-cinzento (*Guerlinguetus aestuans*)¹⁵⁵ se desloca como seu primo inglês entre as árvores. Ocasionalmente, um odor extremamente desagradável atrai a atenção para onde um porco-espinho (*Coendou prehensilis*), apesar dos hábitos terrestres da maioria de seus parentes, sobe entre os galhos. É quase impossível passar muitas horas ao longo de qualquer um dos rios sem ver pequenos grupos de lontras nadando, enquanto da margem o chamado hediondo de outras pode ser ouvido ocasionalmente. Botos (*Inia*) mergulham nas águas de rios que não são separados do mar por grandes e rápidas quedas d'água; e nos mesmos lugares, um enorme e pesado peixe-boi (*Trichechus inunguis*) ocasionalmente sobe perto do barco do viajante, ou mergulha alarmado em águas profundas, vindo de águas rasas onde pastava nas folhas de plantas aquáticas.

MORCEGOS

Depois de tudo, deixamos para o final o conjunto de mamíferos que talvez seja o mais proeminente e mais amplamente distribuído. São os morcegos. Há certamente um considerável número de espécies; e, como estas nunca foram precisamente determinadas, um interessante campo de observação é assim ofertado a algum futuro especialista em zoologia. Aqui só é possível descrever os morcegos como eles aparecem para o observador comum. O mais proeminente de todos é um enorme morcego frugívoro, com asas que ocasionalmente medem um metro de ponta a ponta, e este, devido às suas supostas propensões hematófagas, é erroneamente chamado de vampiro. Morcegos, geralmente, merecidamente ou não, adquiriram uma reputação de repulsivos — um animal feio — mas são bastante inofensivos. Sua força deve ser enorme; pois em certas casas de Georgetown onde esses morcegos vivem, todas as noites, durante a temporada de manga, que são frutas grandes e pesadas que caem em grande número sobre as telhas do telhado provocando um alto estrondo, são derrubadas, como descobri, pelos ditos vampiros enquanto voam. Os verdadeiros morcegos sugadores de sangue, ou vampiros, são animais pequenos e claros, provavelmente de várias espécies da família Phyllostomidae¹⁵⁶; e não ocorrem em cidades, mas em grande número em quase todos os demais lugares. Seu hábito de sugar o sangue de homens já foi mencionado em um capítulo^{XI} anterior; seus ataques a outros animais são tão sérios que é, por exemplo, impossível manter criações onde esses morcegos vivem, exceto escondendo as aves e demais animais domésticos à noite em algum prédio cuidadosamente vedado. Outro morcego muito notável é um pequeno tipo de cor escura que vive durante o dia em grandes bandos nos troncos das árvores que pendem sobre os rios. Se um barco se aproxima, todo o bando se levanta e voa sob a sombra das árvores pendentes até que outro toco ou tronco conveniente seja alcançado, e lá, mais uma vez ele se assenta. Esses animais são tão abundantes na maioria dos rios que formam uma das características mais marcantes da vida à beira da água.

^{XI} Ver p. 37.

AS CORES DAS AVES

Provavelmente nenhum país de igual extensão é mais rico em aves do que a Guiana. É comum a ideia de que o grande brilho das cores seja a característica quase universal destas. Mas essa noção surgiu meramente do fato de que as aves de cores vibrantes, das quais certamente existem muitas, têm sido diligentemente coletadas e enviadas para fora do país como curiosidades, enquanto aquelas de coloração menos brilhante — cujo número na natureza é muito maior — como sabe o naturalista, raramente são exportadas.

Além disso, o viajante na Guiana vê na natureza muito pouco daquele brilho de cores que indubitavelmente existe. Nada pode ser mais resplandecente do que o galo-da-serra macho (*Rupicola rupicola*), uma ave do tamanho de uma galinha anã pequena, que é toda vestida, exceto na ponta da cauda, e nas penas maiores das asas, de um laranja-avermelhado, tão brilhante, enquanto a ave está viva e com saúde, que tem um brilho semelhante ao do fogo. Há também o pássaro (*Haematoderus militaris*), chamado na colônia de ‘pássaro-bugio’, devido à semelhança de seu canto grave com o do ‘bugio’ ou ‘macaco-uivador-vermelho’, o qual é do tamanho de um pombo e é quase inteiramente de um carmesim profundo e intenso. Entre os de vocalização repetitiva, o pássaro-de-fogo (*Phoenicircus carnifex*) possui dorso castanho-escuro, com cauda, coroa e peito de carmesim vívido; o anambé-roxo (*Xipholena punicea*) tem uma curiosa coloração púrpura fina, muito rara entre as aves, mas semelhante à de um bom vinho, com puras penas brancas nas asas; dois outros de vocalização repetitiva possuem um berrante azul-miosótis brilhante, um tanto variado, com uma mancha roxa no peito (*Cotinga maynana* e *C. cayana*). O guará ou íbis-escarlata (*Eudocimus ruber*)¹⁵⁷ é conhecido demais para precisar de descrição. Depois, há papagaios e periquitos de muitos tipos, e de muitas cores brilhantes; e há também araras inteiramente tingidas de vermelho, laranja e verde, azul e amarelo-claro. Por fim, existem beija-flores de muitas espécies, cujas cores são proverbiais. Todos esses, e alguns outros que não há necessidade de mencionar, não poderiam ser superados em riqueza de cores. No entanto, quando em estado natural, eles se mostram muito pouco. É verdade que nas partes remotas da colônia o galo-da-serra é ocasionalmente visto passar como um flash de luz laranja, e que nas planícies de lama da costa o guará pode ser visto de longe, ainda mais notavelmente por se alimentar entre puras garças brancas. Mas as cores dos outros pássaros não são visíveis, ou de fato muito raramente, para o viajante. Os de vocalização repetitiva, provavelmente a família mais vistosa de todas as aves, mantêm-se no topo das árvores mais altas; mesmo os papagaios estão tão altos que suas cores não são distinguíveis do chão; e quando as araras voam ou vocalizam do topo de alguma árvore morta, geralmente seria difícil, não fosse a diferença em seus sons ásperos, discernir se eles são da espécie vermelha ou azul. Uma das poucas passagens enganosas que conheço nos escritos de Waterton é aquela em que ele diz que ‘é uma visão grandiosa em ornitologia ver milhares de aras (araras) voando sobre sua cabeça baixo o bastante para permitir que você tenha uma ampla visão de seu manto flamejante’. Deve ser uma visão muito rara ver tantas juntas; geralmente estão em pares, ou no máximo cinco ou seis voando juntas, e mesmo onde são mais abundantes eu nunca vi mais de

vinte juntas; nem qualquer homem, europeu ou Indígena, jamais me admitiu ter visto bandos maiores. Além disso, suas cores, como já disse, são na melhor das hipóteses quase imperceptíveis enquanto voam.



Quadro 18 – ‘Waterton’, citado por im Thurn, é Charles Waterton, um naturalista inglês conhecido por seu trabalho pioneiro em conservação. Em 1804, viajou para a Guiana Britânica para assumir o comando das plantações de seu tio e, em 1812, começou a explorar o interior da colônia, realizando quatro viagens até 1824. Alcançou a fronteira do Brasil descalço em plena estação chuvosa. Descreveu suas descobertas no livro ‘Waterton’s Wanderings in South America’ que inspirou estudantes britânicos como Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. Suas

explorações acabaram com o mito persistente do Lago Parimé (ou Parima) de Raleigh, sugerindo que a inundação sazonal da savana do Rupununi havia sido erroneamente identificada como um lago.

Fonte (texto): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Waterton>.

Fonte (imagem): Charles Waterton por Charles Wilson Peale (1824), National Gallery, London. Disponível em <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2d/Charles_Waterton_by_Charles_Wilson_Peale%2C_1824%2C_National_Gallery%2C_London.JPG>.

Nesta questão da exibição de cores, o caso dos beija-flores é um tanto peculiar. Nenhuma ave em todo o mundo é mais gloriosamente colorida; mas a textura das penas é tão peculiar que essas cores só aparecem sob certas luzes. Mesmo com um beija-flor na mão, é impossível ver de relance mais do que uma pequena parte da beleza de suas cores e, geralmente, embora em algumas posições a ave inteira pareça opaca, se for levemente movida, certos pontos de seu corpo brilham com uma cor mais brilhante que o fogo. Este assunto é bem ilustrado pelo belo livro do Sr. Gould sobre beija-flores. Para tomar uma espécie da Guiana como exemplo, a imagem do ‘*beija-flor-brilho-de-fogo*’ (*Topaza pella*)¹⁵⁸ é primorosa e fiel na medida em que cada detalhe da coloração é corretamente apresentado; mas o desenho serve como um exemplo notável da dificuldade de representar um beija-flor. Dificilmente mais de um dos pontos de cor é, na realidade, visível em qualquer beija-flor ao mesmo tempo, pois cada ponto só revela sua cor peculiar e cintilante quando a luz incide sobre ele de uma direção particular. Uma representação verdadeira de uma dessas aves a mostraria em cores um tanto sóbrias exceto, apenas, no ponto que, quando a ave está na posição escolhida para a representação, encontra a luz no ângulo necessário; e somente esse ponto deve ser mostrado em pleno brilho de cor. Um arbusto florido é às vezes visto cercado por uma nuvem de beija-flores, todos da mesma espécie, e cada um, é claro, em uma posição diferente. Se alguém desenhasse uma cena como essa, mostrando um

detalhe diferente de coloração em cada ave, de acordo com sua posição, então uma ideia da aparência real dos beija-flores poderia ser dada a alguém que nunca tivesse visto um exemplar. E se uma porção tão pequena da coloração, por mais intensa que essa porção possa ser, é visível em um pássaro segurado na mão, será facilmente compreendido que, na natureza, com essas aves voando com tamanha rapidez, somente por uma chance muito rara alguma cor refletida por um beija-flor vivo revela-se ao olho humano.

SONS DOS PÁSSAROS

É natural passar da cor para o canto dos pássaros. A quase completa ausência de notas doces impressiona imediatamente o viajante que vem de terras temperadas povoadas por tordos e toutinegras. Quase não há um pássaro na Guiana com notas doces; talvez os principais cantores sejam os pequenos gaturamos (*Euphonia violacea* e *E. minuta*)¹⁵⁹, pássaros com dorso azul-escuro metálico e peito amarelo, que emitem algumas notas fracas com bastante doçura, e o pássaro *shik*¹⁶⁰.

Mas se as notas doces são poucas, as notas marcantes são abundantes. A mais característica de todas é a do capitão-do-mato (*Lipaugus vociferans*)¹⁶¹, um pássaro, um tanto como um tordo-cantor, que, sonorizando seu próprio nome durante todo o dia, faz o som ecoar e reecoar pela floresta. Os tucanos também, no início da manhã e à noite, ganem, como cachorrinhos excitados, das árvores altas. A famosa e assim chamada pássaro-sino ou araponga (*Procnias nudicollis*) é frequentemente ouvida na floresta, e uma segunda espécie (*Procnias averano*) também é frequentemente ouvida em algumas partes da savana. Nunca consegui detectar muita semelhança no canto dessas aves com o som de um sino. O canto da primeira espécie é mais como o som produzido por dois pedaços de ferro batendo um contra o outro; mas os sons dos pássaros machos e fêmeas diferem consideravelmente. O canto da segunda espécie é semelhante ao som produzido pela broca em operações de detonação. Então, também na floresta, ouve-se um som extraordinariamente profundo, como o mugido de um boi, e demora muito para que o viajante perceba que este é emitido pelo 'maú', ou 'pássaro-boi' (*Perissocephalus tricolor*), um pássaro do tamanho de um pombo. Cada uma das muitas espécies de papagaios emite uma sonorização diferente, mas sempre discordante; e os sons de diferentes espécies de gaviões são quase igualmente discordantes e ainda mais impressionantes. Em outro capítulo, já falei das notas estranhas e esquisitas com que vários tipos de bacuraus e urutaus gemem à noite. O quão impressionante e peculiares são os sons de todos esses, e de inúmeros outros, pássaros é visto pelo fato de que o Indígena usa cada som como o nome do pássaro que o emite, e assim tem um nome perfeitamente relacionado e distinto para cada uma das inúmeras aves da Guiana.

Depois de algum tempo o viajante começa a reconhecer quais são as formas mais comuns entre as aves. Entre as aves de rapina, ele vê abutres, de apenas três espécies, mas frequentemente em números imensos; gaviões em grande variedade e número e, ocasionalmente, embora mais raramente, corujas.

Talvez valha a pena notar que a única ave inglesa que o viajante encontra na Guiana é a coruja-branca das torres de nossas igrejas¹⁶². Os pássaros de poleiro na Guiana, como em outros lugares, compõem o grupo comum das aves emplumadas. Os escaladores são bem representados por muitos pica-paus, tucanos e papagaios, araras e periquitos. Entre as aves de caça, as mais importantes são o mutum (*Crax alector*), do tamanho de um peru, preto em todas as partes, exceto no bico amarelo-vivo e nas pernas; e várias espécies semelhantes a perdizes, como o inhambu (*Tinamus*), o uru-corcovado (*Odontophorus gujanensis*) e uma codorna (*Colinus cristatus*). Existem vários pombos. Entre as aves pernaltas há muitas espécies de garças, íbis, narcejas e saracuras. E, por fim, as aves aquáticas são principalmente representadas por patos, navalhas, trinta-réis, além do pato-mergulhador ou mergulhão (*Anhinga anhinga*), e por uma ou duas gaivotas.



Quadro 19 – O ‘... Sr. Gould ...’ é John Gould, um ornitólogo inglês que publicou uma série de monografias sobre aves. As pranchas produzidas eram ilustradas por sua esposa, Elizabeth Gould, em associação a outros artistas. A identificação que ele fez das aves denominadas por “tentilhões de Darwin” foi fundamental na concepção da teoria da evolução por seleção natural de Darwin. O trabalho de Gould é referenciado no livro de Charles Darwin, ‘A Origem das Espécies’.

Fonte (texto): Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Gould>.

Fonte (imagem): John Gould. Iconographic Collections photographs. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Gould#/media/File:John_Gould._Photograph._Wellcome_V0026466.jpg>.

AVES DO LITORAL E DAS REGIÕES COSTEIRAS

Provavelmente, a melhor maneira de dar uma ideia da distribuição e dos hábitos dessas aves será agrupá-las de acordo com seus habitats. Vamos analisá-las na ordem em que ocorrem do mar para o interior. As aves marinhas não são numerosas, provavelmente devido à planura da costa e à ausência de rochas. Apenas uma vez notei uma cena em que as aves marinhas desempenhavam um papel importante. Isso ocorreu perto da foz do rio Pomeroon. A terra ali se estendia até bem recentemente em direção ao mar, mas foi bastante arrastada pelas águas, e agora há uma ampla extensão de água rasa, de onde, em muitos lugares, ainda se erguem troncos e galhos mortos de árvores da floresta. É uma cena estranhamente desolada, com o mar se transformando imperceptivelmente em floresta. Quando a vi, alguns pelicanos pousavam nos troncos das árvores ou voavam languidamente de um tronco para o outro; bandos de gaivotas pescavam

em águas mais abertas; algumas garças-vermelhas e as garças-reais ficavam de pé até os joelhos nos bancos de lama, que chegavam quase à superfície; alguns maçaricos pairavam inquietos, incapazes de encontrar um local de descanso conveniente, seja na água ou na floresta; e uma longa fila de vinte colhereiros-rosa vinha voando ao longo da orla da floresta.

Em outros lugares, entre a floresta e o mar, há uma extensão mais ou menos ampla de relva alta, lama e areia. Esses lugares estão quase sempre repletos de inúmeras garças-vermelhas e garças-de-penugem-branca.

Imediatamente para o interior dessas áreas de lama situam-se as regiões habitadas. Aqui a ave mais comum é o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*)¹⁶³, um picanço amarelado que toma o lugar do pardal na Inglaterra. É excessivamente ousado e pode ser visto frequentemente no alto, perseguindo os abutres, enquanto em outras ocasiões se ocupa em perseguir suas presas, insetos, independentemente da presença humana. Outra ave que é logo notada aqui é a *Leistes militari* de peito vermelho — o ‘robin’ dos colonos. Belos pássaros amarelos e pretos, semelhantes aos inhapins (*Icterus cayanensis*) que também são abundantes. E nos arbustos à beira da estrada, ou sentados no lombo do gado, certamente há alguns anus (*Crotaphaga ani* e *C. major*), semelhantes a pequenos corvos-pretos, mas com bicos curiosamente alargados e quilhados; essas aves são notáveis por seu comportamento social, pois não apenas vivem em pequenos grupos, mas também possuem um grande ninho comum a muitos indivíduos. Todas essas são aves de beira de estrada. Bem alto no céu, avistam-se alguns urubus-de-cabeça-vermelha e urubus-pretos (*Cathartes aura* e *Coragyps atratus*), e se o observador se deslocar das estradas e casas para alguma pilha de refugos ou lamaçal fétido, certamente verá algumas dessas mesmas aves pescando solenemente na imundície em busca de alimento. Nos jardins existem poucos pássaros à vista — um beija-flor, geralmente de uma espécie verde um tanto opaca (cf. *Polytmus theresiae*), talvez pairando sobre um arbusto florido ou uma escandente, além de alguns saís-azuis esvoaçando sobre as árvores. Sobre as ervas aquáticas nos canais, onde estes não estão muito próximos das casas, caminham algumas jacanás (*Jacana jacana*), semelhantes a saracuras, mas com dedos enormemente longos, que parecem apoiá-las nas folhas flutuantes, além de armadas com esporões afiados e córneos nas asas. É claro que outras aves, mais propriamente pertencentes a lugares menos povoados, visitam ocasionalmente as cidades, vilas e plantações, mas aquelas que nomeamos são as mais proeminentes e constantes nestes últimos lugares.

AVES RIBEIRINHAS

Deixando a costa e subindo qualquer um dos rios, as aves imediatamente se tornam mais numerosas. Aqui, as aves mais universalmente distribuídas e abundantes são os martins-pescadores de cinco espécies, variando em tamanho desde o de uma gralha (*Megasceryle torquata*)¹⁶⁴ até o de um pardal (*Chloroceryle americana*). À medida que o viajante avança em sua canoa, uma dessas aves parte a cada poucos metros de alguma árvore, e, com um som semelhante a uma

risada hedionda, voa mais adiante ao longo da margem. Vale a pena notar que nenhum desses martins-pescadores tem cores tão brilhantes quanto seu primo inglês. Provavelmente, a próxima ave a chamar a atenção é o mergulhão (*Anhinga anhinga*). Este é o nome crioulo; mas a ave é mais comumente conhecida na Inglaterra como um *darter*, ou *snake-bird* — o primeiro devido ao seu método extraordinariamente direto de mergulhar atrás de peixes, o segundo devido ao grande comprimento de seu pescoço, semelhante ao de uma cobra, em comparação com o comprimento de seu corpo. Geralmente menos abundantes que os martins-pescadores, pelo menos um mergulhão é quase certo de ser espantado em cada trecho do rio; e em alguns lugares — como observei, por exemplo, em uma ocasião no rio Tacutu — centenas dessas aves podem ser vistas ao mesmo tempo pousando nas árvores. Não demora muito para que o canto agudo do japiim (*Cacicus cela*) chame a atenção para alguma árvore, de cujos galhos pendem dezenas de ninhos longos dessas árvores, em forma de bolsa, balançando ao vento; pois essas aves constroem colônias e, diz-se, sempre em árvores onde há ninhos de certas vespas venenosas, insetos úteis para impedir que macacos ataquem os ninhos dessas aves. Em alguns rios no interior, especialmente no Tacutu, um parente muito mais bonito desse japiim, o *moramoroota* ou João-pinto-amarelo (cf. *Icterus nigrogularis*), é mais abundante. Esta ave é um pouco menor que o *Cacicus*, e sua coloração principal é um laranja-avermelhado brilhante, realçado por algumas penas pretas; seus ninhos são solitários, não em colônias, mas também têm o formato de uma bolsa. Os Indígenas atribuem grande valor à *moramoroota* (que, aliás, é o nome caribenho) e as domesticam com frequência. Garças de vários tipos também são vistas; especialmente uma (*Ardea cocoi*), muito parecida com a garça-inglesa, e uma ave menor, como o socó (*Tigrosoma lineatum*), chamada de socó-boi por sua coloração marrom manchada. Ocasionalmente, um bando de *warracabas* ou trompetistas (*Psophia crepitans*) passa voando, e os pássaros, ao pousarem, imediatamente começam a correr como se estivessem muito ocupados, emitindo a nota estranhamente profunda e sonora que rendeu a esses pássaros sua popularidade. Quando vistos de perto nada poderia ser mais bonito do que essas últimas aves, de cores sóbrias; suas plumas cinzas suavemente sombreadas, longas e penduradas mais graciosamente do que daquelas de uma velha garça macho, contrastam de forma requintada com as penas de aparência metálica, roxo-escuras e pretas da garganta e do pescoço. E de hábito muito semelhante ao dos trompetistas, porém mais raro, é o pavão-da-várzea (*Eurypyga helias*), com corpo pequeno, porém gracioso, sustentado por asas e cauda esplendidamente grandes, cujas penas são minuciosamente listradas de marrom, preto, branco e roxo, de modo que, por mais sóbrias que sejam as cores em si, todo o efeito é resplandecente. De manhã e ao anoitecer, papagaios e araras voam alto, em grupos de dois ou três. Por fim, no topo de alguma árvore alta, um gavião, uma das muitas espécies, é frequentemente visto observando a presa. Como regra geral, o viajante em qualquer um dos principais rios da Guiana verá essas e outras poucas aves ao longo das margens.

Mas os extensos bancos de areia que se encontram no meio do curso de alguns dos trechos mais amplos do rio têm uma avifauna peculiar. Alguns desses

bancos são tão baixos que ficam totalmente cobertos quando os rios estão em cheia; mas em outros há partes mais altas, geralmente com alguns arbustos dispersos adaptados à areia, que nunca ficam cobertos, e assim fornecem um refúgio para todas as aves dos bancos durante as chuvas. Destacam-se entre essas aves dos bancos de areia as gaivotas-bico-de-tesoura (*Rynchops niger*)¹⁶⁵, pássaros pretos e brancos semelhantes a gaivotas com bicos curiosamente retorcidos, que voam sobre a areia durante o dia, gritando alto. Entre eles voam também várias espécies de trinta-réis (*Sterna*). E à beira da água, vários pequenos maçaricos (*Tringa* sp. var.) correm animadamente pela areia molhada. Uma ou duas espécies de bacuraus (*Caprimulgus*) frequentam especialmente esses bancos. Todas essas aves tornam-se extraordinariamente ativas no início da estação seca, pois grande parte das margens fica exposta e as aves depositam seus ovos na areia seca e nua. Em alguns desses lugares é quase impossível caminhar muitos metros sem encontrar o ninho, ou melhor, os ovos, de uma ou outra dessas aves.

Mas se o viajante desviar do rio principal para qualquer um dos pequenos riachos pouco visitados, verá outras aves; de fato, é frequentemente nesses lugares que se encontram as cenas mais belas da vida das aves. Eu lembro, especialmente, de uma vez, de ter virado do Cabalebo¹⁶⁶, um afluente do Courantyne, para um pequeno riacho lateral, conhecido pela rocha de arenito duro que abunda ali e que os Indígenas costumam levar para afiar facas, sabres e machados, chamado de '*Grindstone Creek*'. Logo acima da foz do riacho, a água caía sobre algumas rochas escarpadas em uma poça de água escura. Ao redor dela, o solo se elevava e era coberto em parte por árvores comuns da floresta, em parte por bosques de uma palmeira especialmente bela, mas muito espinhosa (*Astrocaryum sciophilum*)¹⁶⁷. Três garças brancas de uma espécie peculiar, no que diz respeito à Guiana, no Courantyne, e um ou dois martim-pescadores que estavam pescando na poça, iluminavam o cenário.

E é nesses lugares que os beija-flores são vistos com mais frequência. Em rios abertos ou na savana eles são algumas vezes vistos zumbindo ao redor de árvores floridas, e no interior da floresta, ocasionalmente, passam voando pelo observador com uma rapidez surpreendente. Mas é nas clareiras formadas pelos riachos que eles se sentem em casa, pois ali muitos deles penduram seus ninhos nas pontas oscilantes de plantas escandentes, ou os prendem a folhas, ou entre galhos bifurcados. A espécie mais abundante nesses lugares é o magnífico beija-flor-brilho-de-fogo (*Topaza pella*)¹⁶⁸, com labaredas rubi e verdes em vez de penas, e com uma cauda bifurcada enormemente longa. A ousadia dessas aves é realmente notável; vi um deles pairar furiosamente em círculos ao redor do cano de uma arma apontada para ele. O ninho dessa espécie é, penso eu, sempre suspenso no caule de uma escandente que se debruça sobre a água. O material do ninho, semelhante a um feltro grosso formado de uma substância amarela, parecida com material inflamável, me intrigou por muito tempo, até que o reconheci como a lanugem que reveste as jovens espatas florais de uma espécie abundante de palmeira (*Attalea maripa*). Os ovos, dois ao todo, são brancos, mas tingidos de rosa pelo conteúdo. Os

filhotes crescem muito rapidamente ficando ridiculamente grandes para o ninho, sobre o qual preferem repousar em vez de se deitar. Depois de um tempo, o ninho abandonado frequentemente serve de suporte para os esporos de musgos que, crescendo rapidamente no ar úmido e abafado, logo transformam tudo em uma bola verde presa à escandente.

PÁSSAROS DA FLORESTA

Na própria floresta a vida das aves parece ainda mais rara do que em outros lugares. Os cantos de arapongas, papagaios, tucanos, surucuás, cotingas, pombos e centenas de outras espécies indicam ao viajante que os pássaros estão ali; mas estes vivem no topo da floresta, invisíveis, exceto para o homem que, tendo encontrado alguma árvore com frutos maduros, espera pacientemente até que os pássaros venham se alimentar. Ocasionalmente, um zumbido curiosamente alto, ainda que pequeno, assusta o viajante, primeiro pela aparente proximidade aos seus ouvidos, depois pela distância, e pela forma como parece vir de todos os lados ao mesmo tempo e consecutivamente, até que ele olha ao redor, impotente, mas não vê um pássaro sequer — pois trata-se de um beija-flor, que nesses momentos parece um verdadeiro espírito, pela rapidez de seus movimentos e pela capacidade de tornar sua presença invisível aos olhos. Logo, o tamborilar de algum pica-pau certamente atrairá o olhar para uma ave mais evidente. Em seguida, ouve-se o chamado de alguma ave de caça — mutum, inhambu ou jacu — e talvez, embora isso não aconteça com frequência, o próprio pássaro acaba surgindo à vista. Que essas últimas aves são realmente abundantes fica evidente pela quantidade que um Indígena, se for bom caçador, consegue abater nesses locais em uma ou duas horas. Em suma, aves, embora bastante abundantes na floresta densa, são raramente vistas por lá.

URUBUS

Contudo, ocasionalmente surge um espaço livre, seja natural e devido à queda de árvores, seja criado e depois abandonado pelos Indígenas. É nesses lugares que os urubus, não apenas das duas espécies comuns no litoral, mas também de uma terceira, verdadeiramente belíssima, adoram se agrupar. As duas primeiras espécies (*Cathartes aura* e *Cathartes burrovianus*)¹⁶⁹ são em geral de coloração preta, sendo a cabeça calva em um caso, de uma cor vermelha pouco saudável, e, no outro, preta; ambas as aves têm uma aparência muito ignóbil. Mas o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*) é uma ave maior e de constituição mais robusta; suas penas corporais apresentam uma bela mescla de tons de branco, cinza e preto; ao redor do pescoço, ostenta uma esplêndida gola de penas cinza-escuras e macias, e a cabeça nua, em vez de ser repulsiva como nas outras espécies, é bela e alegre, com uma mistura de amarelo e vermelho. As aves feias são muito mais numerosas que as belas. Com os primeiros tive certa vez um encontro curioso. Bem cedo numa manhã peguei minha espingarda e vaguei pela floresta, e por volta do amanhecer cheguei a uma clareira evidentemente feita por fogo, que parecia ser frequentada por aves, sentei-me em uma árvore caída perto do centro para esperar. Num raio de uns cinquenta metros, em todas as direções, estendia-se uma paisagem desoladora

de árvores caídas e semi-queimadas, algumas enegrecidas, outras esbranquiçadas pela ação do tempo; o solo estava coberto de cinzas, e apenas algumas ervas rústicas cresciam aqui e ali. Nos arredores da clareira algumas árvores, queimadas e mortas, ainda permaneciam de pé; um pouco mais adiante as árvores estavam apenas chamuscadas, e além delas, novamente, estendia-se a densa e viva floresta. Nenhum som era ouvido ainda. Com o nascer do sol, o pequeno e estranho campo branco em que eu estava sentado literalmente resplandeceu com luz e calor. De repente, quase aos meus pés, algo se moveu, e então um urubu-preto alçou voo lentamente do chão, deixando dois ovos à mostra, e voou para uma das árvores mortas em pé. Enquanto eu observava a ave, ouvi um leve ruído atrás de mim e, ao me virar, vi outro urubu empoleirado em outra árvore queimada do outro lado. Mais uma vez, e repetidamente, isso aconteceu. Surpreso com a presença desses seres vivos onde tudo me parecera estranhamente sem vida, comecei a contar as aves; e tive que contar cada vez mais rápido, pois a cada instante um novo urubu despertava e chamava minha atenção, estendendo as asas para secá-las ao sol da manhã, posição na qual permanecia imóvel por um tempo. O único som era o leve farfalhar causado pelo esticar das asas. Finalmente, encontrei-me no centro de um círculo de trinta e sete abutres, cada um com as asas estendidas, imóveis em uma árvore esguia, enegrecida pelo fogo e branqueada pelo sol, todos me observando com curiosidade. Por fim, para quebrar o encanto, disparei para o ar, e as aves alçaram voo e começaram sua tarefa diária de planar no alto. Descobri que aquele era um de seus locais de repouso favoritos. Todo anoitecer as aves se reuniam perto do local e, por algum tempo, em vez de voarem alto e firmemente como fazem durante o dia, voavam freneticamente sobre minha cabeça, fazendo curvas frequentes e, a cada curva, produzindo um ruído extraordinário ao bater as asas, como o som de um lençol pesado batendo ao vento. Um negro que estava ao meu lado enquanto eu observava esse espetáculo certa vez comentou que eles desciam como um furacão. Pouco antes do escurecer eles se acomodavam na clareira que descrevi.

Não apenas de manhã cedo, para secar o orvalho, mas também depois da chuva, os abutres ficam com as asas estendidas, às vezes imóveis, às vezes alternadamente fechando cada asa. Os negros dizem que quando esses '*corvos*' se agrupam em uma árvore durante a chuva, é para deliberar sobre a construção de uma casa para se abrigarem; pois quando a chuva cessa, eles estendem uma asa e depois a outra, e vocalizam em coro, enquanto uma asa se estende, '*We want no house*', e quando a outra se recolhe, '*We want no hall*'¹⁷⁰, — e assim por diante até que todas as suas penas estejam secas.

Durante o dia, os urubus geralmente se distribuem sozinhos ou em pares no alto do céu; mas onde há carne morta, muitos urubus se reúnem. Primeiro chegam os pequenos tipos pretos, mas logo os urubus-rei descem em mergulho e, expulsando os primeiros a chegar, que se retiram para esperar nas árvores ao redor, se fartam e depois ficam sentados languidamente, pesados demais para voar, enquanto os outros fazem sua parte.

Outra ave da região florestal merece destaque. Trata-se do galo-da-serra

(*Rupicola rupicola*), de cores brilhantes, já mencionado. Ele nunca ocorre nas florestas das terras baixas, mas é abundante em todos os lugares onde árvores e rochas se misturam. Assim, seu habitat se estende tanto nas partes montanhosas da região florestal, como nos rios Potaro e Mazaruni, quanto nas montanhas arborizadas da região da savana, como Pacaraima e Kanuku. É uma ave notável, não apenas por sua cor brilhante e crista extraordinária, mas também por seu hábito de dançar. Nunca tive a sorte de encontrar o local onde essas aves dançavam; mas os irmãos Schomburgk tiveram mais sorte, e um deles — Richard — descreve assim a cena: ‘*Várias dessas esplêndidas aves participavam de sua dança sobre uma laje de rocha lisa ... cerca de vinte aves, machos e fêmeas, empoleiradas nos arbustos ao redor do local, emitindo cantos muito peculiares, um galo-da-serra dançava com orgulho e autoconfiança no chão - sua cauda, que ele sacudia para cima e para baixo, e suas asas estendidas; o dançarino arranhava o chão e saltava verticalmente no ar até que, cansado de seus passos, se pôs em seu lugar, com um canto peculiar, entre os espectadores nos arbustos; então um novo artista apareceu*’^{xii}. Aliás, Schomburgk está enganado ao supor que o galo-da-serra sempre evita a vizinhança de outras aves; pois nos rios Potaro e Mazaruni ele vive entre muitas outras. No alto das montanhas da savana, onde Schomburgk o viu, ele provavelmente está sozinho apenas porque a altitude e outras condições são inadequadas para outras aves. O mesmo autor também está enganado ao acreditar que essas aves não são criadas e domesticadas com sucesso pelos Indígenas; eu as vi de todas as idades em casas Indígenas e, certa vez tive a sorte de ver quase quarenta machos plenamente desenvolvidos nas mãos de um grupo de Indígenas viajantes.

AVES DA SAVANA

Na savana, exceto nos bosques e na estreita faixa de mata que geralmente margeia os rios, a vida das aves é um tanto diferente. Nos campos abertos, diversas aves pequenas e insetívoras voam, de maneira muito semelhante às cotovias, de touceira em touceira. Minúsculas pombas-terrestres são numerosas; e ocasionalmente um bando de codornas (*Colinus cristatus*)¹⁷¹ é alçado ao voo. Um belo quero-quero (*Vanellus chilensis*), não muito diferente do quero-quero inglês, mas principalmente cinza em vez de verde, e com curiosos esporões córneos nos cotovelos, não é raro. Entre as árvores baixas e solitárias, o pedroceroúlo (*Sturnella magna*) é a ave mais comum; e ao redor dessas árvores, quando floridas, uma ou duas espécies de beija-flor podem ser vistas com frequência. Gaviões e corujas são excepcionalmente numerosos, tanto em número de espécies quanto de indivíduos. Quando um incêndio passa por qualquer parte da savana, a chama rastejante é sempre precedida por muitas aves de rapina em perseguição aos lagartos, cobras e outros pequenos animais que são então forçados a sair de seus abrigos. Nos charcos com juncos que ocorrem em alguns lugares da savana, patos, especialmente o grande pato-do-mato (*Cairina moschata*) e a marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*), são frequentemente

^{xii} Richard Schomburgk. *Reisen in Britisch Guiana*, vol. i. p. 442.

numerosos; e nas árvores altas perto desses charcos, e também nas margens dos rios, o grande passarão ou cabeça-seca, assim chamado por causa de sua cabeça preta e calva (*Mycteria americana*), constrói seu ninho.

RÉPTEIS

Provavelmente o leitor encontrará alguma dificuldade em aceitar o fato de que mesmo os répteis, em circunstâncias normais, não são perigosos e raramente importunam o homem. Por exemplo, é crença comum e arraigada que as cobras sejam problemáticas nos trópicos; mas de fato, embora as cobras sejam sem dúvida numerosas na Guiana, elas são muito raramente vistas e, mesmo quando vistas, são extremamente raras em causar danos aos seres humanos, exceto talvez aos Indígenas, cuja nudez e hábitos de vida os expõem a tais perigos. Provavelmente, dificilmente haverá um único colono comum da Guiana que não consiga contar o número de cobras que ele já tenha visto nos dedos de uma mão. Aqueles que vivem nas plantações e nas áreas rurais, é claro, veem mais; mas mesmo estes, na maioria dos casos, provavelmente conseguiriam contar o número de cobras vistas em um ano com duas mãos. E quanto ao interior, basta dizer que certa vez anotei cuidadosamente o número de cobras vistas durante dois meses de viagem por florestas e savanas; e foram apenas onze. Não é que as cobras sejam poucas — embora provavelmente não sejam tão abundantes nos trópicos ocidentais quanto nos trópicos orientais mais secos — mas sim que são tímidas e se retiram silenciosamente diante da aproximação do homem. E dos répteis que não sejam cobras nenhum precisa ser temido excessivamente.

Os répteis que terei de mencionar são jacarés, lagartos, cobras e tartarugas.

Na região costeira os jacarés são muito numerosos em qualquer lugar onde haja lama e água. Frequentemente são vistos nos canais das propriedades; e em um caso recente, um foi encontrado até mesmo nas ruas de Georgetown. Como quanto maiores, mais visíveis se tornam, geralmente apenas os de pequeno porte escapam da detecção e sobrevivem nas áreas habitadas; mas em pântanos remotos, eles crescem muito mais. O maior que observei tinha comprimento de seis metros, do focinho à cauda. Raramente são perigosos para o homem, embora ocasionalmente se ouçam histórias de como um braço ou uma perna foram arrancados por um desses répteis.

No interior, tanto jacarés-açu quanto jacarés-tinga¹⁷² são numerosos em alguns rios. Em outro lugar eu descrevi o ninho de um destes últimos, bem como seu curioso hábito de flutuar na superfície da água e, ocasionalmente, erguer a cauda para mergulhá-la rapidamente. Diz-se que o objetivo desse último truque é atrair peixes, mas isso provavelmente precisa de mais confirmação. Geralmente, quando está deitado, tomando sol na superfície da água, o tinga é um animal lento, e não é perigoso nadar em águas rasas perto deles, desde que o banhista mantenha os olhos neles e esteja preparado para correr tão logo o tinga parecer prestes a se mover. É um fato bem conhecido no que diz respeito aos lagartos que, não só quando a cauda é arrancada

acidentalmente que uma nova cauda brota e cresce, mas também que, mesmo que essa extremidade seja apenas ferida sem ser perdida, uma nova cauda secundária ocasionalmente cresce no local da lesão e, juntamente com a cauda original, forma uma bifurcação. Sabendo disso, fiquei surpreso um dia ao avistar um jacaré-açu de tamanho considerável com uma cauda dupla. O animal estava em um banco de areia no rio Courantyne, mas escapou para a água quando nós tentamos nos aproximar.

De todos os lagartos, o mais proeminente na Guiana é o iguana-verde (*Iguana iguana*). Trata-se de um lagarto herbívoro, grande e arborícola, que frequentemente mede entre 1,20 e 1,40 metros de comprimento, de uma bela coloração verde brilhante quando jovem, mas que posteriormente adquire uma tonalidade cinza-esverdeada opaca e pouco atraente, tornando-se ainda mais horrenda, especialmente no caso do macho, devido a uma curiosa crista irregular e saliente ao longo das costas, e a uma enorme papada. Vivem nas margens dos rios. A carne desses lagartos é semelhante à de frango, porém mais delicada, sendo muito apreciada, não só pelos Indígenas, mas também pelos europeus, e, por isso, os animais são muito procurados. Nas regiões mais povoadas os iguanas são hoje raros, mas ao longo dos rios do interior, e especialmente no rio Courantyne, cujos longos trechos são completamente desabitados, inclusive por Indígenas, eles são abundantes.

Mas foi em Cabalebo, que é completamente desabitado, que avistei a maioria desses animais. Um ou mais estavam deitados nos galhos mais altos dos arbustos e árvores baixas cobertos de cipós que se debruçavam sobre a água. Frequentemente o primeiro sinal da presença deles era o forte mergulho que faziam quando, ao nos aproximarmos, atiravam-se de cabeça na água do alto das árvores. Às vezes, porém, conseguíamos chegar perto o suficiente para atirar neles, e quando não morriam instantaneamente, afundavam na água e nunca mais eram vistos. Outros ficavam se aquecendo ao sol entre as folhas secas na margem do rio; e estes, quando nos aproximávamos, erguiam seus rabos e fugiam correndo com um estrondo alto o suficiente que parecia vindo de um animal quatro ou cinco vezes maior. Começamos a encontrar também seus ovos, enterrados em buracos nos bancos de areia; e os homens frequentemente desenterravam centenas de ovos em poucas horas. Geralmente há de trinta a quarenta ovos, todos postos por um único lagarto, em cada ninho^{XIII}; mas, pelo número maior em alguns buracos, imagino que ocasionalmente mais de um lagarto ponha ovos no mesmo lugar. Os ninhos costumam ser muito profundos, de modo que os Indígenas precisam cavar um metro e meio, ou até mais, para alcançar os ovos.

Os iguanas esperam até a estação seca, quando os bancos de areia ficam expostos, para pôr seus ovos. Então eles vão até os bancos nas margens do rio

^{XIII} Schomburgk (*Reisen in British Guiana*, vol. i. p. 303) afirma que o número de ovos raramente ultrapassa a quatorze; mas eu sempre encontrei um número maior, como mencionei, e em várias ocasiões retirei cerca de quarenta ovos de dentro do lagarto fêmea que estava prestes a depositar.

ou nadam — são excelentes nadadores — até aqueles que ficam no meio do curso d'água. Eles cavam um túnel, estreito o suficiente apenas para seus corpos, em profundidade na areia. Depois de pôr seus ovos, que são ovais, do tamanho de um ovo de pombo, e envoltos por uma membrana elástica branca em vez de casca, eles precisam se espremer para fora dos buracos — uma tarefa nada fácil. Os ovos são deixados para eclodir sem supervisão. Quando o embrião começa a se desenvolver o ovo adquire uma forma irregular. Nunca consegui descobrir quanto tempo leva para os filhotes saírem do ovo. É maravilhoso que seu instinto os leve a encontrar o caminho através da grande massa de areia que os cobre.

Os Indígenas encontram os ninhos seguindo as pegadas deixadas pelos pais na areia, e notando a mínima perturbação da areia que marca a entrada da toca. Eles então enfiam uma vara pontiaguda na areia em várias direções e, onde a areia é macia e cede com facilidade, eles entendem que o túnel do iguana deve estar ali. Com suas mãos, cavam, mas cautelosamente, pois dizem que uma espécie específica de cobra venenosa, que também aprecia os ovos, é ocasionalmente encontrada nas tocas, e que Indígenas têm sido picados frequentemente dessa forma e morrido em consequência disso. Além disso, o próprio iguana é frequentemente encontrado na toca, e tendo acabado de depositar seus ovos, e ainda não tendo tempo de sair, é propenso a morder com força. Quando o lagarto é pego em flagrante, a perseguição é emocionante: enquanto o Indígena cava, o iguana cava cada vez mais fundo para escapar dele. Nessa corrida, o homem, é claro, acaba vencendo. O lagarto é pego pela cauda, mas permanece firme e se recusa a ser puxado para fora. O Indígena puxa, e muitas vezes a cauda se rompe. Isso dá ao lagarto um novo começo, do qual ele se aproveita cavando vigorosamente; mas finalmente é capturado e retirado à força.

Os Indígenas afirmam que as onças têm o hábito de desenterrar os ovos para si mesmas. De fato, pegadas de onça são muito comuns ocorrendo misturadas às de iguana na areia. Mas é mais provável que as onças, sabendo que esses lagartos frequentam os bancos de areia, rondem a área durante o período de reprodução para caçar os lagartos adultos ao invés de cavar em busca dos ovos.

Outros inimigos que o iguana teme, especialmente na época de reprodução, são as '*perai*', ou '*houma*', como são chamadas as piranhas (*Serrasalmus rhombeus*)¹⁷³ nos rios Berbice e Courantyne. Esses peixes com dentes afiados e vorazes, mordem com frequência a ponta da cauda do iguana enquanto ele nada de um banco de areia para outro, sendo que eu mal consegui encontrar um com a cauda intacta entre a grande quantidade que capturamos.

Outros lagartos de espécies menores são muito abundantes, e estão distribuídos amplamente por todas as regiões.

COBRAS

Já me pronunciei sobre a real abundância das cobras, embora elas sejam de hábitos reservados. As mais temidas entre os tipos comuns são as duas espécies constritoras, chamadas respectivamente de jiboia (*Boa constrictor*), e sucuri ou

anaconda (*Eunectes murinus*), além da surucucu (*Bothrops atrox*) e da cascavel (*Crotalus durissus*)¹⁷⁴. A última espécie mencionada é vista, quando muito, nas savanas secas; as outras ocorrem com igual frequência, em locais específicos, em todas as regiões.

A jiboia é raramente vista e causa pouco dano ao homem. A única que vi em seu habitat natural deslizou para longe quando me aproximei. A sucuri é mais frequentemente avistada. A maior que já vi viva foi aquela morta, como mencionei em um capítulo anterior, pelo meu amigo Edwards-Moss; ela tinha seis metros de comprimento e noventa centímetros de circunferência no ponto mais largo. Mas ocasionalmente elas crescem muito mais — a pele que medi e constatei ter nove metros, foi encontrada em um lugar curioso. Um amigo meu, vivendo em um local bem remoto rodeado por floresta, era bastante exigente quanto a receber seu café da manhã logo ao amanhecer. Sua cozinheira, quando ia na escuridão para dentro do barracão que servia de cozinha, tinha o hábito de riscar o fósforo para acender o fogo em um específico esteio de canto; mas certa manhã ela se surpreendeu ao descobrir que um fósforo após o outro se quebrava em vez de pegar fogo. Finalmente, ela acendeu uma luz em um novo local e, ao fazê-lo, descobriu, para seu grande pavor, que uma sucuri de nove metros de comprimento estava enrolada no esteio de canto, e era nela que ela havia riscado seus fósforos. Sucuris jovens e pequenas não são raras de serem encontradas em casas perto da floresta, e nessa fase é quando elas são muito mais coloridas do que quando adultas. Elas frequentam as proximidades da água e frequentemente nadam, razão pela qual são muito temidas pelos Indígenas que se banham. Os chineses, creio eu, são os únicos entre os vários habitantes da colônia que comem e apreciam a carne dessas cobras. Provavelmente foi uma sucuri que me ensinou pela primeira vez que cobras roncam. Certa vez, quando sai de minha rede, para caminhar como de hábito, no meio da noite para fumar um cachimbo na floresta ao redor, meu companheiro, que acabara de se recolher à sua própria rede, me atentou para ter cuidado com uma árvore em particular, pois ele tinha escutado uma cobra roncar ali. A curiosidade, naturalmente, me levou até a árvore, onde o som do ronco era plenamente audível, e onde, depois de algum tempo, consegui avistar uma cobra de tamanho médio enrolada em um galho. Sozinho e no escuro eu não me atrevi a atacá-la, e pela manhã, quando quis encontrar o animal novamente, ele havia desaparecido.

A surucucu é uma cobra muito mais terrível. É pequena, medindo de um a um metro e meio de comprimento, mas extremamente venenosa, e é de uma cor opaca, tão parecida com um graveto seco que muitas vezes não é notada até seu ataque. Certa vez, enquanto caminhava por uma trilha na floresta, sendo o último de uma fila de nove homens, recuei o pé bem na hora que ia pisar numa surucucu enrolada no meio da trilha, com sua cabeça erguida para atacar. Oito homens, sete deles Indígenas descalços, passaram ilesos e sem serem notados por esse animal. É curioso que, mesmo após esta cobra ter sido açoitada até a morte com um grande pedaço de pau e removida para longe do local onde a encontramos, quando retornarmos algumas horas depois, encontramos

outra surucucu no mesmo lugar. Este e outros casos que chegaram ao meu conhecimento tendem a corroborar a afirmação dos Indígenas de que onde há uma cobra certamente haverá outra. Mesmo a surucucu, porém, provavelmente nunca ataca seres humanos a menos que seja pisoteada ou perturbada de alguma forma. A picada desta cobra pode frequentemente resultar na morte da vítima, e, talvez com a mesma frequência, na perda de um membro em particular ou parte do corpo sobre a qual a lesão tenha sido infligida. Um exemplo curioso deste último resultado chegou ao meu conhecimento no caso de um Indígena arawak que tinha apenas um pé, pois o outro, com a perna até o joelho, havia definhado e caído gradualmente em consequência da picada de uma surucucu; contudo, com a ajuda de um pedaço de pau, o homem ainda corria, trabalhava, e até caçava, tão ativamente quanto qualquer um dos outros Indígenas.

A cascavel é muito conhecida para necessitar de descrição. É muito raramente vista por europeus. Apenas uma vez quase tive um contato desagradável com uma, e foi quando uma delas havia se instalado em uma cesta na qual nosso estoque de pão era mantido; mas ela escapou sem causar nenhum dano.

De outras espécies de cobras venenosas não há dúvidas que existem muitas, mas estas raramente são vistas. Negros, e mesmo algumas vezes Indígenas, dirão que qualquer cobra que virem é venenosa, mas a acusação é, em muitos casos, totalmente infundada.

Por outro lado, existem algumas cobras muito bonitas, como a longa cobra-chicote de um verde brilhante, chamada na colônia de cobra-papagaio, e a encantadora cobra-coral¹⁷⁵ com suas faixas de rosa brilhante.

TARTARUGAS

Pelo que foi dito nos capítulos anteriores ficará evidente que as tartarugas são abundantes na maioria dos rios, mas são poucas no mar ou em qualquer lugar da região costeira. As duas espécies mais comuns são a tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*)¹⁷⁶ dos Indígenas – que às vezes atinge o comprimento de um metro e meio – e uma espécie menor, provavelmente idêntica à *Podocnemis unifilis* ou tracajá-de-Martius. Ambas as espécies são tão numerosas que às vezes tenho visto grandes canoas pesadamente carregadas com seus ovos, em proporções quase iguais. Outra espécie é o curioso matamatá dos Indígenas (*Chelus fimbriata*), que possui uma carapaça extraordinariamente rugosa, em vez de lisa, como na maioria das espécies, e é dotada com um odor singularmente repugnante. A carne de todas essas espécies é amplamente consumida pelos Indígenas, que aprenderam que o odor do matamatá pode ser completamente removido com uma lavagem cuidadosa. Existem outras espécies que ainda não foram identificadas.

É curioso que as onças-pintadas sejam muito apreciadoras da carne de tartarugas, e ainda mais curioso que consigam extrair o animal de sua carapaça. Não tenho conhecimento de nenhum europeu que tenha visto uma onça-pintada realizando essa operação; mas muitos, incluindo eu, já viram carapaças

recém-esvaziadas, arranhadas pelas garras das onças-pintadas, espalhadas na areia entre pegadas recentes desses animais.

Na floresta, uma espécie de jabuti (*Chelonoidis denticulatus*)¹⁷⁷ vagueia. Sua presença é evidente pelo fato de que um Indígena raramente retorna da caça sem trazer para casa um ou dois, pois sua carne é um alimento excelente. Ela põe dois ovos grandes e redondos — que, ao contrário dos de outros jabutis, possuem cascas duras, semelhantes a porcelana — no chão da floresta. Quando irritado, o animal tem o surpreendente hábito de grunhir — uma capacidade que alguns jabutis possuem, ou pelo menos usam, mais vigorosamente do que outros.

É impossível falar em detalhes sobre os sapos e rãs da Guiana. São enormemente abundantes, e seus coaxes variados e peculiares se combinam em um coro que quase nunca cessa, ganha força redobrada à noite, e forma o som característico tanto no litoral quanto na floresta e na savana. Tão profundamente impressiona o viajante que, uma vez ouvido, ele jamais, caminhando por um canal de drenagem inglês na primavera, ouvirá o coaxar fraco de um de nossos sapos sem que gigantescas cenas tropicais surjam instantaneamente diante dele. O anfíbio que mais incomoda o colono é um sapo (*Rhinella marina*)¹⁷⁸, que infesta todos os lugares lamacentos e, à noite, rasteja dos canais em Georgetown para as ruas em tal número que é frequentemente impossível evitar pisar sobre eles.

PEIXES

Os peixes abundam em grande número e em imensa variedade tanto no mar quanto nos rios. Certas espécies que preferem águas lodosas, e que abundam em canais e valas, são pescadas em grande quantidade pelos negros e outros grupos em situação semelhante, e de fato são o principal alimento de origem animal dessas pessoas; mas a pesca de espécies melhores, seja no mar ou nos rios, é tão pouco praticada, que quase não há abastecimento regular nos mercados.

No interior, o número e a beleza das espécies de peixes são enormes, e muitas delas foram bem descritas por Schomburgk em sua obra '*Fishes of British Guiana*'. Mas, sem uma busca específica o viajante provavelmente encontrará apenas com umas poucas formas proeminentes — aquelas que são especialmente capturadas para alimentação — como o pacu (*Mylossoma duriventre*)¹⁷⁹, que infesta as águas agitadas das corredeiras, e se alimenta das plantas aquáticas que crescem nas rochas desses locais; o trairão (*Hoplias aimara*), encontrado principalmente nas desembocaduras de riachos; a gigantesca piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*); e, nos rios mais remotos, o pirarucu (*Arapaima gigas*), ambos atingindo de 2,4 a 3 metros de comprimento. Mas há três peixes que todo viajante certamente notará, não por serem bons para comer — embora todas essas espécies sejam ocasionalmente comidas — mas como inimigos perigosos. São eles a piranha-preta (*Serrasalmus rhombeus*), o peixe-elétrico (*Electrophorus electricus*) e a arraia (*Potamotrygon hystrix*).

PEIXES NOCIVOS

A piranha prolifera em quase todos os rios, exceto nas margens com menos de trinta quilômetros do mar, e é provavelmente um dos animais mais vorazes que existem. Onde patos são criados pelas poucas pessoas que vivem nas margens de águas infestadas por piranhas, as pobres aves quase invariavelmente têm partes das membranas interdigitais dos pés arrancadas por esses peixes. Já foi dito que as caudas dos iguanas são quase sempre encurtadas da mesma maneira, e pode-se acrescentar que nem mesmo os jacarés sempre escapam com as caudas inteiras. Uma piranha, se por acaso ferida, é imediatamente atacada e devorada por seus semelhantes. Se um macaco ou pássaro, quando baleado, cai na água, as piranhas se juntam de todos os lados e levam a presa antes que o caçador possa alcançá-la; e mais de uma vez, pescando em águas claras, depois que a isca foi fígada por algum outro peixe, eu vi o capturado que era puxado pela água em direção ao barco, sendo perseguido e arrebatado pelas velozes piranhas. Novamente, como os Indígenas têm o hábito de armar linhas noturnas para a pesca do trairão e outros peixes grandes, não é incomum que quando essas são recolhidas pela manhã, somente a cabeça ou a parte dianteira do peixe sejam encontradas na linha, tendo o resto do corpo sido levado pelas piranhas. Em mais de uma ocasião soube de casos em que, homens afogados nos rios, tiveram seus esqueletos encontrados não muitos dias depois, quase com a carne completamente esfolada pelas piranhas. É, portanto, uma fonte de perigo banhar-se em trechos de águas calmas, lugares nos quais as piranhas são principalmente encontradas. Um dos meus barqueiros, um mulato, certa vez, quando avançava pela água ao lado da canoa, de repente começou a gritar palavrões e, ao ser repreendido, justificou-se mostrando o pé, de cujo dedo uma piranha havia estripado toda a carne; e em outra ocasião, quando saltei da canoa para me banhar, uma dor aguda, quase no instante em que toquei a água, me indicou que eu havia sido mordido por um desses peixes. Esses peixes terríveis são pequenos, raramente pesando mais de um quilo, mas seus dentes são tão afiados que uma mandíbula é sempre carregada pelos Indígenas para ser usada para cortar a ponta envenenada dos dardos que são disparados de suas zarabatanas.

O peixe-elétrico ou poraquê é outro peixe a ser evitado. Seu poder de infligir choque elétrico é bem conhecido, e esse choque é realmente muito severo. Minha primeira experiência com isso foi da seguinte maneira: alguns Indígenas, tendo construído uma represa na foz de um pequeno riacho, estavam, como de costume, envenenando a água para pegar peixes, e eu estava em cima da represa para impedir que os peixes maiores se debatessem e escapassem, quando vi uma forma preta em violenta agitação na água perto dos meus pés; tendo-a agarrado em minha ânsia, descobri para minha grande dor que era um peixe-elétrico. Esses peixes são especialmente abundantes em certos lugares; e um desses lugares é o rio Mazaruni, perto da Colônia Penal; os condenados, embora geralmente aguardem ansiosamente a hora do banho por ser o único horário do dia em que têm permissão para conversar, ocasionalmente recebem um choque inesperado, ficam assustados e evitam o banho por algumas vezes

depois. Os poraquês, se mantidos em cativeiro por muito tempo perdem seus poderes elétricos; um poraquê muito grande que pertenceu a um cavalheiro na costa oeste do Demerara por cerca de quinze anos, era, como descobri, completamente inofensivo.

O terceiro peixe a ser temido é a arraia. Este grande peixe achatado, com uma longa cauda semelhante a um chicote, armado com um espinho farpado de cerca de oito centímetros de comprimento, que pode erguer à vontade, repousa na areia em águas rasas onde, devido à sua cor, geralmente escapa de ser notado até que, ao ser pisado ou perturbado de alguma forma, crava seu espinho no adversário, infligindo assim um ferimento terrível que, por alguma razão não muito óbvia, ocasionalmente causa até a morte. O espinho parece possuir alguma natureza venenosa e insalubre. Um Indígena a meu serviço foi atingido no pé por um desses peixes; a ferida permaneceu aberta e em péssimo estado por alguns meses. Tendo que tratá-la diariamente, adquiri gradualmente um medo tão irracional do poder dessa arraia, que pouco depois quando eu estava caminhando em águas rasas demais para a canoa flutuar, a cerca de quatrocentos metros de distância em direção a qualquer lado com terra firme, os Indígenas bradaram um aviso de que arraias abundavam no lugar, e uma completa incapacidade de me mover em qualquer direção me manteve imóvel por algum tempo. Os Indígenas usam o espinho como uma lanceta; e mesmo depois de ser removido do animal para esse fim, parece que, ao ser passado sobre a pele humana, ele exibe um curioso poder irritante que nem mesmo suas minúsculas farpas conseguem explicar.

Para se ter uma boa ideia da proporção entre o perigo imaginário representado por animais na Guiana e os males reais que eles infligem, basta tentar imaginar os possíveis pensamentos de um homem nervoso ao banhar-se em um dos rios daquele país. O banhista nervoso lembra-se de que, a partir do momento em que tira a roupa, todas as partes do seu corpo que não estão submersas ficam expostas ao ataque de mosquitos, piuns e muitos outros insetos com picadas dolorosas; mas, por outro lado, cada parte do seu corpo coberta pela água pode a qualquer momento ser mordida pela piranha, receber um choque violento de um peixe-elétrico, ou ser horivelmente lacerada pelo ferrão venenoso de uma arraia, ou ter um membro arrancado por um jacaré-tinga ou um jacaré-açu que esteja passando, ou todo o seu corpo pode ser esmagado e, assim, preparado para ser engolido por uma enorme serpente aquática; ou, mesmo que nenhuma dessas dores o atinja, ele pode se lembrar de que o ovo de um certo verme, do qual falarei em breve, pode ser depositado em seu corpo sem que ele perceba, para ali se desenvolver e se transformar em uma dor extremamente intensa. Ora, todos esses perigos são bastante reais, e qualquer um deles pode se manifestar a qualquer momento. Por outro lado, de todos os homens que se aventuram nessas águas dia após dia, muitas vezes ao dia, durante anos a fio, menos de dez por cento jamais sentiu sequer algum dos pequenos males descritos, exceto talvez as picadas de mosquitos ou piuns; e nenhum em mil sofreu qualquer dano grave ou permanente. Portanto, enquanto o homem

nervoso sente toda a dor da antecipação dos males, nem ele nem o homem menos tímido, em regra, sente o mal em si.

ARTRÓPODES

Dessa digressão passaremos à consideração da vida dos artrópodes. Aqui, muitos leitores provavelmente se oporão de forma definitiva e categórica ao meu apelo pela absolvição dos animais de todos os tipos, da acusação que normalmente lhes é feita de incômodos incessantes ou de serem nocivos ao homem. Esse apelo ainda pode, justificadamente, ser estendido e abranger até mesmo os insetos e demais artrópodes. Eu deveria ser mais irritante do que o próprio mosquito se afirmasse que esse inseto, e os flebotomíneos, e outras tais criaturas, nunca incomodam, que as baratas não são repulsivas, ou que as aranhas não são feias; mas eu digo que esses e outros artrópodes não são suficientemente numerosos ou nocivos para tornar a vida um fardo.

Talvez seja melhor começar analisando o caso de um morador comum e observar quais são os artrópodes que o incomodam. O teste é um tanto complexo, pois deve levar em conta, embora alguns desses raramente sejam vistos em casas bem cuidadas, os mosquitos, cupins (térmites), formigas comuns, baratas, certos besouros chamados '*capa dura*', aranhas, centopeias e certas vespas chamadas '*vespas espanholas*'¹⁸⁰. Esses artrópodes estão organizados de acordo com o grau de incômodo que causam, sendo os piores colocados em primeiro lugar.

Os mosquitos não estão distribuídos igualmente por todos os lugares. Em muitas partes do interior são raramente vistos, mas no litoral, especialmente em certos locais, são mais numerosos. Eles são mais abundantes nas margens lamacentas do rio Pomeroon, próximo do mar. Ali, os poucos colonos brancos sentem necessidade de proteger suas redes com coberturas justas, não, como em outros lugares, de musselina, mas de chita resistente; e o Indígena, antes de se aventurar nos bancos de lama para caçar caranguejos, cobre o corpo com uma armadura completa de lama. Os mosquitos também são muito abundantes ao longo da estrada que liga o rio Demerara ao rio Berbice, e em alguns outros poucos locais específicos, principalmente onde há pouca drenagem. Em outros lugares, são poucos na maior parte do ano e, durante a maior parte do dia, aparecem não em enxames, mas individualmente. É principalmente durante a estação chuvosa, e especialmente à noite, que eles causam algum problema. Opiniões provavelmente variam quanto ao grau de incômodo causado por esses insetos, pois atacam algumas pessoas com muito mais veemência do que outras. De dois quartos adjacentes – cujas condições eram exatamente as mesmas, exceto pelo fato de um estar ocupado por um homem sujeito a tais ataques e o outro por um homem livre deles –, eu vi, manhã após manhã, um deles tomado por enxames de mosquitos que se acumularam durante a noite, enquanto o outro mal tinha um único desses insetos. Mas mesmo aqueles que têm a sorte de serem raramente picados por mosquitos sofrem bastante com o zumbido desses insetos, que, de todos os sons, é provavelmente o mais irritante. De

modo geral, deve-se admitir que em uma casa comum, os mosquitos causam, mais ou menos, mas frequentemente de forma considerável, incômodo.

ARTRÓPODES DOMÉSTICOS

Um inimigo mais prejudicial, por ser insuspeito do morador, é o cupim. As casas são construídas inteiramente de madeira mas, com muita frequência, as vigas e tábuas, aparentemente intactas, são meras cascas, dentro das quais esses insetos, embora raramente visíveis, se alojam. Outros materiais além da madeira são ocasionalmente devorados por esses insetos, e em uma grande loja de tecidos me garantiram certa vez que as únicas coisas a salvo de seus estragos são os tecidos de lã. Várias espécies de formigas ocasionalmente tomam posse de uma casa por um tempo; mas outras estão quase sempre presentes, embora raramente vistas, é suficientemente demonstrado pelo fato de que, se um pedaço de cana-de-açúcar ou outro alimento atraente for colocado no chão, ele logo será cercado por inúmeras formigas; mas todas elas causam pouco dano aos seres humanos, e fazem muito bem, pois devoram um grande número de outros insetos, especialmente baratas. Mesmo em casas bem cuidadas, provavelmente poucos dias se passam sem que dois ou três dos insetos mencionados, igualmente detestáveis na aparência e no odor, não sejam vistos; e em casas malcuidadas eles proliferam. Portanto, se esses insetos estão incomodando, a solução, que é a de manter a limpeza, é facilmente aplicada. Outro tipo de inseto visita as casas apenas ocasionalmente, e mesmo assim sob circunstâncias que são mais engraçadas do que incômodas. Esses são os chamados '*capa dura*' - pequenos besouros pretos de várias espécies, mas mais frequentemente o *Tômarus bituberculatus*¹⁸¹, o qual, talvez duas ou três vezes por ano - sempre durante a época de chuva - entra nas casas em números absolutamente impressionantes. Atraídos pelas luzes da mesa de jantar eles literalmente cobrem a toalha e, sendo varridos repetidamente, são frequentemente substituídos por outros que chegam em números igualmente expressivos. Em noites assim, já vi situações em que se tornou praticamente impossível jogar bilhar, pois a mesa ficava coberta de *capas duras*, tal como as praias costumam ficar cheias de pedrinhas. Esses besouros se desenvolvem a partir de larvas dentro de certas plantas, geralmente nas raízes de plantas suculentas como cana-de-açúcar, banana-da-terra e banana comum, mas às vezes, curiosamente, nos botões florais fechados da *Vitoria amazonica* e de outras ninfeias. Quando entram nas casas ainda estão frequentemente incrustados de lama seca, acumulada enquanto escapavam de seus habitats vegetais. Sua força muscular é enorme. É um truque bastante comum usado para enganar estranhos, colocar uma taça de vinho comum sobre o dorso de um desses *capa dura*, quando o inseto rasteja sobre a mesa em um ritmo acelerado, arrastando a taça consigo. Afinal, o incômodo causado pelos *capa dura* é mínimo; suas visitas ocorrem apenas em intervalos longos, e na manhã seguinte a uma visita todos esses insetos desapareceram.

Aranhas, grandes e pequenas são, naturalmente, vistas dentro de casas ocasionalmente, mas não prejudicam, e a objeção a elas é fundada meramente na crença universal e firmemente estabelecida de sua aparência repugnante. Existem, é claro, aranhas na Guiana cuja picada é mais ou menos dolorosa, mas

essas espécies raramente, ou nunca, entram em casas. Centopeias, também, são raramente vistas, mesmo em casas de campo, e ainda mais raramente em casas urbanas; claro, desde que, em ambos os casos, as casas sejam normalmente limpas. Grandes vespas de uma espécie muito inofensiva voam para dentro e para fora dos cômodos e frequentemente constroem seus ninhos de barro, como pequenos e bonitos vasos de barro, nas paredes e até mesmo nas salas de estar.

Resumindo, mosquitos e cupins são as únicas pragas sérias nas casas, e mesmo essas, exceto em certos momentos e lugares, só incomodam de vez em quando.

Fora das casas, na relva baixa ao redor dos locais habitados, um pequeno artrópode vermelho, chamado '*besta vermelha*' (mucuíim), semelhante ao trombiculídeo inglês¹⁸², forma enxames e, enterrando-se nos pés e tornozelos dos transeuntes, produz uma irritação que para algumas pessoas é quase insuportável, enquanto para outras é de pouca consequência.

BORBOLETAS E MARIPOSAS

Mas é no interior que os insetos e outros artrópodes realmente abundam. Provavelmente, a melhor abordagem será discuti-los na ordem em que cada classe tende a atrair mais atenção. Assim, o primeiro lugar deve ser dado às borboletas.

A esplêndida beleza e a grande variedade das borboletas tropicais já foram tão mencionadas que aqui basta apenas acrescentar que a Guiana não é superada por nenhum outro país em tais riquezas. As visões geralmente aceitas e errôneas sobre a aparência da natureza tropical são, talvez, mais próximas da verdade no que diz respeito às borboletas do que qualquer outro aspecto. É verdade que, assim como a maioria das aves de cores vibrantes vive no dossel da floresta e fora da vista, o mesmo ocorre com muitas borboletas; mas destas últimas, embora não das primeiras, existem muitas espécies que se mantêm próximas ao solo e, portanto, estão mais frequentemente sob o olhar do viajante.

As borboletas mais impressionantes são as enormes *Morpho*, cujas grandes asas são inteiramente azuis, tão magníficas, brilhantes e reluzentes, que o inseto ao descer preguiçosamente pelos sombrios corredores por entre os troncos das árvores, parece, mesmo a uma distância considerável, um clarão de luz azul. Geralmente voam alto, nos topos das árvores; mas, por um curto período em todas as manhãs, aparentemente quando o sol está em um ponto específico do horizonte, descem para as clareiras abertas na floresta pela queda de árvores, e ali exibem-se — uso essa palavra de propósito — preguiçosamente, alternando entre a luz do sol e a sombra. Elas são tão grandes que, enquanto sobrevoavam essas clareiras, eu conseguia acompanhar seus movimentos, sentado logo abaixo, pelas sombras que elas projetavam no chão. Essas clareiras na floresta, durante o momento do dia em que o sol incide sobre elas, são habitadas não só por essas borboletas azuis, mas também por outras espécies de borboletas que voam alto. Outros tipos — especialmente as *Heliconius*, com suas formas e aromas curiosos, asas pretas com manchas azuis, escarlates ou brancas, dependendo da espécie — voam ao redor dos arbustos e até a metade

dos troncos das árvores, indiferentes ao sol ou à sombra. Novamente, outras espécies, com asas marcadas em vermelho e marrom, à semelhança das flores das fritilárias inglesas¹⁸³, mas com formato diferente destas, voam também a uma altura equivalente à metade dos troncos das árvores, mas sempre, em regra, na sombra. É de fato, no chão, especialmente quando este está coberto pelas flores caídas de aroma enjoativo da árvore '*kakaralli*' (*Lecythis ollaria*)¹⁸⁴, outras borboletas com formato semelhante ao das fritilárias, e com asas com nervuras como as flores dessas, mas completamente transparentes e desprovidas de cor, esvoaçam entre outras borboletas de asas transparentes. É irresistível pensar que estas criaturas, em sombra profunda e perfumada, e na solidão, com suas asas transparentes e incolores, não passam de pálidos fantasmas de borboletas. No crepúsculo, alcançando a luz do sol, minúsculas mariposas-esfinge cruzam o caminho de arbusto em arbusto com tanta rapidez que somente a cor, sem forma, é vista. Na areia úmida das margens de rios e córregos, exércitos de borboletas amarelas, muito parecidas com as amarelo-enxofre da Inglaterra, repousam, tão densamente quanto folhas mortas na floresta, e desfrutam da umidade. E às vezes, um fluxo constante e abundante de borboletas, de vários tipos, atravessa um rio por horas a fio, sempre em uma única direção, vindo de onde e indo para onde, ou com que propósito, nenhum homem sabe.

À noite as borboletas dão lugar às mariposas; e mesmo durante o dia um número considerável destas pode ser visto na sombra da floresta. Contudo, como se pode facilmente compreender, mariposas atraem comparativamente pouca atenção. Para os propósitos deste relato, é mais importante mencionar as lagartas. Algumas delas apresentam formas das mais estranhas, e lamentei profundamente que tanto o tempo quanto a oportunidade, que só poderiam ser proporcionados pela residência fixa em um só lugar, me impedissem de criar algumas dessas lagartas para determinar suas espécies. Um aspecto, evidentemente presente em muitas espécies, é o perfeito e maravilhoso exemplo do mimetismo. Essas lagartas são cobertas por estruturas que diferem dos pelos comuns por serem muito ramificados e, não apenas se assemelham exatamente na forma dos cauloides folhosos de certos musgos, mas também na cor. Algumas são verde-claras, exatamente da tonalidade que o musgo assume quando cresce em locais úmidos, outras têm tons de amarelo e marrom, típicos de musgos expostos ao sol por muito tempo. Quando a lagarta repousa sobre um tronco de árvore ou uma rocha, ela se assemelha tanto a um pequeno pedaço arredondado de musgo que, a princípio, muitas vezes fui completamente enganado. E esses insetos não apenas se escondem de seus inimigos fingindo ser plantas, como também contam com a proteção adicional de sua capacidade de irritar como uma urtiga, graças aos pelos já descritos. Outra lagarta, com cerca de cinco centímetros de comprimento, é inteiramente coberta por pelos sedosos e felpudos, com cerca de dois centímetros e meio de comprimento, de cor amarela brilhante da seda natural do casulo do bicho-da-seda. Esse animal tem a cabeça completamente preta, e foi inapropriadamente comparado por um amigo que trouxe, a um terrier escocês amarelo. A lagarta passou para o estágio de crisálida depois de um tempo, mas por alguma razão desconhecida o inseto perfeito nunca emergiu.

Os besouros provavelmente chamarão a atenção do viajante principalmente por sua aparente ausência. Na verdade, são abundantes, se tornando aparentes quando os arbustos são varridos por uma rede, mas geralmente vivem escondidos. Perto das palmeiras arborescentes, pode-se observar frequentemente a grande broca-do-coqueiro (*Rhynchophorus palmarum*)¹⁸⁵. Este é o inseto perfeito do qual o repugnante verme aramandaiá, amplamente consumido por brancos e Indígenas, é a larva, sendo também um dos mais nocivos das chamadas ‘brocas-da-cana’; pois passaram das palmeiras, que parece ser seu habitat natural, para a cana-de-açúcar, onde causam terríveis estragos. Outro gorgulho menor (*Sphenophorus levis*) é igualmente abundante e destrutivo onde se cultiva cana-de-açúcar. Outro besouro frequentemente visto é um *Buprestis* com asas curtas roxas e verdes, muito valorados pelos Indígenas como ornamentos corporais. E ocasionalmente, um monstruoso besouro-hércules (*Dynaster hercules*) pode ser capturado e, nesse caso, provavelmente começará a sibilar como um gato cuspidor. Um curioso e alongado besouro (Elateridae), com asas que parecem polvilhadas com farinha fina, é bastante comum; e este, mais parecido com um brinquedo de criança do que com um inseto de verdade, se capturado e colocado de costas, se dobra repentinamente como uma dobradiça em seu corpo, com um estalo alto, com tanta força que o inseto é arremessado a certa distância pelo ar e então voa para longe.

FORMIGAS

O número, a variedade e a onipresença das formigas é talvez mais impressionante do que qualquer outra forma na floresta. Nenhum centímetro de chão, nenhum tronco de árvore ou cipó, quase nenhum caule ou folha, está livre desses insetos. Algumas chegam a passar a maior parte de suas vidas em plantas de caules ocos e articulados. Elas são de todos os tamanhos, de muitas cores e de vários graus de ferocidade. Algumas vagam sozinhas ou em pares, outras em bandos tão vastos que apenas aqueles que já viram perceberão sua quantidade.

Dentre as espécies solitárias, aquela que, por sua má reputação e comportamento, mais chama a atenção do viajante, é a tucandeira (*Paraponera clavata*)¹⁸⁶, cuja picada é extremamente dolorosa e frequentemente causa febre. Às vezes ela sobe pelos troncos das árvores, mas geralmente vagueia entre as folhas mortas no chão da floresta. Nesses lugares, devido à reputação dessa formiga de causar febre, eu ficava a princípio sempre receoso em sentar no chão; mas depois de um tempo, descobri que, em geral, elas andam ao redor, e até mesmo por cima das pessoas sem picar, a menos que sejam pressionadas ou irritadas de alguma forma. Quase dois anos se passaram até que eu sentisse a dor da picada. Nessa ocasião, uma palmeira alta que eu havia cortado para medir tombou, não diretamente no chão, mas com sua copa apoiada em uma árvore vizinha, e eu tendo, portanto, subido até a metade do seu tronco inclinado com a fita métrica na mão, senti uma dor inesperada que surgiu na parte de trás de meu pescoço, tão intensa que só pode ser comparada à causada pela aplicação súbita de um ferro em brasa; essa dor durou algum tempo, embora não tenha sido, como costuma acontecer, seguida de febre.

Dentre as formigas sociais, por outro lado, a mais surpreendente é uma espécie de *Eciton*, chamada pelos crioulos de *Yackman*, nome que é uma corruptela da palavra holandesa *jagdmann*¹⁸⁷, ou caçador. Este inseto é de fato um caçador formidável. Seus grupos de caça são compostos por inúmeros indivíduos. De uma tropa que passou por mim certa manhã, eu já tivera aviso algum tempo antes de que se aproximavam, pelo farfalhar e agitação que as formigas e suas presas produziam nas folhas secas. A linha de marcha tinha cerca de vinte metros de largura, e dentro desse espaço, todo o chão era uma massa móvel de formigas pretas que continuaram a passar por quase meia hora. Diante delas fugiam baratas, besouros, lagartos e outros bichos; mas fugiam em vão, pois cada um era pego após uma perseguição emocionante, sendo quase imediatamente coberto de formigas e devorado. Algumas formigas, como se tivessem sido instruídas a esse propósito, subiam em cada árvore que passavam e, depois de derrubar ou devorar todos os animais caçados que haviam fugido para o alto da árvore em busca de segurança, em vez de se darem ao trabalho de descer novamente, simplesmente se atiravam dos galhos para o chão e, uma vez mais juntavam-se à linha de marcha. Mas as vítimas não ficaram sem ser vingadas; pois, seguindo o rastro das formigas, uma horda de pequenos pássaros comedores de formigas voava pelos arbustos comendo muitas dessas caçadoras. Em outra ocasião, saltando da minha rede antes do amanhecer, eu fui infeliz o bastante ao pisar descalço em um desses bandos. Esses bandos de formigas às vezes atravessam casas e prestam um bom serviço, eliminando todos os outros insetos da habitação. De onde elas vêm e para onde vão é um mistério, pois nunca consegui encontrar seus ninhos.

FORMIGAS CORTADEIRAS

Outra espécie comum, aliás, muito mais comum, de formiga social é a cortadeira chamada de '*cooshie*' (*Atta* cf. *cephalotes*)¹⁸⁸. Em muitas partes da floresta, existem locais onde a terra amarela e arenosa se acumula em montes irregulares, muitas vezes com vários metros de diâmetro, e desprovidos de qualquer vegetação. Esses são os ninhos dessa formiga. Deles partem grupos de *cooshies* todas as noites, e às vezes durante o dia, para forragear, principalmente em busca de folhas. O grupo de forrageamento sai do ninho seguindo uma trilha estreita e bem definida, que logo fica tão desprovida de vegetação quanto qualquer caminho rural na Inglaterra. Plantas cultivadas, especialmente mandioca e laranjeiras, são particularmente afetadas por essas formigas, cujo destino, na maioria das vezes, é a plantação de algum Indígena ou, quando próximo da costa, de algum colono. Uma vez que as *cooshies* descobrem um terreno cultivado, parece impossível mantê-las afastadas até que tenham devastado completamente a área. Em uma única noite, um grupo delas pode arrancar todas as folhas de várias árvores, cortando cada uma em pedaços de cerca de meio centímetro de largura, cada um dos quais sendo carregado para o formigueiro por uma única formiga. É uma visão cômica e estranha ver a longa fila marchando para casa, cada formiga completamente escondida pelo enorme pedaço de folha que carrega. Certa vez, presenciei essa cena sob circunstâncias um tanto peculiares. Estando engajado na escavação de

um tipo de sambaqui, e tendo capturado um número considerável de uma certa espécie de borboleta vermelha e as colocado em uma caixa de zinco para insetos, fiquei surpreso ao ver uma longa fileira de pequenos objetos vermelhos movendo-se lentamente ao meu redor, descendo o sambaqui; e foi somente após alguns segundos que percebi que as *cooshies* tinham entrado na minha caixa de insetos, cortando as borboletas em pedacinhos e marchando em fuga com eles. Essas formigas pareciam ter prazer em me roubar, pois, em outra ocasião, invadiram uma lata que eu havia enchido durante a noite com várias orquídeas que seriam colocadas entre papéis para secar pela manhã, e a esvaziaram tão completamente que não restou quase nenhum vestígio de verde.

Outro tipo de formiga sempre faz seu ninho ao redor da raiz de uma vistosa orquídea lilás (cf. *Epidendrum imatophyllum*)¹⁸⁹, que cresce abundantemente em algumas árvores nas margens da maioria dos rios. Ou talvez a orquídea só cresça em ninhos como esses. De qualquer forma, ninhos e orquídeas são tão inseparáveis que os Indígenas, quando nos viram coletando as plantas e, em vão, tentando livrá-las das formigas com longos períodos de imersão em água, nos alertaram que a planta não poderia crescer sem esse inseto.

Mas é praticamente impossível descrever todos os diferentes tipos de formigas. Dois métodos para deter uma coluna de formigas em avanço — os únicos dois conhecidos por mim — devem, no entanto, ser mencionados. Um deles consiste em borrifar sublimado corrosivo¹⁹⁰ à frente delas; o resultado disso é que as formigas, ao atingirem o sublimado, atacam-se umas às outras com tanta fúria que a coluna logo se transforma em uma bola de criaturas em luta, aparentemente lutando umas contra as outras. O outro método é simplesmente cuspir no caminho por onde as formigas estão prestes a passar; e, nesse caso, elas sempre desviam e seguem por um caminho novo e mais longo.

Os chamados cupins (termite) são em geral tão semelhantes às formigas verdadeiras, tanto na aparência e ainda mais nos hábitos, que a crença comum em sua identidade é bem compreensível. No interior da Guiana são pelo menos tão onipresentes quanto as formigas verdadeiras. Na floresta eles constroem caminhos cobertos sob os quais caminham em todas as direções sobre o solo, e sobem pelos troncos e caules de todas as plantas. A rapidez com que constroem esses túneis é surpreendente; muitas vezes, a bagagem e os pertences soltos que o viajante, ao acampar na floresta, coloca no chão à noite, são encontrados pela manhã cobertos por um túnel de cupins. Na savana, outro cupim, naturalmente de uma espécie distinta, constrói enormes ninhos de barro, em forma de montes de feno, muitas vezes com três a quatro metros de altura, que constituem uma das características mais marcantes da paisagem; e ali, em certas épocas do ano, quando os indivíduos alados deixam os ninhos, todo o ar fica escurecido com sua presença.

Na floresta, entre os cupinzeiros, que se aglomeram em massas aparentemente disformes em quase todas as árvores, encontram-se frequentemente outros ninhos de formato irregular de várias espécies de abelhas, bem como ninhos

mais bem definidos — semelhantes aos dos insetos correspondentes na Inglaterra — de muitos tipos de vespas. As abelhas são, em sua maioria, muito menores do que as espécies que domesticamos. Algumas constroem seus ninhos em árvores ocas, mas outras pendem seus ninhos negros e coriáceos dos troncos, se assemelhando muito a chapéus de feltro surrados e sem aba, e nos quais as células são muito grandes e contêm mel, que é ligeiramente viscoso, mas com uma consistência muito mais aquosa do que a do mel inglês, com um sabor extremamente aromático e ácido. As vespas variam muito mais em aparência geral e tamanho, com algumas sendo insetos grandes e lindamente coloridos. As espécies sociais que habitam as florestas são chamadas indiscriminadamente pelos colonizadores de *marabuntas*. Muitas delas têm o hábito de construir seus ninhos nos galhos de arbustos baixos, ou mesmo na parte inferior de folhas grandes; de modo que um homem que se aventura pela mata tem grande probabilidade de perturbar um desses ninhos, e assim gravar de forma marcante a presença das *marabuntas* em sua lembrança. Onde houver areia solta certamente haverá vespas-da-areia. Essas criaturas, com belas faixas corporais, vivem em pares e zumbem o dia todo sobre a areia onde constroem seus ninhos. Muitas vezes me diverti testando o maravilhoso instinto de localização que esses insetos possuem, pisoteando, cavando, amontoando e perturbando a areia ao redor de seus ninhos; mas, apesar disso, os insetos nunca falharam em encontrar seus ninhos. Se um deles falhasse de encontrar o local na primeira tentativa, recuava um pouco e voava novamente; e se ainda assim não encontrasse, fazia uma terceira tentativa; eu nunca vi essa terceira tentativa falhar.

O grupo de insetos e artrópodes ao qual voltamo-nos agora é o mais incômodo de todos para o viajante, pois inclui mosquitos, piuns, bichos-de-pé e carrapatos.

MOSQUITOS

As diversas espécies de mosquito, pois existem várias, distribuem-se de forma muito irregular no interior, mas raramente são tão problemáticas quanto no litoral. Apenas em alguns poucos locais dispersos no interior os mosquitos são um incômodo constante, enquanto em outros lugares aparecem em grande número durante a estação chuvosa. Assim, viajando rio acima durante os meses de seca por dez dias, talvez apenas um dos locais de acampamento à noite seja infestado por mosquitos; mas, por outro lado, acampamentos que estão completamente livres dessas pragas durante a estação seca são ocasionalmente visitados por eles durante as chuvas. É um tanto curioso que mesmo em locais infestados por mosquitos, esses não apareçam todas as noites, mas apenas, como às vezes parecia, em noites alternadas. Alguns dos piores focos de mosquitos estão em distritos inteiramente desabitados, mesmo por Indígenas, e muito raramente visitados; e muitas vezes me perguntei como, em tais lugares, os mosquitos conseguem sangue suficiente para se alimentar. Animais de vários tipos indubitavelmente existem nesses locais, mas não, ao que me pareceu, em número suficiente para responder a essa questão. Parece, antes de tudo, que sugar sangue não seja um hábito normal dos mosquitos, mas que eles se

entregam nesse caminho quando têm oportunidade, não por ser necessário à sua existência, mas sim por deleite.

Os piuns (*Simulium* spp.) do tipo ao qual o nome é geralmente aplicado estão confinados ao litoral, onde ocorrem em abundância muito incômoda na maioria dos terrenos arenosos e inóspitos. Mas em alguns rios do interior, seu lugar é ocupado por outra espécie que já descrevi sob o nome de *kaburi*^{xiv} em um capítulo anterior, por cobrir todo o corpo dos Indígenas e as partes expostas dos viajantes com pequenas e inúmeras, porém muito irritantes, feridas. Longe dos rios, esses insetos são, contudo, desconhecidos.

O chamado verme-mosquito, ou, como é conhecido em outros lugares, berne, é a forma larval da mosca mutuca¹⁹¹. É encontrado, embora não seja muito comum na Guiana, submerso na carne de homens e de outros animais. O primeiro sinal de sua presença é uma sensação semelhante à picada de uma agulha, que não é constante, mas ocorre em intervalos curtos. À medida que essa sensação aumenta de intensidade, a parte da carne afetada incha como se fosse um tumor. O animal é uma larva semelhante a um verme, com cerca de dois centímetros e meio de comprimento, coberta por pelos ou cerdas rígidas e curiosas. O inseto deve se desenvolver de um ovo depositado, sem ser notado — e, dizem, enquanto a pessoa está tomando banho — na carne, e cresce rapidamente. A sensação de picada provavelmente é causada pelas cerdas quando o animal se vira em sua posição. Costuma-se dizer que a extração do inseto é difícil; mas, na verdade, isso pode ser feito com bastante facilidade, excluindo-se completamente o ar da área afetada por algumas horas, revestindo-a cuidadosamente com emplastro adesivo ou, na falta deste, com alguma das muitas resinas naturais da floresta; o resultado é que quando o emplastro é removido, o inseto, morto ou pelo menos já não tão fixo em sua posição, é extraído ao mesmo tempo.

BICHO-DE-PÉ

Um animal muito mais problemático, por ser muito comum, é o famoso bicho-de-pé (*Tunga penetrans*)¹⁹². Essa pulga vive na poeira do chão onde quer que haja aglomeração humana. Nas cabanas desarrumadas dos negros e de outros povos do litoral, ela é abundante; mas é no interior, nos assentamentos Indígenas, frequentemente construídos sobre areia fofa, que ela infesta. As fêmeas desses insetos minúsculos e horríveis penetram na pele e se alojam entre ela e a carne de homens e animais domésticos. Sua posição preferida é sob a pele macia entre as unhas e os dedos das mãos ou dos pés, mas qualquer parte do corpo ao alcance é às vezes usada; duas vezes elas se enterraram na carne sob o anel do meu dedo, e não há dúvida de que o hábito Indígena de se sentar em banquinhos em suas casas se deve ao desejo de elevar seus corpos para fora do alcance desses insetos. Uma vez sob a pele, esses insetos, cheios de ovos, aumentam de tamanho, e assumem em certa medida a forma de ervilhas. Se

^{xiv} Veja p. 27.

não forem perturbados, o animal inteiro, após algum tempo cai no chão, onde os jovens eclodem imediatamente e aumentam consideravelmente o número de indivíduos. A mancha circular de pele sob a qual elas se encontram é branca, cercada por uma borda escura. A sensação que causam no indivíduo é de um tipo um tanto curioso, e tem sido descrita de maneiras bem diferentes por viajantes como uma coceira dolorosa ou como uma comichão até agradável; para mim ela parece exatamente com a dor causada por uma frieira severa. Onde esses animais abundam, botas não oferecem proteção real; embora eu sempre tenha tido o cuidado de manter meus pés cobertos dia e noite nesses lugares, já fui picado por até vinte e três insetos em um único dia. Por mais incômodos que sejam para o estrangeiro, são ainda mais problemáticos para os nativos. As crianças sofrem especialmente com eles, com seus pés, e, quando rolam na areia, com seus corpos, sendo apropriados pelos insetos. Não é difícil extrair os bichos-de-pé, pois basta levantar a pele sob a qual se encontram e puxá-los para fora com uma agulha; e qualquer possibilidade de inflamação, devido a alguma parte do animal permanecer na ferida, pode ser evitada preenchendo a cavidade com láudano ou cinzas de tabaco. Se, como às vezes acontece, embora raramente, com os Indígenas, e frequentemente acontece com os negros e outros habitantes do litoral, os bichos-de-pé forem deixados sem remoção no pé, todo este pode ficar seriamente afetado e eventualmente cair.

CARRAPATOS

Chegamos agora ao último dos animais realmente problemáticos. Nas florestas, os arbustos são frequentemente habitados por carrapatos (*Ixodes*), com corpos achatados e duros, semelhantes a pequenas sementes em forma de disco. Esses artrópodes agarram, com suas mandíbulas afiadas como tornos, homens e animais que passam por perto e, ao serem levados, enterram suas cabeças na carne de suas vítimas, alimentando-se ali até que seus corpos inchem, tornando-se bolsas com quatro ou cinco vezes o tamanho original. Provavelmente, esses animais têm distribuição muito localizada, pois raramente incomodam o viajante, mas ocasionalmente o fazem em números enormes. Eles sempre podem ser removidos das roupas ou da pele por exposição, tão próximo quanto possível, ao fogo.

ARANHAS E ESCORPIÕES

Os três artrópodes que merecem atenção a seguir são aranhas, escorpiões e centopeias, todos encontrados em abundância, mas muito raramente atacam seres humanos.

As aranhas são certamente muito abundantes, de muitas formas, algumas bastante peculiares, de todos os tamanhos, desde as tão pequenas como as nossas aranhas-do-dinheiro até a grande, preta e peluda aranha caranguejeira (*Avicularia avicularia*), que é tão grande quanto o punho de um bebê, e de muitas cores, algumas sendo nesse aspecto muito belas. A picada de algumas espécies, especialmente da caranguejeira, é dita ser perigosa e até mesmo fatal;

mas, embora essas aranhas sejam bastante comuns, nunca soube de picadas em qualquer ocasião. Outra aranha muito grande (*Heterophrynus reniformis*)¹⁹³ ocorre no solo das florestas de mora, na parte superior do rio Mazaruni; é dito que não somente sua picada é muito venenosa, como também que o inseto ataca homens com frequência, sem provocação. Este artrópode, que se assemelha a um escorpião na aparência, é chamado pelos Indígenas por um nome que significa 'sogra dos escorpiões'. Escorpiões de duas, e talvez três, espécies vivem sob pedras e madeira caída. São principalmente os lenhadores em seu trabalho de movimentação de madeira que entram em contato com esses animais. Mas uma espécie pequena e branca tem o hábito desagradável de viver ao redor das vigas das casas Indígenas, onde, se for tocada acidentalmente, pica; a ferida, porém, como pude constatar, não é grave e nem mesmo muito dolorosa. Centopeias, que frequentemente atingem um comprimento de dez a doze centímetros, são quase tão numerosas quanto os escorpiões e vivem nos mesmos lugares. Ambos são, em regra, apenas acidentalmente vistos, mas podem ser facilmente encontrados por meio de buscas.

Outros quatro insetos, dos mais inofensivos tipos, certamente chamarão a atenção do viajante. Ao descrever as formigas caçadoras, já mencionei as baratas do mato. Estas, que vivem sob cada folha caída, são muito menores que os tipos domésticos, e parecem não ter qualquer odor ofensivo. Muitos gafanhotos grandes vivem tanto em campo aberto quanto na floresta. Estes costumam ter cores muito brilhantes, principalmente vermelho ou verde, e alguns tipos atingem dez centímetros de comprimento. O louva-a-deus verde, ou inseto-rezador, pode ser visto frequentemente caçando outros insetos, mas é inofensivo para o homem. E, por fim, certos insetos curiosos, chamados localmente de cigarras (*Cicadidae*)¹⁹⁴, devido aos sons extraordinários que emitem, ou 'seis-horas', pelo fato de esses sons serem redobrados por volta desse horário, são certamente logo notados. Ocasionalmente, na floresta, pouco antes do anoitecer, todo o lugar ressoa com o zumbido desses insetos, como se cinquenta pares de tesouras estivessem sendo afiadas ao mesmo tempo em cinquenta pedras de amolar; e das árvores dispersas na savana, outro tipo emite um assobio alto e prolongado, tão parecido com o de uma locomotiva, que, ao ouvi-lo, às vezes é difícil por um momento lembrar que se está na desolada savana sul-americana.

NOTAS DE FIM

CAPÍTULO I - UMA VIAGEM NO INTERIOR

1 '*Nectandra rodiai* (greenheart)', no original, foi atualizada taxonomicamente para *Chlorocardium rodiei* (R.H.Schomb.) Rohwer, H.G.Richt. & van der Werff. (Lauraceae). Ainda não foram registradas coletas para o Brasil, com sua distribuição estando restrita atualmente à República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Sua madeira possui alto valor comercial. Fonte: Disponível em <<https://tropical.theferns.info/viewtropical.php?id=Chlorocardium+rodiei>>.

2 '*Mora excelsa* Benth. (mora)' é uma espécie arbórea da família Leguminosae presente no norte da América do Sul. Possui madeira de alta qualidade muito utilizada pelo setor exportador madeireiro. No Brasil, a espécie está listada apenas para o estado do Amapá. Fontes: Disponível em (i) <<https://tropical.theferns.info/viewtropical.php?id=Mora+excelsa>> e (ii) <<https://specieslink.net/search/>>.

3 'Cotinga', no original, refere-se na realidade ao rio Surumu, que é onde o rio Cotingo deságua pouco mais acima. Assim sendo, para manter a integridade do pensamento de im Thurn à época, será adotado o termo Surumu-Cotingo, como binômio hidrográfico que deságua no rio Tacutu.

4 Na margem esquerda do rio Mazaruni (Mazeruni, no original) havia um complexo prisional (Mazaruni Penal Settlement), perto de onde ele se separa do rio Essequibo. A colônia penal foi construída em 1842-1843, tendo sido projetada para abrigar homens e mulheres condenados a trabalhos forçados que durassem mais de dois meses. Fontes: (i) Anderson, Clare (2017). Upriver to Mazaruni Prison (Guyana). Academic and staff blogs from the University of Leicester e (ii) <<https://staffblogs.le.ac.uk/carchipelago/2017/04/04/upriver-to-mazaruni-prison-guyana/>>.

5 Espécies citadas: (i) 'courida (*Avicennia nitida*)' é o 'mangue-branco' ou 'sereíba' (*Avicennia germinans* (L.) L.), espécie típica de manguezais e (ii) 'mangroves (*Rhizophora mangle*)' são os manguezais de 'mangue-vermelho' (*Rhizophora mangle* L.), também conhecido como sapateiro, é uma espécie típica de manguezal. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/>>.

6 Espécies citadas: (i) 'maidenhair ferns', no original, são certamente as 'avencas' do gênero *Adiantum* spp. (Pteridaceae) e (ii) 'silver-backed gymnograms' é provavelmente a 'samanbaia-prata', do gênero *Pityrogramma* spp.

7 O termo 'boat-hands' (no original) foi traduzido como 'prático', que é a pessoa que auxilia na navegação, conhece bem as passagens pelos rios e manobra com excelência embarcações em áreas restritas.

8 Os ingleses Montagu Flint e seu assistente Eddington eram conhecidos exploradores da então Guiana Britânica que tentaram, sem sucesso, subir o Monte Roraima no ano de 1877. Everard im Thurn apostou na companhia de ambos por serem experientes conhecedores da região interiorana que viria a percorrer. Fontes: (i) Flint, M. (1880). The Ascent of Roraima. Temple Bar, 58: 389-400 e (ii) Febres, G.; Hernández, L.; Gröger, A.; Fernadéz, A.; Pérez, A.M.; Navarro, P. (2021). La vegetación como pasión: Otto Huber. Un homenaje. Ediciones IVIC, Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, Venezuela & Botanischer Garten München-Nymphenburg, Alemanha. 336 p.

9 'chocolate-tree (*Pachira aquatica*, Aubl.)' é uma espécie da família Malvaceae (*Pachira aquatica* Aubl.) comumente conhecida por 'munguba' ou 'castanha-da-guiana', sendo uma árvore com folhas palmadas e flores perfumadas em forma de pincel. As sementes podem ser fervidas, fritas,

torradas e moídas para fazer uma bebida parecida com chocolate, consumida por moradores da América do Sul e do México. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000397427>>.

10 'Monkey Jump' é um local de estreitamento do rio Essequibo (latitude 6,1512° N / 58,5713° W) situado muito próximo de um trecho de corredeiras de difícil transposição.

11 'Aretaka' faz parte do conjunto de corredeiras situadas pouco acima da antiga localidade de Morabali. O local é atualmente conhecido por 'St. Mary's Rapids'; um longo trecho de corredeiras que se inicia próximo da atual passagem fluvial entre as duas margens ('Sherima Crossing'), se estendendo por mais de 20 km rio acima. Marca a passagem entre a zona de exploração florestal e a floresta contínua.

12 'Kaieteur Falls' é uma das maiores cachoeiras sul-americanas situada no rio Potaro, dentro do Parque Nacional Kaieteur, uma região arenítica do Escudo da Guiana. É estimado que tenha ~225 metros de queda d'água. No Capítulo III (A Cachoeira de Kaieteur e Roraima) im Thurn faz descrições detalhadas sobre essa magnífica queda d'água.

13 'aroids', no original, refere-se comumente às aráceas, que é o termo genérico para plantas da família Araceae.

14 'water-guava' é a 'goiabeira-d'água', 'goiaba-d'água' ou 'araçá'. Embora possam existir várias espécies de goiaba silvestre que habitam ambientes sazonalmente alagados, na Guiana Britânica, pelo desenrolar do texto de im Thurn é provável que ele estivesse se referindo a *Psidium striatulum* var. *striatulum* DC. (Myrtaceae). Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-1200071162>>.

15 'Cobungrus' é um termo pejorativo para indicar a miscigenação entre indivíduos dos povos originários e afrodescendentes da então Guiana Britânica. Na antiga Guiana Holandesa (hoje Suriname) usava-se um termo semelhante (*kaboegers*). Fonte: Hoogbergen, W. 1992. Origins of the Suriname kwinti Maroons. New West Indian Guide 66 (1/2): 27-59.

16 'razor grass (*Scleria scindens*)', no original. Espécie da família Cyperaceae denominada por 'capim-navalha' (*Scleria gaertneri* Raddi). Apesar do nome, não faz parte do grupo dos capins verdadeiros (Poaceae). Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000916016>>.

17 'cassava bread', no original, foi traduzido como 'pão de mandioca' ao longo do texto para fazer sentido ao exposto por im Thurn, mas é certamente o 'beiju de macaxeira', como conhecido no extremo norte da Amazônia brasileira.

18 'casiri' (no original). Pela grafia do termo e a descrição do produto (mistura de mandioca, milho, batata-doce etc), im Thurn certamente estava se referindo ao 'caxiri', que é um fermentado alcoólico leve e adocicado. Pode também receber o nome de 'aloá' entre os povos indígenas do extremo norte amazônico devido a diferenças na mistura e no processo de fermentação. No Capítulo XIII (The Preparation of Food) do texto original (p. 264), im Thurn descreve alguns poucos detalhes sobre o 'casiri' (caxiri).

19 O termo 'thin claret' (clareto ou clarete fino), adotado no texto original por im Thurn, foi empregado no sentido de se referir a um vinho tinto Bordeaux mais leve, tradicionalmente conhecido como 'claret' no Reino Unido.

20 'Baas' é um termo africâner para 'chefe', e em holandês para 'líder' (supervisor/mestre), do qual deriva a palavra em inglês 'boss' (chefe), geralmente usada por não-europeus ao falar com, ou sobre, europeus em posições de autoridade. Fonte: Disponível em <<https://en.wikipedia.org/wiki/Baas>>.

21 'nightjars' são os 'bacuraus'; aves noturnas ou crepusculares de médio porte da família

Caprimulgidae, caracterizadas por asas longas, pernas curtas e bicos muito curtos.

22 A expressão ‘work-work-work-to-hell’ (no original) significa, em livre tradução, ‘trabalho infernal’. Ela foi expressa ortograficamente em português no texto traduzido como ‘uork-uork-uork-to-rell’ para manter o sentido da sonoridade emitida pelos bacuraus dentro do relato de im Thurn.

23 Ibidem para a expressão ‘who-who-who-who’ (no original – algo como ‘quem-quem’), que foi ortograficamente expressa como ‘ruu-ruu-ruu-ruu’, para manter o sentido expresso pelo autor.

24 ‘red howling monkey (*Mycetes seniculus*)’ é o ‘guariba’ (*Alouatta seniculus* Linnaeus, 1766), também chamado de ‘bugio’ ou ‘macaco-uivador-vermelho’.

25 ‘scarlet ibis (*Ibis rubra*)’ é a ‘garça-vermelha’, ‘ibis-escarlate’ ou ‘guará’, uma ave da família Threskiornithidae descrita atualmente como *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758). Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/guara>>.

26 ‘*Lipangus cineraceus* (greenheart bird)’ é o ‘capitão-do-mato’ ou ‘cricrió’ (*Lipangus vociferans* Wied, 1820), ave da família Cotingidae, de ampla distribuição pelo continente sul-americano. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/cricrio>>.

27 ‘babracot’ é uma grelha (ou jirau) sustentada por três ou quatro pernas utilizada tecnicamente para moquear (defumar, desidratar) alimentos, especialmente carnes e peixes.

28 ‘*Victoria regia*’ (no original), é atualmente *Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby (Nymphaeaceae). No texto, im Thurn a descreve quase sempre por seu nome mais comum (vitória-régia). Entretanto, outras vezes ele adota o termo genérico de ‘lily’ (lírio) ou ainda o mais específico, ‘royal water-lily’ (lírio-d’água real).

29 ‘kenaimas’, no original, é o ser mitológico ‘canaimé’ de várias etnias do *Circum-Roraima* que personifica um espírito do mal.

30 ‘peaiman’ (no original), pode ser definido como um ‘xamá’, ‘feiticeiro’ ou ‘curandeiro’.

31 ‘scissor-bills (*Rhynchops nigra*)’ é o ‘talha-mar’, ‘corta-água’ ou ‘gaivota-bico-de-tesoura’ (*Rynchops niger* Linnaeus, 1758). É uma espécie de ampla ocorrência nas Américas. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/talha-mar>>.

32 ‘Paripie creek’ (no original), atualizado para ‘Paripe creek’, é um riacho (igarapé) de referência de parada para im Thurn.

33 ‘Anahee’ (no original), atualmente denominado por ‘Annai’, é hoje uma vila indígena Macuxi estabelecida na região das savanas do Rupununi, próximo à fronteira com o Brasil. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Annai,_Guyana>.

34 ‘Warrapoota’ é um trecho de cataratas no rio Essequibo atualmente denominado por ‘Waraputa’. Fica situado após a passagem pela foz do rio Potaro. Fonte: Disponível em <<https://www.geonames.org/3375257/waraputa-falls.html>>.

35 ‘*Iguana tuberculata*’, no original, corresponde ao lagarto de nome comum ‘iguana’ (*Iguana iguana* Linnaeus, 1758).

36 ‘labba’ era um termo comum adotado regionalmente na Guiana Britânica para ‘paca’ (*Coelogenys paca* Linnaeus, 1766), um mamífero roedor de porte médio.

37 Provavelmente ‘tracoma’, uma doença causada pela *Musca sorbens*, uma espécie de mosca muito comum na região da Amazônia que se aproveita de secreções de olhos e feridas, sendo um vetor de doenças oculares.

38 ‘Ouropocari’ é provavelmente ‘Kurupukari’, uma cachoeira situada pouco acima do Posto Arinda, onde im Thurn e sua equipe haviam se estabelecido. Como há algum grau de dúvida na grafia, o termo original foi mantido ao longo do texto.

39 ‘Haimara-kuroo’, pela descrição de im Thurn, é o riacho ‘Haimaracuru’, localizado pouco antes do que atualmente se denomina como passagem Kurupukari (Kurupukari Crossing), no assentamento indígena de Fairview, por onde também é possível alcançar o rio Demerara, agora através da estrada Linden-Lethem. Fonte: Disponível em <<https://en.wikipedia.org/wiki/Kurupukari>>.

40 O termo ‘tiger’, no original, foi adotado por im Thurn de várias formas ao longo do texto para definir os felinos da Guiana Britânica. Quando citado isoladamente, sem qualquer outra menção, refere-se de forma genérica a uma ‘onça’ ou, de forma específica, a uma ‘onça-pintada’ (*Panthera onca* Linneu, 1758).

41 ‘Akramukra’ é uma catarata situada no rio Essequibo, na região de Potaro-Siparuni. Está localizada a uma altitude de 42 metros acima do nível do mar, sendo conhecida também como Akaramukra Rapids, Akramukra Falls ou Akromukra Rapids. Fonte: Disponível em <https://www.getamap.net/maps/guyana/potaro-siparuni/_akramukrafalls/>.

42 ‘Rappoo’, no original, atualizado para ‘Rappu’, é uma catarata do rio Essequibo situada a 17 km ao norte da junção com o rio Rupununi. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Rappu_Falls>.

43 ‘ourali’ é o ‘curare’ (woorari, woorali, urari); substância venenosa que os indígenas da Amazônia usam em pontas de flechas ou zarabatanas. O curare geralmente é obtido a partir da planta *Strychnos toxifera* M.R.Schomb. ex Benth. (Loganiaceae), embora outras plantas do mesmo gênero possam também ser utilizadas.

44 Referência a algum tipo de ‘taboca’ (taquara ou caninha) da espécie *Guadua* spp. (Poaceae), ou alguma espécie de ‘bambu nativo’ que vive em ambientes que sofrem influência hídrica sazonal, e que também deu nome à catarata alcançada por im Thurn pouco antes.

45 ‘Apooterie’, no original, é atualmente a vila ‘Apoteri’, da região do Alto Tacutu-Alto Essequibo onde, no início dos anos 1970, a comunidade indígena passou a ser referência regional para produção de balata sob incentivo dos irmãos Booker. Fonte: Disponível em <<https://en.wikipedia.org/wiki/Apoteri>>.

46 ‘troupials’ corresponde ao ‘corrupião’ ou ‘joão-pinto’, que são nomes genéricos para aves do gênero *Icterus* spp., da família Icteridae, caracterizado pelo corpo alaranjado, mas com máscara, asas e rabo pretos. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/joao-pinto>>.

47 ‘*Psidium aromaticum*’ e ‘*P. aquaticum*’ (no original) são, respectivamente, às espécies *Campomanesia aromatica* (Aubl.) Griseb. e *Psidium striatulum* var. *striatulum* DC., ambas pertencentes à família Myrtaceae. Fontes: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/>>.

48 ‘kaboori’, no original, atualizado para ‘kaburi’, são dípteros do grupo dos Simulídeos que corresponde aos piuns ou borrachudos no Brasil.

49 O assentamento ‘Morai’ é apresentado nos documentos do século XIX em um trecho sinuoso do rio Rupununi, mas não possui referência geográfica nos atuais mapas da Guiana e, provavelmente, desapareceu ao longo do tempo.

50 ‘Quartama’, no original, é um assentamento indígena apresentado por im Thurn como uma localidade situada a um dia de caminhada partindo do rio Rupununi. Da mesma forma

que ‘Morai’, esse assentamento não possui referência geográfica nos atuais mapas da Guiana e provavelmente desapareceu ao longo do tempo ou foi absorvido por outro povoado.

51 ‘climbing palms (*Desmoncus*)’, como descrito por im Thurn, é provavelmente a palmeira ‘jacitara’ (*Desmoncus polyacanthos* Mart., Arecaceae).

52 Atualizações taxonômicas das aves citadas no parágrafo: (i) ‘spur-wings (*Parra jacana*)’ é a ‘jaçanã’ (*Jacana jacana* Linnaeus, 1766), (ii) ‘cranes (*Mycteria americana*)’ é o ‘cabeça-seca’ (*Mycteria americana* Linnaeus, 1758), (iii) ‘vicissi-ducks (*A. autumnalis*) rose’ é a ‘marrecabocla’ (*Dendrocygna autumnalis* Linnaeus, 1758) e (iv) ‘musk-ducks (*A. moschatus*) rose’ é o ‘pato-do-mato’ (*Cairina moschata* Linnaeus, 1758).

CAPÍTULO II - UMA VIAGEM NO INTERIOR (continuação)

53 ‘Quatata’ (no original), atualmente conhecida por ‘Kwaimatta’ ou ‘Kwatata’, é atualmente uma vila indígena situada na região 9 da Guiana (Upper Takutu-Upper Essequibo), sendo considerada uma comunidade satélite da Vila Yupukari. Fonte: Disponível em <<https://en.wikipedia.org/wiki/Karinambo>>.

54 ‘Karanakru’ é atualmente conhecida por ‘Karinambo’, também situada na região 9 da Guiana (Upper Takutu-Upper Essequibo), muito próximo a ‘Kwaimatta’.

55 ‘pegass’ é um tipo de turfa tropical encontrada ao longo de estuários dos rios da antiga Guiana Britânica, em especial entre os rios Essequibo e Courantyne e seus tributários. Fonte: Disponível em <<https://www.britannica.com/science/pegasse>>.

56 ‘aeta palm (*Mauritia flexuosa*)’ é o ‘buriti’ (*Mauritia flexuosa* L.f.), família Arecaceae.

57 ‘Canakoo’ (no original), refere-se a ‘Kanuku’, um complexo montanhoso situado na fronteira norte do Brasil, próximo à sede municipal de Bonfim, em Roraima.

58 O Reverendo Thomas Youd foi um clérigo da Igreja Episcopal (anglicana), Missão Evangélica de Bartica, que atuou na região da fronteira entre o Brasil e a antiga Guiana Britânica durante o século XIX. Ele é uma figura mencionada em registros históricos ligados à chamada ‘Questão do Pirara’, uma disputa territorial entre o Império do Brasil e o Reino Unido sobre parte da região do Rupununi. Fonte: Oliveira R.G. & Magalhães, M.G.D. 2012. Questão do Pirara: Roraima. Revista Textos & Debates (UFRR). Disponível em <<https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/878>>.

59 Frei José dos Santos Inocentes, nome original José Batista Mardel, nasceu no Pará, foi soldado, e estudou para ser padre. Figura histórica no extremo norte da Amazônia por seu papel no contexto da ‘Questão do Pirara’. Chegou ao Vale do Rio Branco em 1799, destacado para o Forte São Joaquim, tendo ali ficado até 1832. Fonte: Disponível em <<https://www.folhabv.com.br/colunas/minha-rua-fala-11377/>>.

60 ‘paiwari’ (no original), dentro do contexto apresentado e pelas descrições dadas por im Thurn nos capítulos seguintes sobre o processo de fermentação, é certamente o ‘pajuarú’, um licor produzido a partir da fermentação exclusiva da mandioca. No Capítulo XIII (The Preparation of Food), página 264, do texto original, im Thurn descreve com mais detalhes o processo de fabricação do ‘pawari’ (pajuarú).

61 ‘Lago Amoooco’, no original, ortograficamente atualizado para ‘Lago Amaku’ (Lago Amacu ou Lake Amaku). É uma grande formação lacustre que na estação chuvosa se expande, conectando-se ao Igarapé Pirara que, por sua vez, estabelece uma ligação temporária entre as bacias do Essequibo (através do rio Rupununi) e do Amazonas (através dos rios Tacutu e Branco).

62 Raleigh, Walter (1596). The Discovery of the Large, Rich, and Beautiful Empire of Guiana, with a Relation of the Great and Golden City of Manoa. London.

63 '*Clitoria guianensis* Benth.' é *Clitoria guianensis* (Aubl.) Benth. (Leguminosae). Uma planta muito comum por todas as áreas abertas sul e centro-americanas. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000174045>>.

64 Aqui im Thurn apenas fornece um indicativo da aparência da planta observada na savana com uma espécie pequena de lírio amarelo que lembrava a do açafraão, adicionando um ponto de interrogação (*Hyposcis breviscapa*?) para indicar que havia algum grau de dúvida. Pelas descrições apresentadas, essa planta é provavelmente *Utricularia stellaris* L.f. (Lentibulariaceae).

65 '*Hippeastrum solandraeflorum*' é *Hippeastrum elegans* (Spreng.) H.E.Moore (Amaryllidaceae). Faz parte de um conjunto de plantas que recebe o nome genérico de 'amarilis'.

66 'Nappi' é m pequeno afluente do rio Pirara situado muito próximo à fronteira com o Brasil.

67 Não existem registros etnográficos que identifiquem um povo indígena chamado 'Piriana'. Deve ser um exônimo: (i) uma designação dada por outros povos ou por colonizadores ou (ii) uma transcrição fonética aproximada de nomes indígenas ou outras etnias da região, como Shiriana (ou Xiriana) e Wapichana. Fonte: Instituto Socioambiental <https://pib.socioambiental.org/pt/Página_principal>.

68 'Wapianas' no original são os 'Wapichana'.

69 'quippus', no original, refere-se ao 'quipu', um sistema de registro e comunicação utilizado por várias culturas andinas que consiste em cordas com 'nós' de diferentes cores e tamanhos. Estes 'nós' eram dispostos de forma a codificar informações numéricas e, também, podiam ser usados para registrar histórias e narrativas.

70 'Yarewah' ou 'Yarewak', como descrita em outros mapas antigos da Guiana Britânica, era uma comunidade indígena que ficava situada no rio Tacutu, há poucos quilômetros da boca do rio Mau (Ireng). Fonte: Scottish Geographical Magazine (1896). Boundary Lines of British Guiana. Disponível em <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Boundary_lines_of_British_Guiana_1896.jpg>.

71 Neste caso, im Thurn deveria estar se referindo a alguma ave da família Threskiornithidae, que são indivíduos caracterizados por serem pernaltas, com pescoços longos e bicos compridos e encurvados para baixo.

72 'Ireng' é o nome aplicado na Guiana Britânica (Guiana) para o rio Mau. Fonte: Barbosa, R.I.; Nascimento, S.P.; Weiduschat, A.A.; Bonatto, F. 2013. Notes on an exploratory expedition to the headwaters of the Mau (Ireng) river, Northern Brazilian Amazon. Boletim do Museu Integrado de Roraima, 7(2) 45-54. Disponível em <<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/bolmirr/article/view/758>>.

73 Alguma planta da família Amaryllidaceae.

74 Algum tipo de maracujá silvestre (gênero Passiflora, família Passifloraceae).

75 Aqui im Thurn deve ter cometido algum engano, pois em seus relatos, Robert Schomburgk cita a presença de religiosos vinculados a igreja católica apostólica romana na região de fronteira brasileira, mas não comenta nada sobre os 'Jesuítas' na região do rio Branco. Fonte: Schomburgk, R.H., 1840. Report of the Third Expedition into the Interior of Guayana, Comprising the Journey to the Sources of the Essequibo, to the Carumá Mountains, and to Fort San Joaquim, on the Rio Branco, in 1837-8. The Journal of the Royal Geographical Society of London 10, 159-163+165-190.

76 O termo ‘*rodeio*’ [mangueira, mangueiro ou curral] era comum em fazendas de pecuária extensiva nas regiões do Pantanal, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, designando o ato de reunir o gado em uma área cercada para fins diversos, como, contagem e separação dos animais, castração e marcação dos bezerras com ferro quente (branding). Fonte: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

77 Na transcrição original realizada por im Thurn, o autor transformou todos os valores da unidade monetária vigente no Brasil (Réis) para dólar, simplesmente excluindo as três últimas casas decimais dos valores descritos em ‘The Empire of Brazil at the Universal Exhibition of 1876 in Philadelphia’. Por exemplo, 10 mil réis foram apresentados como US\$ 10 ou 1,5 milhões de réis foram transcritos como US\$ 1,500. A conversão para o sistema monetário atual remete a cuidados, mas pode-se ter uma aproximação muito razoável dos valores da época por comparação com os produtos citados, como sugerido por Laurentino Gomes, escritor da obra ‘1808’ (Editora Planeta, 2007). Dessa forma, e com muita precaução, é estimado que os valores atualizados para maio/2026 seriam, hipoteticamente: 10 mil réis (R\$ 1621,00 = um salário-mínimo em 2026), 6 milhões de réis (R\$ 1.073.728.620,00 considerando R\$ 45,00 por quilo de carne seca no Rio Grande do Sul), 20 mil réis (R\$ 3.242,00 = dois salários-mínimos), 10 [mil ?] réis (R\$ 1621,00 = um salário-mínimo) e 1,5 milhões de réis (R\$ 268.432.155,00 considerando um quarto do valor total calculado para a carne seca).

78 O termo ‘Tucano’ não possui uma referência segura (talvez Serra do Tucano ?), mas é mais provável que seja uma transliteração fonética de alguma localidade situada a poucos quilômetros de onde im Thurn se encontrava naquele momento.

79 ‘queyu’, um termo não mais usado que Michael Oehrl explica da seguinte forma: ‘Em meados do século XVII, mulheres no norte da América do Sul começaram a produzir uma peça de vestuário que era ao mesmo tempo funcional e decorativa: o avental trapezoidal de contas de vidro conhecido como *queyu*. Esse termo vem da língua Arawak; os povos de língua Caribe, como os Akawaio e os Pemón, também utilizavam o termo *mosa* ou *motsa*’. Fonte: Oehrl, M. 2019. Beaded aprons of the coastal peoples of the Guianas. BEADS - Journal of the Society of Bead Researchers, 31: 21-38.

80 Localidade indicada nos mapas históricos (século XIX) da Guiana Britânica como ‘Warami’.

81 ‘itaboos’, como descrito no texto, indica um braço de rio ou canal secundário ao rio principal, podendo servir de rotas laterais para ultrapassar cachoeiras mais altas, ou mesmo conectar ambientes laterais ao rio principal, como pântanos. Grosso modo, pode ser comparado aos ‘paraná’s da região amazônica brasileira.

82 ‘bush-hog or peccary (*Dicotyles labiatus*)’, no original, refere-se ao ‘porcão’ ou ‘queixada’ (*Tayassu pecari* Link, 1795).

CAPÍTULO III - A CACHOEIRA KAIETEUR E O RORAIMA

83 ‘Yosemite Falls’ é uma imensa cachoeira situada no Yosemite National Park, no estado da Califórnia, Estados Unidos. Niágara refere-se a um grupo de três cachoeiras no extremo sul da Garganta do Niágara, atravessando a fronteira entre a província de Ontário, no Canadá, e o estado de Nova York, nos Estados Unidos.

84 ‘Cooriebrong’ foi atualizado para ‘Kuribrong’. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Kuribrong_River>.

85 ‘*Pacu myletes*’, no original, refere-se a *Myleus pacu* Jardini (1841). Peixe de água doce conhecido no Brasil como ‘pacu’, ‘pacupeba’ ou ‘pacu-peba’. Fonte: Disponível em <<https://www.fishbase.se>>.

86 Gênero de uma planta herbácea de caule triangular da família Cyperaceae.

87 'Amootoo' (no original) é 'Amatuk' no senso atual. Uma queda d'água que corre sobre rochas no rio Potaro, na região de Potaro-Siparuni, Guiana. A Catarata de Amatuk, com seus 52 metros de queda, fica a pouca distância da ilha de Amatuk. Ambas ficam logo abaixo da Cachoeira de Kaiteur. Fonte: Disponível em <<https://www.guyanatimesinternational.com/amatuk-falls/>>.

88 Em pelo menos três momentos im Thurn se refere a essa erva aquática identificada por ele como 'Lacis' mas, nesse caso, certamente é uma espécie do gênero *Mourera* spp. (Podostemaceae) que cresce em ambientes de cachoeiras e corredeiras.

89 Gênero de plantas da família Gentianaceae com características herbácea, aclorofilada, saprófita, perene e glabra. Fonte: Disponível em <<https://reflora.jbrj.gov.br/>>.

90 As aves citadas no parágrafo foram atualizadas da seguinte forma: (i) cocks of the rock (*Rupicola crocea* Vieill) é o 'galo-da-serra' (*Rupicola rupicola* Linnaeus, 1766), família Cotingidae, (ii) 'Penelope' é um gênero de ave da família Cracidae que no Brasil são mais conhecidos por 'jacu' e (iii) '*Aulacorampus sulcatus*' é muito provavelmente *Aulacorhynchus whitelianus* Salvin & Godman (1882) (Ramphastidae), denominado por 'tucaninho-verde'. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/>>.

91 'Waratoo' (no original) são as Cataratas Waratuk ou Waratah, formadas por uma área muito rochosa que atravessa o Rio Potaro, próximo da Cachoeiras de Kaiteur. Fonte: Disponível em <https://www.getamap.net/maps/Guiana/potaro-siparuni/_waratukfall/>.

92 'Tookooie' (no original), refere-se às cataratas de Tukeit, localidade mencionada em relatos históricos de expedições britânicas do século XIX, especialmente nas descrições do geólogo Charles Barrington Brown, que explorou a região em 1870. Fonte: Harrison, J. B. 1908. The Geology of the Goldfields of British Guiana. Government of British Guiana, Published by Duxnav & Co. 320p.

93 '*Trichomanes Prieurii*, Kunze' é *Trichomanes elegans* Rich., uma espécie de samambaia da família Hymenophyllaceae, com ocorrência geralmente entre 200-760 m de altitude. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0001112245>>.

94 As plantas citadas no parágrafo são, pela ordem, (i) *Sobralia* sp., um gênero pertencente à família Orchidaceae, com plantas sendo caracterizadas como terrestres (epífitas), geralmente robustas; com caule ereto e simples e (ii) '*Pteris aquilina*' é *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn; uma espécie de 'samambaia-do-campo' pertencente à família Dennstaedtiaceae. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/>>.

95 Erva perene com poucas raízes fibrosas pertencente à família Droseraceae, sendo muito comum em habitats úmidos. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000946157>>.

96 '*Acanthyllis collaris*' certamente refere-se a *Streptoprocne zonaris* Shaw (1796), espécie da família Apodidae, que é conhecida por 'taperuçu-de-coleira-branca', 'andorinhão' ou 'andorinhão-de-coleira'. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/taperucu-de-coleira-branca>>.

97 '*Agelaeus imthurni*' (Sclater), no original, é a 'iraúna-da-guiana,' ave da família Icteridae, atualmente descrita como *Macroagelaius imthurni* (Sclater, 1881). Sua ocorrência está restrita às regiões montanhosas (tepuy) do sul da Guiana e Venezuela, e norte de Roraima. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/irauna-da-guiana>>.

98 'Camoodi (*Eunectes murina*)' refere-se à *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758), cobra gigante da Amazônia conhecida popularmente como 'Sucuri', 'Anaconda', 'Sucuriú' ou 'Sucuriju'.

99 'Coomaka' (no original), refere-se às corredeiras (*rapids*) de Kumaka. Fonte: Disponível em <https://www.getamap.net/maps/guyana/upper_demerara-berbice/_kumakarapids/>.

100 'cakeralli' (*Lecythis ollaria*) é uma árvore muito comum na Guiana que pode também receber o nome de 'kakeralli', 'kakaralli' ou 'monkey-pot'. No Brasil pode receber o nome de 'cumbuca-de-macaco', 'sapucaia' ou 'caçamba-de-macaco'. Fonte: Disponível em <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1140784/1/Especies-Arboreas-Brasileiras-vol-2-Sapucaia.pdf>>.

101 '*Petrea martiana*' refere-se à *Petrea bracteata* Steud., planta terrícola da família Verbenaceae. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000267865>>.

102 Árvore de pequeno porte da família Rubiaceae. Geralmente recebe o nome comum de dama-da-noite, 'flor-de-trombeta', 'posoquéria' ou 'posoqueira'.

103 Gênero botânico pertencente à família Orchidaceae.

104 Provavelmente alguma alga verde filamentosa do grupo das diatomáceas.

105 'ecru' (no original) é uma cor dita 'neutra e clara', situada entre o bege e o marfim, com leve nuance acinzentada ou amarelada. O nome vem do francês *écru*, que significa 'cru'; como um tecido cru, não tingido.

106 'maipurie' (*Tapirus americanus*), no original, refere-se a 'anta' ou 'tapir' (*Tapirus terrestris* Linnaeus, 1758).

107 'filmy ferns' (*Trichomanes prieurii*) é uma samambaia (*Trichomanes elegans* Rich.) da família Hymenophyllaceae. Fonte: Disponível em <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/consulta/ficha.html?idDadosListaBrasil=91243>>.

108 Os dois personagens citados por im Thurn são, pela ordem, (i) James McTurk, oficial colonial britânico atuante na Guiana Britânica, conhecido por seu envolvimento em expedições pelo interior da colônia, especialmente em áreas de difícil acesso e (ii) John Boddam-Wetham, um naturalista e explorador britânico, interessado em zoologia e etnografia. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Boddam-Whetham>.

109 O '... Sr. David Burke ...' foi um orquidólogo britânico com diferentes passagens pela América do Sul.

110 Henry Whitely foi um zoólogo britânico com grande interesse na ornitologia.

111 Atualização das espécies, gêneros e famílias citadas ao longo da descrição de Richard Schomburgk, seguindo a ordem de texto original: (i) *Marcetia taxifolia* (Dec) é *Marcetia taxifolia* (A.St.-Hil.) DC. (Melastomataceae), (ii) *Erica* é um gênero da família Ericaceae, (iii) *Eriocaulon* é um gênero da família Eriocaulaceae, (iv) *S. Elizabethae* é *Sobralia elizabethae* R.H.Schomb. (Orchidaceae) e (v) Melaleuceae corresponde a uma tribo da família Myrtaceae;

112 'Arecuna' ou Arekuna refere-se aos Taurepang (Taulipang) do Grupo Pemon - termo que também pode ser adotado pelos Kamarakoto e Macuxi. Fonte: Andreello, Geraldo. 2004. 'Taurepang', Povos indígenas do Brasil, Instituto Socioambiental, São Paulo. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Taurepang>>.

CAPÍTULO IV - ASPECTOS DA FLORA

113 Carl Ferdinand Appun (1820-1872), naturalista alemão que trabalhou como botânico na Venezuela, explorando a flora regional, alcançando em seguida a Guiana Britânica sob os

auspícios do governo britânico. Appun também visitou partes do Brasil, como o Rio Branco e o Rio Negro, além de Tabatinga. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Carl_Ferdinand_Appun>.

114 ‘hackia tree (*Tecoma*, sp.?)’ provavelmente é um ‘ipê’ do gênero *Handroanthus* sp. ou *Tabebuia* sp. (Bignoniaceae).

115 Plantas citadas ao longo do parágrafo, por ordem, (i) ‘Long-John (*Triplaris surinamensis*)’ refere-se a *Triplaris weigeliana* (Rchb.) Kuntze (tachi, pau-de-formiga, taxi da várzea), planta da família Polygonaceae, (ii) ‘hipponai’ (*Parkia pendula*) trata-se da *Parkia pendula* (Willd.) Benth. ex Walp. (angico, faveira de chorão ou fava de bolota.), árvore da família Leguminosae, (iii) ‘pea-flower (*Calopogonium caeruleum*)’ refere-se a *Calopogonium caeruleum* (Benth.) C. Wright (calopogônio), planta terrícola escandente da família Leguminosae e (iv) ‘*Norantea guianensis*’ é *Norantea guianensis* Aubl. (rabo de arara, pente-de-macaco ou flor-de-papagaio), uma escandente da família Marcgraviaceae. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/>>.

116 ‘*Maximiliana regia*’ é a palmeira ‘inajá’ atualizada para *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. (Arecaceae).

117 ‘*Carludovica plumieri*’ provavelmente refere-se a *Carludovica palmata* Ruiz & Pav. (Cyclanthaceae).

118 ‘wild plantain (*Ravenala guianensis*)’ refere-se a *Phenakospermum guyannense* (A.Rich.) Endl. ex Miq. (Strelitziaceae), uma espécie de planta denominada popularmente por ‘sororoca’, ‘banana-selvagem’ ou ‘bananeira-brava’. Fonte: Disponível em <<https://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-0000490655>>.

119 ‘Traveller’s Tree of Madagascar’ é a ‘árvore do viajante de Madagascar’.

120 ‘*Alsophila aspera*’ é *Cyathea aspera* (L.) Sw. (Cyatheaceae).

121 ‘*Hemitelia macrocarpa*’ é atualmente *Cyathea macrocarpa* Domin (Cyatheaceae).

122 ‘*Gleichenia*’ é certamente uma planta do gênero *Dryopteris* sp. (Dryopteridaceae).

123 ‘*Oleandra hirtella*’ é atualmente *Oleandra neriiformis* Cav. (Oleandraceae).

124 ‘*Caladium arborescens*’ é atualmente *Montrichardia arborescens* (L.) Schott (Araceae).

125 ‘hyawa tree (*Icica heptaphylla*)’ refere-se ao ‘breu-branco’ (*Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand), espécie de árvore da família Burseraceae.

126 ‘tauranero of the Indians (*Humirium floribundum*, Mart.)’ refere-se ao ‘umiri’ (*Humiria balsamifera* var. *floribunda* (Mart.) Cuatrec.), espécie da família Humiriaceae.

127 ‘troolie palm’ é popularmente denominada por ‘ubuçu’, ‘tururi’ ou ‘buçu’. Fonte: Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubu%C3%A7u>>.

128 ‘manicole (*Euterpe edulis*)’ corresponde ao palmito ‘juçara’, mas, certamente im Thurn estava se referindo ao ‘açai’ da Amazônia, *Euterpe oleracea* Mart. (Arecaceae).

129 ‘buba (*Iriarte exorrhiza*)’ refere-se a palmeira ‘paxiúba’ (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl. – Arecaceae).

130 ‘maidenhair fern’ é uma espécie de planta que, em português, possui o nome comum de ‘avenca’, ‘samambaia-cabeluda’ ou ‘cabelinho’. É uma planta do gênero *Adiantum* sp. (Pteridaceae).

131 ‘*Orbigignia*’ refere-se a uma palmeira do gênero *Attalea* Kunth (Arecaceae).

132 James William Helenus Trail foi um renomado botânico escocês que atuou como Professor

de Botânica na Universidade de Aberdeen entre 1877 e 1919. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/James_W._H._Trail>.

133 '*O. Sagotii*' refere-se a palmeira *Attalea sagotii* (Trail ex Thurn) Wess.Boer (Arecaceae).

134 Espécies citadas ao longo do parágrafo: (i) 'mangrove trees (*Rhizophora mangal*)' refere-se ao 'mangue-vermelho' (*Rhizophora mangle* L.), família Rhizophoraceae, (ii) '*Bactris palustris*' provavelmente refere-se a *Bactris bidentula* Spruce (Arecaceae), (iii) 'eucharis' refere-se ao atual gênero *Urceolina* sp. (Amaryllidaceae), (iv) '*Crinum commelyna*' é provavelmente *Crinum erubescens* L.f. (Amaryllidaceae) e (v) '*Hymenocallis guianensis*' certamente é *Hymenocallis tubiflora* Salisb. (Amaryllidaceae).

135 Espécies citadas no parágrafo: (i) '*Eperua falcata*' é *Eperua falcata* Aubl. (Leguminosae), comumente conhecida por 'apa', 'apa-roxo' ou 'jarana' e (ii) '*Marcgravia umbellata*' refere-se a *Marcgravia oligandra* C.Wright ex Griseb. (Marcgraviaceae). Fonte: <<https://reflora.jbrj.gov.br>>.

136 '*Nephrolepis acuta*' é *Nephrolepis biserrata* (Sw.) Schott (Nephrolepidaceae), enquanto *Polypodium decumanum* refere-se a *Phlebodium decumanum* (Willd.) J.Sm. (Polypodiaceae).

137 Espécies citadas ao longo do parágrafo e atualizadas da seguinte forma: (i) 'guavas (*Psidium aquaticum* and *P. aromaticum*)' refere-se, provavelmente, às 'goiabas silvestres' ou 'araçás' (*Eugenia inundata* DC. e *Campomanesia aromatica* (Aubl.) Griseb.), ambas da família Myrtaceae, (ii) 'mahoes (*Hibiscus tiliaceus*)' refere-se ao 'algodoeiro-da-praia' (*Hibiscus tiliaceus* L.; Malvaceae), (iii) 'inga (*I. meissneriana*, et var. sp.)' é *Inga meissneriana* Miq. (Leguminosae), (iv) 'Bignonias' (*Bignonia* L., Bignoniaceae); 'Allamadas' (*Allamanda* L., Apocynaceae); 'Combretum' (*Combretum* Loeff., Combretaceae); 'convolvulus (*Ipomoea*)', no original, refere-se ao gênero *Ipomoea* L. (Convolvulaceae) e (v) 'trumpet-wood trees (*Cecropia peltata*)' é a embaúba ou imbaúba (*Cecropia peltata* L.; Urticaceae).

138 'souari palm (*Astrocaryum* [vulgare?])' refere-se certamente ao 'tucumã' (*Astrocaryum vulgare* Mart. - Arecaceae).

139 Lista de espécies citadas no parágrafo: (i) 'furze', no original, é uma planta espinhosa conhecida como 'tojo' (*Ulex europaeus*), comum em regiões da Europa, especialmente em solos pobres e encostas, (ii) '*Cunatella*' refere-se a *Cunatella americana* L.f. (Dilleniaceae), (iii) '*Scirpus paradoxos*' é *Bulbostylis paradoxa* (Spreng.) Lindm. (Cyperaceae), (iv) 'great bunches of yellow flowers (*Byrsonima*)' deve ser uma referência a *Byrsonima verbascifolia* Rich. ex Juss. (Malpighiaceae), uma planta arbustiva de pequeno porte e folhas largas que possui típica distribuição em grupos, (v) '*Jatropha urens*' certamente refere-se ao 'cansação' (*Cnidioscolus urens* (L.) Arthur), uma espécie de planta da família Euphorbiaceae que possui propriedades urticárias.

140 Espécies citadas: (i) '*Mouriera fluviatilis*' é *Mourera fluviatilis* Aubl. (Podostemaceae) e (ii) '*Lacis alata*' refere-se a alguma planta aquática do gênero *Marathrum* sp. (Podostemaceae), seguindo a descrição dada no texto por im Thurn.

CAPÍTULO V - VIDA ANIMAL

141 Atualização dos animais citados no parágrafo: (i) 'labba (*Calogenys paca*)' é a 'paca' (*Coelogenys paca* Linnaeus, 1766), (ii) 'acouri (*Dasyprocta aguti*)' refere-se à 'cutia' ou 'cutia vermelha' (*Dasyprocta leporina* Linnaeus, 1758) e (iii) 'water-haas (*Hydrochoerus capybara*)' é a 'capivara' (*Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766).

142 'adourie (*D. acuchy*)' é certamente 'cutiara' (*Myoprocta acouchy* Erxleben, 1777), um parente de pequeno porte da cutia comum.

143 ‘abouyah (*Dicotyles torquatus*)’ refere-se ao ‘caititu’ (*Pecari tajacu* Linnaeus, 1758), enquanto ‘kairooni (*D. labiatus*)’ é o termo indígena para ‘queixada’ (*Tayassu pecari* Link, 1795).

144 ‘sacawinki (*Chrysothrix sciureus*)’ refere-se ao ‘macaco-de-cheiro’ (*Saimiri sciureus* Linnaeus, 1758).

145 É uma raça de cão de caça originária da Grã-Bretanha. São assim chamados (*setters*) porque, ao caçar, se abaixam para indicar ou apontar a presença da presa.

146 Lista de espécies do parágrafo: (i) ‘ant-bears’ são os ‘tamanduás’, (ii) ‘*Myrmecophaga jubata*’ é o ‘tamanduá-bandeira’ (*Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758), (iii) ‘*M. tamandua*’ é o ‘tamanduá-mirim’ (*Tamandua tetradactyla* Linnaeus, 1758) e (iv) ‘*M. didactyla*’ é o ‘tamanduá-i’ (*Cyclopes didactylus* Linnaeus, 1758).

147 Felinos citados ao longo do parágrafo: (i) ‘puma’ refere-se à ‘suçuarana’ ou ‘puma’, (ii) ‘jaguar’ é a ‘onça’ ou ‘onça-pintada’ e (iii) ‘ocelots’ é a ‘jaguatirica’.

148 ‘*Felis jaguarundi*’, no original, refere-se ao *Herpailurus yagouaroundi* (Geoffroy, 1803), que é o ‘jaguarundi’ ou ‘gato-eira’.

149 ‘hacka (*Galictis barbara*)’ é o furão (*Galictis vittata* Schreber, 1776).

150 Descrição dos felinos listados: (i) ‘*F. nigra*’ é citado por im Thurn como ‘maipuri (*tapir*) tiger’ (onça-anta), correspondente a uma ‘onça albina de pelagem preta’, referindo-se, na realidade a *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) de pelagem preta e (ii) ‘*F. macrura*’ é denominada como ‘abouyah (or peccary) tiger’ (onça-caititu), sendo certamente o gato-maracajá (*Leopardus wiedii* Schinz, 1821).

151 ‘*Psophia crepitans*’ (Linnaeus, 1758) é uma ave da família Psophiidae descrita pelo nome comum de ‘trompetista’ por im Thurn. É conhecida no Brasil como jacamim-de-costas-cinzentas, mas pode também receber os nomes de urubu-do-chão ou urubu-da-terra. Fonte: Disponível em <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/jacamim-de-costas-cinzentas>>.

152 ‘pumas (*F. concolor*)’, no original, corresponde às ‘suçuaranas’ (*Puma concolor* Linnaeus, 1771).

153 ‘*Cervus savannarum*’ provavelmente refere-se a *Mazama americana* (Erleben, 1777).

154 A frase originalmente escrita por im Thurn possuía a seguinte forma: ‘Duas espécies de quatis, chamados *quashi* pelos negros e *kibihee* pelos Indígenas — uma vivendo sozinha ou em pares (*Nasua solitarius*), a outro em pequenos bandos (*N. socialis*) — são mais frequentemente vistas domesticadas em assentamentos Indígenas do que selvagens’. Essa frase foi alterada para ‘Uma espécie de quati, chamada *quashi* pelos negros e *kibihee* pelos Indígenas — vivendo sozinha, em pares ou em pequenos bandos (*Nasua nasua* Linnaeus, 1766) — é mais frequentemente vista domesticada em assentamentos Indígenas do que na forma selvagem’. Isso foi necessário porque im Thurn deve ter cometido um equívoco ao separar o ‘quati-de-cauda-anelada’ em duas espécies tomando como base seu comportamento isolado ou de grupo, quando na verdade os quatis dessa espécie possuem essa variação comportamental e não devem ser distintos taxonomicamente.

155 Animais citados ao longo do parágrafo: (i) ‘opossum (*Didelphys*)’ são os ‘gambás’ do gênero *Didelphys* (Schreber, 1778), (ii) ‘grey squirrel (*Sciurus aestuans*)’ refere-se ao ‘esquilo-cinza’ (*Guerlinguetus aestuans* Linnaeus, 1766), (iii) ‘porcupine (*Sphingurus insidiosus*)’ é o ‘porco-espinho’ (*Coendou prehensilis* Linnaeus, 1758), (iv) ‘*Delphinus*’ é o gênero dos ‘botos’ atualizado para *Inia* sp. e (v) ‘*Manatus australis*’ é o ‘peixe-boi’ (*Trichechus inunguis* Natterer, 1883).

156 Alterado de ‘do gênero *Phyllostoma*’ para ‘da família Phyllostomidae’.

157 Lista de espécies de aves do parágrafo: (i) ‘cock-of-the-rock (*Rupicola crocea*)’ é o ‘galo-da-serra’ (*Rupicola rupicola* Linnaeus, 1766), (ii) ‘baboon-bird (*Threnoedus militaris*)’ é o ‘anambé-

militar' ou 'pássaro-bugio' (*Haematoderus militaris* Shaw, 1792), (iii) 'fire-bird' (*Phoenicircus carnifex*) refere-se ao 'saurá' (*Phoenicircus carnifex* Linnaeus, 1758), (iv) 'wallababa' (*Ampelis pompadora*) é o 'anambé-roxo' (*Xipholena punicea* Pallas, 1764), (v) '*Ampelis coerulea* and cayana' refere-se, respectivamente, a *Cotinga maynana* (Linnaeus, 1766) e a *Cotinga cayana* (Linnaeus, 1766), e (vi) 'curri-curri or scarlet ibis' (*Ibis rubra*) é o 'guará' (*Eudocimus ruber* Linnaeus, 1758).

158 'king humming-bird' (*Topaza pella*) é o 'beija-flor-brilho-de-fogo' (*Topaza pella* Linnaeus, 1758).

159 'louis d'or' (*Euphonia violacea* e *E. minuta*) é, respectivamente, 'gaturamo-verdadeiro' (*Euphonia violacea* Linnaeus, 1758) e 'gaturamo-de-barriga-branca' (*Euphonia minuta* Cabanis, 1849).

160 'shik' é provavelmente uma comparação que im Thurn fez com o som emitido por um pássaro denominado de 'shikra', que é um pequeno gavião de calda longa encontrado principalmente no continente asiático.

161 Aves citadas no parágrafo: (i) 'pi-piyo' (*Lipangus cineraceus*) é o 'cricrió' ou 'capitão-domato' (*Lipangus vociferans* Wied, 1820), (ii) 'bell-bird' (*Chasmarhynchus carunculatus*) refere-se a 'araponga' (*Procnias nudicollis* Vieillot, 1817), (iii) '*Chasmarhynchus variegatus*' é *Procnias averano* (Hermann, 1783) e, (iv) 'quow or calf-bird' (*Gymnocephalus calvus*), no original, é provavelmente 'maú' ou 'pássaro-boi' (*Perissocephalus tricolor* Statius Muller, 1776).

162 Atualização das aves citadas: (i) 'barn-owl' é a 'coruja-das-torres' ou 'suindara' (*Tyto furcata* Temminck, 1827), (ii) 'powis or curassow bird' (*Crax alector*) é o 'mutum' ou 'mutum-domato' (*Crax alector* Linnaeus, 1766), (iii) 'maams' (*Tinamus*) são os 'inhambus' (*Tinamus*), (iv) 'duraquara' (*Odontophorus guianensis*) é o 'uru-corcovado' (*Odontophorus guianensis* Gmelin, 1789), (v) 'quail' (*Ortyx cristatus*) é a 'codorna' (*Colinus cristatus* Linnaeus, 1766) e, (vi) 'ducklar or diver' (*Plotus anHINGA*) é o 'pato-mergulhador', 'mergulhão', 'pato-d'água' ou 'biguá' (*AnHINGA* Linnaeus, 1766).

163 Relação das aves apresentadas no parágrafo: (i) 'keskedie' (*Lanius sulphuratus*) é o 'bem-te-vi' (*Pitangus sulphuratus* Linnaeus, 1766), (ii) '*Leistes americana*' refere-se a 'pipira-do-campo' ou 'baieta' (*Leistes militaris* Linnaeus, 1758), (iii) 'plantain birds' (*Icterus xanthornus*) refere-se ao 'inhapim', 'xexéu-da-mata' ou 'corrupião-da-mata' (*Icterus cayanensis* Linnaeus, 1766), (iv) 'old witches' (*Crotaphagus ani* and *major*) são os 'anus' (*Crotaphaga ani* Linnaeus, 1758 e *C. major* Gmelin, 1788), (v) 'black vultures or carrion crows' (*Cartharista aura* and *urubitinga*) são os 'urubus-de-cabeça-vermelha' (*Cathartes aura* Linnaeus, 1758) e os 'urubus-pretos' (*Coragyps atratus* Bechstein, 1793), (vi) 'humming-bird' (*Trochilus bicolor*) é, provavelmente, o 'beija-flor' (*Polytmus theresiae* Da Silva Maia, 1843), (vii) 'blue sakis' provavelmente refere-se ao 'saí-azul' (*Dacnis cayana* Linnaeus, 1766), (viii) 'spurwings' (*Parra jacana*) são as 'jaçanãs' (*Jacana jacana* Linnaeus, 1766) enquanto (ix) 'rails' são as 'saracuras' (pássaros da família Rallidae).

164 Atualização das aves citadas: (i) 'jackdaw' (*Alcedo torquata*) é a 'gralha europeia' (*Megaceryle torquata* Linnaeus, 1766), (ii) 'sparrow' (*Alcedo superciliosa*) é o 'pardal' (*Chloroceryle americana* Gmelin, 1788), (iii) 'mocking-bird' (*Cassicus persicus*) é o 'japiim' ou 'xexéu' (*Cacicus cela* Linnaeus, 1758), (iv) 'moramoroota or troupial' (*Icterus jamacaii*) é o 'joão-pinto-amarelo' (*Icterus nigrogularis* Hahn, 1819), (v) 'English heron' (*Ardea cocoi*) é a 'garça-moura' (*Ardea cocoi* Linnaeus, 1766), (vi) 'tiger-bird' (*Tigrosoma brasiliense*) refere-se ao 'sócó-boi' (*Tigrisoma lineatum* Boddaert, 1783), e (vii) 'sunbird' (*Eurypyga helias*) é o 'pavão-da-várzea' (*Eurypyga helias* Pallas, 1781).

165 Aves citadas no parágrafo: (i) 'scissor-bills' (*Rhynchops nigra*) é o 'talha-mar', 'corta-água' ou 'gaivota-bico-de-tesoura' (*Rhynchops niger* Linnaeus, 1758), (ii) 'sea-swallows, or terns' (*Sterna*) é o 'trinta-reis' (*Sterna* sp.), (iii) 'sandpipers' (*Tringa* sp. var.) são os 'maçaricos' (*Tringa* sp.) e (iv) 'nightjar' (*Caprimulgus*) é o 'bacurau' (*Caprimulgus* sp.).

166 O rio Cabalebo (ou Kabalebo) está situado no oeste do Suriname e é um afluente do rio Courantyne, que forma a fronteira natural entre o Suriname e a Guiana. Fonte: Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Kabalebo_River>.

167 '*Astrocaryum plicatum*, Drude' refere-se a palmeira espinhosa *Astrocaryum sciophilum* (Miq.) Pulle (Arecaceae), comumente denominada por 'murumuru'.

168 'king humming-bird (*Topaza pella*)' é o 'beija-flor-brilho-de-fogo' (*Topaza pella* Linnaeus, 1758).

169 Espécies descritas no parágrafo: (i) 'vultures (*Catharista aura* and *C. urubitinga*)' são, respectivamente, *Cathartes aura* Linnaeus, 1758 (urubu-de-cabeça-vermelha) e *Cathartes burrovianus* Cassin, 1845 (urubu-de-cabeça-amarela ou urubutinga), e (ii) 'king vulture (*Sarcoramphus papa*)' é o 'urubu-rei' (*Sarcoramphus papa* Linnaeus, 1758);

170 Os termos '*We want no house*' e '*We want no hall*' serviram para demonstrar fórmulas repetitivas que imitam a vocalização alternada das aves observadas. Nos casos de 'house' e 'hall', im Thurn não queria se referir a construções reais, mas sim a palavras simbólicas da língua inglesa que funcionam para dar ritmo e cadência ao texto, como se os sons das aves fossem traduzidos em linguagem humana.

171 Atualização taxonômica: (i) 'quail (*Ortyx cristatus*, Gray)' é a 'codorna' ou 'uru-do-campo' (*Colinus cristatus* Linnaeus, 1766), (ii) 'lapwing (*Vanellus guianensis*)' refere-se ao 'quero-quero' (*Vanellus chilensis* Molina, 1782), (iii) 'savannah starling (*Sturnella ludovicina*)' é o 'pedro-ceroulo' (*Sturnella magna* Linnaeus, 1758), (iv) 'musk-duck (*Anas moschatus*)' é o 'pato-do-mato' (*Cairina moschata* Linnaeus, 1758), (v) 'viccissi-duck (*Anas autumnalis*)' é a 'marrecá' ou 'marrecá-cabocla' (*Dendrocygna autumnalis* Linnaeus, 1758) e (vi) 'great stork-like negrocop (*Mycteria americana*)' refere-se ao 'passarão' ou 'cabeça-seca' (*Mycteria americana* Linnaeus, 1758).

172 'alligators' e 'caymans'. Dentro do contexto aplicado por im Thurn ao longo da descrição dos répteis, tudo indica que a correlação entre os nomes comuns é a seguinte: (i) 'alligators' são os 'jacaré-açu' (maior porte), visto que não poderiam ser os 'alligators' verdadeiros, que são encontrados apenas na América do Norte e (ii) os 'caymans' referem-se aos 'jacarés-tinga' (menor porte).

173 'perai or houma (*Serrasalmo niger*)' é a 'piranha' (*Serrasalmus rhombeus* Linnaeus, 1766).

174 Atualização taxonômica das cobras descritas no parágrafo: (i) 'land-camoodi (*B. constricta*)' refere-se a 'jiboia' (*Boa constrictor* Linnaeus, 1758), (ii) 'water-camoodi or culnacanaro (*Eunectes murina*)' é a 'sucuri' ou 'anaconda' (*Eunectes murinus* Linnaeus, 1758), (iii) 'labarria (*Trionocephalus atrox*)' refere-se a 'surucucu' (*Bothrops atrox* Linnaeus, 1758) enquanto (iv) 'rattlesnake (*Crotalus horridus*)' é a 'cascavel' (*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758).

175 Descrição das espécies do parágrafo: (i) 'whipsnake or parrot-snake' é a 'cobra-chicote' ou 'cobra-papagaio' e (ii) 'coral snake' refere-se a 'cobra-coral'.

176 Atualização taxonômica das espécies: (i) 'cashapan of the Indian (*Emys amazonica*, Martius)' é a 'tartaruga-da-Amazônia' ou 'tartaruga-verdadeira' (*Podocnemis expansa* Spix, 1824), (ii) 'Emys tracaja of Martius' refere-se ao 'tracajá' ou 'tracajá-de-Martius' (*Podocnemis unifilis* Troschel, 1848) e (iii) 'mata-mata of the Indians (*Chelys mata-mata*)' é o 'mata-matá' ou 'matamatá dos indígenas' (*Chelys fimbriata* Schneider, 1783).

177 'tortoise (*Testudo tabulata*)' é o 'jabuti-amarelo' (cf. *Chelonoidis denticulatus* Linnaeus, 1766).

178 'toad (*Bufo agua*)' é o 'sapo-cururu' (*Rhinella marina* Linnaeus, 1758).

179 Espécies de peixes atualizadas no parágrafo: (i) 'pacu (*Pacu myletes*)' é o 'pacu' (*Mylossoma*

duriventre Cuvier, 1818), (ii) ‘haimara (*Erythrinus macrodon*, Agas.)’ refere-se ao ‘trairão’ (*Hoplias aimara* Valenciennes, 1847), (iii) ‘lowlow (*Silurus*, sp. ?)’ é a ‘piraíba’ (*Brachyplatystoma filamentosum* Lichtenstein, 1819), (iv) ‘arapaima (*Sudis gigas*)’ é o ‘pirarucu’ (*Arapaima gigas* Schinz, 1822); (v) ‘perai (*Serrasalmo niger*)’ é a ‘piranha-preta’ (*Serrasalmo rhombeus* Linnaeus, 1766), (vi) ‘electric eel (*Gymnotus electricus*)’ é o ‘peixe-elétrico’ (*Electrophorus electricus* Linnaeus, 1766) e (vii) ‘sting-ray (*Trigon hystrix*)’ refere-se a ‘arraia’ (*Potamotrygon hystrix* Müller & Henle, 1839).

180 Termos citados no parágrafo: (i) ‘hard-backs’ (capa dura ou casco duro) é um termo em inglês que remete ao nome popular usado nas Guianas para certos besouros de carapaça rígida (dura), com élitros muito resistentes e difíceis de esmagar e (ii) ‘jack-spaniards’ (vespas espanholas) é o nome popular caribenho para algumas espécies de vespas sociais (geralmente do gênero *Polistes*), conhecidas por serem agressivas e por ferroarem dolorosamente quando perturbadas.

181 ‘*Tomarus bituberculatus*’ refere-se a um pequeno besouro de carapaça rígida da família Scarabaeidae (*Tomarus bituberculatus* Palisot de Beauvois, 1811).

182 ‘bête rouge’, no original, é um termo em francês que significa literalmente ‘besta vermelha’. Não é um inseto como descrito no texto por im Thurn, mas um ácaro larval minúsculo de cor escarlate muito numeroso na estação chuvosa, que possui uma picada que causa uma coceira insuportável. Na Amazônia brasileira recebe o nome de ‘micuim’ ou ‘mucuim’, sendo a espécie mais comum *Eutrombicula alfreddugesi* (Oudemans, 1910), família Trombiculidae. No contexto do livro, Everard im Thurn compara esse ácaro da Guiana a um trombiculídeo inglês (English harvest-bug) que corresponde, provavelmente, a *Neotrombicula autumnalis* (Shaw, 1790) (Trombiculidae).

183 ‘English fritillaries’ são plantas do gênero *Fritillaria* (Liliaceae) que im Thurn se valeu do formato e da transparência de suas flores para fazer comparações com as asas das borboletas que ele descreveu.

184 ‘kakaralli tree (*Lecythis ollaria*)’ refere-se à uma árvore da família Lecythidaceae (*Lecythis ollaria* L. 1759) denominada no Brasil como ‘sapucaia’ ou ‘cumbuca de macaco’.

185 Atualização das espécies do parágrafo: (i) ‘black palm weevil (*Rhynchophorus*, var. sp.)’ é a ‘broca do coqueiro’ (*Rhynchophorus palmarum* Linnaeus, 1758), (ii) ‘gru-gru worm’ é a ‘aramandaia’, (iii) ‘*Sphenophorus sacchari*’ é *Sphenophorus levis* (Vaurie, 1978), (iv) ‘Buprestis’ é um gênero de coleópteros que abrange os besouros metálicos ou besouros-joia, (v) ‘elephant beetle (*Dynaster hercules*)’ refere-se ao ‘besouro-hércules’ (*Dynaster hercules* Linnaeus, 1758) e (vi) ‘Elator’ é um grupo de besouros que pertence à família Elateridae.

186 ‘black manoorie ant (*Ponera clavata*)’ refere-se à ‘formiga tucandeira’ (*Paraponera clavata* Fabricius, 1775).

187 No original, im Thurn cita ‘Dutch word *jagdmann*’ (palavra holandesa *jagdmann*), mas o termo ‘*jagdmann*’ é alemão. O termo em holandês é ‘*jagemann*’, uma forma similar que deveria ser francamente adotada no território vizinho da Guiana Holandesa.

188 ‘cooshie (*Ecodema cephalotis*)’ é, pela descrição de im Thurn, a ‘formiga saúva’ ou ‘cortadeira’ (*Atta* cf. *cephalotes* Linnaeus, 1758).

189 ‘*Imatophyllum roseum*’ provavelmente é *Epidendrum imatophyllum* Lindl. (cf.).

190 Sublimado corrosivo é o antigo nome para cloreto de mercúrio (HgCl₂).

191 Espécies citadas no parágrafo: (i) ‘mosquito-worm’ ou ‘æstus-worm’ refere-se ao ‘berne’ e (ii) ‘gadfly’ à ‘mutuca’.

192 ‘*Pulex penetrans*’ é a ‘pulga’ *Tunga penetrans* (Linnaeus, 1758) ou mais comumente chamada no Brasil, ‘bicho-de-pé’.

193 Espécies citadas no parágrafo: (i) 'bird-eating spider (*Mygale avicularia*)' é a 'aranha caranguejeira' (*Avicularia avicularia* Linnaeus, 1758) e (ii) '*Phrynus reniformis*' refere-se a aranha *Heterophrynus reniformis* (Linnaeus, 1758).

194 'razorgrinders (*Cicada*, sp. var.)' refere-se às cigarras (Cicadidae).

Todos os direitos reservados à Universidade Estadual de Roraima (UERR).
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem prévia autorização por escrito da editora. A reprodução para fins acadêmicos ou de pesquisa deverá observar a legislação vigente sobre direitos autorais e citar adequadamente a fonte.



Everard Ferdinand im Thurn (1852–1932) foi um britânico que atuou como explorador, naturalista e administrador colonial em diferentes partes do Império Britânico. Em 1877 foi nomeado curador do Museu da Guiana Britânica, dando início a extensas viagens pelo interior do território guianense, incluindo a fronteira com o Brasil, onde hoje situa-se o estado de Roraima. Seu livro 'Among the Indians of Guiana' (1883), alvo da tradução que se segue, é uma obra de referência que reúne observações etnográficas sobre os povos originários e esboços geográficos, além de várias descrições sobre a fauna e a flora observadas em suas expedições pela Guiana Britânica. A obra é considerada um dos registros pretéritos mais sistemáticos sobre os povos indígenas da região e sua relação com o meio ambiente, combinando rigor científico e observacional com narrativas envolventes.

ISBN 978-65-89203-98-8



9 786589 203988